

A young girl with long brown hair is shown in profile, sitting cross-legged on a grassy field. She has her eyes closed and her hands are resting on her knees in a meditative gesture. The background is a soft-focus green field. The image is overlaid with several large, semi-transparent geometric shapes in shades of green, blue, yellow, and red. The text 'Juan Moral Barrio' is in the top right, and the title 'EDUCAR A PARTIR DO PARADIGMA DA INTERIORIDADE' is in the center right. At the bottom center is the logo for 'MEMORIAL MARISTA', which consists of three white triangles of varying heights above the text.

Juan Moral Barrio

**EDUCAR
A PARTIR DO
PARADIGMA DA
INTERIORIDADE**


MEMORIAL
MARISTA



Juan Moral Barrio

**EDUCAR
A PARTIR DO
PARADIGMA DA
INTERIORIDADE**



MEMORIAL
MARISTA

Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)

Superior Provincial

Irmão Benê Oliveira

Diretor Executivo

José Leão da Cunha Filho

Diretor de Identidade Missão e Vocação

Ir. Miguel Fernandes Ribeiro

Diretor Memorial Marista

Dyogenes Philippsen Araújo

Tradutor

Lafayette Megale

Edição e Revisão

Angelo Ricordi

Denilson Aparecido Rossi

João Luiz Fedel Gonçalves

Diagramação

3Brasil

Imagens e fotografias

João Borges

Fotografia da capa:

Luísa de Oliveira Wilczek - João Borges.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca do Memorial Marista, PR, Brasil)
Maria Palicz – Bibliotecária – CRB-9/202207/P**

Barrio, Juan Jesús Moral

M828e Educar a partir do paradigma da interioridade / Juan Moral
Jesús Barrio, Província Marista Brasil Centro-Sul. --
Curitiba, Memorial Marista, 2022.

2022 332 p. : il. ; - (Carisma e Princípios Educativos Maristas)

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-998390-6-1- impresso

ISBN: 978-65-998390-5-1 (e-book)

1. Espiritualidade. 2. Vida Religiosa. 3. Irmãos Maristas – Educação I.
Província Marista Brasil centro Sul II. Título III. Serie

CDD-370.1

Nossa busca incansável de significado, nossa busca de Deus¹

Afirmamos que temos o desejo de nos aprofundarmos em nossa experiência de Deus, no encontro pessoal, na vida cotidiana, para sermos testemunhas apaixonados de uma vida plena e feliz.

Para tanto, queremos favorecer programas que tenham o objetivo de cultivar a interioridade, para reanimar a espiritualidade e a vida a partir de Deus. Parece-me que, nestes dias de Capítulo, fomos capazes de viver pessoal e comunitariamente muitos momentos de oração silenciosa e contemplativa.

Nós nos esforçamos para viver um processo que nos permitiu perceber os chamados que o Senhor nos comunicava em voz baixa em nosso íntimo e, a partir deles, nos capacitamos a fazer surgir ideias novas e criativas.

Em meio a um mundo com tantos ruídos e tanta aceleração, o desenvolvimento da interioridade em cada um de nós, em nossas comunidades e em nossas obras pode ser o campo privilegiado para fazer surgir uma espiritualidade sólida e adaptada a nossos tempos.

Contamos com uma herança espiritual muito rica e com um patrimônio carismático, a partir do qual podemos continuar alimentando-nos do “pão caseiro” e dividi-lo com tantas pessoas...

Principalmente com tantos jovens desorientados e em busca, ou sedentos de significado, de profundidade, de vida autêntica, ou de Deus, mesmo quando não o chamam por esse nome.

¹ Irmão Ernesto Sánchez Barba, S.G. *Pronunciamento no encerramento do XXII Capítulo Geral*. O quarto pilar da mesa. (Rio Negro). A partir dessa perspectiva, ele avalia o trabalho realizado e estimula a investigação desse modelo de educação.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

01. O que é? De que se trata? De que estamos falando 18

- 1.1. O interior oposto ao exterior 19
- 1.2. Nossa habitual superficialidade vital 22
- 1.3. Mas, o que entendemos por interior? 28
- 1.4. O que é a Interioridade? 37
- 1.5. Quais são os caminhos para a interioridade? 48

02. Fundamentos do paradigma interior 54

- 2.1. Ajudar a libertar-se e crescer a partir do interior 56
- 2.2. Conhecer-a si próprio 57
- 2.3. Domínio e governo de si mesmo 59
- 2.4. Desenvolver-se harmonicamente 61
- 2.5. Crer em si mesmo, crer nos outros 63

03. Os caminhos do Espírito 66

- 3.1. Os caminhos que Jesus seguiu 68
- 3.2. Como descobrir a vida que está em mim 91
- 3.3. Método bíblico de interioridade 94
- 3.4. Exercitar a escutar. Ouvir os textos místicos 122
- 3.5. A meditação como caminho de integração 136

04. Os métodos da Pedagogia 139

- 4.1. Um processo na rota dos ruminantes 140**
- 4.2. O ponto de partida que vem do interior 143**
- 4.3. Como agem os pequeninos 152**
- 4.4. Na trilha de Inácio de Loyola 176**
- 4.5. Como faz Agostinho de Tagaste 178**

05. Os métodos maristas 180

- 5.1 A partir das periferias agorafóbica 182**
- 5.2 Como no Pentecostes 186**
- 5.3 O que nos revelam as características maristas 189**
- 5.4 A segunda oportunidade marista 196**

06. Um projeto educativo para que a metodologia funcione 200

- 6.1. Incluir a interioridade como aspecto educativo interdisciplinar 201**
- 6.2. Formação de dirigentes e coordenadores 222**
- 6.3. Especialista universitário na formação da interioridade 223**
- 6.4. Equipe para a formação de educadores 228**

ANEXOS

Anexo 1 - Maria, vizinha de Nazaré 233

Anexo 2 - Atividades de mindfulness para crianças 247

Anexo 3 - Dez práticas de mindfulness para meninos/meninas 251

Anexo 4 - Programa TREVA (Técnicas de Relaxamento Vivencial aplicadas à Aula 260

Anexo 5 - Uma experiência de interioridade: quinze dias num mosteiro de monges contemplativos 262

Anexo 6 - Interiorização: reflexão de encerramento de ano 264

Anexo 7 - Exercícios de interiorização 268

Anexo 8 - Os alunos, protagonistas na gestão da convivência 276

Anexo 9 - Uma prática sobre o texto de João 279

Anexo 10 - Mestres do século XXI na Vanguarda da Educação 281

Anexo 11 - O encontro consigo mesmo no silêncio interior 287

Anexo 12 - Exercícios de interiorização 293

Anexo 13 - Proposta de exercícios concretos de interiorização 302

Referências bibliográficas 309

INTRODUÇÃO

Educar a partir do interior, de dentro para fora, não de fora para dentro.

Educere já é ir buscar as raízes do possível, falando interiormente, para expô-lo no exterior quando já se encontra florido, em toda sua pujança.

Extrair o que é mais profundo, o que se tem guardado em estado de semente para que, crescido, surja em todo seu esplendor.

Esta é uma possibilidade humana, antropológica, anterior a muitas outras possibilidades.

Antecede e acompanha a educação religiosa e não é especificamente ela, mas prepara e facilita também essa educação.

Partimos de uma espécie de definição ou de uma declaração de princípios.

Partimos em especial de uma análise não exaustiva de nossa realidade que afeta e torna dependentes nossos educandos.

Acreditamos que não se trata realmente de uma deficiência que atinja apenas os mais frágeis, o que também é certo, mas que atinja igualmente os educadores e todos os que compõem o quadro responsável pela educação.

Se observamos que a reflexão se relaciona em maior intensidade com os educadores do que com os educandos é precisamente não porque se trata de começar pela cabeça para atingir as outras partes, mas porque todo mundo precisa aplicar esse método como caminho para chegar a um final feliz

Tem sido aplicado na pedagogia marista por se servir dos meios e dos argumentos já apresentados e seguidos nos rumos dados à educação por São Marcelino Champagnat, ao longo do tempo e numa extensão geográfica mundial da educação em todas as dioceses do mundo.

Quando se falava de educação integral entendia-se sempre aquela que abarcava a pessoa em sua totalidade, em sua dimensão física e também em suas dimensões espiritual e social.

O alerta de maior apelo pode ter vindo da parte dos que reivindicavam uma educação para a vida social, para a vida das relações humanas. Alguns ex-alunos se recordaram de um livrinho famoso, editado pela FTD, com o título *Civilidade*, no qual eram apresentadas de modo prático as boas maneiras a serem seguidas em qualquer tempo e circunstância das relações humanas. Teve uma função significativa na educação por sua praticidade e por sua simplicidade. Na realidade, falar de uma educação que dê início ao desenvolvimento da personalidade capacitando-a a interiorizar é ter em vista algo mais importante em quase todos os domínios da formação humana.

Partindo da experiência já concretizada, do testemunho já vivido por uma Província Marista, a fim de tornar-se realmente um programa com valores experimentados nos níveis educativos a que corresponde, a educação marista foge da classificação de um projeto teórico de laboratório para responder à experiência de fatos consumados que podem ser contestados.

Segundo o filósofo Francesc Torralba Roselló²

A capacidade de questionar-se

É importante considerar que, para Torralba (2014), a inteligência espiritual é algo específico do ser humano. Mediante esta inteligência o ser humano “é capaz de interrogar-se sobre o sentido de sua existência” e a respeito do que conferirá valor para “sua existência no mundo”.

² Torralba, F. *Inteligencia espiritual*, Ed. Plataforma, Barcelona 2014.

As questões escatológicas

Na visão de Torralba (2014), a inteligência espiritual desencadeia algumas questões de ordem escatológica tais como: “Para que finalidade estou no mundo? Que sentido tem minha existência? Que posso esperar depois de minha morte? Que sentido tem o mundo? Para que sofrer? Para que lutar? O que merece ser vivido?”

Embora não se tenha respostas claras para tais perguntas o autor citado compreende que “a busca do para quê constitui um estímulo à evolução filosófica, científica e tecnológica da humanidade.” Pois, mais do que o como e o porquê a inteligência espiritual tem necessidade de “conhecer o para quê”.

A capacidade de distanciar-se

Para se compreender “a consistência e a qualidade de um vínculo, de uma relação, de uma amizade” e “avaliar com imparcialidade”, sem estar preso às emoções, é necessário distanciar-se. E, segundo nos ensina o filósofo, trata-se de uma capacidade de distanciar-se mentalmente das coisas, das pessoas e do mundo para melhor compreender a realidade. Em sua visão, esta capacidade nós a adquirimos com a inteligência espiritual (TORRALBA, 2014).

A capacidade de autotranscendência

Quanto à capacidade de autotranscendência, trata-se de ir além do que se é, do que se tem e do que se sabe. E, segundo Torralba (2014), esta capacidade indica esperança e “não é algo que acontece apenas nas pessoas religiosas, mas em todo ser humano, pois toda pessoa aspira a superar seu limite”.

A capacidade de surpreender-se

Mais do que existir e ocupar espaço, como acontece com uma planta, o ser humano precisa ter consciência da própria existência e surpreender-se com o fato de existir. Pois, quando alguém fica surpreso com a própria existência “esse espanto o leva a amar a vida e a gozar intensamente dela, a converter seu estar-no-mundo em um projeto” (TORRALBA, 2014).

A capacidade de autoconhecimento

Segundo Torralba (2014), a inteligência espiritual nos possibilita penetrar naquela trilha infinita que nos leva ao conhecimento de nós mesmos. Os grandes mestres da história da humanidade, de Sócrates a Confúcio, demonstraram que o objetivo primeiro da educação é o conhecimento de si mesmo. Quando uma pessoa desenvolve a inteligência espiritual passa a ser capaz de distinguir a personagem do ser, a representação da essência. Então pode chegar a desprender-se do que alguns autores chamam de ego e abrir-se à dimensão transcendente a que dão o nome de Self.

A capacidade de avaliar

É importante ressaltar ainda que, para Torralba (2014), dado ao predicado da inteligência espiritual, somente “o ser humano é capaz de construir sua própria pirâmide de valores” e viver “experiências éticas”. Tal vivência ética exige que o ser humano desenvolva a capacidade de avaliar que, por sua vez, o converte num sujeito ético.

A satisfação no prazer estético

Também a satisfação no prazer estético constitui-se numa “vivência específica do ser humano”. Pois, diferente dos outros animais, o ser humano “é capaz de se afastar dos impulsos primários” e pode desejar “a bondade, o bem, a unidade, a beleza e, antes de tudo, viver uma vida com sentido” (TORRALBA, 20140).

A sensibilidade pelo misterioso

O misterioso cerca o ser humano por todos os lados. O mistério é o insondável, o que vai além do desconhecido ou que se conhece mal. Em sentido estrito, significa o que está oculto, o que não se percebe com os sentidos, nem se esclarece com a razão.

O ser humano, ao longo da história, tem-se sentido constantemente convidado a elucidar o mistério do mundo e da pessoa.

A inteligência espiritual não fornece condições para provocar questionamentos. Uma pessoa profunda aprende a conviver com as últimas perguntas.

A busca pelo saber

O conhecimento científico não basta ao ser humano o qual, comumente, aspira “a viver uma vida feliz” (TORRALBA, 2014). E, para o filósofo citado, “o fato de que não haja respostas concludentes no plano científico não significa que elas inexistam de modo inteligente, com plenitude de sentido”, daí a busca pelo saber, oriunda da inteligência espiritual.

Segundo, Antonio Puigverd

Notório também são as contribuições do escritor Puigverd. Segundo ele parece haver um esforço para não se pensar na realidade. Há um grande estímulo pela positividade e otimismo. Para as autoridades “a ciência e a técnica já resolveram os problemas do planeta” de tal modo que restaa ser humano a diversão. Carpe diem! “Se você não se diverte gora, veja se conseguirá amanhã” (PUIGVERD, 2018).

Na visão de Puigverd (2018) os livros de autoajuda e de mindfulness (atenção plena) têm propagado a cultura do otimismo de tal modo “a ocultar os desafios que a humanidade tem suscitado”. Além disso, segundo o escritor espanhol, há muitas distrações: “compras, viagens, gastronomia, moda, esportes e todo tipo de divertimentos audiovisuais”.

Com isso tudo ao nosso alcance, não se fala mais do futuro com seriedade. E, segundo Puigverd (2018) tem um texto de Steiner sobre Marx o qual afirma “que o marxismo teria concretizado, na visão materialista da história, a esperança na terra prometida”.

Segundo ele, na encíclica sobre a Esperança Cristã (Spe salvi), Bento XVI afirmou algo semelhante: “a esperança bíblica transformou a fé em progresso. A terra prometida foi substituída pela esperança, não no Reino de Deus, mas no Reino dos humanos. ‘A redenção já não é esperada da fé cristã, mas das conquistas tecnológicas’” (Puigverd, 2018).

Puigverd nos lembra que, na referida encíclica, o Papa apontava que “a esperança cristã não é individualsita, mas comunitária, uma vez que a comunidade é o centro da vida

cristã”. E, que Marx adaptou este legado judeu ao comparar o povo escolhido com a classe operária e a consequente redenção da humanidade.

No entanto, o “Reino alternativo está em crise. A terra prometida do progresso faliu”, afirma Puigverd (2018). Na sua visão, a cultura contemporânea está recheada de “passatempos e distrações” e isso nos impede de encher a realidade e pensar o futuro com seriedade.

O autor é mais contundente ainda ao dizer que a “cultura ocidental contemporânea é inconsciente e irresponsável, risinha como a hiena: transforma a miséria do mundo em graciosa diversão. Mas está assustada e sem esperança como o avestruz” (PUIGVERD, 2018).

Neste contexto, desafiar o pessimismo do mundo de hoje e questionar as iluões da cultura contemporânea é um desafio para o cristianismo atual, aponta Puigverd. Segundo ele, na convicção do Papa Francisco, não serve uma Igreja cuja âncora “veraneia à eira de um lago artificial e decadente”. A solução “é a transformação radical da pessoa que faz dos cristãos portadores de luz no meio da alegre escuridão do momento atual” (PUIGVERD, 2018).

Para ressaltar a necessidade da esperança Puigverd (2018) traz duas importantes contribuições: uma do Ratzinger – a esperança cristã atua no presente “como uma confiança ativa de que nossa vida não termina no vazio”; e outra do Francisco, para quem a esperança cristã é “uma forte expectativa entre o sofrimento do tempo presente a que se refere São Paulo na epístola aos Romanos e a revelação que libertou os filhos de Deus da escravidão”.

Bergoglio recorda que os primeiros cristãos representavam a esperança na forma de uma âncora. Uma âncora que liga os humanos à dimensão divina. Graças à âncora, quem tem esperança está ligado à outra margem. Dito isto, essa âncora não serve, diz Francisco, para viver tranquilamente estacionado diante de uma pequena represa eclesial e artificial onde tudo é seguro. A esperança é como uma gestação para a mulher: embora o filho ainda não tenha nascido, ela já é mãe.

Sobre o tema da esperança Puigverd (2018) insiste na metáfora da âncora, utilizada por Bergoglio, que apresenta a esperança cristã como ‘uma âncora que liga os humanos à dimensão divina’. Na visão de Francisco, como narra Puigverd, essa âncora não serve “para viver tranquilamente estacionado diante de uma pequena represa eclesial e artificial onde tudo é seguro. A esperança é como uma gestação para a mulher: embora o filho ainda não tenha nascido, ela já é mãe”.

Se não houver transformação não se tem esperança, mas mero otimismo. Diferentemente das ilusões que passam e do otimismo que pode ser vencido pela realidade “a esperança transforma os que a têm, seja qual fora a realidade”, insiste Puigverd (2018).

Educar a partir do paradigma da Interioridade³

Educação da Interioridade, uma oportunidade educativa⁴

Queremos destacar que, para Elena Andrés Suárez y Carlos Esteban Garcés, Directores del Experto Universitario en Educación de la Interioridad, a educação para interioridade, constitui-se numa oportunidade educativa necessário “porque possibilita um maior cuidado com essa dimensão humana que se conecta tão profundamente com as raízes de nossa antropologia cristã”.

Ao falar do simpósio como ponto alto da pós-graduação sobre Educação da Interioridade, Suárez y Garcés, ressaltam que a proposta é “avançar na criação e sistematização de pensamento sobre a Educação da Interioridade e contribuir para comprovar academicamente seu fundamentos e contribuições”.

³ Vida Nueva, n. 3041, p. 32.

⁴ A celebração do primeiro simpósio sobre *A interioridade como paradigma educativo*, faz um ano, nos permitiu lembrar os passos percorridos por essa temática desde quando se propôs como paradigma emergente. Compartilhamos as boas práticas e o resultados obtidos nos projetos conseguidos nos programas de Educação da Interioridade que foram implementados em centros escolares. Avançamos também em algumas posições que nos parecem irrenunciáveis e para as quais não se tinha dado uma resposta satisfatória como, por exemplo, a interioridade como matriz do compromisso com a justiça.

Recorremos aos Monges do deserto para ver tudo com mais clareza

Três monges costumavam ir anualmente à gruta do abade Antônio. Um deles fez perguntas sobre o discernimento, o segundo sobre a salvação da alma e o terceiro, estranhamente, ficou calado sem nada perguntar. Depois de um longo tempo, o abade Antônio dirigiu-se a ele: “Há anos que você vem até aqui e nunca me faz nenhuma pergunta. Por quê?” O discípulo respondeu prontamente: “Eu me contento em vê-lo, Padre.”...

Nós nos tornamos especialistas em tecnologia, mas não nos demos conta de estarmos perdendo as chaves do coração de cada pessoa. Ultrapassamos as fronteiras digitais, mas é essa fronteira humana, — nunca percebida em sua totalidade por se tratar do coração de cada pessoa —, que precisamos urgentemente transpor.

“Onde você está que não consigo encontrá-lo?” — perguntava uma mulher a seu companheiro. Essa é a primeira pergunta feita pelo Criador ao ser humano na Bíblia: “Onde você está?” Estamos sempre tão aflitos, assoberbados com nossos afazeres...

Era assim que Unamuno aconselhava a um jovem: “Em vez de dizer ‘em frente!’, ou ‘levante-se!’, diga ‘Vire-se para dentro de si mesmo! Concentre-se para irradiar luz! Trate de abastecer-se para depois transbordar!’...”

É em nosso interior que gestamos o que há de melhor. Lembro-me, explica Mariola, do que dizia minha irmã mais velha, já falecida. No tempo em que se dedicou à educação, a primeira coisa que fazia quando entrava na sala de aula era olhar firme para cada criança, como que examinando suas vidas e seus interesses.

**O que é?
De que se trata?
De que estamos
falando?**

01

Análise da realidade em que nos movemos

1.1. O interior oposto ao exterior

Passemos por uma rua qualquer de nossas cidades. A imensa maioria caminha manuseando um celular, recebendo uma chamada, consultando uma dúvida, comunicando-se com alguém que está na escuta...

Chegamos ao escritório, à aula no colégio e, se não houver uma norma disciplinar contrária, o normal é que a maior parte das pessoas esteja agindo do mesmo modo.

Por enquanto não falaremos da dependência que gera consultas contínuas, mas apenas dessa busca constante por uma resposta do exterior, que nos descreve algo que Ortega y Gasset já havia observado no homem moderno, como herança de sua condição de homínídeo.

Observem, dizia, descrevendo com certa graça, que o mais normal que pode acontecer a esse primata, de que somos todos herdeiros, é que tenda a divertir-se correndo por toda parte da enorme selva em que se

*sente mergulhado. Todo o oposto de viver concentrado em si mesmo é ficar compenetrado em seus mais profundos sentimentos*⁵.

Michel Ende, aplicando a consideração à transcendência contemplativa descrevia mais amplamente o fenômeno humano:

*Em vez de esforços gigantescos, que desgastam as forças, para chegar a fixar os olhos n'Ele, é preferível dirigir simplesmente nosso olhar nos seus, permanecer quieto em sua presença e deixar que seus olhos se projetem sobre os nossos, penetrem neles e preenchem nosso olhar vazio*⁶.

Porque a realidade em que estamos submergidos na superficialidade exterior, na qual vivemos com a mais tranquila atitude, como se fosse nosso melhor e mais adequado ambiente de crescimento.

- ⁵ Ortega y Gasset, Com a frase " Eu sou eu e minhas circunstâncias e, se não me liberto delas, não salvo a mim mesmo", aparecida em *Meditaciones del Quijote* 1914, Ortega insiste no que está no entorno do homem, em tudo o que o rodeia, não apenas o imediato, mas também o remoto; não só o físico, mas também o histórico, o espiritual. O homem, segundo Ortega, é o problema da vida, e entende por vida algo concreto, incomparável, único: "a vida é o individual", isto é, eu no mundo; e esse mundo não é propriamente uma coisa ou uma soma delas, mas um cenário, porque a vida é tragédia ou drama, algo que o homem faz ou o que acontece com as coisas. Viver é tratar com o mundo, dirigir-se a ele, atuar nele, ocupar-se dele. Em outras palavras, a realidade que me cerca "forma a outra metade de minha pessoa". E a reedição do que me cerca é o destino radical e concreto da pessoa humana. O homem é um ser que se encontra imerso, sumergido numa circunstância (ou natureza), que lhe apresenta diferentes conceitos de seu estado físico e mental. Portanto, deixa para o homem a missão de satisfazê-las. Ao cumprir essa tarefa, continua Ortega, é que o homem cria a técnica que, segundo esse autor, podemos definir como "a reforma que o homem impõe à natureza para a satisfação de suas necessidades". Ortega y Gasset definiu o homem como um "ser composto de realidades circunstanciais criadas pela opacidade no modo de pensar e no sedentarismo como fonte inspiradora das culturas neopensantes" incapazes de esquecer a tensão que usurpa o conjunto da sabedoria".
- ⁶ Michel Ende. Seus livros têm títulos chamativos e estranhos. Alguns dos mais destacados são: *El libro de los monicacos* (1970), *Tragasueños* (1978), *Historia de un saltimbanqui* (obra teatral, 1982), *El Gogolori* (1984), *El espejo en el espejo* (1986) e *Carpeta de Apuntes* (1994), que contém ensaios autobiográficos com alguns relatos fantásticos e de aventura.

Interioridade. Qualidade interior. *pl.* Coisas privativas, geralmente secretas de pessoas, famílias ou corporações⁷.

Esse espaço de reinvenção depende de práticas, como diz Eduardo Macaluse, mas o que ocorre é que a prática, pelo fato de não ser só um discurso e requerer um trabalho de interioridade, eu posso não trabalhar sobre mim mesmo e manter um excelente discurso; Manzano, nem nisso sai aos Fernández. (Elisa Carrió).

Mas a arte acompanha também a religião pela **interioridade** humana, enriquecida pelo combate com o objeto, termina outra vez, graças a um gênio, na nova criação que o Objeto citado transfigura e embeleza.

Tudo isso e mais pode tornar-se evidente — em relação a um autor — por sua própria obra, se nela aparecer o sinal dessa interioridade. Naturalmente que, no homem, nos interessa a paisagem de sua humanidade: mente e espírito em função expressiva de vivência: interioridade e maneiras reveladas. (Romildo Risso).

Está confirmado que Havy em sua ideia da existência de um autor incorpóreo foi parar, pois, por esse caminho no mesmo que havia concluído em seu primeiro raciocínio, sem que fosse obstáculo a dúvida que tinha referente à eternidade do mundo ou a sua produção: os dois raciocínios lhe davam ao mesmo tempo a certeza da existência de um Autor incorpóreo, que não está unido a nenhum corpo, nem separado dele, nem dentro nem fora de nenhum, uma vez que a união e a separação, a interioridade e a exterioridade são todas qualidades corpóreas, e Ele está isento delas. (Abentofail).

Desde o primeiro momento, quando sua atividade de compreensão reflexiva e incansável persegue sem interrupção um novo Objeto, constantemente mergulha em sua inteligência

cada vez mais profunda até que finalmente tenha consciência de si mesmo em sua **interioridade** total: é como o amor mais dedicado, que mergulha o Objeto em si mesmo e assiste atento a suas inspirações e revelações.

Os objetos materiais, por exemplo, que vemos e tocamos, têm uma terceira dimensão que constitui sua profundidade, sua **interioridade**.

Assim, aparecem textos automáticos, esboços inacabados, rascunhos, manchas, pedaços de papel colados, impressões com tinta, todo um grande repertório combinado com um variado espectro de ações e agressões ao apoio, expressão de uma interioridade anímica, convulsa e agitada, de acordo com alguns críticos.

Tem destaque também nesse período o chamado “romance da **interioridade**”, cujo precursor seria Salvador Garmendia com seu romance *Los pequeños seres* (1959) em que prevalece a introspecção de suas personagens.

Vivências, temas, personagens, argumentos, paisagens, ilusões, povos que florescem no verdor do campo e a palavra rica de expressão e florescimento de recursos, fazem com que esse poemeto atinja um perfil muito próprio em que a **interioridade** lírica se une à exortação épica de quem admira a soberba presença dessa realidade peruana.

O grego Aristóteles atribuiu à inteligência a capacidade de ler dentro: quando afirma que ela consegue penetrar na **interioridade**, captar aquilo que tem o ser por si mesmo, quer dizer, a substância, o substrato que permanece sempre único e idêntico a si mesmo, prescindindo das particularidades exteriores.

1.2. Nossa habitual superficialidade vital

Alguns de seus indicadores e de seus determinantes

Colocados na **superficialidade das informações rápidas** que desprezam as mais imediatas por sua potência, por seu

imediatismo, por seus condicionantes, pela capacidade dos meios de comunicação. Os conteúdos comunicados não passam da superfície das coisas da vida, não entram nos verdadeiros poderes da mente do coração; permanecem, isso sim, na mais elementar superfície.

Os conteúdos demasiadamente abundantes e principalmente os que têm maior frequência de conexão, de abertura e de uso têm a ver com a música que se pode ouvir, os jogos que podem ser usados, os dados de informação que estão disponíveis.

Isso gera uma quantidade de pessoas dependentes dos meios de comunicação, especialmente dos mais rápidos, mais baratos e mais acessíveis. Dos que têm conexões com possibilidades de significados de juventude, de exibição, de proposta...

As novidades envelhecem rapidamente, perdem atualidade à medida que as coisas acontecem.

Somos movidos **pela moda em constante mutação** no vestuário, nas frequências, nos momentos importantes, em compasso com os eventos sociais que os sustentam.

Pouquíssimos fatos têm consistência e duração em si mesmos. Todos são removidos no ritmo de outros, metodicamente ou por pura casualidade; sucedem a eles para retirar dos anteriores seu lugar e sua vigência.

A fidelidade e a manutenção de compromissos adquiridos não são virtudes de nosso tempo.

Apenas quem é livre é capaz de romper o combinado, o que se desliga dos compromissos rotineiros, da repetição e da monotonia.

O excesso de ruídos e distrações domina o dia a dia de nossas vidas.

Tornamo-nos incapazes de ter compromissos duradores. No fundo, temos medo de nos comprometermos com o futuro e sem as opções de liberdade, dos que ainda podem optar por qualquer coisa. Há uma incessante criação de necessidades e também de objetos novos.

Quando as necessidades são artificiais e quando são criadas a partir da propaganda e da publicidade calculista dos meios de comunicação, elas se tornam essencialmente suspeitas. Não criamos necessidades que na verdade não temos, mas é suficiente para nos levarem a fazer de tudo para obtermos novos objetos.

Uma vez obtidos envelhecem rapidamente. Surgem outros novos que, por sua vez, solicitam nossa cobiça e criam novas necessidades. Abandonamos os antigos e tratamos de adquirir os novos.

Vivemos assim dependentes, presos a essas necessidades “artificiais”, ou ainda, e neste caso será ainda pior o resultado: vamos criando uma frustração ou uma atitude invejosa dos que têm o poder aquisitivo superior e podem desfrutar dele.

Por quê ou para quê escutar a vida a partir de sua profundidade?

A respeito desta grande questão do por quê ou do para quê, obtamos em transcrever literalmente uma explicação muito simples e profunda ao mesmo tempo, publicada por Elena Andrés Suárez:

Diante de acontecimentos dolorosos, desagradáveis ou penosos que todos e todas temos de enfrentar algum dia na vida, faz tempo que não me questiono “por quê?”. Descobri a riqueza que me invade quando me pergunto “para quê?”.

Viver é aprender a aceitar e a nos reconciliarmos com o fato inegável de que somos vulneráveis e com a contundente realidade de que não podemos controlar a vida, manipulá-la ou organizá-la, falando claramente: “Faça as contas e terá rosários no saldo”.

Somos, realmente, protagonistas de nossas vidas; estamos destinados a isso, a vivê-la com paixão e entrega. Como é triste não sentir como uma paixão a construção da própria vida, nossa grande obra. Mas nessa construção apaixonante, é pouco o que temos condição de controlar. Podemos sonhar,

podemos sim, e queira Deus tenhamos projetos pessoais porque eles nos incentivam a ir em frente tirando-nos da apatia do puro sobreviver. Mas nada nem ninguém pode nos assegurar que tudo, absolutamente tudo será como desejamos ou como nos parece que seria melhor.

Assim, cada contratempo, não importa a proporção, é uma oportunidade para aprender a escutar em profundidade, muito além de esquemas mentais simplórios e das meras necessidades de nosso ego. Cada contratempo, cada crise, cada “golpe” é um convite à superação e à descoberta de novas possibilidades, novos critérios de leitura da vida, talvez uma grande oportunidade para descobrir capacidades ocultas ou para aprender a agradecer o que foi assumido como decisão pessoal e hoje se revela como uma graça devido a sua perda possível.

Creio que, ao me perguntar “para quê?” em vez de “por quê?” sinto-me mais agradecida, mais flexível e também mais otimista, sim, otimista porque, ao mergulhar no “para quê?” sempre descobrirei que tudo tem um sentido muitas vezes oculto para nossa razão, um significado a ser iluminado também pelo coração. Esse “para quê?” põe em funcionamento Razão e Coração juntos e, a partir desse trabalho conjunto, emerge uma nova Luz que revela um horizonte de sentidos embutidos no meio da aparente falta de sentido.

“Todas as coisas, sejam quais forem, todas inclusive o pecado, são necessárias e tudo acabará bem”. Esta frase que Juliana de Norwich ouviu em seu coração ao perguntar a Deus sobre o pecado e o mal, se tudo tinha nascido de seu Amor, foi para mim uma frase que penetrou em minha alma e em minha mente e que me ajudou a passar do “por quê?” ao “para quê?” transitando no caminho da pobreza interior pela qual reconheço parte de um enorme tapete cósmico de que sou apenas um fio a mais, com pouca capacidade para conseguir vislumbrar o sentido da Obra Universal.

Entretanto, quando me calo, quando me entrego a Deus e lhe permito que Ele/Ela me observe por dentro, tudo revela

uma harmonia e uma Beleza inenarráveis. Então sim, tudo tem sentido e sei que “tudo acabará bem”, de um modo ou de outro, porque não somos seres criados para o absurdo, mas seres criados por Amor e para o Amor⁸.

Por quê? – ou – Para quê?

Alguma vez você se perguntou “por que eu?” Claro que sim, inclusive você se perguntou: “por que não eu?” diante da “sorte” ou do sucesso de outra pessoa em algum aspecto da vida.

Esse “por quê?” brota de nossos lábios quase sem nos darmos conta quando ocorre algo que nossa mente caracteriza como “ruim” ou “desagradável”.

Por dentro, sentimos necessidade de buscar um sentido, um “porquê” ao que ocorreu ou não “comigo-conosco” e não desejávamos que ocorresse.

Proponho não nos esquecermos de que podemos mudar essa pergunta por outra muito mais interessante, sugestiva e sábia: **“para que isso acontece comigo-conosco?”**

Deixo você por aqui. Gostaria muito que, se você ler esta introdução tão curta, medite as duas perguntas e perceba até onde cada uma leva você. Vou lhe oferecer minha reflexão mais adiante; por enquanto, se você se animar a fazer algum comentário, seria muito enriquecedor⁹.

Só o que se rompe, se transforma ou é muito recente é celebrado como expressão de realização de liberdade. Por exemplo:

Somos convidados a valorizar a oração contemplativa, centrando nossa atenção no Deus que habita em nós.

Os Padres do deserto (monges, eremitas e anacoretas que no século IV, depois da paz constantiniana, abandonaram as cidades do Império Romano para viver na solidão dos desertos da

⁸ Publicado por Elena Andrés Suárez..

⁹ Retorno à casa - II Simpósio de Educação da Interioridade, Madrid, 2017.

Síria e do Egito), realçaram com clareza a importância da oração baseada em focar a atenção num ponto: *a repetição de uma frase ou fórmula, como a chamava Juan Casiano.*

Mas nos textos de Evagrio Póntico, professor de Casiano, encontramos não só essa primeira maneira de rezar, mas também uma segunda, já que convida a tomar consciência das próprias sensações, sentimentos, pensamentos, desejos e ações e da relação que existe entre eles. Recomenda viver profundamente o momento presente, com plena consciência de cada aspecto do próprio ser.

Esse segundo tipo de oração é hoje em dia conhecido como 'atenção plena' (*mindfulness*), mas já era uma parte muito importante dos ensinamentos de Evagrio, como um ingrediente essencial no caminho que conduz à transformação pessoal, através do autoconhecimento e da autoaceitação.

Porque o Senhor está no mais íntimo de nós, sempre e quando Ele nos encontra em casa, e a alma não tenha saído para passear com os cinco sentidos.

Esta expressão é do Mestre Eckart. Explica o motivo de nossa debilidade frequente e de nossa pura necessidade de nos exteriorizarmos¹⁰.

Ela não é privilégio de um grupo seletivo, mas está aberta a quem quiser recorrer ao apaixonante caminho da busca de Deus, até poder declarar como Jacó, **ao despertar de seu sonho**: *Realmente o Senhor está neste lugar, e eu não sabia disso!* (Gn. 28, 16).

La Valla, casa da luz

Muitos aderiram a este tipo de oração através do rosário, que supõe a repetição das mesmas palavras sucessivamente, sem necessidade de pensar muito, mas numa atitude serena e confiante *como uma criança nos braços de sua mãe* (Sl. 131).

¹⁰ Mestre Eckart.

Precisamente por isso, quando falamos de atenção, não nos referimos a um exercício intelectual, mas trata-se mais de tranquilizar o espírito. Como dizia Santa Teresa, *a valorização da alma não consiste em pensar muito, mas em amar muito...* e por isso propunha o recolhimento, que definia assim: *chama-se recolhimento porque a alma recolhe todo seu potencial e se concentra em si mesma com seu Deus, porque é muito importante não apenas crer nisto (que Deus habita nossa própria alma), mas esforçar-se por entender isso pela experiência.*

O Irmão Avit conservou estas palavras de Marcelino: os Irmãos de oração são pessoas preciosas que nunca estimaremos devidamente. Quanto mais os possuírmos, mais florescente será o Instituto e mais abençoado será por Deus¹¹.

1.3. Mas, o que entendemos por interior?

Quarenta diretores de escolas maristas se reúnem uma semana inteira para fazer a revisão da gestão pastoral da Província.

Bem cedo, o grupo encarregado de animar a oração inicial da jornada nos convoca a todos num denso bosque que fica na entrada da propriedade, onde há muitas folhas caídas no solo.

Alguns objetos colocados na terra nua chamam, logo de entrada, a atenção do círculo formado a seu redor.

O guitarrista entoa uma canção conhecida, que o animador do grupo começa a harmonizar com movimentos corporais adequados, seguindo o ritmo e o compasso da música e as palavras que compõem a canção.

As repetições e os gestos levam à concentração que fora prevista.

Um texto sobre a diferença entre o ordinário e o extraordinário da vida é apresentado num diálogo teatralizado...

¹¹ Emili Turú, da carta: La Valla, casa de la luz, Roma, 2017.

O QUE É? DE QUE SE TRATA? DE QUE ESTAMOS FALANDO?

Ordinário é o que faço todo dia mecanicamente porque sei de cor e devo fazê-lo com certa rapidez.

Extraordinário é que eu perceba de modo bem consciente que, enquanto executo essa atividade, meus filhos, meus alunos, estão se movimentando com dificuldade no ritmo das ordens de sua mãe, enquanto se preparam para chegar pontualmente à escola.

Ordinário é que tudo corra bem comigo e chegue eu também com muita pontualidade à escola...

Extraordinário é... mudança de ritmo, falha na caminhada.

Cada um comunica a seu vizinho o que entende ser ordinário e extraordinário em sua vida...

Cada participante pega uma caneta e uma das muitas folhas caídas no chão do espaço sombreado em que estamos nos movimentando.

Escrevam em sua folha a palavra que expressa um desejo que sente em seu interior e que precisa da ajuda de Deus para realizar-se hoje...

Nós a levantamos com a mão bem alto como oferta sincera e entrega generosa ao Doador de todos os bens.

Podemos comunicar o que escrevemos na folha aos vizinhos; podemos comunicá-lo à assembleia...

Cantamos uma oração de oferecimento e doação aos demais.

Sopramos para encorajar como o sopro do Espírito que anima a criação.

Deixamos caírem as folhas no chão para que voltem à terra inicial de onde saíram.

Dirigimo-nos lentamente, tranquilos, ao trabalho do dia, com a paz de quem manteve contato com sua própria rede interior.

Um exercício tão simples como esse tonifica, ajuda e relaxa para compreendermos o árduo trabalho do dia.

Poderia se realizar em escala repetitiva em diferentes níveis e formatos adaptados para todos no Centro educativo.

A motivação inicial poderia seguir os ritmos litúrgicos, os eventos educativos e outros que podem ser marcados no início de curso no calendário pastoral ou no regimento escolar.

Uma mística humanizada¹²

Na visão de Fray Marcos (2017) é importante considerar que há uma mística humanizada a qual não é exclusiva de nenhuma religião e não se refere a “fenômenos extraordinários”, mas “tem sua base no cérebro humano e em seu funcionamento biológico”. Por sua vez, ela também “não é propriedade dos grandes místicos” tais como “Eckart, São João da Cruz, Teresa d’Ávila, Os Sufies” e outros tantos.

Essa mística, que pode ser definida como “um certo nível de espiritualidade, quando ela atinge um certo grau de experiência com o transcendente” tem como consequência remover a pessoa do seu modo de ver as coisas e transformar a realidade. E, segundo Fray Marcos (2017), aqui a “lógica da racionalidade” sede à intuição e a “relação com o Absoluto” se dá por “caminhos afetivos” e não racionais.

Portanto, tal mística “não é propriedade de nenhuma das religiões”. Pois, “os sem religião também podem ser místicos”, insiste Fray Marcos (2017). Ademais, afirma ele, “é a religião que nasce da mística, não a mística da religião”.

As coisas que se manifestam na vida humana e parece indecifráveis passam pelo cérebro da pessoa. Nesse sentido, Fray Marcos (2017) entende que “as inibições e os funcionamentos do neocortex, límbico e reptiliano têm muito a explicar” sobre os fenômenos místicos, “as concentrações, os alucinógenos, os estímulos as preparações ascéticas” e daí por diante.

¹² As ideias principais estão expostas na lição de Fray Marcos, EAF, novembro de 2017.

É importante ressaltar que, para o autor “todos nós somos chamados a ser místicos. Mas perdemos algo quando não o conseguimos” chegar ao que Teilhard de Chardin chamava de plerona (FRAY MARCOS, 2017). Entretanto, de alguma forma todos contribuem com o todo da montanha espiritual.

A interioridade¹³

Nos próximos parágrafos vamos compartilhar preciosas contribuições Jaume Patuel i Puig (2012) a respeito da interioridade. Para o referido autor “a interioridade é uma vivência” e não apenas algo conceitual. Para se reconhecer a interioridade é necessário fazer sua experiência, pois, se contentar apenas com sua noção é reduzi-la “a uma questão puramente teórica”.

O escritor nos lembra que é comum o uso das mãos levadas ao coração para indicar que a interioridade é algo ligado ao interior do nosso corpo. Mas, na sua compreensão “a interioridade é algo que nos possui por inteiro. Nós estamos nela. Ela nos engloba. Ela nos globaliza” (PUIG, 2012).

Segundo Puig (2012) a interioridade não se prende nem ao espaço e nem ao tempo, mas vai muito além. Trata-se de “viver silenciosamente nossa qualidade humana mais profunda. Nosso envoltório que nos faz sentir Um com o Todo”.

É importante salientar que, a interioridade assim compreendida, faz com que nenhum caminho seja exclusivo. Além do mais, “a interioridade não termina com a morte; ao contrário, se expande. Quando pararmos de respirar, estaremos nela para sempre. Identificados. Uma só e única Consciência da Totalidade”, afirma Puig (2012).

Começo meu artigo de reflexão diretamente assim porque vamos entrar no que para alguns são férias, tempo de descanso, de repouso. Para outros, serão meses de trabalho pesado. E para outros, infelizmente, tempo de regressar ou retornar à terra natal devido a essa crise, que pela Ignorância

¹³ Jaume Patuel i Puig, 29 de julho de 2012, El País, Madrid.

(com I maiúsculo) de alguns, está centrada ou se manifesta só no econômico. Não é uma visão redutora, mas reducionista. É correta, mas não é total.

A questão econômico-financeira é apenas uma parte. O tcheco Tomás Sedlacek, de trinta e cinco anos, escreveu um livro *Economics of Good and Evil: The Quest for Economic Meaning from Gilgamesh to Wall Street*, que me foi recomendado por um amigo meu. O pensamento que Sedlacek expõe e defende em sua obra consiste em que a economia é como um iceberg de que só percebemos uma parte mínima.

O resto oculto embaixo do mar é constituído nada menos do que por critérios teológicos, filosóficos, sociológicos, politcológicos e outros. É mostrado através de muitas citações da Bíblia, de Santo Agostinho, Santo Tomás e muitos outros. O autor é catedrático de economia, assessor de vários governos e, mais, conferencista muito solicitado em Davos. Dá muito que pensar e confirma o que tantas vezes se tem dito, mas ninguém ouve, posto que sempre se prega no deserto quando se faz referência à crise que mexe com o bolso.

Entretanto, falamos de uma crise que no fundo é o indicador de uma mudança de Consciência no Planeta. Um indicador de que nosso hábitat corre perigo. É preciso uma mudança em nosso corpo, em nossa casa que tem sido descuidada e mal alimentada. Uma transformação em nossa psiquê intoxicada por contravalores em altas dimensões negativas. Nosso mundo interno precisa transformar-se para podermos ser conscientes de nossa profundidade e da altitude de nossa visão.

Certamente nem todo mundo o vê assim no âmbito intelectual ocidental. Uma das tendências atuais para negar ou dificultar a compreensão profunda da realidade é o cerebrocentrismo. O cérebro tomado como mito e ideologia, onde tudo é gerado e explanado. Parece que tudo acontece nele. Um reducionismo que além de brutal, é de uma Ignorância (com I maiúsculo) total.

¹⁴ Carlos Gutiérrez Cuartango, Cisterciense / Prior do *Sobrado de los Monjes*.

É como se existisse o pensamento mágico ao vasculharmos todas as redes de um Smartfone ou de um televisor, todas as suas engrenagens, quanto mais as analisarmos, mais saberemos quem fala e a respeito de tudo o que fala e pensa. Quando, na verdade, o aparelho televisivo e o celular com seus sofisticados aplicativos são apenas “sintonizadores”, que unicamente permitem que conectemos com várias longitudes de ondas, mas estas não estão no aparelho nem tão pouco ele as cria.

Quer dizer, são ferramentas que permitem ampliar nossa consciência, mas não geram nem a consciência nem o eu. Obviamente precisamos dessa mídia, mas a mídia não é a causa. Aliás, o televisor não funciona sem energia. O cérebro não funciona se não tiver vida *bioquimicamotivante*, com uma boa estrutura cultural, mas mesmo que com isso estejamos falando de um nível imprescindível, básico e necessário, de novo, esse nível não é o todo, apenas faz parte do Todo. As teorias ou os conceitos, produtos de nosso cérebro pensante, não podem abarcar o que não é ele mesmo. Têm apenas um olhar redutor. Não podem dar mais. Um cérebro não é o cérebro da Humanidade. O olhar míope de um cérebro não permite vislumbrar nosso ser em suas dimensões de altura e de profundidade.

Essa interioridade que nos engloba e nos envolve... estamos nela e somos ela. Vivemos nela mediante o silêncio externo e interno. Mas um silêncio que não consiste simplesmente em calar, mas em auscultar o que emerge dessa interioridade. Como o televisor que deve funcionar se quisermos saber algo, ou o celular que precisa de um interlocutor se quisermos falar e não apenas canais, apenas mídia. Sem finalidades. Assim também o silêncio é apenas um meio, o canal para nos conectarmos com nossa interioridade.

E esta realidade interior não é um conceito nem um mapa, é o território. No mundo ocidental, parece que se não houver conceitos, não há pensamento e, portanto, tampouco há vida. Mas no mundo oriental, a prioridade é viver com sabedoria e logo chegará o pensamento técnico.

Precisamos aprender a unir as duas visões. São os dois pulmões. Não foi em vão que nosso grande pensador francês

Blaise Pascal distinguiu entre o “*esprit de finesse*” e o “*esprit géométrique*” diferentemente de seu amigo Descartes, mas sendo mal interpretado por este último, chegamos aonde estamos: um pensamento dividido ou uma forma de pensar esquizofrênica.

Um pensamento divorciado da realidade ou que caminha paralelo a ela, formando outra vida que existe só na imaginação. E assim essa atitude intelectual nos trouxe a essa crise de axiologia, na qual o pensamento tem como suporte o egoísmo, a individualidade, interesses concretos. Uma axiologia primária. Isto é, um mundo autista em que não há lugar para os outros.

Última coisa a realçar é que todos os seres que tentam viver essa interioridade não estão isentos de limitações, de defeitos. Não há nenhuma exceção, nem o próprio judeu de Nazaré, Jesus.

Mas cito um outro, e concluo minha reflexão introdutória; trata-se de um profundo pensador, Mahatma Gandhi:

A vida me tem ensinado

Que as pessoas são amáveis se eu for amável.

Que as pessoas ficam tristes se eu estiver triste.

Que todos me querem bem se eu lhes quiser bem.

Que todos são maus se eu os odiar.

Que há rostos sorridentes se eu sorrir.

Que há rostos sofridos se eu estiver sofrendo.

Que o mundo está feliz se eu estiver feliz.

Que as pessoas ficam nervosas se eu ficar nervoso.

Que as pessoas se mostram agradecidas e eu for agradecido.

Que a atitude que eu assumir diante da vida será a mesma que a vida assumirá em relação a mim.

Que se eu sorrir, o espelho me devolverá o sorriso.

Que para ser amado, tenho apenas de amar.

E não podemos esquecer do que Jesus, o Nazareno, nos disse: “*Não tenham medo*”. E, nos orientou: “*Quem quiser salvar a sua vida a perderá. Ou se o grão não morrer...*”

O tesouro escondido¹⁴

Para explicar a questão do tesouro escondido, Carlos Gutiérrez Cuartango cita o filósofo humanista e psicólogo social Erich Fromm (1900-1980) quando diz, em uma de suas obras:

“Nossa cultura conduz a uma forma difusa e descentralizada de viver, que quase não tem paralelo na história. Fazemos muitas coisas ao mesmo tempo. Somos consumidores com a boca sempre aberta, ansiosos e dispostos a engolir tudo... Essa falta de concentração se manifesta em nossa dificuldade para ficar a sós conosco mesmos.”

Na compreensão do prior dos monges de Sobrado é justamente “nessa cultura que temos de escutar o chamado de Jesus para mergulhar na existência a fim de encontrar esse TESOURO escondido que pode transformar nossa vida”. Nesse sentido, o prior citado, afirma que o homem de hoje precisa de três coisas:

- fugir da dispersão,
- viver a partir do interior e
- recuperar a paz.

Quanto ao esforço de “lutar contra a dispersão” Carlos Gutiérrez Cuartango comenta que não devemos nos deixar “transbordar pelo dilúvio de informações que cai sobre nós”. Pelo contrário, devemos “Resistir a ser juguete de tantos estímulos, imagens e impressões que podem arrastar-nos de um lado para outro, destruindo nossa harmonia interior”. Na continuidade o prior esclarece que “a dispersão só é superada quando vivermos enraizados nas grandes convicções que dão sentido a nossa vida”. E, segundo ele, deste modo “o fiel descobre o poder da fé em Deus e a importância da experiência religiosa para adquirir uma consistência interior”.

No tocante à necessidade de “viver as coisas a partir do interior”, Cuartango aponta que é o caminho para encontrarmos “nossa própria verdade”. E, de acordo com ele, poderemos

no relacionar “com as pessoas a partir de nosso verdadeiro ser, sem projetarmos sobre elas nossas ilusões, frustrações ou tentações de domínio”. Para o prior dos monges de Sobrado, viver a partir do interior exige disciplina, consciência e presença total em cada atividade do dia. E, “*é nessas condições que o fiel descobre e experimenta a profundidade que proporciona à existência o viver a vida junto de Deus*”.

Na visão de Gutiérrez Cuartango, o homem hodierno precisa também de “paz interior”. Essa paz o dinheiro não compra. Para ele, “a serenidade do coração é conquistada só quando limpamos nosso interior de medos, culpas e conflitos”. Indica ainda que, um dos maiores presentes da vida, por vezes tão dura e penosa, seja o poder experimentar a Deus como fonte de verdade última, de paz interior e de descanso verdadeiro”.

Cuartango comenta que compreende as pessoas que estão abandonando a religião “sem ter saboreado Deus”. Pois, segundo ele, “se alguém não descobriu um pouco da experiência de Deus que Jesus vivia, a religião é um tédio, um pergamino. Não vale a pena.” E, acrescenta: “a pessoa precisa encontrar-se com algo que toque o mais profundo de seu ser que infunda uma luz e um sentido novo a sua existência”. O ser humano precisa de algo mais profundo e diferente que dê sentido e dignidade à sua vida.

Na percepção do prior dos monges de Sobrado, a Palavra de Deus tornou-se gasta e um conceito vazio para muitas pessoas. Ele comenta que surpreende a muitos o fato de Jesus apresentar, na parábola do tesouro encontrado no campo, “o encontro com Deus como uma experiência alegre, capaz de transformar a pessoa”.

Nesse sentido, Gutiérrez Cuartango, faz um convite:

“Eu os convido hoje a cavar até o mais profundo de seu interior e lhes asseguro que encontrarão esse tesouro escondido, que é Deus, e que vocês procu-

¹⁴ Carlos Gutiérrez Cuartango, Cisterciense / Prior do *Sobrado de los Monjes*.

ravam onde ele não estava, quando ele se encontrava tão perto de vocês.

Um movimento que tem sintomas de futuro já começou em algumas instituições educacionais.

Tomamos seus cartazes e o que eles produziram como exemplos porque facilitam as coisas para nós e cortam caminhos.”

1.4. O que é a Interioridade?

Que entendemos por Interioridade?

A interioridade é esse campo de ação íntimo, delicado e essencial da pessoa em que nos encontramos com o que somos. Falar de interioridade é falar de profundidade, do espaço em que incorporamos as ressonâncias que nos chegam do mundo exterior, é onde refletimos, sentimos, imaginamos, queremos, assumimos, recordamos, transcendemos, saboreamos.

Qual é o objetivo da educação na Interioridade?

Ajudar a conectar consigo mesmo, a crescer no conhecimento e na profundidade pessoal para descobrir os recursos interiores e o potencial de cada pessoa. A partir dessa profundidade pessoal, detectar os esquemas que permitem conectar com o que os outros são, e com o que a realidade é, gerando uma consciência relacional renovada, que consiste em sentir-se parte de uma unidade com os outros, com todos os seres e formas de vida. Desta consciência relacional, de sentir-se parte de um Todo, orgânico, nasce um novo compromisso social e ecológico que torna possível o desenvolvimento humano integral.

Que é educar a Interioridade?

É o processo de tomada de consciência, para posterior reflexão e interiorização, de aspectos relativos às diferentes dimensões: social, corporal, psíquica e espiritual, para facilitar sua integração e unificação de forma harmônica e para

que simultaneamente possamos caminhar com passos firmes na direção de:

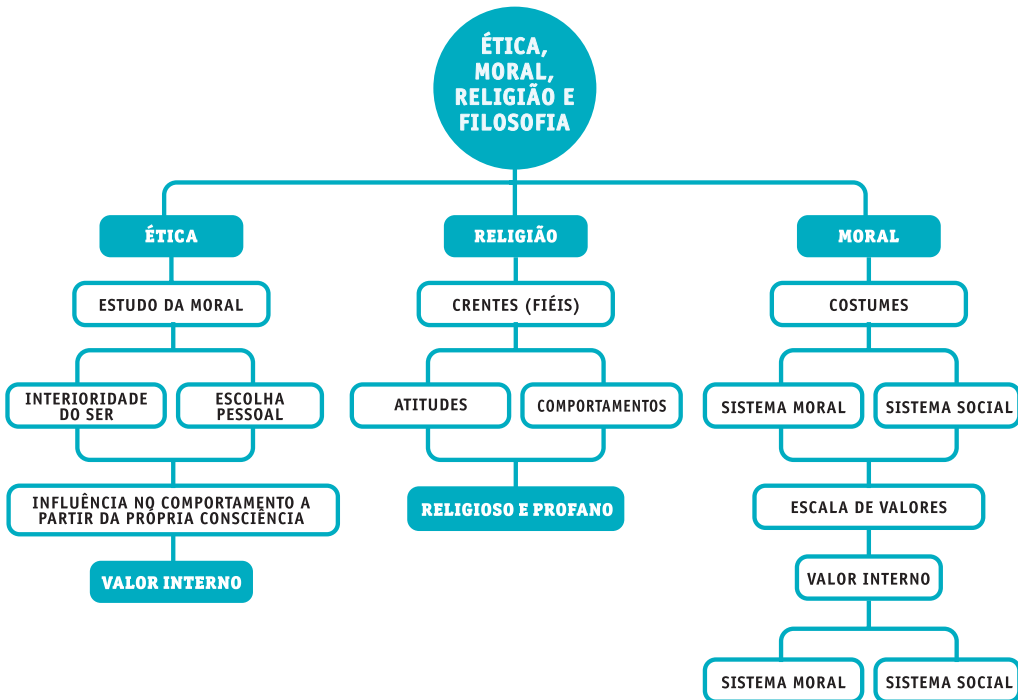
- a plenitude do humano, a pessoal e a dos outros,
- a abertura ao sagrado (mistério, espiritualidade, dimensão profunda),
- sentir o vínculo com a Transcendência.

Os itinerários para educar a Interioridade

Entendemos esta formação como um processo: é um itinerário, uma caminhada.

No domínio educativo, propomos dois caminhos para crescer em interioridade. Ambos podem ser executados nos diferentes campos de intervenção: em todas as disciplinas, no PAT, na Pastoral, na Formação de Professores, na Escola de Pais, nas Convivências, nos Movimentos Juvenis etc.

Os dois caminhos são os que apresentamos no diagrama a seguir:



Josean Manzanos

Em 2016, o escritor, “pedagogo e especialista na prática da interioridade”, Josean Manzanos publicou um livro pela editora Khaf com o seguinte título: “Bypass hacia la interioridad”. Para Manzanos “a interioridade transcende todas as fronteiras religiosas”. Na obra citada, o autor “propõe um caminho até o interior do coração de cada um mediante sete fundamentos de experiências entrelaçadas com as quatro estações do ano e multiplicadas por quarenta e oito vias de acesso: todo um itinerário para atingir a plenitude pessoal e familiar para alguém que não consegue se exercitar todos os dias do ano”, assim explica Jesús Bastante (2017), segundo o qual “não há ser humano que possa viver desconectado de si mesmo. Do mesmo modo que temos necessidade de comer para viver, precisamos cultivar nossa vida interior”.

Para aprofundar a temática da interioridade, de acordo com o pensamento descrito na obra “Bypas hacia la interioridad”, vamos transcrever parte da entrevista ou do diálogo de Josean Manzanos com o especialista no tema, Jesús Bastante, como segue abaixo:

— Se você concordar, vamos fazer uma entrevista-terapia¹⁵, porque me disseram que você é um especialista na temática da interioridade. E todos nós precisamos dela cada dia mais.

Agora, indo ao tema, você veio nos apresentar várias coisas. Começemos com o livro, que os amigos de Khaf editaram “Bypass hasta la interioridad”. Bypass está relacionado com o coração. Que falta em nós para sentirmos necessidade de uma preparação para nos conhecermos um pouco mais?

— Bypass está relacionado com o coração, com essa válvula que de vez em quando precisamos que coloquem em nós. Mas sua origem etimológica, que é o que dá fundamento e consistência ao livro, é “uma via alternativa de comunicação, que se instala num sistema para evitar um bloqueio”. Por isso, oferecemos a interioridade como essa possibilidade de uma

¹⁵ *Bienvenido*. Encantado. Entrevista com Jesús Bastante sobre Religião digital, julho de 2017.

prática cotidiana para que, instalada nesse modo de vida que levamos, evite bloqueios, que por vezes se tornam permanentes em muitas pessoas.

— **Não se trata apenas de um ‘conheça-se a si mesmo’, mas de um caminho para aprender a viver nesta sociedade em constante transformação.**

É principalmente um guia para a pessoa conectar com ela própria e com o entorno. É um roteiro que toca o coração, e por isso aparece no livro como um símbolo permanente. É a fechadura que devemos abrir e a chave que devemos ter sempre a nosso alcance para que nossa vida possa transformar-se permanentemente.

— **O coração continua sendo a chave, ainda que tenhamos a convicção de que o mais importante é o cérebro.**

— É a base. Há estudos científicos que fundamentam isso. Chegam ao coração umas terminações neurais maiores do que as que chegam ao cérebro. Assim, o que acontece no coração é o que nos constitui e nos define como pessoas, sobretudo interiormente.

— **Quais são as dicas para penetrar em nosso próprio coração e poder compreender, pelo menos medianamente, nossos sentimentos?**

— Eu proponho no livro que a pessoa viva sete experiências. Estão desenvolvidas, e vão se entrelaçando com alguns fatores de experimentação referentes aos quatro tempos sazonais. De modo que, a partir de quarenta e oito roteiros alternativos vividos mediante as sete experiências, possamos passar os 365 dias do ano fazendo cada dia uma prática diferente.

— **Ou seja, a mudança climática afeta também nosso coração?**

— Afeta sim, porque somos seres humanos que vivemos no planeta Terra. E nosso ser não é o mesmo no verão e no inverno, ou na primavera e no outono. A começar por nossa realidade de seres vivos vinculados a nosso sistema, mesmo quando às vezes nossas cidades nos enganam, proponho doze roteiros alternativos de comunicação e de experiência ao longo

desses quatro tempos. Mas, executadas a partir de sete pistas.

— **Quais são essas sete pistas?**

— A primeira é a que chamamos de “o silêncio”. A percepção silenciosa. Outra é a “atenção consciente”. Quer dizer, como viver o cotidiano a partir do silêncio, a partir da chamada “mindfulness” (atenção plena), a capacidade de perceber como sagrado qualquer instante. Também “o espaço corporal”. Nosso corpo é “esse traje” dentro do qual nós existimos. Não podemos estar fora dele. “A harmonia emocional”, porque as emoções é que vão condicionar essa batida do coração que temos de um lado para o outro. E principalmente, poder ter uma emoção saudável, equilibrada e harmônica que não crie obstáculos para essa caminhada interior.

Também a “criatividade”, a mobilização criativa. Ser uma pessoa criativa nos põe constantemente em contato com nosso mundo interior. Não conseguimos criar se não estamos em contato com nosso interior.

“A compaixão”, o coração compassivo, como a denomino no livro: como incorporar pela compaixão o que somos chamados a dar não somente a nós mesmos, mas a dar também aos demais.

— **Estamos falando de uma interioridade que necessariamente está em comunicação com outros. Uma interioridade que é exterior.**

— Uma interioridade que não é ‘interiorismo’ nem fuga, nem hedonismo. Uma interioridade que é a capacidade de descobrir que, conectados com o outro, nosso coração se abre para ele. A compaixão é a consequência imediata. Não há misericórdia, se primeiro não se está no “*cor*”. Em meu coração aberto, permeável e esponjoso.

Falta-nos também a respiração, esse novo recurso. Somos seres respirados, não seres que respiramos.

Este é o itinerário do livro. Uma proposta para que, a partir dessas sete pistas, uma pessoa possa vivenciar práticas concretas. Pessoalmente e em família. Adultos com crianças.

— **Conte-me algum exemplo.**

— Por exemplo, o “salto com vara”. É um exercício para

ensinar a respirar, transpondo essa respiração a um salto com vara. Pode ser feito durante um dia. Corremos com a vara na mão. Enquanto inspiramos, fazemos o salto, e a expiração será feita até chegar o impulso.

Com a vara, provavelmente você tem de lutar até com o medo. Pratiquei algumas vezes, e à medida que você vai avançando para colocar na caixa a vara, irá pensando no golpe que tomará nas costas em algum momento.

Devo levar em conta, sobretudo, os tempos. Quanto tempo uso para inspirar, quanto tempo para expirar e em que momento faço uma pausa entre essas duas atividades. Por exemplo, “a chaminé”, que é outro exemplo de prática de respiração: Eu sou uma chaminé e tenho de fazer de minha expiração uma expiração suave e prolongada. Mas de vapor.

A corrida de obstáculos é outra prática para trabalhar a mindfulness, a atenção consciente. No meu dia a dia, vou identificando quantos obstáculos surgem nos relacionamentos, nos comportamentos, nas atividades que faço, no meu modo de responder.

“Penas em pleno voo” seria uma prática para trabalhar a consciência corporal. Vou dedicar um tempo para acariciar meu corpo suavemente. Ou que alguém me ajude a fazê-lo. E também em casa. Ensinamos as famílias, as mães para que exista o contato.

— A importância do tato, que às vezes deixamos de lado como por... esquecimento. E não só esquecido, quando não é colocando num caixote como algo proibido, quase ruim. Um toque.

— “Aproximar corações” ou “círculo dos antepassados” são duas dinâmicas entre as 365 que ofereço no livro para dizer: vamos abrir nosso coração aos que nos precederam. Sentemo-nos um dia na casa e recordemos de nossos avós, tios, do que nos disseram, do que nos legaram. Mas também nessa aproximação de corações é muito importante o “encontro/acompanhante sem correria”. Vamos dedicar um pedacinho do dia para ficar com alguém, sem hora marcada, sem relógio, sem pressa. Vamos sentir prazer em estar com a pessoa com quem estamos.

Há restaurantes nas grandes cidades com o nome de “slow food”. Tem de ser inesquecível dar-se algum tempo sem relógio ou sem celular.

Trata-se de práticas que estão todas preparadas para entrar no coração de nosso ser. E que nos levam a uma transformação absoluta. Posso garantir, e escrevi isso porque experimentei antes, que uma pessoa ou uma família que dedica um ano para seguir essa pauta vive uma transformação absoluta. Além disso, de fácil reprodução. Nunca se esgota. Porque cada prática repetida é diferente. Mais ainda, você pode recomeçar quando bem entender. Eu começo no outono ou na primavera. No livro dei a data. Se hoje for 24 de junho, vamos a essa data no livro e lá, haverá uma prática não apenas com uma dica de experimentação, mas com um meio de acesso. São moitíssimo variadas. Há 48. E podem ser combinadas.

— **Há itinerários. É uma sequência de 365 dias ou há itinerários distintos que dependem de quando você começa ou do tempo que poderá ser dedicado?**

— Há quatro conjuntos de vias de acesso, ligados às quatro estações. E cada estação conta com doze vias.

— **Parece complicado.**

É tão simples como seguir a rotina diária. E se observar um exemplo, o de hoje é: irradiar luz.

— **Vou buscar o dia 24 de junho. Lá está: momentos de luz.**

— Sim, É noite de São João. O solstício de verão. E há um costume que tem a ver neste caso com existir respirando. A respiração. Mas anteriormente havia outra prática que tinha a ver com o silêncio. E diz em detalhes o que se pode fazer, só ou em família, para viver esse dia da realidade interior.

— **Uma das novidades desse livro é que ele foi feito para aqueles que criticam a ‘mindfulness’ como uma técnica para momentos definidos, ou como uma moda. Mesmo que fosse certo, você ultrapassa isso com a proposta de um itinerário de vida. Estamos falando de algo que se consegue viver de vários modos, o ano todo, em diferentes épocas e em momentos diversificados da vida.**

Você explicava que esse é um livro escrito depois de ter sido experimentado. Fale-me de sua experiência.

— Esse livro nasce de uma imprescindível experiência de vida. Antes de expor algo para os outros você precisa testar até que ponto isso operou uma transformação nas pessoas.

Pertenço a uma associação que se chama “*Isilik elkar-tea*”. Passamos mais de dez anos fazendo essas práticas em família, com adultos e crianças. Fizemos o mesmo de modo permanente na cidade de Vitória. Chegamos a criar um espaço de silêncio perto da cidade. Observe como é legal poder dispor de um espaço de silêncio na sociedade civil junto com essas práticas em famílias e em grupos de meditação que organizamos. Lá fazíamos reuniões de famílias com momentos de consciência pessoal para adultos.

Primeiro testamos os resultados disso para as famílias. Domingo passado, fizemos algo chamado “o voo das corujas”, exercício no qual ensinamos as crianças a voarem com suas famílias. Mas, ou voamos num voo majestoso de águia solitária, ou voamos como as corujas, que vão juntas num voo organizado.

— E que tem também muito a ver com as ondas e com o ambiente.

— E com o motivo pelo qual voam assim. Podemos então unir nossos corações. Fizemos uma dança do coração.

— A proteção. O senso de família que as corujas têm. Muito interessante.

— São exercícios que fizemos primeiro e que sabemos que têm como resultado uma enorme transformação. As famílias que vivem essa situação ficam entusiasmadas¹⁶.

O grupo Edelvives tem tido uma visão histórica: já era o momento de editar um projeto educativo para trabalhar na es-

¹⁶ Khaf é uma editora do grupo Edelvives. A partir desse livro, há um projeto baseado na interioridade e na educação da interioridade. Em muitas ocasiões vemos nossos filhos e nossos estudantes como uma fonte de informação, e não nos preocupamos tanto de que boa parte da educação é a educação sentimental, da interioridade. É um pouco por aí que caminha o projeto “Em você”. Esse é um projeto de educação de interioridade da Edelvives, que você também realiza e que, além disso, tem uma aplicação nas redes sociais.

cola. E no ano 2014, editamos com a Edelvives esse projeto, que abrange a educação infantil, primária, secundária e a universidade. É um material para o aluno trabalhar a interioridade.

— **Faça uma parada, reflita, respire, crie...**

— Agora, partimos para um projeto educacional na América Latina. Dentro de um mês tenho de ir até a Argentina. Em dois meses para o México. Porque já solicitaram e está em andamento uma tradução para adaptá-lo à linguagem latino-americana.

“Em você” é um projeto educacional a ser trabalhado na escola. O que faço todo dia, cada dia em minha escola. Já são mais de 22.000 alunos na Espanha, que graças a essa contribuição editorial, estão trabalhando a interioridade na escola. Há pedidos constantes. Precisamos neste novo paradigma que vivemos, acompanhar as crianças até o núcleo de seu ser. Conectar com elas mesmas e com os demais. Isso, em 2014, e houve uma difusão tão grande que a Edelvives decidiu editar “Em você”. Porque até então tinha havido experiências locais e particulares que não duravam muito tempo. Tinham um risco muito grande porque dependiam de quem as executava¹⁷.

Atrevo-me a dizer que Edevives e Khaf se ocuparam totalmente da interioridade com essa tríplice aposta desenvolvida em tantos locais e em tantos espaços educacionais. E as pessoas que trabalham com o tema estão vendo nas duas um referencial absoluto. Assim vamos trabalhando e nos especializamos. Apesar disso, prefiro dizer que mais do que um espe-

¹⁷ — **Edelvives a sistematizou de algum modo. Porque se o professor é trocado, se o aluno muda, ou algo equivalente, o projeto já segue suas normas.**

— Seria como um espaço religioso. Se não houver uma estrutura, se não houver material, isso fica dependendo apenas da pessoa. Em 2014, quando a Edelvives publicou essa coleção e vimos que havia procura por parte das famílias, em 2016 tínhamos *Bypass*. Entre 2014 e 2016, nos unimos nesse trabalho com a Edelvives e com a Khaf para editar uma aplicação que permitisse às crianças trabalharem o interior no espaço do lar, em seu objeto mais cotidiano, o celular ou o tablet. Nós editamos e lhe demos o nome de “*Bit meditation*”, que brinca com a palavra “*bit*” (*basic interiorities time* - momentos básicos de interioridade). E com o que é o *bit*, uma pequena informação que tem esse *input*, imprescindível e essencial.

cialista, sou uma pessoa que oferece uma estrutura pedagógica. Porque se hoje precisamos de algo, é de pedagogos da interioridade que tenham alguns objetivos e competências na estrutura. Às vezes as pessoas podem se confundir com situações de relaxamento, de massagem, o que está bem, mas não é nosso objetivo. O nosso é um caminho interior.

— Às vezes ocorre que o projeto que se constrói na escola e o do núcleo familiar são diferentes ou, pelo menos, não estão interrelacionados como deveriam pelas mais diversas razões. Até que ponto isso é fundamental para que esses projetos se realizem e que o professor não se converta em um pai postiço ou viceversa?

— Não pode haver um processo vital real se não colaborarmos todos na parte que nos toca. O pai como pai, o professor como professor e a criança como protagonista. Por isso digo que essa aposta editorial é uma aposta tríplice, para poder interligar esses três elementos: familiar, social e pessoal. Nunca um sem os demais.

Essa aposta é sólida e hoje milhares de alunos trabalham com o “Em você”. A primeira edição do livro “Bypass” se esgotou em menos de um mês, e a editora já está imprimindo mais porque a venda foi fulminante. E o aplicativo “interioridade Edelvives”, que é gratuito, pode ser usado tanto no sistema androide como em ios, e é um complemento. Falta ainda dizer: vamos torná-lo ainda mais rotineiro. Estamos nesse ponto.

— E esperamos que você venha nos contar como e com outros grupos, para comprovar o tanto que transforma. E principalmente recordar “que a interioridade não é interiorismo”, mas que meu coração seja dos outros como você disse. Afinal, é autenticamente cristão.

— É totalmente cristão, mas também um tanto budista, judaico, existencial..., é muito humano. Quem não tem coração? É desta base que partimos. Não há ser humano que consiga viver desconectado de si mesmo. É impossível. Do mesmo modo que precisamos comer para viver, precisamos cultivar nossa vida interior. E a demanda é absoluta. Este li-

vro, o projeto e a aplicação quebraram todas as fronteiras religiosas, unificando-as. Apresentaram uma proposta transconfessional, que reúne intencionalmente todos os caminhos religiosos. Inclusive daquelas pessoas que não participam da experiência religiosa.

Início do formulário

A meditação é mais que uma terapia¹⁸

“Você sabe que sempre que eu medito, me sinto melhor. É como um grande desligamento. Respiro com tranquilidade, relaxo, chega um momento em que já não penso em nada, e entro numa espécie de vazio incrível. É realmente uma grande terapia... Ouvi isso numa conferência sobre autoajuda e produz resultados.”

Isso é ótimo! Tudo o que ajuda a aumentar a serenidade, o bem-estar pessoal, não é apenas uma forma de descanso e de plenitude, mas pode favorecer nosso relacionamento e atenção para com os outros. Todos precisamos de caminhos de paz e felicidade, e a meditação feita com certa constância é um excelente remédio.

“Às vezes, quando consigo atingir o silêncio absoluto, ou quase absoluto, e deixo de pensar e imaginar, sinto uma sensação nova, como se o vazio não fosse tão vazio, como se tivesse diante de mim uma nova realidade.”

Sim, com certeza, isso acontece. Quando você sentir essa sensação ou experiência não se pergunte nada, nem tente decifrar seu significado. Viva... isso basta. Nem na meditação, procure por esse sentido. Mas seguramente essa experiência é uma certa conexão com seu “eu”, que é muito mais que o pensamento, a mente, os sentimentos...

Seu “eu” torna-se um pouco de consciência. O vazio conecta você com você mesmo.

¹⁸ *Jesús Renau, 16.09.2017 - visão positiva.*

— “Quero lhe fazer uma última pergunta. Eu sou muito religioso e gostaria de ter fé, e eu me pergunto se esse vazio pessoal que acontece quando medito — nem sempre — pode ter relação com o que vocês chamam de Deus.”

— No meu ponto de vista é possível que na conexão com seu “eu” Deus esteja presente. Creio que Ele está em tudo, de modo especial nas pessoas. Mas normalmente você não terá uma certeza absoluta.

Ele, entretanto, em Jesus, nos indicou um caminho seguro para ser encontrado: “O que você fizer aos mais pobres, estará fazendo para mim”. Se a meditação conduzir você no caminho da compaixão, tudo está resolvido... é um bom sinal de que Deus está com você.

1.5. Quais são os caminhos para a interioridade?

Modos de aproximar-se de Deus:

Segundo o pensador Torralba, diretor da Cátedra de Pensamento Cristão do Bispado de Urgell e das Jornadas de Teologia, para aprofundar-nos no mistério de Deus, temos de satisfazer uma exigência intelectual e buscar um caminho para conhecer mais a fundo o que o sustenta. Para tanto, é necessário partir de uma experiência intrapessoal do mistério de Deus, que permita compreender de que estamos falando¹⁹.

E é melhor falar de mistério do que de problema. As quatro maneiras de fazer teologia segundo Edith Stein: negativa, afirmativa, simbólica e mística.

¹⁹ Torralba, Francesc. Em sua primeira colocação, ele tratou de *“As atitudes diante do mistério de Deus”*, conferência sobre teologia em La Seu d’Ugell. Em sua terceira e última colocação, o dr. Francesc Torralba falou sobre o Deus que Jesus revela, descrevendo os três momentos da autorrevelação de Deus: a criação, a Palavra e a Encarnação. É preciso centrar a atenção em Jesus Cristo, que nos revela que Deus “é uma comunidade de pessoas no amor” (H. U. von Balthasar) e descreveu as consequências disso. Mostra-nos igualmente um Deus que cura as feridas da humanidade, e um Deus que chama para dar o que recebemos e passamos a ser, o próprio dom que somos. Doar-se produz alegria, este é o caminho. E há um chamado para construirmos beleza, para fazermos o bem, para criar unidade curando divisões, e para revelar a verdade.

O QUE É? DE QUE SE TRATA? DE QUE ESTAMOS FALANDO?

Estas atitudes foram descritas a partir da indiferença, da banalização, da negação, da dúvida e da afirmação.

Torralba também falou da afirmação de Deus como uma opção razoável, distinguindo opção cega de opção racional, entre opção racional e razoável. E percorreu historicamente o fato de alguém dar razão da fé em Deus, e da realidade de Deus: a via antropológica, a via contemplativa do mundo, a via do próprio conceito ontológico, considerando sobretudo as duas primeiras aprofundando na ordem que descobrimos no cosmos, as fontes da bondade e a que hoje se trabalha intensamente: a via interior, a intimidade do sujeito. Estas experiências abrem a uma conjectura de racionalidade da opção de fé. Descobrimo o “mestre interior” (Sto. Agostinho).

A interioridade tampouco se improvisa. Como tudo, é um processo. Conhecer, desfazer-se, caminhar livre guiados pela PALAVRA ouvida e acolhida na oração e sentir seu “eco” no tempo e no agir de cada dia... uma vez e outra... Confiar, abandonar-se, encher meus sentidos de Deus e de caridade. Perdoar e perdoar-se. Alegregar-se e alegrar. Até que chegue o dia em que esse Deus procurado e encontrado no silêncio se transforma em clamor: É Ele em nós que vê, cura, caminha apressado, sobe a montanha, e chega a Ain Karen, lava os pés dos irmãos e irmãs, abençoa, ama, come com prostitutas e pecadores e mantém a janela aberta para avistar “novos começos”²⁰.

Vamos às fontes do Evangelho

E Jesus quis ensiná-los a rezar...

Ele dá uma aula completa de catequese sobre como rezar.

Um sistema, um método oposto ao dos fariseus.

²⁰ R. Benseny, El taco, 17.11.2017.

Os fariseus gostavam de rezar em público, diante do povo, nas praças e nas esquinas das ruas, no templo à vista de todos.

Saíam vestidos com roupas chamativas para atrair a atenção e diziam em voz alta suas orações.

Tudo para eles estava vinculado ao que o exterior mandava e impunha: os que observavam, os que viam; os que poderiam julgar a partir do exterior.

Deles disse Mateus (Mt. 6, 5-15):

“Quando vocês rezarem, não sejam como os hipócritas, que gostam de rezar em pé nas sinagogas e nas esquinas das praças para serem vistos pelos homens. Em verdade lhes digo: eles já receberam a recompensa. Mas você, quando rezar, entre no quarto, feche a porta e reze ao Pai em segredo. E seu Pai, que vê o que você faz em segredo, lhe dará sua recompensa.

E, ao rezar, não repita palavras inutilmente, como fazem os pagãos, que pensam que serão ouvidos pelo excesso de palavras. Não sejam como eles pois o Pai já conhece suas necessidades antes mesmo de você pedir. Vocês devem rezar assim:

‘Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome. Venha a nós o teu reino. Seja feita tua vontade na terra como se faz no céu. Dá-nos hoje o pão de que precisamos. Perdoa-nos as nossas ofensas como também perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos exponhas à tentação, mas livra-nos do maligno.’

Porque se vocês perdoarem aos outros o mal que lhes tenham feito, seu Pai que está no céu também perdoará vocês; mas se vocês não perdoarem aos outros, seu Pai também não perdoará o mal que tiverem feito.

O mais interessante

O mais interessante é seguir cuidadosamente o método que nos é proposto:

As conversas contemplativas nos desafiam a ouvir de um modo diferente. Quer dizer, escutar o Espírito em nós mesmos

e ao mesmo tempo, escutá-lo nos outros. Obriga-nos a suspender nosso julgamento, a resistir à tentação de dar início a um debate e a escutar profundamente as outras pessoas. Convida cada pessoa a abrir seu coração e sua mente para ver a vida e a experiência através dos olhos de outras pessoas, permitindo-lhes que me enriqueçam e que eu possa ver algo novo²¹.

Fazer a busca a partir do interior ²²

Para o teólogo José Antonio Pagola (2018), “não é possível planejar programas ou técnicas que levam as pessoas automaticamente a Deus. Não há métodos para nos encontrarmos com Ele de forma segura”. Ele entende que cada pessoa deve “seguir seu próprio caminho” porque cada criatura tem seu jeito de abrir-se ao mistério do Criador.

Segundo Pagola (2018), falar de Deus para certas pessoas é um tabu, elas não tocam nesse assunto com ninguém. Consequentemente, esse modo de se comportar comumente enfraquece a fé. Pois o que não é lembrado cai no esquecimento. Do outro lado, comenta o autor, há pessoas “que parecem interessar-se muito pelo religioso. Agrada-lhes apresentar questões sobre Deus, a criação, a Bíblia... Fazem perguntas e mais perguntas, mas não esperam as respostas”. As palavras em si são vazias sem “uma busca sincera de Deus em nosso interior”. No entendimento de Pagola, mais do que falar de “coisas da religião” o importante mesmo é “criar um lugar para Deus na própria vida”.

Também existem pessoas que só sabem falar de Deus se for para defender seu pensamento e atacar a opinião oposta. Neste sentido, Pagola (2018) alerta que muitas discussões em torno de questões religiosas apenas acirram a intolerância. Em contra-partida, “os que procuram sinceramente por Deus ouvem a experiência dos que crêem nele e até dos que o abandonaram”.

²¹ H. Joe McKee nos Estados Unidos (junho de 2015).

²² gruposdejesus.com: 4º Domingo da Páscoa - (Jo 10,11-18), dia 22 de abril de 2018.

O estudioso defende que “o mais importante para nos orientarmos na direção de Deus é invocá-lo no segredo do coração, a sós, na intimidade da própria consciência” (PAGOLA, 2018). Ele assegura que mesmo os que dizem não terem fé podem fazer um esforço e abrir-se ao mistério e tornar-se “sensíveis à presença de Deus” no mais profundo de si mesmo.

José Antonio Pagola lembra que, de acordo com o Evangelho de João, “há ovelhas que ‘não pertencem ao redil’ e vivem longe da comunidade que crê”. No entanto, Jesus deixa claro que veio para todos, inclusive aos que estão distantes. Portanto, “quem busca a Deus de verdade, cedo ou tarde ouvirá” o chamado de Jesus no mais íntimo do seu coração.

Busca a partir de dentro

Não é possível projetar programas ou técnicas que nos levem automaticamente até Deus. Não há métodos seguros para nos encontrarmos com ele. Cada um deve seguir o próprio caminho porque cada um tem seu jeito muito pessoal de abrir-se ao mistério de Deus.

Entretanto, é verdade que nem tudo favorece de modo igual o despertar da fé. Há pessoas que nunca falam de Deus com ninguém. É um assunto tabu: Deus pertence ao mundo privado. Mas, do mesmo modo, tampouco pensam nele nem dele se recordam no íntimo de suas consciências. Essa atitude, muito frequente até entre os que se dizem crentes, quase sempre leva ao enfraquecimento da fé.

Quando há alguma coisa que sempre escapa de nossa lembrança, ela acaba morrendo seja pelo esquecimento, seja pela inanição. Por outro lado, há pessoas que parecem sempre interessadas em religião. Gostam de suscitar questionamentos a respeito de Deus, da criação, da Bíblia... Fazem perguntas sem parar, mas não esperam pela resposta. Parecem desinteressadas.

Naturalmente, todo esse palavreiro é inútil quando não existe uma busca sincera por Deus em nosso interior. O importante não é falar de “coisas da religião”, mas reservar um lugar para Deus em nossa própria vida.

Não obstante, os que procuram sinceramente por Deus escutam a experiência dos que creem nele e até dos que o abandonaram.

Eu devo encontrar meu próprio caminho, mas estou interessado em saber aonde os outros encontram sentido, força e esperança para enfrentar a existência.

De qualquer modo, o mais importante para chegarmos até Deus é invocá-lo em segredo no nosso coração, a sós, na intimidade da própria consciência. É lá que cada um se abre com confiança ao mistério de Deus ou toma a decisão de viver sozinho, como ateu, sem Deus.

Alguém me dirá: *“Mas como eu posso invocar a Deus se nem creio nele nem tenho certeza de nada?”* Pode, sim. Essa invocação sincera em plena escuridão repleta de dúvidas é, provavelmente, um dos caminhos mais genuínos e humildes para nos abirmos ao Mistério e nos tornarmos sensíveis à presença de Deus no âmago de nosso ser.

**Fundamentos
do paradigma
interior**

02



2.1. Ajudar a libertar-se e crescer a partir do interior

*Todo homem chega ao mundo totalmente despojado,
e por isso todo homem precisa ser educado.
(Philippe Meirieu)*

O ser humano, ao entrar no mundo, é extremamente frágil. É tão extremamente dependente, sem a menor autonomia, que requer constantes cuidados e apoio de outros para conseguir sobreviver, para poder persistir em existir. Precisa ser cuidado, alimentado, protegido do frio e do calor, defendido dos animais que desejam atacá-lo e de todo tipo de intempéries.

Outras espécies animais, quando nascem, possuem maior independência, não requerem tantos cuidados e proteção, porque chegam ao mundo bem mais equipadas pela natureza, com sistemas de defesa e habilidades incorporadas que as tornam capazes de sobreviver. Não é o caso do homem. Nele, a passagem da dependência para a independência é progressiva e lenta e, além disso, ele precisa vencer todo tipo de resistências.

A criança, ao nascer, é uma fonte de necessidades que, por si mesma, ainda não pode satisfazer. Precisa de alguém que responda por ela, alguém que resolva todas as suas necessidades, que lhe dedique tempo e se ocupe dela. Essa etapa da vida humana é a que se denomina *criança* e é fundamental que adquira segurança e confiança.

A evolução do ser humano exige necessariamente a implicação de toda a comunidade e do encontro com alguém disposto a dedicar-lhe tempo, alimento, proteção e atenção. Sem essa entrega não há desenvolvimento possível nem evolução da espécie humana. Solitariamente o ser humano não tem futuro. Deve sua existência aos outros, de tal modo que sem os outros não chegaria a ser o que está chamado a ser, nem a permanecer sequer vivo.

Progressivamente a criança irá adquirindo diferentes cotas de autonomia, até poder resolver tudo por si mesma. Che-

gará um dia em que já poderá alimentar-se, proteger-se dos inimigos, ganhar seu pão com o suor de seu rosto; poderá tomar decisões, enfim, fixar um rumo para sua própria vida. Mas a chegada da autonomia só é possível se antes tiver sido cuidada e atendida por alguém de sua condição.

A criança aprenderá por imitação; repetirá os gestos, os fonemas e os movimentos dos que a rodeiam e, assim, paulatinamente se integrará na comunidade que a acolheu.

De outro modo, não sobreviveria, pois ao nascer não conhece ainda nada do mundo que a rodeia, está desprovida de tudo, possui pouquíssimas habilidades, dispõe de poucos mecanismos de defesa para enfrentar a hostilidade do mundo. Precisa de um ambiente acolhedor, uma redoma de proteção em que possa crescer; requer um microclima adequado a sua condição.

A contingência do ser humano ao nascer só pode ser superada com a entrega e a doação de outros.

2.2. Conhecer a si próprio

O discípulo é a oportunidade para o mestre compreender a si próprio.

O mestre é oportunidade para o discípulo conhecer a si mesmo. (Soren Kierkegaard)

Foi dito muitas vezes que o principal objetivo da ação educativa é que o aluno adquira autoconhecimento, que se conheça a fundo. O autoconhecimento é uma das finalidades da prática educativa, mas o é do mesmo modo o conhecimento do mundo.

O “Conheça-se a si mesmo” délfico se converteu no objetivo principal da prática educativa na mente de grandes pedagogos e filósofos da história ocidental. De Sócrates a Soren Kierkegaard, passando por Santo Agostinho e Blaise Pascal, uma série de mentes ilustres frisou ser essa a principal finalidade da ação educacional.

Esse imperativo, entretanto, é criticado por alguns, como sendo pomposo e sem consistência, pois consideram que, no sentido estrito, nunca se atinge tal objetivo, em relação ao qual a função educativa é sempre vista como frustrante. Consideram que a educação deve perseguir finalidades mais claras e pragmáticas, objetivos que possam ser mensurados, controlados e quantificados.

Contrapõe-se o idealismo do autoconhecimento ao pragmatismo da ação, o que é um erro porque nada de tão eficaz e útil na vida pessoal e profissional como o conhecimento de si mesmo. É ainda muito valioso por razões estritamente pragmáticas. Salva a pessoa de muitos fracassos na vida.

As duas dimensões, o conhecimento de si mesmo e o conhecimento do mundo são igualmente necessárias para crescer.

A criança, ao nascer, sofre de uma total desorientação. Não sabe onde está, não conhece os limites de seu território. Não está lançada no mundo como uma bituca de cigarro; é sustentada e protegida por alguém, por seus pais ou por quem os substitui. É acolhida num ambiente de proteção, mais simples ou mais complexo. É aí que começa a desenvolver-se, onde se realiza e começa a dar seus primeiros passos.

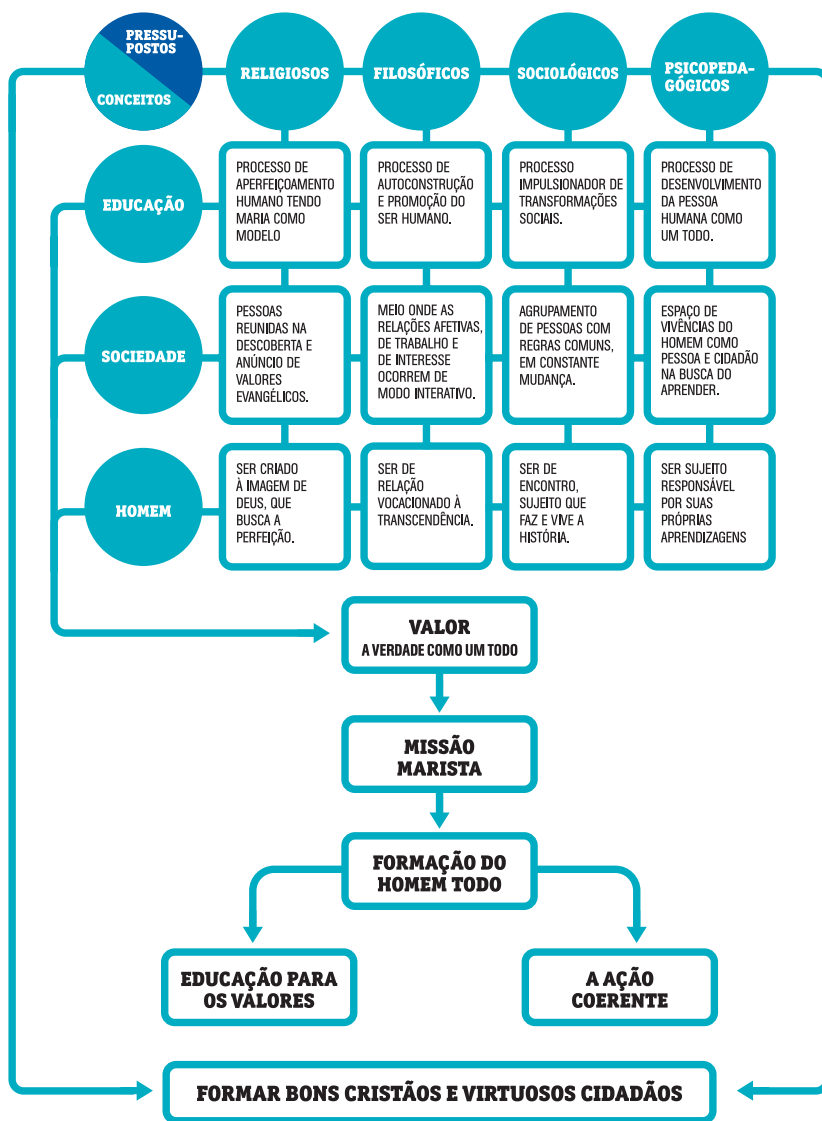
Sim, realmente, foi jogada no mundo (*jeté au monde*) como sugere a filosofia existencialista de Jean Paul Sartre, como um saco de lixo no balde, como um vômito na calçada, sem poder desenvolver-se, nem crescer, nem sequer sobreviver dada sua extrema vulnerabilidade.

Educá-la é orientá-la por dentro, mas também por fora; é ajudá-la a compreender a si mesma, mas também a compreender o mundo exterior.

O ser humano é, como diz Emanuel Kant, cidadão de dois mundos: o mundo exterior que se estende até a cúpula celestial e o mundo interior, que é um universo sem fim. Educar um ser humano é ensiná-lo a conhecer esses dois mundos.

2.3. Domínio e governo de si mesmo

O objetivo da educação é formar seres aptos a governar a si próprios e não a ser governados pelos outros. (Herbert Spencer)



Governar a si próprio, ter capacidade para se determinar, para fazer da própria vida uma obra de arte única e diferente na história: eis um dos objetivos mais nobres da prática educativa.

A autodeterminação é um objetivo complexo. Consiste em viver de acordo com o eu consciente. Isso pressupõe, necessariamente, a prática da reflexão, a visão do futuro, a visualização dos passos que devem ser dados para atingir a finalidade e, assim, executar os movimentos que correspondam a ela. Para alcançar esse objetivo, é decisiva a intervenção do mestre.

O governo de si mesmo exige responsabilidade e compromisso, capacidade para assumir decisões e riscos. Essa capacidade pode ser educada se forem dados ao aluno as justificativas e as oportunidades para ela ser trabalhada. Responsáveis ao longo de todo o processo educativo. Supõe um exercício de tolerância da parte do mestre, pois pode ser que o aluno escolha um itinerário que não corresponda às expectativas e aos planos do mestre, mas o mestre deve ver claramente, em sua mente, que o aluno não é uma propriedade, nem um objeto de sua posse, mas um sujeito de direitos, um ser com responsabilidades, chamado a desenvolver sua vida segundo sua autodeterminação.

Assumir isso é mais difícil ainda para os pais, pois com frequência o sentido de propriedade é muito comum neles e o filho é visto como posse mais do que como um ser livre e autônomo. É bom lembrar, como diz o filósofo lituano Emmanuel Levinas, que o filho nunca é propriedade; é uma alteridade, outro ser humano que tem direito a ser outro e não o simples prolongamento dos desejos de seus pais.

Muitas vezes, espera-se que o filho atue de conformidade com os valores e as convicções de seus pais, e quando isso não ocorre, surge o sentido de frustração e se culpa o filho por ser como é, por optar por uma vida diferente da que os pais haviam imaginado para ele.

Uma das principais tarefas do filho é aceitar seus pais como são, respeitá-los e amá-los sem querer mudá-los ou

transformá-los em algo que não são. Os pais sempre têm expectativas para os filhos; os filhos também querem, em muitos casos, modificar seus pais. É difícil a aceitação mútua, mas é o único caminho possível.

2.4. Desenvolver-se harmonicamente

*Um dos principais objetivos da educação deve ser a ampliação das janelas através das quais vemos o mundo.
(Arnold H. Glasow)*

Para abrir as janelas e ampliar os horizontes é fundamental combater e vencer o dragão da dispersão, o pior mal que rodeia as salas de aula nos dias de hoje.

Como mestres, estamos diante da geração de alunos mais dispersa da história, com mais dificuldade para a concentração, para a receptividade e para a atenção plena. Não estou exagerando em nada.

Eles sofrem uma dispersão mental como consequência de sua tecnodpendência e ela os torna pouco dispostos a se aprofundar em algum assunto, a contemplar um objeto, a fruir de uma obra de arte, a transcender o banal e deixar-se atrair pelo essencial.

A dispersão, como se lê em um aforismo dos Padres do deserto, está na origem de todos os males. Isso era verdadeiro desde aqueles tempos e continua a sê-lo também agora. O que ocorre é que no presente as possibilidades de sucumbir à dispersão da mente e do coração são muito mais evidentes que naquela época porque todo o ambiente leva a desconcentrar-se.

Concentrar-se é um desafio, quase um heroísmo. Consiste em selecionar uma obra, uma tela, uma escultura, um texto, uma montanha, e separar mentalmente a escolha feita de tudo o mais. Exige que a pessoa se ponha a sua frente e lá permaneça por um tempo longo. Implica não romper o silêncio, esquecer-se do resto do mundo e ausentar-se do ruído circundante e dos ruídos da alma.

Concentrar-se significa permanecer quieto, aparentemente passivo, porque não se desempenha nenhuma atividade física, mas deve-se estar mentalmente ativo. Significa permanecer estático como se nunca tivesse sido inventado o celular ou se ainda não fosse conhecida a internet.

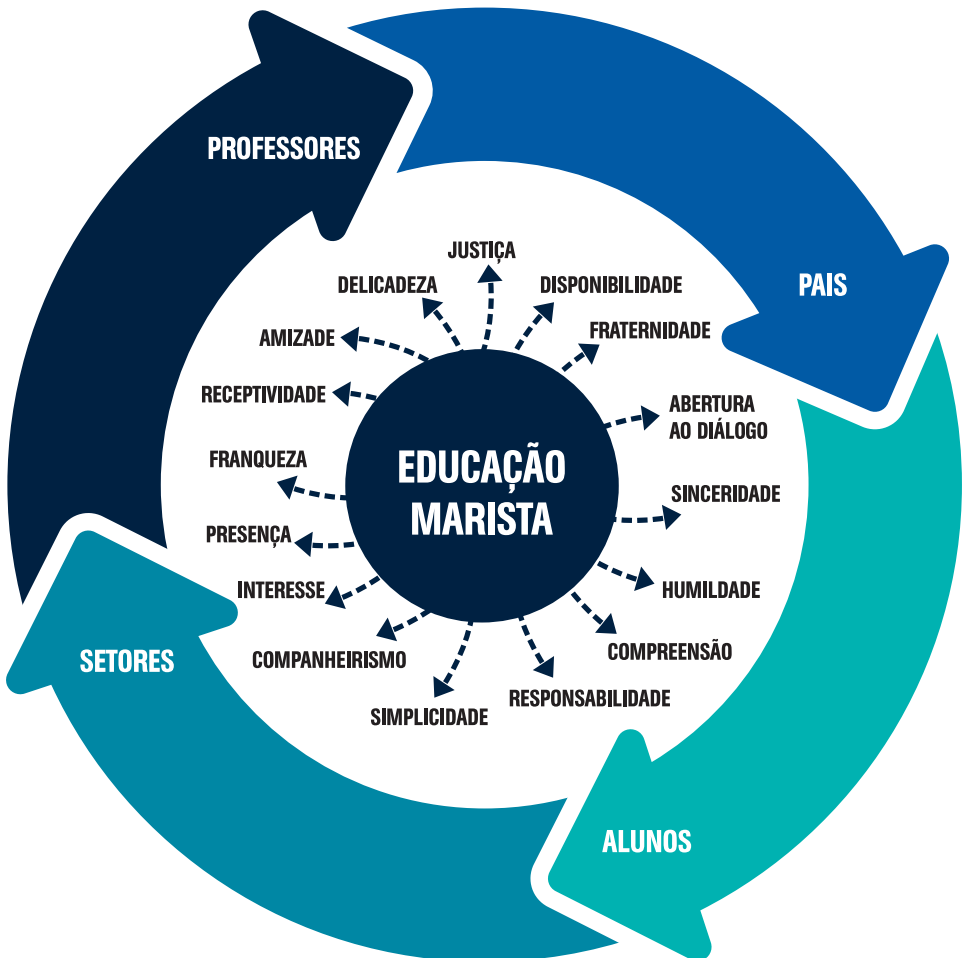
Quando alguém se esforça nesse sentido pode ser que se sinta num ponto crítico. A ansiedade de pensar demoradamente sem fazer nada mais do que contemplar um quadro, uma escultura, um capitel ou a fachada de uma catedral pode até provocar a imperiosa necessidade de fugir, de sair pela tangente, mas é fundamental vencer essa primeira tentação.

Educar a concentração é fundamental, mas só consegue fazê-lo o mestre que desfrutou de seus benefícios e que, por isso mesmo, deseja compartilhá-los com seus alunos, deseja que eles também possam superar essa intolerância inicial à concentração e viver uma experiência igual.

Uma professora de História da arte e da arquitetura da Universidade de Harvard pratica essa atitude frequentemente, tanto sozinha como com seus alunos. Trata-se de Jennifer Roberts. Ela, como muitos professores de arte, não só nos Estados Unidos, mas também em nosso país, pensa que as gerações mais jovens e, em geral, todas as pessoas que se utilizam continuamente dessa prática são vencedoras.

2.5. Crer em si mesmo, crer nos outros

Educar um jovem não é fazê-lo aprender algo que não sabia, é fazer dele alguém que não existia. (John Ruskin)



A criança aprende a confiar na vida literalmente mamando no peito de sua mãe. Para que a criança tenha um desenvolvimento harmonioso, a aquisição da confiança radical é de uma importância decisiva. Segundo Erik Erikson, o estágio da evolução da criança pequena coincide realmente com o estágio de sua confiança radical.

A mãe constitui a verdadeira base de confiança para todo o reconhecimento do mundo por parte da criança. Quando ela está em condições de explorar o mundo engatinhando e de manter contato com outras pessoas busca sem descanso o contato ocular com a mãe e começa a chorar quando o perde.

Em seu segundo ano, mesmo sendo já capaz de movimentar-se para além do campo de visão da mãe, volta várias vezes para junto dela e, quando não o faz, manifesta ansiedade pela separação. Abrindo-se assim a sua mãe inicialmente, ela se abre para as pessoas, para as coisas, para o mundo.

Quanto mais inseguro for para a criança o vínculo com sua mãe, tanto mais bloqueada ficará a construção de relações com outras pessoas, pois estará ocupada totalmente em construir um vínculo confiável com ela.

E, ao contrário, a partir da confiança na mãe, irá se constituindo através de um complexo processo de confiança radical da criança, inicialmente ingênua e livre de dúvidas, a procura de uma posição na vida, mas que, em seguida, se sentirá ameaçada e colocada à prova.

A fé é o motor da prática educativa. Contrapõe-se à evidência, ao que é claro e diferente para todos, de um modo unânime. Quando o mestre se prepara a fundo para ensinar e entra em sala a fim de comunicar o que sabe, não tem nenhuma garantia de sucesso, mas a fé em suas competências e nas dos alunos é o que o mantém com vida, é seu motor. Se ceder ao fatalismo educacional, se chegar a pensar que qualquer esforço será inútil, que não há modo de transmitir nada, nem entraria na sala, nem se prepararia para dar sua aula.

A fé é um ato de confiança, não é o resultado de um raciocínio lógico, nem a consequência de uma dedução matemática.

É um movimento do coração que consiste em crer que o aluno pode chegar a ser o que está chamado a se tornar; afinal, que pode melhorar e ser diferente do que era.

Não me refiro à fé no sentido religioso, à aceitação de um determinado tipo de dogmas; tampouco à adesão a uma verdade revelada. A fé do mestre é uma fé que se move em outro plano, mas também é **fé** porque requer confiança, especialmente quando ninguém confia no aluno e em seu futuro. Em alguns contextos sociais e economicamente difíceis, a tarefa do mestre exige uma fé superlativa. Admiro esses mestres.

Os Caminhos do Espírito

03

A viagem mais longa é a que fazemos para o interior de nós mesmos. (Dag Hammarskjöld)

Partindo de dentro para fora “o catequista caminha de e com Cristo; não é uma pessoa que parte de suas próprias ideias e de seus próprios gostos; deixa-se ser observado por ele, com aquele olhar que faz arder o coração. Quanto mais colocarmos Jesus no centro de nossa vida, mais sairemos de nós mesmos, nos descentralizaremos e ficaremos mais próximos dos outros.

O dinamismo do amor é como o movimento do coração, sístole e diástole; concentra-se para encontrar-se com o Senhor e imediatamente se abre, saindo de si por amor, para dar testemunho de Jesus e falar de Jesus, pregar Jesus.

O exemplo nos é dado pelo próprio Jesus; retirava-se para rezar ao Pai e imediatamente saía ao encontro dos famintos e sedentos de Deus, para curá-los e salvá-los. Daí vem a importância da catequese mistagógica que é o encontro constante com a Palavra e com os sacramentos e não algo meramente ocasional antes da celebração dos sacramentos de iniciação cristã.

A vida cristã é um processo de crescimento e de integração de todas as dimensões da pessoa numa caminhada comunitária de escuta e de resposta²³.

3.1. Os caminhos que Jesus seguiu

O banquete do rei²⁴

Para apresentar os caminhos que Jesus seguiu segue um primeiro relato de Dolores Aleixandre, sobre a participação no banquete do rei.

Faz já muitos anos que não sei o que é dormir sob um teto. Uma onda de péssimas colheitas arruinou minha família, e eu me vi sozinho em Jerusalém, sendo ainda jovem, atraído pelo luxo da cidade à espera de um trabalho para sobreviver. As coisas não foram boas para mim também aqui, e agora vivo pedindo esmola e fazendo, de vez em quando, algum trabalho pesado e mal pago.

Apesar disso, não perdi a fé em Deus, e até costumava ir à sinagoga aos sábados, assistindo o culto num cantinho, até que certo dia ouvi estas palavras de um salmo; *“O Senhor tira do lixo o pobre e levanta do pó o humilde para sentá-lo com os príncipes de seu povo...”* [Sl 113, 7-8].

Nesse dia sorri com um ceticismo amargo, porque não é esse Deus que eu conheço. Deixa-me continuar atolado no esterco da pobreza, e creio que é assim porque vou morrer; por isso não voltei a pisar na sinagoga nem no templo, nem creio que ninguém será capaz de me fazer voltar lá. Uma tarde, ouvi um tumulto na Porta Formosa: havia chegado em Jerusalém um rabino da Galileia que estava dando muito o que fa-

²³ Francisco, catequese das quartas-feiras, 12.07.2017.

²⁴ Dolores Aleixandre, *in* AFA.

lar. Cheio de curiosidade, misturei-me com a multidão para ver como era e o que ele dizia. Sentei-me entre os que escutavam a história que ele estava contando: *“O Reino dos céus é semelhante a um rei que quis celebrar um banquete de bodas para seu filho, e enviou seus servos para chamar os convidados...”*

(Como sempre, pensei. Outro que vai nos repetir a mesma cantilena de que Deus premia já nesta vida os bons presenteando-os com agasalhos e riquezas e deixa na sarjeta os pobres diabos como eu, cheios de pecados e misérias).

Mas a história que ele estava contando começou a me interessar quando ouvi gente importante que tinha sido convidada — fariseus, escribas, sacerdotes e pessoas ricas sem dúvida —, se negavam a participar do banquete e inventavam pretextos para não ir. E o anfitrião se viu com a refeição pronta e a sala de jantar vazia.

Perguntei-me: O que o rei vai fazer agora? Seguramente vai adiar o convite enquanto convence os convidados para estarem presentes. Suspirei com inveja e novamente me revoltei: Por que para alguns havia sobra e outros passávamos fome? Por que mais festas e banquetes para os que já estavam saciados...?

Voltei a prestar atenção na história, e fiquei surpreso com o final: o rei decidiu substituir os convidados ausentes pelos desconhecidos da rua, e mandou que seus servos fossem às praças e às ruas da cidade para levarem ao banquete os pobres, aleijados, cegos e coxos. Os servos foram às encruzilhadas dos caminhos e das veredas, reuniram todos os que encontraram e o salão ficou cheio de convidados. Começou a melhor festa com que o senhor pudera sonhar.

Num setor da multidão houve um rumor de protesto, e muitos se levantaram da multidão e saíram indignados: eram fariseus que sempre diziam com convicção serem eles os primeiros convidados ao banquete do

Reino, e que os outros não teríamos direito nem às migalhas que caíssem da mesa. Ficaram indignados pelo fato de os convidados definitivos serem pessoas das encruzilhadas dos caminhos, e não lhes faltava motivo porque é conhecido de todos o tipo de gente que nós somos e frequentamos esses lugares...

Ouvi alguém dizer: “Devíamos denunciar e prender esse homem: sua doutrina é perigosa e contradiz claramente tudo o que sabemos pela Lei...” Ficamos com ele só um grupinho, entre os quais reconheci os que pediam esmola junto comigo, a algum ladrãozinho do mercado, e aos que toda noite se encostavam na muralha como eu, buscando proteção do frio úmido da noite.

Talvez sentissem também que a parábola era sobre eles e ficaram tão surpresos como eu vendo-se como destinatários, ao menos imaginários, do banquete de um rei. Jesus continuou falando, agora mais relaxado porque estava rodeado só de homens e mulheres sem importância, gente das estradas, sem posse nenhuma além de uma velha túnica e um par de sandálias que usávamos, e talvez com apenas uma fatia de pão na sacola.

Enquanto o ouvia, alguma coisa ia mudando dentro de mim, como se aquelas palavras me fossem endereçadas e tivessem o poder de me devolver minha dignidade. Tudo o que eu cria que era valioso e que dava categoria e importância a um homem: o dinheiro, a fama, o poder, a ciência..., surgia logo oco e sem brilho, e Jesus nos fazia ver com a mesma facilidade com que até o mais ignorante sabe descobrir se uma abóbora está vazia ou uma árvore, sem seiva.

“Deus não dá importância a nada disso”, dizia. “É o coração que conta para ele, e a verdadeira fortuna consiste em que seus nomes estão escritos no Reino dos céus. Porque o Pai se revela aos que são humildes, os põe à mesa e lhes conta seus segredos...” E eu ia me sentindo

livre, humano, digno como o homem abatido do salmo, tirado do lixo e convidado a sentar-se entre príncipes.

Anoitecera e os homens e mulheres que acompanhavam Jesus trouxeram pães e azeitonas, e repartiram entre todos. Nós também tiramos as provisões que levávamos em nossas sacolas e dividimos tudo. Foi um estranho banquete com uns convidados estranhos. Mas aquele anoitecer ao relento, enquanto surgiam as primeiras estrelas, os que rodeávamos a Jesus sabíamos que éramos hóspedes de um rei.

Um rei sentado entre nós, que usava sandálias tão empoeiradas como as nossas, dormia também ao relento e, quando falava, tinha o sotaque inconfundível dos camponeses da Galileia.

Parábola do banquete das bodas²⁵

Jesus lhes falou novamente por parábolas, dizendo: "O Reino dos céus é como um rei que preparou um banquete de casamento para seu filho.

Enviou seus servos aos que tinham sido convidados para o banquete, dizendo-lhes que viessem; mas eles não quiseram vir.

De novo enviou outros servos e disse: Digam aos que foram convidados que preparei meu banquete: meus bois e meus novilhos gordos foram abatidos, e tudo está preparado. Venham para o banquete de casamento!

Mas eles não lhes deram atenção e saíram, um para o seu campo, outro para os seus negócios. Os restantes, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram.

O rei ficou irado e, enviando o seu exército, destruiu aqueles assassinos e queimou a cidade deles.

Então disse a seus servos: O banquete de casamento está pronto, mas os meus convidados não eram dignos. Vão às

²⁵ Banquete das bodas: Vicente Martínez, Mt. 22, 1-14; Lc. 14, 15-24.

esquinas e convidem para o banquete todos os que vocês encontrarem. E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial ficou cheia de convidados. E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste nupcial. E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu. Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o e lançai-o nas trevas exteriores; ali, haverá pranto e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos. Portanto, vão a todas as encruzilhadas e a quantos vocês encontrarem convidem-nos para as bodas.

No Novo Testamento, a oferta de salvação é estendida ao mundo todo: “Ide por todo o mundo proclamando a Boa Nova a toda a humanidade” (Mc 16, 15). Proclamação que deve ser feita principalmente com nosso modo de vida. Uma manifestação festiva e atraente de nossas crenças e uma mensagem do Criador para que vivamos alegres, como dizem José Enrique Galarreta e Pedro Olalde.

Mas para entrar nesse banquete de bodas, que é o reino, Shökel nos diz, ao comentar essa parábola, que **“é preciso um estilo de vida que ponha em prática os ensinamentos de Jesus”**. No filme sueco (2004) *Terra dos Anjos* do diretor Kay Pollak, Daniel diz ao Coro: **“Tudo está do lado de dentro. Encontrem sua voz autêntica, que vibra no interior de vocês. Acertem o tom”**. O protagonista é um músico de prestígio internacional que está encarregado de dirigir o Coral da igreja local, aquele que provoca mudanças emocionais em si mesmo, em todos os membros do coral, nos habitantes do lugar e até no ministro da paróquia.

Em conformidade com o texto do evangelista Marcos, quando diz “Ide por todo o mundo proclamando a Boa Nova a toda a humanidade” (Mc 16, 15), constata-se que, no Novo Testamento, a salvação é oferecida ao mundo inteiro.

O Bhagavad Guita — o texto mais amado na Índia — é um tratado profundo sobre a união com Deus e, ao mesmo tempo, uma receita imperecível cujo objetivo é alcançar o sucesso equilibrado e a felicidade no dia a dia.

Esse aspecto agradável de qualquer acontecimento nupcial recebeu uma expressão divina na canção *La Paloma*:

“Si a tu ventana llega
una Paloma,
trátala con cariño
que es mi persona.
Cuéntale tus amores,
bien de mi vida,
corónala de flores
que es cosa mía”²⁶.

Se em sua janela pousar uma pomba, trate-a com carinho, porque é minha pessoa. Conte-lhe seus amores, bem de minha vida, coroe-a com flores porque é coisa minha.

Deus criou Israel mediante um processo de escolha e de chamado, na linha do Amor: “*Vou me casar com você para sempre*”, disse Deus a Israel em Oseias, capítulo 2. E eu me atrevo a transferir suas palavras a Jesus e farei minha a canção de Sergio Dennis: “*Nada fará mudar meu amor por você*”. E com ele direi a Jesus que:

*“Tal vez nuestro camino no sea fácil
pero estaremos juntos, tu luz me guiará.
Y donde yo esté serás mi estrella, mi calor,
mi buen amor; sé que tu luz me guiará”*²⁷.

(Pode ser que nosso caminho não seja fácil, mas estamos juntos; sua luz me guiará. E lá onde eu estiver, você será minha estrela, meu calor, meu bem-amado; sei que sua luz me guiará.)

²⁶ Autoria do compositor espanhol Sebastián de Iradier (1809-1865).

²⁷ Rabindranath Tagore escreveu esse verso num dos poemas de *El Jardinero*: “**Este amor nuestro es sencillo como una canción**”.

No início, esse pareceria ser um caminho espiritual desencarnado. Uma proposta exclusiva para místicos ou simplesmente uma proposta de cunho religioso apenas.

Pode estar vinculada ao evangelho pelo significado do Reino e pela sombra projetada a seu favor em toda a Palavra de vida, mas não há dúvida de que tem consequências humanas e sociais em toda a sua extensão.

Em seguida apresentamos vários textos evangélicos para poder utilizá-los no mesmo sistema.

Arreponder-se ou corrigir-se?

É muito difícil entrar na dinâmica de conversão sem cair no sentimento de culpa.

O ponto de partida é uma tomada de consciência: Sou um diamante, porém cheio de aderências impuras. O valor absoluto já está todo presente, ainda que camuflado. Minha tarefa é limpar, talhar, polir sem nada acrescentar. Já está tudo aí, porque Deus está²⁸.

Se fizermos como Jesus de Nazaré, homem poderoso em obras e em palavras, seguiremos seus passos para ensinar-nos uma verdade oculta, misteriosa para nós, rudes pescadores da Galileia.

Mateus 4, 17-23

A partir desse momento, Jesus começou a pregar, dizendo: “Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu.”

Jesus chama a quatro pescadores (Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11)

Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: “Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens.” E eles deixaram as redes imediatamente e seguiram-no.

²⁸ Marcos, *Fé adulta*, comentários a Mt 4, 12-23.

Um pouco mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, os quais, com seu pai, Zebedeu, consertavam as redes, dentro do barco. Chamou-os, e eles, deixando no mesmo instante o barco e o pai, seguiram-no.

Jesus ensina à multidão (Lc 6, 17-19)

Depois, começou a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando entre o povo todas as doenças e enfermidades.

Ficar atento ao chamado (Marcos 1, 15-20)

Dizia: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.

Jesus chama a quatro pescadores (Mt 4, 18-22; Lc 5, 1-11).

Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus: “Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens. Deixando logo as redes, seguiram-no.

Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco a consertar as redes, e logo os chamou. E eles deixaram no barco seu pai Zebedeu com os assalariados e partiram com Ele.

Os primeiros discípulos: declarar quem ele é. (Jo 1, 35-51)

No dia seguinte, João encontrava-se de novo ali com dois dos seus discípulos. Então, pondo o olhar em Jesus, que passava, disse:

“Eis o Cordeiro de Deus!”

Ouvindo-o falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus. Jesus voltou-se e, notando que eles o

seguiam, perguntou-lhes:

“Que pretendeis?”

Eles disseram-lhe:

“Rabi - que quer dizer Mestre - onde moras?”

Ele respondeu-lhes:

“Vinde e vereis.”

Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele nesse dia. Eram as quatro da tarde.

André, o irmão de Simão Pedro, era um dos dois que ouviram João e seguiram Jesus. Encontrou primeiro o seu irmão Simão, e disse-lhe:

“Encontramos o Messias!” - que quer dizer Cristo.

E levou-o até Jesus. Fixando nele o olhar, Jesus disse-lhe:

“Tu és Simão, o filho de João. Hás de chamar-te Cefas” - que significa Pedra.

Jesus chama a Felipe e a Natanael

No dia seguinte, Jesus resolveu sair para a Galileia. Encontrou Filipe, e disse-lhe:

“Segue-me!”

Filipe era de Betsaida, a cidade de André e de Pedro. Filipe encontrou Natanael e disse-lhe:

“Encontrámos aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José de Nazaré.”

Então disse-lhe Natanael:

“De Nazaré pode vir alguma coisa boa?” Filipe respondeu-lhe: “Vem e verás!” Jesus viu Natanael, que vinha ao seu encontro, e disse dele: “Aí vem um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento.”

Disse-lhe Natanael:

“Donde me conheces?”

Respondeu-lhe Jesus:

“Antes de Filipe te chamar, Eu vi-te quando estavas debaixo da figueira!”

Respondeu Natanael:

“Rabi, Tu és o Filho de Deus! Tu és o Rei de Israel!”

Retorquiu-lhe Jesus: “Tu crês por Eu te ter dito: ‘Vi-te debaixo da figueira’? Hás de ver coisas maiores do que estas.”

E acrescentou:

“Em verdade, em verdade vos digo: vereis o Céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo por meio do Filho do Homem.”

Jesus anuncia sua morte e ressurreição (Mc 8,31-9,1; Lc 9,22-27)

E Jesus lhes disse:

“O Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, tem de ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitará.”

Depois, dirigindo-se a todos, disse:

“Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me. Pois, quem quiser salvar a sua vida há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa há de salvá-la. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, perdendo-se ou condenando-se a si mesmo?”

Porque, se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na glória do Pai e dos santos anjos. E Eu vos asseguro: Alguns dos que estão aqui presentes não experimentarão a morte, enquanto não virem o Reino de Deus.”

O poder de Jesus é interior (Lucas 6, 17-19)

Jesus ensina a multidão (Mt 4,24-25)

Descendo com eles, deteve-se num sítio plano, juntamente com numerosos discípulos e uma grande multidão de toda a Judeia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sídon, que acorrera para o ouvir e ser curada dos seus males. Os que eram atormentados por espíritos malignos ficavam curados; e toda a multidão procurava tocá-lo, pois emanava dele uma força que a todos curava.

Jesus e a multidão junto do lago (Marcos 3,7-8)

Jesus retirou-se para o mar com os discípulos. Seguiu-o uma imensa multidão vinda da Galileia. E da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, de além-Jordão e das cercanias de Tiro e de Sídon, uma grande multidão veio ter com Ele, ao ouvir dizer o que Ele fazia.

A messe é grande e os operários são poucos (Mt 9, 35; 11, 1)

Jesus percorria as cidades e as aldeias, ensinando nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e doenças.

Quando Jesus acabou de dar estas instruções aos doze discípulos, partiu dali, a fim de ir ensinar e pregar nas suas cidades.

Uma análise metodológica

- 1.** Do ponto de vista teológico, é muito importante para Mateus deixar claro que Jesus começa sua atividade longe da Judeia, do templo, das autoridades religiosas. Quer desligar a atividade de Jesus de qualquer possível conexão com a instituição. Quer deixar claro que a pregação de Jesus é

a continuação da de João Batista. Fica também expressa outra obsessão de Mateus. Estamos no começo do evangelho e ele já repetiu seis vezes: “Isso ocorreu para que se cumprissem as Escrituras”.

Mateus é o mais judeu dos evangelistas; ele escreve para comunidades de cristãos provenientes do judaísmo. Os aspectos ligados ao judaísmo, a lei, a escritura, são tratados frequentemente por ele. A cultura que perpassa pelo culto judaico estará presente.

Mateus tem pressa para que as palavras de Jesus se cumpram e se serve de expressões como “ocorreu em seguida; imediatamente depois...”

2. Não fica muito claro para nós que Jesus nunca se colocou no centro de sua pregação, mas insistiu que esse centro foi sempre o “**Reino de Deus**”. É verdade que ele se identificou totalmente com esse Reino, mas é muito conveniente constatar a diferença. A pregação de Jesus é fruto de uma profunda experiência humana. A importância de Jesus reside em que ela foi a mais fiel manifestação do Reino que é Deus.

Mateus fala do “Reino dos Céus”, os outros evangelistas e, por vezes Mateus também, falam do “Reino de Deus”; com as duas fórmulas quer-se expressar a mesma realidade. Para os judeus era uma violência usar a palavra Deus; por isso empregavam circunlóquios para evitá-la. Um deles era essa expressão “os Céus”. Seria o domínio do divino, da divindade. Nos escritos mais tardios do Novo Testamento fala-se já do Reino de Cristo. Expressão muito perigosa porque nos leva a pensar que Jesus é a meta.

Hoje podemos afirmar que o núcleo da pregação de Jesus foi “*o Reino de Deus*”. É curioso que Mateus põe na boca de Jesus, no início de sua pregação, exatamente a mesma frase colocada na boca de João Batista: “Arrependam-se, o Reino de Deus está próximo”.

3. O caminho a ser percorrido para atingir o interior

Isto não quer dizer que a pregação de João e de Jesus seja a mesma. João entende a frase no contexto do Antigo Testamento. Jesus lhe dá um novo significado. João coloca ênfase no arrependimento. Jesus realça a presença libertadora de Deus. O contrário do Reino de Deus não o reino de Herodes, mas o “ego-ismo”.

Convertam-se porque o Reino dos Céus está próximo. A primeira palavra já é uma dificuldade. O primeiro significado de “metanoia” é mudança de opinião, modificação do próprio pensamento e também “correção”, mudança de mentalidade, mudança de rumo. Ao traduzi-lo por ‘arrepender-se’, aceitamos que a atitude anterior era pecaminosa. Mas também pode-se mudar de uma opinião que já é boa para outra melhor. Sem levar isso em conta, estabelecemos que só o “pecador” se converte.

4. Converter-se é corrigir a direção que estou seguindo ao dar-me conta de que a meta não está na direção que sigo, mas em outra. O esforço deve ser orientado na descoberta do que me torna mais humano, porque essa é a meta. Devemos levar em conta que muitas vezes não é possível descobrir que uma trilha está equivocada; basta que não a tenhamos percorrido. Para tanto, corrigir é uma atitude cheia de sabedoria, como diziam os antigos.

É muito difícil concretizar o que Jesus entendia por Reino de Deus. Os evangelhos nunca explicam seu significado. Certamente esse significado irá se revelando ao longo de toda a sua vida. É muito provável que tenha partido do significado que tinha para os judeus de seu tempo e que foi enriquecido com sua experiência. É ainda muito provável que se pensasse numa chegada imediata desse Reino²⁹.

É impossível entender essa expressão se não abandonarmos a ideia de um deus soberano, onipotente que de seu trono no céu governa o universo todo. Enquanto não superarmos esse deus arcaico, não haverá como compreender a mensagem de

Jesus. Deus é Espírito. Ao dizermos “reina a paz, reinam as trevas, reina o amor” não pensamos em serem que estão dominando alguma parte da realidade **mas num ambiente, num meio imaterial em que se desenvolve a realidade.**

5. Movimento de dentro para fora

Reinado de Deus quer dizer que o ser humano deve desenvolver-se no que possui de espiritual, que o domínio do divino está presente no humano e constitui sua atmosfera e seu fundamento próprio. O Reino é uma atmosfera em que os relacionamentos autenticamente humanos comigo mesmo, com os outros, com as coisas são possíveis. João disse: “Ele batizará no Espírito Santo”. **Sempre que o homem se deixar conduzir pelo Espírito e atuar a partir dele,**

6. Tornará presente o Reino, o divino.

Não se trata de que Deus num dado momento da história tenha decidido estabelecer uma relação nova com os homens. Com a vinda de Jesus nada mudou da parte de Deus. Ele sempre permanece presente e atuante. O que mudou é a tomada de consciência dessa realidade e a atitude dos homens perante ela. ***Entrar no Reino de Deus é tomar consciência dessa realidade de Deus em mim e imediatamente atuar em consequência. A dinâmica do Reino se realiza de dentro para fora.***

No evangelho de hoje está muito clara essa dinâmica. Primeiro propõe o que Jesus dizia, mas termina o relato dizendo que ele praticava o que dizia. “E percorria toda a Galileia ensinando nas sinagogas e proclamando o Evangelho do Reino, curando todas as enfermidades e doenças do povo”.

Um cristianismo que não me leve a dedicar-me aos outros não tem nada a ver com Jesus. O Reino se manifesta no que “cura”, não no que é curado. É Jesus que entra em cena com Deus, não o coxo ou o cego quando deixam de sê-lo.

²⁹ A palavra grega “basileya” refere-se em primeiro lugar ao poder exercido pelo soberano, não ao território nem aos súditos. Seria mais correto traduzi-lo por “Reinado de Deus”.

7. Para descobrir o Reino

O Reinado de Deus significa a fidelidade radical e entrega de Deus ao homem. Por isso a primeira realidade desse Reino parte de Deus que se integra e se funde com cada ser humano. Não é uma realidade que faz referência em primeiro lugar ao homem, mas a Deus. **Cabe ao homem descobri-la e vivê-la.** Deus não faz um favor ao homem, mas responde a seu ser, que é amor. Isso é o evangelho, isto é, uma notícia boa.

O homem, para ser fiel a Deus, não tem de renunciar a si mesmo; ao contrário, o único modo de ser ele mesmo é descobrir que Deus está nele. Por isso, não pode haver outra perspectiva para o ser humano. Enquanto colocar seu fim longe de Deus (longe de si mesmo), o homem falha radicalmente com seu verdadeiro ser. Já não há possibilidade de ser fiel nem a Deus nem a si mesmo, de um modo extrínseco, cumprindo umas ordens que vêm de fora. Somente se eu for fiel a mim mesmo, poderei ser fiel a Deus³⁰

A partir de então Jesus começou a proclamar: “Convertam-se porque o Reino de Deus está próximo!” ou Jesus faz um chamado a quatro pescadores (Mc 1, 16-20; Lc 5, 1-11)

Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus: “Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.” Deixando logo as redes, seguiram-no. Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes, e logo os chamou. E eles deixaram no barco seu pai Zebedeu com os assalariados e partiram com Ele. Jesus ensina a muita gente (Lc 6, 17-19)

E Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas suas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curan-

³⁰ Marcos, *Fé adulta*, comentário do texto de Mt 4,17-23.

do todos as doenças e enfermidades entre o povo. O evangelista constata a resposta das pessoas que o ouvem, a conversão requerida no momento propício. É o mesmo que a demonstração de sua tese da vinda do Reino. A força é tão grande que rompe os laços sociais e os outros para seguir os passos e as palavras de Jesus.

De uma canção de amor a uma canção de morte (Mt 21, 33-45³¹)

O evangelista constata a resposta das pessoas que o ouvem, a conversão requerida no momento propício. É o mesmo que a demonstração de sua tese da vinda do Reino. A força é tão grande que rompe os laços sociais e os outros para seguir os passos e as palavras de Jesus.

Parábola dos lavradores maldosos (Mc 12, 1-12; Lc 20, 9-19)

Escutai outra parábola: Um chefe de família plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou nela um lagar, construiu uma torre, arrendou-a a uns vinhateiros e ausentou-se para longe. Quando chegou a época das vindimas, enviou os seus servos aos vinhateiros, para receberem os frutos que lhe pertenciam. Os vinhateiros, porém, apoderaram-se dos servos, bateram num, mataram outro e apedrejaram o terceiro. Tornou a mandar outros servos, mais numerosos do que os primeiros, e trataram-nos da mesma forma. Finalmente, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: 'Hão de respeitar o meu filho.' Mas os vinhateiros, vendo o filho, disseram entre si: 'Este é o herdeiro. Matemo-lo e ficaremos com a sua herança.' E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e mataram-no. Ora bem, quando vier o dono da vinha, que fará àqueles vinhateiros?» Eles responderam-lhe: "Dará morte

³¹ José Luis Sicre, EFA.

afrontosa aos malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos na altura devida.” Jesus disse-lhes: “Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram transformou-se em pedra angular? Isto é obra do Senhor e é admirável aos nossos olhos?” Por isso vos digo: “O Reino de Deus ser-vos-á tirado e será confiado a um povo que produzirá os seus frutos. Quem cair sobre esta pedra, ficará despedaçado; aquele sobre quem ela cair, ficará esmagado. Os sumos sacerdotes e os fariseus, ao ouvirem as suas parábolas, compreenderam que eram eles os visados..

Estamos diante de adultos na Fé

Ato I: Na esplanada do templo de Jerusalém, cerca de 735 a. C.

Os murmúrios vão parando lentamente. Quando se faz silêncio, Isaías se dirige às pessoas reunidas: “Vou cantar uma canção de amor. Do amor de meu amigo a sua vinha”. O público sorri incrédulo. Não consegue imaginar um profeta cantando uma canção de amor. O mais frequente nele são denúncias e poemas líricos.

A canção fala do trabalho entusiasta que seu amigo dedica a uma frondosa vinha: cava o terreno, o remove, planta mudas saudáveis, constrói uma torre de vigia e, na espera de uma ótima colheita, prepara um lagar. No final, a vinha, em vez de dar uvas formosas e doces, produz uvas azedas.

Isaías põe a cítara de lado e olha fixamente para o público. “Agora, cabe a vocês serem juízes entre meu amigo e sua vinha. “Podia ele fazer por sua vinha mais do que fez?”

O povo guardou silêncio e Isaías continuou: “Vou dizer-lhes o que meu amigo vai fazer: derrubará sua cerca para que a vinha sirva de pasto para ovelhas e cabras, para que a pisoteiem mulas e touros; irá arrasá-la para que nela cresçam espinheiros e abrolhos e proibirá às nuvens que chovam sobre ela”.

O profeta se cala e depois novamente pergunta: “Quem é meu amigo e qual é a sua vinha? Mas não dá oportunidade a ninguém para responder: “A vinha do Senhor são vocês, os homens de Israel e de Judá. Deus fez muito por vocês e esperou que em troca vocês praticassem o direito e a justiça, que se comportassem bem com o próximo. Mas vocês só realizaram assassinatos e provocaram lamentações”.

Ato II: Esplanada do templo de Jerusalém, cerca do ano 29 de nossa era.

Jesus acaba de contar aos sacerdotes e aos anciãos a parábola dos dois irmãos, advertindo-os que as prostitutas e os publicanos levam vantagem sobre eles no caminho do Reino de Deus. Imediatamente, sem lhes dar tempo para reagir nem responder, lhes disse:

Ouçam outra parábola: Havia um proprietário que plantou uma vinha, fez uma cerca ao redor e preparou um lagar...

Essa, nós já sabemos, alguém comentou em voz alta. Essa não é sua. É de Isaías.

Jesus não se cala. E, de repente, a parábola toma um rumo imprevisível. A diferença da vinha de Isaías, esta dá frutos, sim. O problema não está na vinha, mas nos vinhateiros que se negam a entregar os frutos a seu legítimo proprietário.

O drama se desenrola em três etapas. Nas duas primeiras, o dono envia uns criados e os vinhateiros os espancam, matam ou apedrejam. Na terceira, envia seu próprio filho. Quando o matam, Jesus, como Isaías, enfrenta a turba, pedindo-lhes sua opinião: “Que fará ele com aqueles lavradores?”

Diferentemente do que ocorre em Isaías, os ouvintes intervêm impondo uma sentença terrivelmente dura: os vinhateiros merecem a morte e a vinha será entregue a outros mais honestos.

Três grandes ensinamentos

1. A canção da vinha de Isaías insiste numa ideia que para muitos cristãos ainda parece estranha: o *amor de Deus se paga com o amor ao próximo*. Deus fez muito pelos israelitas, mas o que pede a eles não são atos de culto, mas a prática da justiça e do direito. Jesus dirá que o segundo mandamento (amar o próximo) é tão importante como o primeiro (amar a Deus). E a primeira carta de João afirma: “Se Deus nos amou tanto, nós também devemos amar... a nossos irmãos”.
2. Para Jesus, diferentemente de Isaías, o povo não é uma vinha má e improdutiva. Ao contrário, dá frutos a seu tempo. *O mal reside nas autoridades religiosas*, que consideram a vinha propriedade privada e não reconhecem a seu autêntico proprietário. Por isso, Mateus termina com um comentário incompreensivelmente suprimido pela liturgia: “Ao ouvir suas parábolas, os sumos sacerdotes e os fariseus se deram conta de que era para eles” (v. 45). Seria completamente equivocado utilizar a homilia deste domingo para atacar o público presente, que faz muito suportando-nos. Quem deve sentir-se especialmente interpelado somos nós que temos uma responsabilidade dentro da comunidade cristã.
3. Em sua versão final (veja, na sequência, “uma questão discutida”), a parábola salienta a *importância do triunfo de Jesus*. Depois de todos os profetas (os criados), ele é “o filho”, o mais valioso que Deus pode enviar. E embora as autoridades religiosas o desvalorizem e depreciem, ele acaba tornando-se a pedra angular do novo edifício da Igreja.

Uma questão discutida

Já que essa parábola se encontra apenas no evangelho de Mateus, discute-se se Jesus realmente a contou ou se o evangelista a criou. Cabe uma terceira postura: a parábola foi contada por Jesus, mas foi adaptada mais tarde por Mateus.

Nesta última hipótese, a parábola primitiva falaria apenas do envio dos criados, os profetas, a quem vinhateiros espanca-

ram, mataram ou apedrejaram. E terminaria com as palavras: “Por isso, lhes digo que o Reino de Deus lhes será tirado e será dado a um povo que produza frutos.”

Quando mataram a Jesus, os primeiros cristãos pensaram que se tratava do maior crime, e Mateus teria acrescentado as palavras referentes ao envio e à morte do filho. Na mesma linha de realçar a importância de Jesus teria acrescentado as palavras do salmo 118, 22: “a pedra que os arquitetos desprezaram é agora a pedra angular. É o Senhor quem o fez; foi um milagre evidente”.

É uma mudança forte de metáfora. Os vinhateiros se convertem em arquitetos, e o filho em uma pedra. Os construtores a desprezam por não considerá-la válida como pedra angular, a que suporta o peso de todo o arco. Entretanto, Deus a coloca num posto privilegiado. Com esse acréscimo a parábola perde em clareza, mas adverte as autoridades religiosas que seu crime não serviu para nada, e alegra os cristãos com a certeza do triunfo de Jesus.

Pedro, porta-voz de satanás, e a parábola do estojo e o joalheiro³²

Jesus anuncia sua morte (Mc 8, 31-9.1; Lc 9, 22-27)

Ele proibiu-lhes formalmente de o dizerem fosse a quem fosse; e acrescentou: “O Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, tem de ser

³² *Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará amor, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós. Jesus promete voltar - Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós! Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver. Nesse dia, compreenderéis que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós. Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei de manifestar-me a ele.*

morto e, ao terceiro dia, ressuscitar.” Tomando-o de parte, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo: “Deus te livre, Senhor! Isso nunca te há de acontecer!” Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: “Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!”

Depois, dirigindo-se a todos, disse:

“Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, dia após dia, e siga-me. Pois, quem quiser salvar a sua vida há de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa há de salvá-la. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, perdendo-se ou condenando-se a si mesmo? Porque, se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na glória do Pai e dos santos anjos. E Eu vos asseguro: Alguns dos que estão aqui presentes não experimentarão a morte, enquanto não virem o Reino de Deus.”

Primeira cena: Jesus e os discípulos (primeiro anúncio da paixão e da ressurreição)

Pedro acaba de identificar Jesus como Messias. Ele pensa num mestre glorioso, triunfante. Por isso, Jesus considera essencial esclarecer seus discípulos. Dirigem-se a Jerusalém, mas ele não será bem recebido. Ao contrário, todas as pessoas importantes, os políticos (anciãos), o alto clero (sumos sacerdotes) e os teólogos (escribas) se oporão a ele, vão fazê-lo sofrer muito e o matarão.

É difícil haver um acordo entre essas três classes sociais. Entretanto, no que se refere ao desejo de fazer Jesus sofrer e ser eliminado elas coincidem. Mas tudo isso, que parece simples conspiração humana, é interpretado por Jesus como parte do plano de Deus. Por isso, não diz aos discípulos: “Vamos a Jerusalém, e lá um bando de canalhas me perseguirá e me matará”, mas “tenho de ir” a Jerusalém para cumprir a missão

que Deus me impõe, que implicará o sofrimento e a morte, mas que terminará na ressurreição.

Para o conceito popular do Messias, como pensavam Pedro e os demais, isso era inconcebível. Entretanto, a ideia de uma personagem que salva seu povo e triunfa através do sofrimento e da morte não é desconhecida do povo de Israel. Um profeta anônimo a expressou e sua mensagem foi registrada no capítulo 53 de Isaías sobre o Servo de Deus.

Segunda cena: Pedro e Jesus (voltam as tentações)

Jesus termina falando de ressurreição, mas o que chama a atenção de Pedro é o “sofrer muito” e o “ser executado”. Segundo Mc 8, 32, Pedro se pôs a repreender Jesus, mas não foram registradas as palavras que ele disse. Mateus descreve sua reação de modo mais rude: “Pedro tomou-o à parte e começou a censurá-lo, dizendo: ‘Longe de ti, Senhor; isto não acontecerá contigo’.

Nessa hora não é Deus quem fala através de Pedro, é Pedro quem se deixa levar por seu próprio impulso. Está disposto a aceitar a Jesus como Messias vitorioso, não como Servo de Deus. E Jesus, que um momento antes o chamara de “bem-aventurado”, lhe responde mais rudemente: “Afasta-te de mim, Satanás, porque és um escândalo para mim!”

Estas palavras trazem à memória o episódio das tentações a que Satanás submeteu Jesus depois do batismo. Pedro ocupou naquela hora o posto do demônio, logo ele, o discípulo que mais admirava Jesus, o que mais confiava nele, o mais entusiasta de sua pessoa e de sua mensagem. E Jesus, que não viu perigo tão grande nas tentações de Satanás, vê na cena um grave perigo para ele.

Por isso, sua reação não é tranquila, como diante do demônio; não cita calmamente argumentos das Escrituras para afugentar o tentador, mas enche-se de cólera: “Tu pensas como os homens, não como Deus.” Nós, homens, tendemos a rechaçar o sofrimento e a morte, não os vemos espontaneamente como algo de que possa provir algum benefício. Deus, em troca, sabe que essas coisas tão negativas podem produzir grandes frutos.

Essa função de tentador que Pedro desempenha nessa cena e a reação tão enérgica de Jesus nos lembram que as maiores tentações para nossa vida cristã não procedem do demônio, mas das pessoas que estão a nosso lado e gostam de nós. Diante de uma mentalidade que mitifica e exagera o perigo do demônio em nossa vida, é interessante lembrar esse episódio evangélico e umas palavras de santa Teresa que seguem a mesma linha.

Depois de contar as dúvidas e incertezas que enfrentou em muitos momentos de sua vida, causadas às vezes por confessores que faziam ver o demônio em toda parte, ela resume sua experiência fina: "... tenho mais medo dos que têm medo demais do demônio do que dele mesmo; porque ele não pode me fazer nada, e esses outros, em especial se forem confessores, semeiam muita inquietação; e passei alguns anos de muito trabalho, que agora me espanto como consegui sofrer" (*Vida, cap. 25, 20-22*).

Terceira cena: Jesus e os discípulos (parábola da bolsa e do joalheiro)³³

Nunca se tinham visto antes. A única coisa que os uniu foi sentarem-se juntos na primeira classe. Ela colocou no bagageiro uma bolsa elegante com suas joias. Ele, uma maleta pesada com seu notebook e documentos de extrema importância. O pânico foi geral depois de algumas horas quando viram fogo num dos motores e ouviram o aviso para que se preparassem para um pouso de emergência.

Depois de fortíssimo impacto contra o solo, ela renunciou a suas joias e correu para a saída. Ele se atrasou tentando salvar seus documentos. No dia seguinte, quando os bombeiros conseguiram apagar o incêndio encontraram a maleta e o cadáver. Estranhamente, ela recuperou intacta a bolsa com as joias.

Nos tempos de Jesus não havia aviões, e ele não pode contar esta parábola. Mas teria servido para explicar o ensina-

³³ José Luis Sicre, sobre Mt 16, 21-28, AFA.

mento final deste evangelho. Para compreender esta terceira parte convém começar pelo final, o momento em que o Filho do Homem virá pagar a cada um de acordo com sua conduta. Na verdade, há apenas duas: *seguir a Jesus* (salvar a vida, renunciando às joias) ou *seguir a si mesmo* (salvar a maleta perdendo a vida).

Seguir a Jesus supõe um grande sacrifício, tendo às vezes a impressão de estar perdendo aquilo de que mais gostamos. Seguir a si mesmo teria um resultado mais importante, salvar a vida e a maleta. Mas o avião está em chamas e não dá para demorar. Aquele que quiser salvar a maleta perderá a vida. Paradoxalmente, o que renuncia às joias salva a vida e recupera as joias.

3.2. Como descobrir a vida que está em mim.

A missão, o trabalho do Espírito *Para ensinar os outros a descobrir a vida, primeiro descubra-a em si mesmo.* João, 14, 15-21;

Jesus promete enviar o Espírito Santo

“Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós. Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós! Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver. Nesse dia, compreendereis que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós. Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei de manifestar-me a ele.”

Ao comentar o texto de João 14,15-21, Paula Depalma aponta para a dimensão escatológica. Como é sabido, a partir do capítulo 13 o evangelista apresenta um extenso discurso de despedida no qual Jesus está “consciente de que vai morrer”. Segundo a autora os discípulos são como filhos para o mestre, Jesus “cuidou deles e os protegeu e não quer que agora se sintam abandonados”. Por essa razão é que Jesus diz: “Não deixarei vocês órfãos”; e, em seguida, promete: “Voltarei para vocês”. Vendo os discípulos com medo, Jesus “lhes explica que a morte não tem a última palavra” e garante: “eu vivo”, portanto, “vocês viverão”.

Na visão de Paula Depalma os verbos “vive” e “estarei com vocês”, que aparecem no Evangelho de João, capítulo 14, pode “referir-se não só aos discípulos, mas a todo crente, a cada leitor ou ouvinte dessa palavra”.

Depalma compreende que “os que ‘viverem’ são o Espírito consolador em nós (v. 17); o Pai e Jesus nos que amam a Jesus (v. 23) e Jesus e os crentes mutuamente relacionados ‘porque eu vivo e vocês viverão’ (v. 19)”. Para ela, as “comunidades das origens compreendiam que ser cristão é deixar-se levar pelo Espírito que consola, o Espírito do Ressuscitado” e que sabiam também que Jesus estava vivo com eles e que a vida nova em Cristo é eterna.

Na sequência de seu comentário bíblico Paula Depalma explicita que Jesus deixa aos seus discípulos a tarefa de amar e, conseqüentemente, o amor “desencadeia a ação de cumprir os mandamentos”. Nessa perspectiva, Depalma lembra de Agostinho de Hipona com o seu dizer “ame e faça o que quiser”, e também, de Teresa de Jesus quando esta afirmava: “O amor, quando é maduro, não pode viver sem agir”. O amor deve ser o centro de toda ação do cristão.

Para concluir sua análise, Depalma ressalta que, “a vida, para o quarto evangelista, consiste nessa continuidade própria do amor, da justiça, da reciprocidade e da transcendência”. Em João, a vida oferecida por Jesus é abundante, “vida que não se acaba, vida compartilhada, vida em comunhão, vida em relação,

vida própria da justiça, vida para quem ama e vida para quem crê”. Em tese, trata-se de “presente e plenitude de ser”.

Jesus quer ensinar como realizou seu ministério de salvação:

É preciso seguir um caminho. O significado do caminho na literatura: a vida que se desenvolve em todos os sentidos; também a que é capaz de mudar e de se converter.

Subimos a Jerusalém³⁴.

O caminho de Jerusalém (Lc 9, 51-62)

“Como estavam a chegar os dias de ser levado deste mundo, Jesus dirigiu-se resolutamente para Jerusalém e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram numa povoação de samaritanos, a fim de lhe prepararem hospedagem. Mas não o receberam, porque ia a caminho de Jerusalém.

Vendo isto, os discípulos Tiago e João disseram:

“Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma?” Mas Ele, voltando-se, repreendeu-os. E foram para outra povoação.

Os que queriam seguir a Jesus (Mt 8, 18-22)

Enquanto iam a caminho, disse-lhe alguém: “Hei de seguir-te para onde quer que fores. Jesus respondeu-lhe: “As raposas têm tocas e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.” E disse a outro: “Segue-me.” Mas ele respondeu: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar o meu pai.” Jesus disse-lhe: “Deixa que os mortos sepultem os seus mortos. Quanto a ti, vai anunciar o Reino de

³⁴ Mt 8, 27-30; 8, 31-38; 9, 30-37; 10,32-45; 10,46-52 O 6º dia dos exercícios.

Deus. “Disse-lhe ainda outro: “Eu vou seguir-te, Senhor, mas primeiro permite que me despeça da minha família.” Jesus respondeu-lhe: “Quem olha para trás, depois de deitar a mão ao arado, não é apto para o Reino de Deus.”

Com os textos evangélicos a realização destas afirmações.

A direção é clara: parta do interior para os detalhes externos.

Jesus repete isso várias vezes, ao menos três.

Jesus trata de convencer seus discípulos.

Jesus e os discípulos vão nessa caminhada com constância apesar das dificuldades.

Vejamos os textos evangélicos

3.3. Método bíblico de interioridade³⁵

Preparar o caminho

Filho, prepare-se para a caminhada. **Preparar e encher-se de ânimo** (Tob 5, 17).

Foi a partir do século IV que nos desertos terrivelmente austeros do Egito e da Palestina começou-se a ouvir esta petição: “Pai, diga-me uma palavra”. É a expressão que os jovens discípulos usavam ao falar com seus mestres da Tebaida para que os iniciassem em sua sabedoria³⁶.

Tinha vindo em busca da sabedoria. Aceitou com docilidade o jugo do acompanhante. Conseguiu tornar-se amigo da solidão, do silêncio... Exercitou seu corpo e seu espírito. Empenhou-se em ultrapassar os umbrais...

³⁵ Aleixandre, Dolors, *La contemplación para alcanzar amor, una aproximación bíblica*, Sal Terrae, Santander, 2017.

³⁶ Os que decidiam seguir os anacoretas eram submetidos a um intenso processo de iniciação.

O Mestre é um bom conhecedor dos caminhos; percorreu-os primeiro...

Fixou o olhar nos olhos do discípulo. Desfez-se a inquietação vaga dos primeiros momentos. Em seus olhos brilha a alegria secreta da segurança. Tudo nele era tranquilo e profundo...

Aprendeu a entrar em seu próprio coração e a reconhecer o que nele se movimenta... Na verdade sentia-se perdido com a tradição bíblica na transmissão da sabedoria.

*Escutai, meus filhos, a instrução paterna,
Ficai atentos para adquirirdes a inteligência.
Porque é boa a doutrina que vos ensino,
não abandoneis os meus ensinamentos.
Também eu fui um filho querido de meu pai,
amado e estremecido por minha mãe.
Ele deu-me este conselho:
"Que o teu coração conserve as minhas palavras;
guarda os meus preceitos e viverás.
Adquire sabedoria, adquiere inteligência,
não te esqueças nem te desvies dos meus conselhos.
Não abandones a sabedoria e ela te guardará;
ama-a e ela te protegerá.
Eis o princípio da sabedoria: adquiere a sabedoria!
Mesmo à custa dos teus bens, adquiere a inteligência!
Tem-na em grande estima, e ela te exaltará,
glorificar-te-á, se a abraçares.
Colocará sobre a tua cabeça uma coroa formosa,
e cingir-te-á com um magnífico diadema"³⁷.*

³⁷ (Prov 4,2-9), mas há muitos outros textos bíblicos no mesmo sentido: Gn 49,28-29; Moisés que deixa um tipo de testamento para cada uma das tribos (Dt 33); Davi aconselhando a seu filho Salomão (1 Re 2,1-11) e Paulo de Tarso retoma o tema em Atos 20, 18-36.

Depois de exercitar-se na espera dolorosa e paciente, voltará ao trabalho, ao serviço.

Ânimo porque não irá sozinho pelo caminho; os santos anjos irão com você. As boas palavras que seus lábios pronunciaram orientam agora as suas obras. “Sou pequeno demais para tanta misericórdia e tanta fidelidade que tem tido para comigo”.

Agora é tempo de responder. Àquele que criou você e o abençoou, o perdoou, chamou você para segui-lo, encheu você de prazer e alegria.

Entenda que sua caminhada está apenas no início e é sempre maior que seus desejos, maior do que seu próprio coração; ponha nas mãos dele tudo o que você tem, possui e deseja. Desfaça-se de tudo porque você recebeu tudo para caminhar livremente.

Percorra seu caminho de olhos bem abertos para ver o Senhor: *o Senhor estava de verdade neste lugar e eu não sabia* (Jacó).

Vamos tomar como exemplo este texto de Mateus 18, 21-35³⁸

Então, Pedro aproximou-se e perguntou-lhe:

“Senhor, se o meu irmão me ofender, quantas vezes lhe deverei perdoar? Até sete vezes?”

Jesus respondeu:

“Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o Reino do Céu é comparável a um rei que quis ajustar contas com os seus servos. Logo ao princípio, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo com que pagar, o senhor ordenou que fosse vendido com a mulher, os filhos e todos os seus bens, a fim de pagar a dívida. O servo lançou-se,

³⁸ Baseado no comentário de Fr. Marcos, publicado em “Fé adulta”.

então, aos seus pés, dizendo: 'Concede-me um prazo e tudo te pagarei.' Levado pela compaixão, o senhor daquele servo mandou-o em liberdade e perdoou-lhe a dívida. Ao sair, o servo encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem denários. Segurando-o, apertou-lhe o pescoço e sufocava-o, dizendo: 'Paga o que me deves!' O seu companheiro caiu a seus pés, suplicando: 'Concede-me um prazo que eu te pagarei.' Mas ele não concordou e mandou-o prender, até que pagasse tudo quanto lhe devia. Ao verem o que tinha acontecido, os outros companheiros, contristados, foram contá-lo ao seu senhor. O senhor mandou-o, então, chamar e disse-lhe: 'Servo mau, perdoei-te tudo o que me devias, porque assim mo suplicaste; não devias também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?' E o senhor, indignado, entregou-o aos verdugos até que pagasse tudo o que devia.

Jesus acrescentou:

Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do íntimo do coração."

Quantas vezes tenho de perdoar? Até setenta vezes sete.

Quantas vezes você tem perdoar a si mesmo? Se você não tiver consciência de que você tem de ser perdoado, nunca perdoará de verdade.

Vamos nos situar

O evangelho de hoje é continuação do que líamos no domingo passado. Lá o perdão era concedido com certeza. Hoje é o tema principal. Mateus continua a instrução sobre como comportar-se com os irmãos dentro da comunidade. Sem perdão mútuo seria impossível qualquer tipo de comunidade. O perdão é a mais alta manifestação do amor e está ligado diretamente ao amor para com o inimigo. Entre os seres humanos é impensável um amor verdadeiro que não contenha implicitamente o perdão. Deixaríamos de ser humanos se pudéssemos eliminar a possibilidade de errar e os erros concretos.

Observemos os conteúdos externos

A expressão **setenta vezes sete** não pode ser entendida literalmente, como se dissesse que é preciso perdoar 490 vezes. Quer dizer que é preciso perdoar sempre. O perdão deve ser não um ato solto, mas uma **atitude** que se mantém pela vida toda e diante de qualquer ofensa. Os rabinos mais generosos do tempo de Jesus falavam em perdoar as ofensas até quatro vezes. Pedro se sente muito mais generoso e acrescentou outras três. Sete era um número que indicava plenitude, mas Jesus quer deixar muito claro que não é suficiente porque ainda supõe que as ofensas continuam sendo levadas em conta.

Quais são os conteúdos internos

A parábola dos devedores não exige explicação. O ponto de inflexão está na exorbitante diferença da dívida de um e outro. O senhor é capaz de perdoar uma dívida enorme (270 talentos de prata). O empregado é incapaz de perdoar uma dívida minúscula (100 denários). No final do texto, encontramos um resquício do Antigo Testamento: *“Assim procederá convosco meu Pai celeste”*. Jesus nunca deu a entender que um Deus vingativo pode castigar desse modo, ou negar-se a perdoar até que cumpramos alguns requisitos.

O perdão só pode nascer de um amor verdadeiro. Não é fácil perdoar, como não é fácil amar. É contra nossos instintos. Vai contra o razoável. Por conta de nossa consciência de indivíduos isolados em nosso ego, é impossível entender o perdão do evangelho. O ego precisa enfrentar o outro para sobreviver e fazer-se valer. Com essa consciência, o perdão se converte num fator de apoio do ego. Perdoar (a vida) ao outro porque assim deixo clara minha superioridade moral. Expressão deste perdão é a famosa frase “perdoar mas não esquecer” que é a prática comum em nossa sociedade.

Para entrar na dinâmica do perdão, devemos tomar consciência de nosso verdadeiro ser e da maneira de ser de Deus. Experimentando a ÚNICA REALIDADE, descobrirei que

não há nada a perdoar porque não há outro. Com um exemplo podemos nos aproximar da ideia. Se estou com uma infecção no dedo mindinho do pé que me causa dores insuportáveis, posso colocar a culpa no dedo por me fazer sofrer? O dedo faz parte de mim e não há como considerá-lo um objeto agressor. Faço todo o possível para curá-lo porque é o único modo de ajudar a mim mesmo.

Partindo do nosso conceito de pecado **como má vontade** da parte de outro, é impossível que nos sintamos capazes de perdoar. O pecado nunca é fruto de uma má vontade, mas de uma ignorância. A vontade não pode ser má porque não é movida pelo mal. A vontade só pode ser atraída pelo bem. A armadilha está em que se trata do bem ou do mal, que é apresentada pela inteligência, que frequentemente se equivoca e apresenta à vontade como bom o que na realidade é ruim. Sem esse esclarecimento, é impossível entrar em uma dinâmica autêntica do perdão.

“Assim procederá convosco meu Pai celeste”. Deus não tem ações, muito menos pode ter reações. Deus é amor e por isso é também perdão. Não tem de fazer nenhum ato para perdoar; está sempre perdoando. Seu amor é perdão porque chega a nós sem que o mereçamos. Esse perdão de Deus é o primeiro. Se o aceitarmos nos tornará capazes de perdoar aos outros. Isso sim, a única maneira de estarmos seguros de descobrirmos Deus e o aceitarmos, é quando perdoamos. Por isso, pode-se dizer, ainda que de modo impróprio, que Deus nos perdoa na medida que nós perdoamos.

É muito difícil harmonizar o perdão com a justiça. Nossa cultura cristã tem grandes defeitos. Trata-se de um cristianismo marcado pelo racionalismo grego e confinado até a asfixia pelo juridicismo romano. O cristianismo que resultou, o nosso, não se parece em nada com o que Jesus viveu e ensinou. Em nossa sociedade se está realçando cada dia mais o sentimento de justiça, mas trata-se de uma justiça racional e sem misericórdia, que na maioria das vezes esconde nossa ânsia de vingança. O raciocínio de que sem justiça os males assumiriam o controle do mundo não tem sentido.

Aplicamos a Deus nosso sentido de justiça, convertendo-o num monstro que tem de fazer morrer seu próprio Filho para “justificar” seu perdão. É totalmente insensato pensar que um amor verdadeiro se posiciona contra uma justiça autêntica. Lutar pela justiça é conseguir que nenhum ser humano cause prejuízo a outro em nenhuma circunstância. A justiça não consiste em que uma pessoa prejudicada consiga prejudicar o agressor. Continuaremos a usar a justiça para prejudicar o outro.

O que dizemos no Pai Nosso é um disparate. Não é um erro de tradução. No Antigo Testamento a ideia é muito clara. Na primeira leitura nos dizia exatamente: “Do vingativo se vingará o Senhor”. “Perdoe a ofensa de seu próximo e seus pecados serão perdoados quando pedir”. Quando o mesmo evangelista Mateus relata o Pai Nosso, o único pedido que merece um comentário é este, para dizer: “... Porque se perdoardes a vossos irmãos, vosso Pai vos perdoará; mas se não perdoardes a vossos irmãos, tão pouco vosso Pai vos perdoará” (Mt 6, 14). Não seria mais lógico pedir a Deus que nos perdoe como só ele sabe fazê-lo, e aprender com ele a perdoar os outros?

Para descobrir por quê temos de continuar amando a quem nos prejudicou, temos de descobrir as razões do verdadeiro amor aos outros. Se eu amo só as pessoas que são amáveis, não me liberto da dinâmica do egoísmo. O verdadeiro amor tem sua justificativa na pessoa que ama, não no objeto do amor e nas suas qualidades. O amor aos que são amáveis não é nenhuma garantia do amor verdadeiramente humano e cristão. Se não perdoarmos a todos por tudo, nosso amor é zero, porque se perdoarmos uma ofensa e outra não, as razões desse perdão não são genuínas.

Não só o ofendido precisa perdoar para ser humano. O que ofende também precisa do perdão para recuperar sua humanidade. A dinâmica do perdão responde à necessidade psicológica do ser humano de um sinal de aceitação. Quando o homem se encontra com seus defeitos precisa de uma certeza de que as possibilidades de correção permanecem abertas. A

isso chamamos perdão de Deus. Descobrir, depois de uma falta grave, que Deus continua gostando de mim me levará à recuperação, a superar a desintegração que uma falta grave carrega consigo. O melhor modo de convencer-me de que Deus me perdoou é descobrir que aquele a quem ofendi me perdoou.

Oração centrante

Se eu vivo na superfície de meu ser (ego)
Não há ofensor, nem ofendido, nem ofensa.
Não há nada a perdoar nem ninguém a quem perdoar.
Qualquer outra solução não passará de artificial e inútil.
Ou se transforma em reforço de nosso ego.
Fico focado num único pensamento.
Repito-o reiteradamente
Rezo com ele; tiro minhas consequências.
Transformo-o numa jaculatória.
Repito-a sem cessar.

Amabilidade³⁹

Creio que a amabilidade é um valor que deveria ser potencializado em todos os âmbitos da sociedade, para que a convivência ficasse mais pacífica, tolerante e respeitosa entre todas as pessoas.

Seria muito positivo tentar viver a amabilidade tanto num nível pessoal como social, no lar, no trabalho, no colégio, na rua, no mercado e na política.

A amabilidade, junto com a cortesia, nos tira de nosso eu egoísta e nos abre a novas realidades, em busca de relacionamentos mais fraternais, positivos e humanos. Vai também junto com o civismo e a educação, por ser o oposto total da violência, do enfrentamento, da divisão e da exclusão.

³⁹ Miguel Ángel Mesa, AFA

A Fundação Humanismo e Ciência lançou já duas campanhas com o título; “Hoje, seja amável. Hoje, você será mais feliz”. E como parte dessas campanhas, propuseram um “Decálogo da amabilidade”, que hoje desejo compartilhar nesta página:

Trate de reconhecer e respeitar os direitos e os méritos dos outros, e de aceitar seus modos de pensar, mesmo que sejam diferentes dos seus.

Trate os outros com o mesmo respeito e carinho com que você gostaria que tratassem você.

Procure ser complacente com os que o rodeiam quando lhe pedirem um favor ou uma ajuda.

Use palavras como “obrigado”, “perdão”, “por favor” que facilitarão você e tornarão mais agradável seu relacionamento com os outros. Tente ver em cada pessoa o melhor dela; tenho certeza de que encontrará e ficará surpreso.

Acostume-se a expressar seus melhores sentimentos, não os reprima.

Trate os demais com toda a naturalidade, a alegria e o afeto que espontaneamente saiam de você.

Acostume-se a sorrir, mostre-se solidário, otimista e colaborador com as pessoas com que convive.

Pense que se todos tratarmos de dar o melhor de nós mesmos, todos seremos muito mais felizes.

Trate de analisar-se e observar se, quando você é amável ou afetuoso para com os outros, você se sentirá mais confortável com você mesmo.

Comprove quantas horas por dia você está de bom humor. Se forem muitas, alegre-se porque está construindo um mundo mais amável.

Chegar perto daquele por quem você foi alcançado⁴⁰

Não quero dizer que você já conseguiu tudo nem que já seja perfeito; mas sigo em frente com a esperança de alcançá-lo, uma vez que Jesus Cristo me alcançou primeiro.

Será bom começar fazendo perguntas ao texto:

- De que se trata?
- De quem estamos falando?
- Qual é o amor de quem quer nos alcançar. São Paulo?

Vamos por etapas simples

Alcançar abre uma interpretação simples do que se passa numa competição como as que eram praticadas em Olímpia, Corinto, Atenas, nas Olimpíadas e em outras circunstâncias.

Alguém empenhado em seguir adiante e superar a seus competidores... cria-se tensão, caçada, exigência.

De todas as formas a proposta de Paulo é séria: esquecendo-me de tudo o que passei, o que fica para trás, e lançando-me ao que está diante de mim, corro para atingir a meta, até o prêmio a que Deus me chama lá do alto, por meio de Cristo Jesus⁴¹.

Ainda assim, seu dom e sua entrega total serão a base da doação e da entrega da vontade.

Mas há sentimentos e prazeres internos, mais nas obras do que nas palavras.

A comparação é de Santo Agostinho: meu peso é meu amor e ele me conduz para onde sou levado.

A ideia de caridade trinitária samaritana que se abaixa para inclinar-se e rebaixar-se sob o peso do amor ao carente, ao pobre e desamparado, ferido no caminho.

⁴¹ Flp 3, 12-13.

Mas que significa isso?

Sentir e ser feliz internamente. (Inácio)

O amor está mais nas obras do que nas palavras. (Jó 28, 1.26)

O amor se realiza na comunicação. (2 Sam 24, 24)

Dará o que não possui: *sabedoria, honra, riqueza, a palavra, o tempo.*

Ver como estou diante de Deus e dos santos intercessores. (Apoc 8, 4)

Pedir o conhecimento interno (Is 11, 9)

Lembrar-se dos benefícios recebidos. (Dt 5, 15; Miq 6, 5; Is 44, 20)

Oferecer tudo sem nada reservar, até o extremo. (Jo 13, 1)

Dê-me seu amor e sua graça que isso me basta. *Ó comércio admirável!*

Admirar-se de como Deus habita em todas as criaturas — *as de todos os domínios da criação.*

Constatar como todos os dons e bens vêm do alto e como é preciso transcender até o Pai de todo bem. (Is 55, 11-112; Sl 78, 23-24; Mt 11, 25-26).

Guardar no coração suas palavras (Sl 119, 11)

Grande caminhada da contemplação: repetindo, anotando, fazendo pausas...

Criar como um jogo, como uma rotina, como um caminho no qual se vai avançando passo a passo, pouco a pouco.

Repetir uma frase, um princípio, uma jaculatória, uma invocação...

Recordando os benefícios recebidos, sua santa aliança, a generosidade com que libertou.

Voltando várias vezes a recordar e atingir seu coração de Pai.

O Dayenu dos Israelitas é um grande exemplo:

Dayenu: seria o bastante para nós

Com quantos benefícios Deus nos cumulou!

Se nos tivesse feito sair do Egito,

sem pronunciar julgamentos contra os egípcios,

teria sido o bastante para nós.

A palavra seduz e cria⁴², mas o silêncio converte e recria

A Palavra é meio de comunicação e meio de Criação. Deus “diz e cria”, mas não de uma vez para sempre; nessa comunicação com o que foi criado vai se desenvolvendo o universo fascinante em que residimos.

A Palavra cada vez mais nítida, mais clara. Anuncia e denuncia porque o propósito da Criação é a harmonia entre todos os seres, a fruição das coisas belas, a vida em plenitude. Entretanto, a cobiça, o orgulho, o medo de que não haja o suficiente para todos faz com que os mais fortes oprimam os mais fracos, que se construam diferenças entre raças, povos e até entre religiões.

A Palavra é o meio pelo qual Deus se comunicou com seu povo desde nossos primeiros pais e mães. Foi ela que seduziu Jeremias para que ele continuasse falando apesar das zombarias e dos maus tratos. A Palavra fala alto, mas o seduziu, sim, porque ela não é um vocábulo, é Alguém vivo, que queima nas entranhas como fogo ardente, que mesmo quando você quiser contê-la, não consegue, como diz o profeta.

A Palavra é a exigência do coração humano. Com afã, com paixão, com sede, com desejo. Se não for assim, não é busca de verdade. Nossa expressão verbal sempre se torna pobre quando quer descrever o que guardamos por dentro porque é todo o nosso ser que deseja: a mente, o coração, nosso corpo inteiro. Deseja a plenitude para a qual fomos criados, deseja a Deus.

⁴² Carmen Notario AFA. Encontramos a segunda parte citada por Pablo D'Ors na *Biografía del silencio*.

Não a entende aquele que se detém diante das contradições, quem busca a lógica numa linguagem que não se atém às regras estabelecidas. “Não se ajustem a este mundo, mas transformem-se pela renovação do espírito” diz Paulo na carta aos Romanos. Fiquem atentos, escutem com o coração e vocês viverão.

A Palavra se faz um conosco em Jesus. Logo sua vida se converte em denúncia como a dos profetas. E ele tem de vencer não só o medo de perder a vida, mas também o medo dos que o seguem. Eles não querem mudar a mentalidade, no fundo buscam a si mesmos, não a Deus. A Palavra não penetrou em seus corações e pensam como “todo mundo”.

A Palavra se esforça por transformar-se num eco dentro de nós, hoje depois de vinte séculos. Essa Palavra continua dizendo e criando; de nossa parte a busca e a sede estão aí como parte de nossa identidade. Estamos sedentos de vida com sentido, de plenitude de criação, da Palavra feita vida.

“Dizer e criar” é nossa tarefa. Na comunicação com o criado vai se evoluindo o fascinante universo em que habitamos

A respiração

Na prática zen, a respiração é parte essencial da vida das pessoas e do exercício fundamental para um estado de paz e de flexibilidade do espírito e do corpo humano.

A respiração não é apenas um sinal de vida e de vitalidade fisiológica no homem, mas é fonte de alimentação vital e de regeneração. Na exortação Evangelii Nuntiandi, Paulo VI nos adverte que não existe evangelização autêntica quando não anunciamos o nome, a vida, os ensinamentos, quer dizer as promessas do Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus.

Se o documento pontifício tivesse dado fim a essa ideia, poderíamos julgar que o mesmo ocorreria igualmente com algumas atividades humanas, por exemplo, a respiração que, se fosse unidirecional, não dependeria de um movimento duplo — a inspiração e a expiração — que totalizam o caminho necessário de entrada e de saída do ar.

Mas, ele acrescenta que esse anúncio da Boa Nova não atinge toda a sua dimensão a não ser quando é ouvido, acolhido e assimilado e quando provoca o nascimento, na pessoa que o recebe desse modo, uma adesão do coração.

Há, portanto, uma via dupla de ida e volta, uma verdadeira e vital respiração para a Igreja e para a pessoa.

Temos certeza de que essa sinapse não é produzida mecanicamente, porque se concretiza entre duas liberdades, a da graça e a do fiel que adere a ela livremente⁴³.

O que nos ajuda a permanecer com Jesus

1. Permanecemos em Jesus tocando a humanidade de Jesus:

Com *o olhar e os sentimentos de Jesus*, que contempla a realidade não como juiz, mas como bom samaritano; que reconhece os valores do povo com que caminha, assim como suas feridas e pecados; que, calado, descobre o sofrimento e se comove diante das necessidades das pessoas, principalmente quando elas sofrem com a injustiça, a pobreza indigna, a indiferença, ou pela perversa ação da corrupção e da violência.

Com *os gestos e as palavras de Jesus*, que expressam amor ao próximo e procura pelos aleijados; ternura e firmeza na denúncia do pecado e no anúncio do evangelho; alegria e generosidade na entrega e no serviço, sobretudo aos mais humildes, desprezando com força a tentação de dar tudo como perdido, de acomodar-nos ou de nos tornarmos meros administradores de desgraças.

Quantas vezes escutamos homens e mulheres consagrados que parece que em vez de administrarem prazer, alegria, crescimento, vida, administram desgraças, e passam a vida se lamentando dos males deste mundo. É a esterilidade de quem é incapaz de tocar a carne sofredora de Jesus.

⁴³ Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, 22 e 23

2. Permanecemos contemplando sua divindade:

Despertando e sustentando *a admiração pelo estudo* que amplia o conhecimento de Cristo porque, como lembra Santo Agostinho, não se pode amar a quem não se conhece (Conferir *A Trindade*, Livro X, cap. I, 3).

Para aprofundar esse conhecimento devemos privilegiar *o encontro com a Sagrada Escritura*, especialmente o Evangelho, no qual Cristo nos fala, nos revela seu amor incondicional ao Pai, nos contagia com a alegria que brota da obediência a sua vontade e do serviço aos irmãos.

Quero fazer-lhes uma pergunta, mas não a respondam a mim; responda cada um a si mesmo: Quantos minutos ou quantas horas leio o Evangelho ou a Escritura por dia? Respondam a si mesmos. Quem não conhece as Escrituras não conhece a Jesus. Quem não ama as Escrituras não ama a Jesus. (Conferir São Jerônimo, *Prólogo ao comentário do profeta Isaías: PL 24, 17*). Gastemos tempo numa leitura orante da Palavra!

Para descobrir nela o que Deus quer para nós e para nosso povo. Que todo nosso estudo nos ajude a sermos capazes de interpretar a realidade com os olhos de Deus, que não seja um estudo evasivo dos acontecimentos de nosso povo, que tampouco fique à mercê do vai e vem de modismos ou ideologias. Que não viva de nostalgias nem queira limitar o mistério, que não queira responder a perguntas que ninguém mais se faz e deixar no vazio existencial aqueles que nos perguntam a partir das coordenadas de seus mundos e de suas culturas.

Permanecer e contemplar sua divindade fazendo da *oração* parte fundamental de nossa vida e de nosso serviço apostólico. A oração nos libera do lastro de mundanidade, nos ensina a viver de modo agradável, a optar pela fuga da superficialidade num exercício de verdadeira liberdade. Na oração crescemos em liberdade, na oração aprendemos a ser livres.

A oração nos livra de vivermos centrados em nós mesmos, escondidos numa experiência religiosa vazia e nos leva

a nos colocarmos com docilidade nas mãos de Deus para realizar sua vontade e tornar seu projeto de salvação eficaz. E na oração, eu quero aconselhar vocês de mais uma coisa: peçam, contemplem, agradeçam, intercedam, mas também acostumem-se a *adorar*. Não está muito na moda *adorar*. Acostumem-se a adorar. Aprender a adorar em silêncio. Aprendam a orar assim.

Sejamos *homens e mulheres reconciliados para reconciliar*. Ter sido chamados não nos dá um certificado de boa conduta e impecabilidade; não estamos revestidos de uma auréola de santidade. “Coitado” do religioso, do consagrado, do padre ou da monja que vive com cara de santinho, por favor, “coitado”. Somos todos pecadores, todos precisando de perdão e de misericórdia divina para nos levantarmos cada dia.

Ele arranca o que não está bem e o que fizemos de errado, o lança fora da vinha, o queima. Deixa-nos limpos para podermos dar frutos. Assim é a fidelidade misericordiosa de Deus para com seu povo, de que somos parte. Ele nunca nos deixará jogados à beira do caminho, nunca.

Deus faz de tudo para evitar que o pecado nos vença e que depois nos feche as portas de nossa vida a um futuro de esperança e satisfação. Ele faz de tudo para evitar isso, e se não consegue fica ao lado até que me ocorra olhar para cima porque me dou conta de que estou no chão. Assim é ele⁴⁴.

3. Finalmente, temos de permanecer em Cristo *para viver na alegria*: terceiro, permanecer para viver em estado de alegria.

Se permanecermos nele, sua alegria estará conosco. Não seremos discípulos tristes e apóstolos amargurados. Leiam o final de *Evangelii nuntiandi* (Exortação apostólica de Paulo VI); aconselho-os a fazer isso. Ao contrário, sentire-

⁴⁴ Palavras do Papa aos Religiosos em Medelin.

mos e difundiremos a verdadeira alegria, o prazer total que ninguém vai poder tirar de nós, difundiremos a esperança de nossa nova vida que Cristo nos trouxe.

O chamado de Deus não é uma carga pesada que nos rouba a alegria. É pesada? Às vezes, sim. Mas não nos rouba a alegria. Através desse peso nos dá também alegria. Deus não nos quer mergulhados na tristeza — um dos maus espíritos que se apoderavam da alma e já eram denunciados pelos monges do deserto —; Deus não nos quer esgotados no cansaço que vem das atividades mal vividas, sem uma espiritualidade que faça nossa vida e mesmo nossas fadigas felizes.

Nossa alegria contagiosa tem de ser o primeiro testemunho do próximo e do amor de Deus. Somos autênticos distribuidores da graça de Deus quando demonstramos a alegria do encontro com Ele.

No Gênesis, depois do dilúvio, Noé planta uma videira como sinal do novo começo; no final do Êxodo, os que Moisés enviou para inspecionar a terra prometida voltaram com um cacho de uvas enorme, sinal daquela terra em que jorrava leite e mel.

Deus nos adotou; adotou nossas comunidades e nossas famílias; todos aqui presentes e me parece com grande prazer que aqui estejam pais e mães dos consagrados, sacerdotes e seminaristas. Deus colocou o olhar sobre a Colômbia: vocês são sinal desse amor de predileção.

Cabe-nos oferecer todo nosso amor e serviço unidos a Jesus Cristo, que é nossa vida. E ser promessa de um novo começo para Colômbia, que deixa para trás dilúvios — como o de Noé — de desencontro e violência, que quer dar muitos frutos de justiça e de paz, de encontro e de solidariedade⁴⁵. Que Deus nos abençoe; que abençoe a vida consagrada na Colômbia. E não se esqueçam de rezar por mim para que me abençoe também. Muito obrigado.

⁴⁵ Final do discurso em Medelin..

Rezar, meditar nas diversas tradições religiosas⁴⁶

“Rezar” (orar) sempre tem sido a prática religiosa por excelência em nossa sociedade até os últimos tempos. Mas parece que cada vez se fala mais de “meditar”, uma prática que costuma associar-se à espiritualidade muito mais do que à religião. Então nos interrogamos: rezar e meditar são uma coisa só? Que caracteriza, exige e fomenta cada uma dessas práticas? Complementam-se ou são incompatíveis? Praticantes experientes de diferentes tradições respondem a essas perguntas.

À medida que as tradições religiosas estão imbuídas de um desejo de transcendência e procuram o contato com Deus ou com a última dimensão, em todas encontramos um ou outro tipo de prática orante ou meditativa para relacionar-se, em diversos graus de espontaneidade e de ritual, tanto no âmbito pessoal como no comunitário. E é na prática oracional que se expressa melhor aquilo que dá sentido a uma religião: favorecer o relacionamento com o Ser divino ou favorecer um tipo de consciência elevada que transcende o eu.

Diferença entre oração e meditação

Talvez antes de continuar, convém esclarecer a distinção que pode ser feita entre oração e meditação. A primeira tem um Tu a quem se dirige, enquanto a meditação é uma atividade interna da consciência sem um “tu”.

Oração provém de *oror* (pronunciar com a boca, dirigir-se a alguém em voz alta). De *oror* também provém adoração, *adorare*, que se refere a Outro, ao Ser supremo, origem de meu eu e de todas as coisas. Meditação, por outro lado, provém do grego *medein* (tomar cuidado), coisa que se refere ao cultivo de um estado em conexão com o Absoluto ou a Ultimidade. Podemos dizer que a oração pertence mais às tradições teístas,

⁴⁶ por Xavier Melloni, Jesuíta e diretor de exercícios espirituais na *Cueva de San Ignacio de Manresa* (Barcelona). Teólogo e antropólogo das religiões.

já que se referem a um Deus pessoal, enquanto a meditação é mais oriental, lá onde a realidade suprema não é compreendida como um “tu”, mas como um todo em que o eu se insere.

Entretanto, tanto uma como a outra ensinam, propõem, custodiam, incentivam e estimulam que seus fiéis sejam assíduos a determinadas formas de devoção (oração) e de interiorização (meditação). A devoção gera um tipo diferente de energia da meditação e as duas são necessárias. A devoção tem mais a ver com a energia do coração e do amor enquanto a meditação tem mais a ver com a energia da mente e da consciência. Em todas as tradições as duas verdades têm seu espaço, ainda que nem sempre predomine a mesma.

Requerem um tempo e um espaço

O tempo e o espaço oracionais não são homogêneos, mas todas as tradições promovem determinados momentos e espaços, apesar de o ideal ser que todos os lugares e todas as situações sejam uma oportunidade para a manifestação do sagrado.

Nas diferentes tradições encontramos normas referentes à frequência em que devem ser feitas determinadas orações para cultivar a vida espiritual do crente e da comunidade. Uma são de ritmo diário, ligadas ao ciclo rotatório da Terra, à alternância do dia e da noite. A passagem da luz para a escuridão (entardecer) e da escuridão para a luz (o amanhecer) são particularmente propícios. Rezar durante o transcurso da noite é também uma prática comum em muitas correntes.

Outros ritmos estão ligados ao ciclo lunar, com periodizações semanais ou quinzenais e outros estão associados ao movimento da translação da Terra em relação ao sol (períodos sazonais). Essa harmonia com os ciclos cósmicos permite que o ser humano sintonize com os diferentes âmbitos da realidade. Quanto mais integrada for a prática orante em todos os momentos importantes da vida, maior participação terá em sua bênção.

Ao mesmo tempo existem orações e práticas de meditação específicas para os aniversários das diferentes teofanias,

momentos auspiciosos para cada tradição, porque nelas se atualiza a graça ou a revelação recebida.

Os espaços sagrados também existem em todas as religiões, nas quais as orações têm uma relevância maior. São lugares consagrados e reconhecidos pela tradição, pelo que ocorreu neles; também pela energia da Terra que emana deles; são chamados *lugares de poder* pelos índios toltecas do México. A força não está só no lugar, mas na caminhada até ele. A importância da orientação espacial da oração está presente em muitas correntes por razões energéticas e simbólicas. Os lugares de oração ou meditação comunitária vão se carregando cada vez mais de densidade espiritual, fato que faz desse lugar um espaço cada vez mais propício para a oração e a concentração mental. O mesmo ocorre com o espaço escolhido para a oração ou meditação pessoal. Pelo fato de que sempre seja o mesmo lugar, ele vai se impregnando com uma aura que facilita o estado de interiorização.

Dimensão pessoal e comunitária

Em todas as tradições distingue-se a oração pessoal da oração pública ou comunitária. São complementares e se alimentam mutuamente. A prática comum pressupõe a energia espiritual que cada fiel carrega graças à prática individual ao mesmo tempo que cada pessoa renova a força para prosseguir em sua oração individual graças à participação no culto coletivo. Isso é particularmente relevante nos mosteiros ou comunidades orantes, em que os dois ritmos são fundamentais. É sua combinação que sustenta a vida espiritual do grupo. Na oração privada cultiva-se a conexão pessoal com o Ser supremo e se potencializa o processo de transformação de cada pessoa.

Na oração comunitária o sujeito é o grupo — seja local ou universal — e nela se reforça o vínculo interpessoal através dos múltiplos registros que interferem: o perdão, a reconciliação, a intercessão pelos outros e pelo mundo, o agradecimento, o louvor, a oferta etc. É muito importante a participação dos membros da comunidade no ato coletivo porque é a ocasião

para que a comunidade se regenere e volte a refundar-se. O culto coletivo relembra a passagem que compartilham, atualiza a fidelidade do presente e antecipa a comunidade escatológica em que tudo ficará curado, reconciliado e unificado.

Ritual, repetição e espontaneidade

Relacionado, em parte, com a distinção entre caráter pessoal e comunitário, encontramos também em todas as tradições duas modalidades de oração: as rituais e as espontâneas. “*Ritus*” provém da raiz indoeuropeia *rita*, que significa “ordenar”. Sua eficácia recai na repetição. As orações rituais são orações repetitivas em que não se procura a novidade e onde não há lugar para a espontaneidade nem para o imprevisto. Toda a sua força provém precisamente da fidelidade ao que está prescrito nos gestos e nas palavras. Símbolos, hinos, fórmulas, movimentos, objetos etc., tudo está escrupulosamente estabelecido para tornar eficaz ao máximo o ato orante.

Entre as manifestações universais que encontramos existe uma ou outra forma de prostração, com a qual se expressa a total rendição e entrega a Deus ou à Realidade última. Outra das modalidades universalmente praticadas é a repetição de uma palavra ou de um número sagrado. A repetição permite a interiorização de um atributo da divindade através de um canto, uma fórmula ou uma palavra. A atividade mental se vê atraída e absorvida por um estado de concentração em que mente e coração se unificam.

O hinduísmo é a tradição em que mais explicitamente se desenvolveu a ciência da repetição de um som ou de uma sílaba sagrada. O *mantra* é um som-palavra que protege o pensamento da dispersão e da distração. *Mantra* provém da junção de *manas* (mente) e *tra* (controle, proteção). O mantra sagrado por excelência é o *Aum*, uma teofania em forma de fonema, em que o A faz referência ao ato criador (Brahmán), o U ao ato preservador (Visnú) e o M à extinção (Shiva).

Na tradição *advaita* pratica-se o *Soham* (Sou Ele). No budismo tibetano encontramos a fórmula: *Om Mane Padme*

Hum, “o tesouro do Loto”, cuja repetição permite o despertar da natureza búdica (a alegria do loto) que está escondida como um tesouro no coração de todos os seres. Mais especificamente ainda, encontramos a repetição do Nome: *Japa Nama* no hinduísmo, com a invocação de Rama, Krishna etc. No islã encontramos o *dikr*, que significa “recordação”, em que a repetição contínua de Alá ou de seus noventa e nove nomes lembra ao fiel sua origem.

Na Igreja do Oriente, pratica-se a oração do Coração com repetição da fórmula “Jesus Cristo, Filho de Deus, tem misericórdia de mim”. No budismo mahayana da escola da Terra Pura, repete-se a fórmula *Namo O-Mi-To-Fo* em chinês e *Namo Amida Butsu* em japonês; nos dois casos, significa “Prostração diante de Amida”. Trata-se do Buda Amitabha (Luz infinita) ou Amitayus (Vida Infinita). A fórmula abreviada se converte em *Nembutsu*. Esta corrente devocional considera que essas sílabas contêm os oitenta e quatro mil ensinamentos do *Dharma*. A repetição do Nome sagrado também se encontra entre os *sij*s. Essa oração repetitiva se reflete num instrumento de oração quase universal: nas contas do rosário católico, em que se combina a meditação da vida de Jesus com a recitação das *Avemarias*; na prática da Igreja do Oriente, baseada no nome de Jesus; no *mala* hindu e budista com cento e oito passos, o *tasbih* ou *misbaha* islâmico, com trinta e três — ou noventa e nove nós, o rosário *sij* etc.

Tudo isso testemunha um modo de orar e meditar simples e ao mesmo tempo muito eficaz uma vez que permite a interiorização das diferentes fórmulas ou Nomes nos quais se encontra condensada a essência de cada tradição.

A oração como expressão e veiculação das aspirações humanas

Nos primeiros graus, a oração contém elementos que expressam as necessidades mais imediatas do ser humano. Desse modo, as religiões se conectam com os estados de ânimo básicos e permitem que se expressem tanto os negativos (ansiedade, culpa, desânimo) como os positivos (agradecimento, esperança, perdão).

Ao dar-lhes um contexto e um veículo de expressão permitem que surjam na consciência e se libertem. Quanto mais rica for a gama de registros, maior a possibilidade de assumir a integralidade da pessoa e de conduzi-la para além de onde se situava antes de orar. A fixação num determinado tipo de oração pode impedir o crescimento de estados psíquicos posteriores.

O roteiro de toda oração — e de uma prática de oração ao longo de toda uma vida — consiste em ir passando da petição à oferta, do eu ao tu, ao nós e ao Todo. Na petição prevalecem as necessidades próprias; na oferta já não se pede nada, mas a pessoa se entrega aos acontecimentos como ocorrerem porque percebe que provêm de Deus — ou d'Aquele que é —, sem nenhuma vontade de mudá-los, deixando transformar-se por eles.

Essa entrega à vontade da Ultimidade é talvez o sinal mais claro de ter alcançado a maturidade espiritual. Na meditação, o sinal de maturidade é dado porque a observância rígida do método de um eu separado vai deixando espaço para uma espontaneidade progressiva de quem entra na percepção da não-dualidade.

Nos graus mais elevados, a prática orante e a meditativa transcendem métodos e símbolos para conseguir a união com o Uno, que é o final para o qual se orientam. Mesmo assim, deve-se dizer que permanece até o final a diferença entre a via devocional da oração e a *via cognitiva* da meditação. A primeira se expressará sempre em termos de oferta, de união e de êxtase amoroso, enquanto a segunda o fará como uma abertura da consciência ao Todo através da máxima quietude.

Aprendizagem, obstáculos, acompanhamento e magistério

Na maioria dos casos, as escolas de oração e meditação se originam de grandes linhagens. Todas as tradições dispõem de sábios e mestres experientes que transitaram pelos diversos campos do espírito, conheceram seus cumes e seus abismos, suas planícies e seus desertos. Não há avanço sem

experiência e sem magistério, em que a relação mestre-discípulo é fundamental. A vida orante ou meditativa se aprende praticando e por isso o ensino deve ser feito de um para o outro, de forma direta, que é o que significa *Upanishad* (ficar sentado ao lado). Deve-se passar e ter passado pelas diversas etapas. Em muitas tradições fala-se de instâncias ou estações, nas quais se passa por noites e tentações — tanto de impotência como de prepotência — até chegar à morte do eu que permite alcançar o estado de união ou de não-dualidade. O que é adequado num momento da caminhada pode deixar de sê-lo em outra etapa. Por isso devemos estar acompanhados por mestres experientes.

Uma das questões relevantes que se debatem na nova situação dos encontros interreligiosos é o efeito que têm determinadas práticas meditativas como o yoga, o zen, o tai chi ou o chi kung etc., sobre seus praticantes. Em princípio, são de caráter não confessional, mas na medida que veiculam as cosmovisões de onde surgiram, têm um efeito importante em quem as pratica, produzindo modificações significativas em suas crenças anteriores.

Existe uma afirmação latina que diz: *Lex orandi, lex credendi* (a lei da oração, a lei da crença). Isto é, a forma de orar ou meditar acaba configurando a forma de crer, como acontece também na direção inversa: a crença determina uma forma de orar. Esta é uma das questões abertas e também fascinantes sobre as quais nossa geração — e ainda mais as gerações futuras — deveriam continuar investigando.

A forma de orar ou meditar configura a forma de crer e a crença determina uma forma de orar e meditar.

Em alguma coisa as tradições nos dizem que é fundamental consagrar um tempo e um espaço assíduos — pessoal e comunitário — para silenciar o espírito e recolher-se na gruta do coração para abrir-se ao relacionamento com o Essencial. Extensos e difíceis são os caminhos da oração e da meditação, mas muito alto é seu fruto: a transformação interior. Cada tradição nutre com o melhor que possui para acompanhar nessa

peregrinação que vai desde a auto centralização à comunhão — ou iluminação — que torna possível a entrega à Fonte, origem e fim de tudo⁴⁷.

Despertar ou continuar a dormir, eis a questão⁴⁸

Parábola das dez jovens (Mt 25, 1-13)

“O Reino do Céu será semelhante a dez virgens que, tomando as suas candeias, saíram ao encontro do noivo. Ora, cinco delas eram insensatas e cinco prudentes. As insensatas, ao tomarem as suas candeias, não levaram azeite consigo; enquanto as prudentes, com as suas candeias, levaram azeite nas almotolias.

Como o noivo demorava, começaram a dormir e adormeceram. No meio da noite, ouviu-se um brado: ‘Aí vem o noivo, ide ao seu encontro!’ Todas aquelas virgens despertaram, então, e aprontaram as candeias.

As insensatas disseram às prudentes: ‘Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas candeias estão a apagar-se.’ Mas as prudentes responderam: ‘Não, talvez não chegue para nós e para vós. Ide, antes, aos vendedores e comprai-o.’ Mas, enquanto foram comprá-lo, chegou o noivo; as que estavam prontas entraram com ele para a sala das núpcias, e fechou-se a porta.

Mais tarde, chegaram as outras virgens e disseram: ‘Senhor, senhor, abre-nos a porta!’ Mas ele respondeu: ‘Em verdade vos digo: Não vos conheço.’

Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.”

Os três episódios narrados (as dez jovens, os talentos e o juízo final) continuam sendo advertências à comunidade, com a finalidade de pôr os cristãos em guarda sobre as con-

⁴⁷ Não deixe de consultar *Meditación na Biografía del silencio*, de Pablo DÓrs, Ed. Siruela, Salamanca, 2015.

⁴⁸ Escrito por fr. Marcos em *Escuela de fé adulta*, novembro de 2017.

sequências definitivas de suas atitudes vitais. Deus não pode fazer mais nada. A bola está em nossas mãos e depende de nós jogar ou não e jogar bem ou mal. Em todo caso, apitarão no final da partida.

Por sorte, já não pensamos num Deus vingativo que está à espreita para ver como consegue nos pegar numa falha e condenar-nos. Já não se ouve a frase terrível; “Deus pegará você”, o que é um insulto a Deus e a toda a mensagem de Jesus. Deus não nos espera no final do caminho para sujeitar-nos a um julgamento. Não. Deus é o princípio e está conosco em todos os instantes de nossa vida para podermos levá-la à plenitude.

Hoje não tem sentido amedrontar: Não sabeis o dia nem a hora. Tremei! A verdade é que, no ciclo (A) nos libertamos de textos apocalípticos, que são ainda mais assustadores. Não é a morte que deve dar sentido a nossa vida, ao contrário, só vivendo ao máximo, aprendemos a morrer. Ainda que sobre apenas um segundo de vida, faríamos mal de pensar na morte. Seria muito mais positivo viver plenamente esse segundo. A morte não tira nem acrescenta nada; devemos dar sentido à vida enquanto estamos em pé.

Lembrem-se. Depois de um ano, ou mais, de casamento, as bodas eram celebradas; a noiva era levada à casa do noivo e lá celebravam o banquete. Essa cerimônia não tinha nenhum caráter religioso. O noivo, acompanhado de seus amigos e parentes, ia à casa da noiva para levá-la à casa de sua própria família. Em sua casa o esperavam a noiva e suas amigas, que a acompanhariam. Todos esses ritos começavam ao pôr do sol e invadiam a noite; por isso as lâmpadas eram necessárias.

A importância da narrativa não se refere ao noivo nem à noiva, menos ainda aos acompanhantes. O que o relato destaca e a luz. A luz é mais importante que as próprias moças, porque o que determina que entrem ou não no banquete é terem ou não o candeeiro aceso. Uma acompanhante sem luz não significava nada no cortejo. Então, para que uma lâmpada produza

luz, tem de ter azeite. Esse é o problema. O importante é a luz, mas o que é preciso procurar é o azeite.

Jesus havia dito: Eu sou a luz do mundo. E também: vós sois a luz do mundo. O ser humano é luz quando desenvolve seu verdadeiro ser; quer dizer, quando transcende e vai além do que lhe pede sua simples animalidade. Não é que nossa condição de animais seja algo ruim; ao contrário, é a base para alcançarmos nossa plenitude, mas se não formos além, limitamos nossas possibilidades de humanidade.

A primeira leitura pode nos ajudar a encontrar o sentido da parábola. A verdadeira Sabedoria é encontrar o sentido da vida. Dar sentido à vida é mais importante que a própria vida. Esse sentido não vem pronto para nós; temos de buscá-lo. Essa é nossa tarefa especificamente humana. Essa é a advertência da parábola. Precisamos estar alerta porque o tempo passa. É preciso despertar, porque, do contrário, perderá a oportunidade de ser “você”.

Qual é o azeite que arde na lâmpada? Se acertarmos a resposta a essa pergunta, teremos resolvido o significado da parábola. Em Mateus, 7, 24-27, lemos: Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática se parece com o homem *sensato que edificou sua casa sobre a rocha*. E todo aquele que não as põe em prática se parece com o *insensato que edificou sobre a areia*. A luz são as obras. O azeite que alimenta a chama é o amor. O ser sensato não depende de um conhecimento maior, mas da plenitude de Vida.

Assim se entende que as sensatas não compartilhem o azeite com as insensatas. Não é egoísmo. É que fica impossível amar em nome de outro. Nossa lâmpada não pode arder com azeite emprestado. Dar sentido à vida não pode ser improvisado de repente. Só com o que há de Deus em mim, descoberto, reconhecido, implementado, pode ser considerado como aquilo que acendeu nosso ser. Esse desenvolvimento constitui a Sabedoria de que nos falava a primeira leitura. Sem essa chama, seremos irreconhecíveis até para o próprio Deus.

Interpretar a parábola no sentido de que devemos estar preparados para o dia da morte, é voltar as costas ao evangelho. A espera de uma vinda futura de Jesus é pura mitologia que nos leva a uma categoria sem saída. A parábola não enfatiza o fim, mas a inutilidade de uma espera que não é acompanhada de uma atitude de amor e de serviço. As lâmpadas devem ficar acesas sempre; se esperamos o último momento para prepará-las, toda a vida vai transcorrer carente de sentido.

Obcecados pela “salvação eterna” e pelo além, interpretamos essa parábola como uma advertência de preparação para a morte, ou pior ainda, para o juízo. Nada mais longe do significado do relato. Se o azeite é o amor, que faz funcionar a vida cristã, não podemos pensar no último dia para que tenha sentido. Temos de procurar uma interpretação mais de acordo com a mensagem de Jesus.

A vinda de Jesus no final dos tempos é uma imagem escatológica que não podemos tomar ao pé da letra; tem um significado muito mais profundo. Jesus, com sua morte na cruz, consumiu todo o seu azeite num clarão que continua nos iluminando. O dom total de si mesmo transformou todo o humano em divino. Ali culminou sua “história” porque só permanecerá identificado com Deus, e Deus está fora do tempo e do espaço.

Os cristãos caíram numa armadilha de entender a segunda vinda de Jesus de um modo temporal. Nós continuamos esperando essa segunda vinda em que não se falará da cruz, mas da glória para todos. Não nos agrada como Jesus terminou sua passagem na terra. Essa é a causa pela qual inventamos um futuro de acordo com nosso gosto para ele e para nós. Íamos nos sentir muito à vontade se voltasse cheio de glória e nos desse aos “bons” essa mesma glória. Essa visão raquítica, nós a fazemos partindo de nosso falso “eu”, que nunca aceitará o desaparecer, muito menos consumir-se em benefício dos demais.

Se de fato queremos deixar de ser insensatos e começar a ser sensatos, devemos desenvolver nossa vida sob outra perspectiva. Temos de abandonar todo projeto de glorificação, seja neste mundo seja no outro, e entrar no caminho do serviço aos outros até a entrega total. O azeite só produz luz quando se

consome. Se aceitarmos o programa do evangelho só porque nos prometeram uma “glória”, a coisa não pode funcionar. Estamos completamente enganados se pretendemos nos elevar com o santo e a esmola.

Para uma oração centrante

Escolher um pensamento

“Eu sou a luz do mundo”.

Sua experiência de Deus foi sua lâmpada acesa.

Dentro de você, precisa descobrir o azeite.

Se acender, dará luz e iluminará seus passos.

Você é a lâmpada, o azeite e a luz.

Ninguém pode emprestá-lo a você porque você é sua própria vida.

Transforme o pensamento escolhido em jaculatória apropriada.

3.4. Exercitar a escuta (Ouvir os textos místicos)

Retornar à escola dos mestres

Mestre Eckart

Pelo *conhecimento* concebo a Deus em meu interior; pelo amor, ao contrário, penetro em Deus. Deus e eu somos um na ação: ele atua, e eu começo a existir.

O fogo transforma o que se põe nele, chega a ser de sua mesma natureza. Não é a madeira que transforma o fogo; é antes o fogo que transforma a madeira.

Assim também seremos transformados em Deus para que cheguemos a conhecê-lo tal qual ele é (1Jo 3, 2) E São Paulo diz: “Conhecemos assim: eu a ele tanto quanto ele a mim”⁴⁹.

“Todas as criaturas são uma mensagem de Deus. Minha boca fala de Deus e o revela. O ser da pedra faz o mesmo e passamos a conhecer mais pela ação do que pelas palavras.

⁴⁹ *El fruto de la nada*, Al. Editorial, Madrid, 2008, pp. 51-52.

Todas as criaturas querem *repetir o que Deus diz*; não importa o pouco que são capazes de revelar, é muito diferente o que as criaturas receberam (em comparação com o que há em Deus) mesmo quando quiseram expressar tudo o que poderiam dizer. [...]

Todas as criaturas clamam para retornar novamente ao interior de onde surgiram. Toda a sua vida e seu ser são um grito e uma vontade de regressar para Aquele de quem saíram.”

Mística judaica

No banquete de Páscoa os judeus recitam o hino Dayenu, no qual são enumerados quinze presentes de Deus: ao longo das três estrofes vão fazendo referência à libertação da escravidão, aos grandes prodígios que Deus fez a favor deles e à relação de proximidade de Deus com seu povo. Cada estrofe termina com a palavra dayenu (teria sido o bastante para nós).

Dayenu

Com quantos benefícios Deus nos presenteou!

Se Ele nos trouxesse do Egito ,

e não houvesse feito julgamentos contra eles

- Dayenu, teria bastado!

Se Ele tivesse feito julgamentos contra eles,

e não contra os seus ídolos

- Dayenu, teria bastado!

Se Ele tivesse destruído seus ídolos,

Sem ferir seus primogênitos

- Dayenu, teria bastado!

Se ele tivesse ferido seus primogênitos,

e não nos tivesse dado sua riqueza

- Dayenu, teria bastado!

Se Ele nos tivesse dado sua riqueza,

e não tivesse dividido o mar para nós

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele tivesse dividido o mar por nós,
e não nos levasse por terra seca*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele nos tivesse levado através do mar em terra seca,
e não tivesse afogado nossos opressores nele*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele tivesse afogado nossos opressores, e não suprisse
nossas necessidades no deserto por quarenta anos*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele suprisse nossas necessidades no deserto por
quarenta anos, e não nos alimentasse com o maná*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele nos tivesse alimentado com o maná,
e não nos desse o Shabat*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele nos tivesse dado o Shabat,
e não nos trouxesse antes do Monte Sinai*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele nos trouxesse antes do Monte Sinai,
e não nos desse a Torá*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele nos tivesse dado a Torá,
e não nos trouxesse para a terra de Israel*

- Dayenu, teria bastado!

*Se Ele nos trouxesse para a terra de Israel,
e não construísse para nós o Templo Sagrado*

- Dayenu, teria bastado!

*Assim, portanto, que grandes e numerosos
São os benefícios de Deus para conosco!⁵⁰*

⁵⁰ <https://en.wikipedia.org/wiki/Dayenu#Text>. Acesso em 25.07.2019.

Josep Maria Rambla, S.J.⁵¹

A respeito da mística inaciana segue algumas pérolas apresentadas por Josep Maria Rambla, um experiente jesuíta.

“E a maior consolação que recebia era ficar olhando o céu e as estrelas, o que de vez em quando fazia demoradamente, porque assim sentia dentro de mim um grande esforço para servir a Nosso Senhor” (*Autobiografia*, 11).

“Os céus cantam a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 19). A consolação que sente agindo assim, além de manifestar uma sensibilidade refinada, não é apenas um sentimento estético, mas um “esforço muito grande para servir a Nosso Senhor”.

Ainda que de modo incipiente e pouco aprofundado, Inácio capta o amor de Deus que se revela através da criação: um amor que cria, um amor redentor que continua vivo e atuante no mundo e, em consequência, convida para o “serviço”. Essa palavra “servir” — e também “serviço” — é daquelas que descreverão mais adiante um dos traços mais característicos da espiritualidade inaciana: um amor que se manifesta no serviço.

O serviço é um dos aspectos fundamentais da existência do homem de fé: “louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor” (EE 23). O serviço define a finalidade da Companhia de Jesus, “organizada para o maior serviço divino” (*Constituições*, n. 259), que consiste no serviço ao próximo.

A vitalidade da fé, que germina nesta singela contemplação emotiva de Loyola, é grande. O próprio Inácio, já na plenitude de sua vida, saía com frequência até o alpendre de sua casa de Roma para contemplar o céu, que o enchia de consolação (FN,IV, 94 e 746)”

Mística inaciana

Os estudiosos da espiritualidade inaciana têm comentado, ao longo dos anos, os conteúdos da *Contemplación para*

⁵¹ El Peregrino . Autobiografía de San Ignacio de Loyola. Introducción, notas y comentario.

alcanzar amor com linguagens novas: lugar de descanso e de comunhão, verdadeira pátria, boas pastagens; sinergia, cooperação, dialética de correspondência, fluir amorosamente...

Aprofunda-se na reflexão teológica: tudo na *Contemplação* é teocêntrico; a esse linguajar da consolação/desolação acrescenta o de *plenitude*; no itinerário do homem até Deus, a etapa final é um *estado espiritual permanente de quem vive servindo e amando em tudo o que faz*.

Dividem conosco as descobertas de sua sabedoria espiritual: *encontra* a Deus muito mais quem o *procura nas boas obras* do que quem começa pela *oração*; não existe *nada profano* para aquele que ama...

Jerônimo Nadal:

“Sabemos que o padre Inácio recebeu de Deus uma graça singular para praticar livremente a contemplação da Santíssima Trindade e descansar nela: ora, esta graça de contemplar a Trindade o orientava, conduzia-o até ela e se unia com ela de todo o coração com grande sentimento de devoção e prazer espiritual; ora contemplava o Pai, ora o Filho, ora o Espírito Santo. E, depois de ter recebido com frequência em sua vida, recebeu-a (quase como objeto único de sua contemplação) nos últimos anos de sua peregrinação; esse modo de contemplar foi um grande privilégio dado ao padre Inácio numa escolha única. Além disso, o fato de contemplar a presença de Deus e sentir o gosto pelas coisas espirituais em tudo, no que fazia e no que dizia, contemplativo até na ação. Assim ele explicava esse fato, dizendo: devemos descobrir Deus em todas as coisas” (MNad IV, 651).

Mística Evangélica

Está respondendo silenciosamente à pergunta de Jesus: “Quem dizem os homens que eu sou?” (Mc 8, 27). Com sua un-

ção, o proclama Rei e Messias, e seu gesto de extravagância e desprendimento o colocou no caminho de perdição que, segundo Jesus, leva à ganância (Mc 8, 35).

Podemos fazer com que seja nossa a experiência dessa mulher e manter com o Senhor uma conversa repetindo o desejo de B. González Buelta⁵².

Em tudo amar e servir (EE. EE. 233)

Em tudo contemplar-te
porque em tudo fomentas
a energia interior e última
que tudo envolve.

Em tudo descobrir-te
perfurando a casca
bela ou carcomida
de tudo o que vive.

Em tudo anunciar-te
próximo e inédito
futuro feliz
surgindo do abismo.

Em tudo sofrer-te
solidário nas perdas
que abatem toda criatura
abrindo teu flanco.

Em tudo amar-te
Deus íntimo e universal,
no abraço que entenece
e em comunhão cósmica,

Em tudo servir-te
trabalhando junto contigo
na certeza e no mistério
de tudo o que existe.

⁵² B. GONZÁLEZ BUELTA, *Salmos para sentir y gustar internamente. Una ayuda para la experiencia de los Ejercicios Espirituales*, Sal Terrae, Santander 2004, 169.

Tereza de Jesus

“A vontade tem a tendência de amar lá onde percebeu haver inúmeras coisas e demonstrações de amor e queria possuir alguma, em especial se ele se coloca como aquele que nunca deixará de ser um amor autêntico, seguindo-o e dando-lhe vida e ser. Logo a inteligência esforça-se por fazer compreender que não conseguirá amigo melhor nem que viva muitos anos. E lhe diz que fique certo de que fora desse castelo não haverá nem segurança nem paz; que pare de andar pelas casas alheias porque a sua está cheia de bens⁵³.

Não alimente um tipo de humildade, de que penso tratar, que lhe parece ser humilde não compreender que o Senhor vai lhe concedendo graças.

Compreendamos bem como ocorre que Deus nô-los dá sem o menor mérito nosso. Sejamos gratos a Sua Majestade porque se não soubermos que recebemos não nos abrimos ao amor⁵⁴.

João da Cruz

“É evidente que a alma como todas as criaturas do alto e da terra têm sua vida e duração e poder n’Ele. Observe o que diz o livro dos Provérbios: “Por mim reinam os reis e por mim governam os príncipes, e os poderosos exercem a justiça e a entendem” (Prov. 8, 15-16). E, mesmo que seja verdade que a alma consiga ver que estas coisas são distintas de Deus, por terem de ser criadas, e que as veja n’Ele com sua força, raiz e vigor, Deus conhece tanto como ser de infinita eminência todas essas coisas, que as conhece melhor em

⁵³ *Moradas Segundas, 4.*

⁵⁴ *Vida, cap. X, 2.5.*

seu ser do que nas próprias coisas. E este é um deleite grande dessa lembrança: conhecer através de Deus as criaturas, e não pelas criaturas a Deus; o que é conhecer os efeitos por sua causa, e não a causa pelos efeitos; que é um conhecimento superficial, e o outro essencial” (Llama B, Canción 4,7).

**Não são místicos consagrados, são “religiosos” que praticam
Anna Baduel**

Cristã católica. Jornalista. Trabalha no Escritório de Informação da Prelazia da Opus Dei na Catalunha.

“Não existe uma técnica para falar com Deus. É uma graça recebida”.

Rezar ou meditar? Tenho um diálogo com Deus. Como cristã sinto-me filha de Deus e como filha que ama seu Pai falo com meu Pai Deus. Tento conseguir que esse diálogo seja fluente e constante, com momentos mais intensos e momentos mais sóbrios.

Não há uma técnica, é uma graça recebida; mas nos evangelhos encontramos modelos para tornar esse diálogo mais frutífero. Dizem-nos que Jesus, em momentos importantes, retirava-se sozinho para falar com o Pai. O recolhimento nos ajuda.

Nas tarefas do dia a dia também podemos falar com Deus: quando fazemos as coisas com amor, estamos fazendo aquilo que São Josemaria Escrivá chamava “materializar a vida espiritual”. Costumo dedicar um momento diário de oração, em recolhimento, no trem ou na frente de Jesus Sacramentado no sacrário de uma igreja, ou em comunidade, nas cerimônias litúrgicas ou quando rezo o rosário com meu marido e meus filhos.

Como aprendeu a rezar? Venho de uma família cristã em que sempre houve predileção pela oração. Com ela aprendi. Primeiro, aprendi orações vocais simples como o Anjo da Guarda, ou o Pai Nosso; fui aprendendo a falar com Deus. Depois, a primeira comunhão, a confissão... Você acaba sentindo

cada vez mais a presença de Deus, que se converte naquele amigo a quem você explica tudo e que sempre está disposto a ouvir você. Com o tempo, o que fica difícil é não falar com Ele a todo momento.

Para quem serve a sua oração? Sei que existe alguém que me ama como um ser irrepetível e único. É um amigo que não falha nunca.

Poderia dar um exemplo concreto em que a oração a tenha ajudado? Sempre ajuda, você acha um sentido para o que faz. Pessoalmente me tem ajudado muito a descobrir o caminho para ser feliz, a dar-me conta de que vale a pena lutar por aquilo que você quer, e que, se você ama de verdade, não deve preocupar-se com muitas coisas mais⁵⁵.

“Toda madrugada levanto-me lá pelas quatro horas, tomo banho e, em seguida, rezo.

Reza ou medita? Rezar e meditar são uma coisa só; nos dois casos, você está em conexão com Deus. Rezo e medito.

Na prática, como consegue entrar em contato com Deus? Cada manhã levanto-me por volta das 4 horas, tomo banho e depois rezo. Para rezar eu me sento e leio cinco hinos escritos por três gurus diferentes. À tarde, leio outro hino e, antes de dormir, mais um. São sete hinos cada dia. Todos nós, que tomamos o Amrit (néctar sagrado de iniciação, batismo), nos obrigamos a agir assim. No que diz respeito à meditação, não me foi imposta nenhuma norma. O que faz falta é desconectar-se com o exterior. Faço isso praticamente o dia todo: trabalhando, indo de um local para outro... Só paro de meditar quando converso com alguém. Durante a semana, medito sozinha e, no final de semana, quando vou ao Gurdwara, em grupo.

Como aprendeu a rezar? Quando nós, siques, tomamos o Amrit, os Cinco Eleitos (os encarregados de nos dar o Amrit

⁵⁵ por **Clara Fons Hardev Singh**. É sique. Foi presidente e é membro do Conselho do *Gurdwara Gusangat Sahib* de Badalona. Iconógrafa de tradição românica e ortodoxa. Praticamente autodidata. É fundadora e mestra da Oficina de Iconografia da Comunidade Ecumênica de Sant Jordi.

na presença do Guru Granth Sahib, o livro sagrado) nos ensinam a meditar. Eles são os primeiros. Além disso, durante a vida há diferentes pessoas maduras, avançadas no mundo espiritual que também nos guiam. Cada um segue um caminho espiritual diferente em função de onde recebem informação. Eu, por exemplo, sigo Sant Vareaam Singh Dji, que morreu no ano 2001. Seus escritos, nos quais explica detalhadamente sua experiência pessoal, me ajudaram muito a fazer minha caminhada espiritual.

Para que lhe serve rezar ou meditar? Para limpar uma roupa suja preciso de sabão; para limpar os pecados da alma preciso meditar. Como todo mundo, acumulo os pecados de vidas anteriores, e meditar e executar tarefas sociais me permite limpá-los. Quanto mais eu meditar, mais camadas de sujeira eliminarei, e quando atingir a última camada e conseguir eliminá-la — não sei se será nesta vida ou na seguinte — me unirei a Deus. Porque Deus está em toda parte: tanto em nosso exterior como no nosso interior.

“Além de tudo, rezar é mais importante do que comer e beber”.

Reza ou medita? Ambas podem estar unidas. Tanto na oração como na meditação você precisa concentrar-se e separar-se dos problemas da vida para focar num único ponto, que é Deus. Quando rezo, muitas vezes também medito.

Como faz para rezar? Embora reze também em comunidade, a oração que mais me satisfaz é a que faço na solidão. Eu me distancio da situação cotidiana e me concentro no que realmente é importante na vida: a comunicação com Deus. O ideal é rezar sempre no mesmo local e na mesma hora, mas em qualquer momento do dia é possível fazê-lo. Até num ambiente barulhento podemos entrar em comunhão com Deus. A Oração do Coração ou de Jesus (muito em uso pelos ortodoxos), por exemplo, pode ser feita enquanto você executa seu trabalho diário: é uma oração curta e repetitiva que se une a nossa respiração.

Pintar ícones é também uma maneira de rezar? Sem dúvida. Os ícones transmitem as Sagradas Escrituras nas

suas formas e nas suas cores. Pintar é rezar; não dá para separar um do outro.

Como aprendeu a pintar ícones? Nunca pintara antes; ignorava tanto a iconografia como a pintura. Mas um dia meu marido me deu um ícone de presente. Ao contemplá-lo, tive uma experiência impressionante de Deus e a partir daquele momento não conseguia fazer nada além de pintar em plena comunhão com Ele. Foi impressionante. Senti tanta felicidade que passei a amar o mundo inteiro. Estava cheia do amor de Deus.

De que lhe adianta rezar? Faz com que fique permanentemente em contato com Deus. Ele é a Fonte da vida e ficar unidos a Ele nos dá vida e plenitude. É até mais importante do que comer e beber. Quando estou em comunhão com Deus, sinto sua força e isso é maior que qualquer felicidade humana. Recomendo a todas as pessoas que procurem ler, refletindo, as Sagradas Escrituras e que contemplem os Santos Ícones: isso mudou a vida de muitos⁵⁶.

“Atualmente incluo a oração na meditação.”

Reza ou medita? Faço muito mais meditação do que oração. Em geral, quando medito, o que faço é esvaziar-me para receber o que Deus quer me dar. Na oração, por outro lado, peço a Deus o que penso que estou precisando. Atualmente incluo a oração na meditação. Faço uma meditação que denomino de criativa: ela integra o que me beneficiou mais entre os diversos tipos de meditação que tenho praticado. Procuro a unidade das religiões. Deus é Uno, mas o vivemos de diferentes formas.

Como realiza essa prática? De vários modos. Em casa dedico um espaço de silêncio e de desconexão do exterior de manhã e à tarde. Normalmente me sento numa cadeira especial que tenho para a meditação. Também acompanho pessoas no seu processo de aprendizagem na meditação e, ao acompanhá-las, medito na companhia delas. Essa dimensão de meditar e rezar ao mesmo tempo é muito importante.

⁵⁶ Praticou diversos tipos de meditação. Durante 22 anos foi presidente da associação Brahma Kumaris de Barcelona. É fundadora e diretora do *Instituto Diálogos e Indagação Apreciativa*, IDEIA.

Para que serve meditar? Entre muitas outras coisas meditar me permite controlar as emoções, concentrar-me para criar pensamentos elevados e administrar os pensamentos inúteis. Com a meditação minha vontade se une com a vontade de Deus.

Poderia dar um exemplo concreto em que a oração a tenha ajudado? Certa vez, muito esperançosa, fiz uma proposta a um amigo. Ele me respondeu que não e, por cima, o fez com pouco tato. Foi como jogar uma jarra de água fria em cima de mim. Naquele momento, para não sentir dor nem tristeza, entrei em estado de meditação; acolhi aquele “não” a partir de sua aceitação e não permiti que meu coração sofresse. Continuei cheia de esperança.]Por Clara Fons].

Um minuto de absoluto bem-estar⁵⁷

“Ontem quase não dormi a noite inteira. Quando acabei de escrever em meu diário, pus-me a rezar a Deus. É impossível transmitir a doçura do sentimento que experimentei durante a oração. Recitei as orações que normalmente digo: o Pai Nosso, a Ave Maria, a Trindade, a Porta da Misericórdia, uma invocação a meu anjo da guarda, e depois continuei rezando. Se definimos a oração como uma petição ou um agradecimento, então não rezei. Desejava algo sublime e bom; ainda que não saiba expressar-me, via com grande clareza o que eu queria.

Querida fundir-me como o Ser que tudo abarca. Pedi-lhe que perdoasse meus pecados; mas não, não foi isso que pedi a Ele porque sentia que se Ele me havia presenteado com aquele momento de bem-estar era porque já me havia perdoado. Pedia-lhe e ao mesmo tempo sentia que não tinha nada para pedir e que não posso e não sei pedir. Agradei, sim, mas não com palavras nem com o pensamento.

⁵⁷ **Lev Tolstói** *Fragmento de Diários* (1847-1894) de Lev Tolstói (Acantilado, 2002, Barcelona), escrito em 1851, quando tinha 22 anos.

Reuni tudo num só sentimento: a súplica e a ação de graças. O sentimento de medo desapareceu completamente. Não podia separar do sentimento global nenhum dos sentimentos de fé, esperança e amor. Sim, o sentimento que experimentei ontem era de amor a Deus. Um amor sublime que reúne tudo aquilo que é bom e rechaça tudo aquilo que é ruim.

Como foi terrível para mim ver a parte mesquinha e viciada da vida! Era impossível conceber que alguma vez tudo aquilo me tivesse atraído. De todo o coração pedia a Deus que me recebesse em seu seio. Não sentia a carne, era apenas espírito. Mas não, a carne, a parte mesquinha da vida voltou a predominar e antes que passasse uma hora escutei quase inconscientemente a voz do vício, da vaidade, do lado frívolo da vida; sabia de onde vinha aquela voz, sabia que destruiria meu bem-estar, lutei contra ela e sucumbi. Caí no sono sonhando com a glória e as mulheres; mas não foi minha culpa; não consegui fazer nada.

O bem-estar eterno aqui é impossível. O sofrimento é indispensável. Para quê? Não o sei. E, apesar disso, como me atrevo a dizer: não o sei. Como posso atrever-me a pensar que é possível conhecer os caminhos da Providência? A Providência é a fonte da razão e a razão se perde nas profundezas da sabedoria e o sentimento receia ofendê-la. Agradeço pelo minuto de bem-estar absoluto que me revelou minha insignificância e minha grandeza.

Quero rezar, mas não sei como fazê-lo; quero compreender, mas não me atrevo; entrego-me a Tua vontade. Para que escrever tudo isto? De que modo tão trivial, frágil e até estúpido meus sentimentos se manifestam,... num momento em que pareciam tão elevados!"

⁵⁸ Gerardo Villar, *in*AFA.

As pegadas⁵⁸

A respeito da busca de Deus é notória a narrativa de Gerardo Villar a partir da experiência vivida por Charles de Foucault, conforme segue:

Um grande amigo é Hermanito de Foulcault. Desde seus dezoito anos contempla e busca a Deus. Seu primeiro trabalho foi cuidar de camelos no deserto. E para isso, especializou-se em conhecer e **procurar pegadas de camelos na areia**. Fiquei impressionado. Como é possível identificar as pegadas de cada camelo...? Isso vai ajudar muito. Frequentemente eu me queixo de que é muito difícil identificar as digitais de Deus na vida.

Tudo é questão de treinamento. Conhecer como Deus se manifesta, como deixa suas digitais e logo depois... procurá-las.

Jesus nos disse que Deus se manifesta especialmente nas pessoas. E entre elas, nas pessoas mais pobres. Como vê-lo no prisioneiro, no faminto, no enfermo, no ignorante... Percepção e ação. Sem dúvida, creio que o primeiro passo consiste em conhecê-lo dentro de mim, nas minhas pobreza e misérias.

É curioso, nunca pensara nisso. As pegadas são o casco dos pés às avessas. É como ver a parte positiva ao ver os sinais. Pode parecer feio, mas dou-lhe uma virada e sempre vejo o positivo: animais ou pessoas que passaram por aí me fazem pensar nas maravilhas que os pés suportam, o peso, o corpo, a inteligência...

Deus se faz presente, deixa sua marca na beleza da natureza. E também no que não vemos, mas ele se revela... Agora vou aposentar-me. É a parte inversa da vida. Já não há ilusões, atividades, força, coragem... É hora de ver os resultados de toda uma vida. E as pegadas são cansaço, dores, enfraquecimento... E quando faço uma pausa e me recordo do que produziram essas pegadas que carrego comigo? As mãos do lavrador estão cheias de calos. Que beleza, que grandeza, que obra de arte!

Cada vez que você perceber uma deficiência em alguém, algum detalhe indicador de fracasso, dor, marginalização, vou pensar em quem produziu essas marcas. Talvez outras pes-

soas, com seu trato, com seu estilo de vida, com sua riqueza, produziram essa marginalização. Para que algumas pessoas possam correr a 120 por hora, muitas outras têm de ir a pé, de ônibus, no lombo de um animal ou em velocidade reduzida.

Sinto mais dificuldade em ver as intenções das pessoas do que as pegadas dos camelos.

É questão de observar sempre as pegadas. Por trás delas há toda uma vida, uma intencionalidade. E, principalmente, uma pessoa. Por isso é tão importante chegar à pessoa, a quem produziu esses resultados.

E naturalmente, vou fazer de tudo para perceber o belo em tudo porque “derramando mil graças, passou por essas trilhas pressionando as passadas e à medida que caminhava observando tudo, deixou o caminho revestido de sua formosura”.

Preciso de tempo para conhecer as pegadas do camelo, para identificar a presença de Deus que está em todas as coisas e pessoas.

3.5. A meditação como caminho de integração

A meditação já não se caracteriza mais apenas como exclusividade do domínio religioso. Era chamada antigamente de oração por excelência, em especial na cultura da Europa Central.

É praticada com sucesso em ambientes físicos, psicológicos, religiosos...

Foi particularmente aplicada e acolhida nos setores da infância, entre crianças com dificuldade de aprendizagem, falta ou carência de atenção e concentração.

Foram feitas experiências dela como um método para contribuir, tranquilizar, moderar etc. Os que a praticam com frequência conseguem dormir melhor, melhoram suas habilidades sociais, seu rendimento acadêmico...

Quando praticado de preferência em ambientes secularizados, sua aplicação se dá sem prejuízos ou dificuldades infundadas.

Alguns argumentos a favor da meditação

A concentração inicial da criança é de todo o seu ser e de seu instinto na ação do momento. Realiza-se uma certa integração do corpo, instinto, espírito, emoções e sensações num tempo às vezes breve, mas atuando juntos.

Podemos ver isso na execução de qualquer jogo ou exercício infantil. As várias potencialidades da pessoa fluem e refluem de um conjunto comum unido e vinculado, de modo tão direto que dificilmente a criança concretizaria mais tarde mesmo com exercícios penosos a que fosse forçada.

Essas influências e confluências pessoais normais e naturais se manifestam especialmente vinculantes no jogo e em quaisquer atividades lúdicas variadas.

A meditação não é apenas um instrumento de educação, é útil para a família inteira.

A técnica de transformar o presente como tempo fundamental favorece a plenitude.

A disposição para a prática real:

Colocamo-nos em círculo, e é boa a ideia de todos nos sentarmos no chão, sobre uma almofada dura e com os braços sobre os joelhos e a coluna reta. Pode ser contra a parede.

Pode-se preferir ficar esticado, deitado, ou em pé. Neste caso, podemos iniciar com uma pequena dança em que 'sacudimos' ou nos livramos dos obstáculos que podemos estar carregando dentro de nós e também de outros para nos sentirmos mais livres e soltos.

Para aprender, nas primeiras vezes é recomendável que um adulto oriente a meditação dizendo passo a passo em que convidamos as crianças a focar sua atenção. Falaremos com voz pausada e calma.

Se uma criança não está de modo algum disposta a fazer a meditação como lhe propomos, podemos pedir-lhe que tente pelo menos uma parte. Se mesmo assim não for possível, com

grande tranquilidade, pediremos delicadamente que deixe o grupo, sem nenhum julgamento pejorativo, para que os outros possam prosseguir.

Quanto aos passos a seguir, proporemos uma pauta factível, mas cada participante decidirá tanto a ordem para realizá-la como a linguagem que vai usar.

Por exemplo, pode-se encaminhar a meditação com uma história, tendo o cuidado para que ela não distraia do objetivo principal, que é focar a atenção no presente.

Propomos os passos a seguir, com duração aproximada de um minuto ou dois para cada um:

- Breve ritual de saudação para começar, por exemplo, dando-se as mãos,
- Fazer uma pequena reverência na direção do centro do círculo,
- Fechar os olhos e observar a própria respiração, inspirando e expirando,
- Imaginar como o ventre reage, inchando e desinchando.
- Viajar por dentro do próprio corpo, da cabeça aos pés, observando detalhes, como coceira, dor, sensibilidade, músculos tensos, relaxados...

Se estamos sentados ou deitados, poderemos começar tomando consciência do peso de cada extremidade e da cabeça...

Os métodos da Pedagogia

04

4.1. Um processo semelhante ao dos ruminantes

O sistema de Enzo Bianchi⁵⁹

Menções feitas por ele a respeito da necessidade de nos aprofundarmos na mensagem do evangelho para os tempos que estamos vivendo: "... temos de salientar a grave carência do povo cristão: orar, orar com a Palavra. Insistimos mais uma vez: muitos cristãos rezam muito e escutam pouco. Escutar a Palavra, entender a mensagem, mastigá-la, assimilá-la. Contemplar Jesus para que penetre em nossas vidas e seja fermento que nos transformará de dentro para fora" (Enzo Bianchi, fundador do mosteiro misto e ecumênico de Bose, Milão).

Como conclusão do curso: cláusulas para a leitura da Bíblia.

⁵⁹ Enzo Bianchi, conferência sobre La Espiritualidad y la Biblia, 6 de junho de 2017, Barcelona.

Em vez de leituras críticas, sobre gêneros literários, temas e personagens bíblicas, figuras femininas na Bíblia.

Seguindo os avanços antropológicos e sociológicos, a explicação da Bíblia não pode ser feita fora da própria vida.

A Bíblia como portadora da tradição espiritual original do homem.

Como lugar de encontro do homem Deus e seu relacionamento vocacional.

A Bíblia como espelho do que o homem é, do que o povo é.

Enzo Bianchi

O modo de rezar com a palavra bíblica.

A *lectio divina* do Vaticano II.

Homem à procura da vocação monástica, no estilo Taizé, no estilo A-bbé Pierre.

Mesa pronta e eucaristia preparada. Evangelho aberto. Doutor *honoris causa* de gastronomia.

Bíblia e espiritualidade

O cristinamismo não é uma religião do livro. O Islamismo é uma religião do livro, Corão, com um autor, uma Fonte de revelação, Alá. Com uma interpretação.

O cristianismo é uma “religião” de uma pequena biblioteca, 73 livros

Com conteúdos especiais de verdades teológicas, a Torá,
Com conteúdos de verdades proféticas, os profetas.

Com conteúdos de verdades de sabedoria sapiencial, os livros sapienciais.

Está em três línguas originárias: hebraico, aramaico e grego,

São inúmeras as revelações, ao longo de mil anos, em terras do Iraque, da Mesopotâmia, de Roma... das culturas desses povos e lugares.

É a biblioteca de um povo com muitas vozes diferentes, que traduzem, que interpretam, com seus condicionamentos e limitações.

É um espelho do humano, é um espelho do homem depois do encontro com Deus.

Nele se percebe Deus, fé, cultura. Lugar de encontro com Deus que se revela a si mesmo, que revela o que o homem é diante de Deus.

A Bíblia é uma leitura humana do que o homem é e é também uma leitura humanizante.

A palavra de Deus está na Bíblia, mas JESUS CRISTO É A PALAVRA.

A palavra da Bíblia mediante a interpretação feita à luz do Espírito Santo.

JESUS CRISTO é a plenitude, a concretização, que julga o Antigo Testamento. E o Novo Testamento.

A Bíblia é como um cemitério italiano, cheio de belos sepulcros, mas mortos; falta-lhes a vida da interpretação do Espírito.

A espiritualidade

A ação frequente de alimentar-se, de engolir a isca; a ação frequente de ruminar demoradamente, para permitir ao Espírito que abra nossas mentes.

A imagem dos discípulos de Emaús: elaboram uma crônica humana e material com a narrativa e os dados precisos e materiais, crônica humana... desânimo...

Abre suas mentes para que entendam; o coração deles abrasava com as palavras que ouviam.

Começam a fazer-se as grandes perguntas que estão no âmago de toda mente humana em dúvida:

Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Quem são os outros?

4.2. O ponto de partida que vem do interior

Nem de Maria nem de Marta podemos prescindir⁶⁰

Se quisermos compreender o verdadeiro sentido do texto, não devemos nos esquecer do contexto do evangelho de Lucas. Situado na narrativa da viagem a Jerusalém, esse texto tem o objetivo de determinar o perfil daqueles que querem seguir a Jesus. Durante essa subida, ele vai formando seus discípulos. Lucas é o único que relata esse episódio e não é por acaso que uma vez mais ele se sinta interessado em destacar a importância da mulher na vida pública de Jesus. Não devemos interpretar o texto como uma condenção da atitude de Marta. É apenas o contraponto para ressaltar a necessidade que todo cristão tem de ouvir seu único Mestre.

Para melhor esclarecer a passagem bíblica em pauta, apresentamos na íntegra o comentário de Frei Marcos, conforme segue abaixo.

Não faz o menor sentido extrair dessa narrativa uma distinção entre a vida contemplativa e a vida ativa. Muito menos se, em vez de distinção, o que se pretende for uma oposição. Muito menos é acentuada em nenhum trecho a pretensa superioridade da vida contemplativa sobre a vida ativa. Não é correto interpretar o evangelho como declaração de duas classes de cristãos, os que se dedicam à vida ativa e os outros que se dedicam à vida contemplativa. Parece que o primeiro que levantou essa falsa dúvida foi Orígenes, e por 18 séculos seguimos atrás de uma ideia sem fundamento.

Nos primeiros séculos do cristianismo implantou-se a ideia de que não se podia viver o evangelho no meio do mundo. Assim, surgiu a ideia da vida monástica e da fuga do mundo no deserto. Isso nada tem de cristão, porque o evangelho não nos convida a uma separação da vida, mas a vivê-la em plenitude dentro das situações normais para a maioria. Não devemos in-

⁶⁰ (Lc 10, 38-42 - Frai Marcos, em AFA).

terpretar a falta de vocações à vida religiosa como um desastre para a comunidade. Nossa verdadeira preocupação deveria estar em que todos os que somos cristãos pelo batismo desenvolvamos de verdade essa vida cristã como diz hoje Paulo.

No domingo passado, o evangelho terminava com esta frase: “Vá, e faça o mesmo”. Do evangelho deduz-se que não pode haver um amor direto a Deus, que não se reflita no amor aos outros. Aplicado ao tema que estamos tratando, não pode haver contemplação autêntica que não se manifeste na ação. Muito menos pode haver uma ação verdadeiramente espiritual que não surja da contemplação. Claro que pode haver ações boas sem contemplação, mas serão apenas programas que não nos enriquecem espiritualmente. E pode haver contemplação sem ação, mas será sempre uma falsa ilusão.

Uma vez mais devemos superar a aparente contradição do evangelho. Em outro lugar Jesus disse: “Aquele que ouve estas minhas palavras e não as coloca em prática é semelhante a um homem ignorante que edificou sua casa sobre a areia”. Edificar sobre a rocha é ouvir e agir em consequência. Por isso, o relato está longe de ser um espiritualismo desencarnado. Isto é, para atuar com verdadeiro senso espiritual, devemos primeiro ouvir a Jesus e descobrir em sua vida e ensinamentos os motivos da ação. Isso, que parece tão simples, é a chave para entrar na dinâmica da mensagem de Jesus. Tudo o que nos afasta desse caminho só servirá para nos enganar.

Marta, ao queixar-se, não leva em conta o que Maria está fazendo. Pensa apenas no que a prejudica como consequência da atitude da irmã. Jesus não critica Marta por estar ocupada, mas por estar preocupada e inquieta com as realidades materiais, que têm muito pouca importância. Tão pouco diz que o que ela está fazendo é ruim. Repare que ele diz: “Maria escolheu a melhor parte; o que significa que o que Marta fazia era igualmente bom. A mensagem é que toda ação verdadeiramente cristã deve nascer da contemplação.

Nós todos temos de ser ao mesmo tempo Marta e Maria. Não é nada fácil manter o equilíbrio. Numa árvore frutífera, o

que é mais importante, as raízes ou o fruto? A pergunta é absurda. A árvore é impensável sem as raízes. Sem os frutos, ela seria totalmente inútil. É muito fácil resvalar numa direção ou na outra. Em todas as épocas houve místicos que desprezaram o trabalho e homens e mulheres de ação que julgaram ser inútil a contemplação.

O mestre Eckhart tem uma interpretação desconcertante desse relato. Supondo que a primeira consequência de uma escuta da Palavra fosse um serviço e percebendo que Marta já está cumprindo essa tarefa, deduz-se que Marta se antecipa a Maria porque ela ouviu e já está cumprindo. Provindo de um dos maiores místicos de todos os tempos, não há nenhuma suspeita de desprezo pela contemplação, devemos levar a sério esse recado. A contemplação vem em primeiro lugar, mas não é mais importante.

À luz desse relato, abre-se uma nova perspectiva para a mulher. Maria, você é aceita por Jesus como uma interlocutora válida. Talvez seja a narrativa mais subversiva de todo o evangelho. “Sentada aos pés de Jesus ouvia sua palavra”. Maria está lá como discipula. Isso revoluciona todos os valores em que estava baseada a sociedade da época. Alguns textos rabínicos nos dão uma pista do que pensavam da mulher: “Aquele que ensina a Torá a uma mulher, ensina-lhe coisas insensatas”. “Seria melhor que a Torá desaparecesse nas chamas antes de ser entregue à mulher”. “Maldito o pai que ensina a Torá a sua filha”.

A mulher também deve desenvolver seu interior, tem de procurar seu enriquecimento como ser humano. Tem de descobrir que a realização como ser humano é mais importante do que todas as tarefas confiadas à mulher. Jesus convida as mulheres a desenvolver seus valores espirituais. A atitude de Maria ajuda Jesus a descobrir tudo isso. Viu que ela havia adquirido alguns valores espirituais que serviam de referência a ele mesmo. Depois disso, Jesus está em condição de responder à mulher que quis louvá-lo dizendo: “Feliz o ventre que te gerou e os peitos que te amamentaram”. E a resposta de Jesus foi: “Mais ditosos ainda todos os que ouvem a palavra de Deus e a praticam”. Parir

filhos não é o valor fundamental de uma mulher, mesmo que o homem continue empenhado em manter essa avaliação. A mulher não é uma criada, a quem nem temos de pagar.

Essa atitude de Jesus para com a mulher manifesta-se também em muitos outros lugares do evangelho. O comportamento de Jesus com a mulher está completamente livre de misogenia ou antifeminismo. Nenhum indício de medo do sexo ou machismo, nem sequer paternalismo. Os evangelhos nos dizem que no grupo de seguidores havia também mulheres. Os relatos da mulher adúltera, a pecadora, a Madalena, a Cananeia, a Hemorroíssa nos indicam essa preocupação constante com a mulher, que no seu tempo era completamente marginalizada. É lastimável que essa atitude tenha ficado esquecida na Igreja, que continua mantendo depois de dois mil anos sua ideologia machista.

O Concílio Vaticano II rechaçou toda forma de discriminação por razão de sexo como contrária ao plano de Deus; mas a linha seguida nos demonstra, na prática, que isso não vingou na instituição. As mulheres, que se sentiram compreendidas e liberadas por Jesus, foram discriminadas por seus sucessores. A opressão das mulheres na Igreja é apenas uma manifestação externa da repressão do feminino na hierarquia. É hora de superar um patriarcado cego, inconsciente e fanático. Se a mulher tivesse participado das decisões da Igreja, muitas barbaridades não teriam sido cometidas.

Não é que o cristianismo tenha incrementado a marginalização da mulher, mas manteve atitudes arcaicas que Jesus havia superado. O que fizemos como cristãos com a mulher não é apenas a manutenção de um costume ruim; com o evangelho na mão podemos afirmar que é uma injustiça total. Contra essa injustiça não são só as mulheres que devem lutar. Todos temos de fazê-lo. E não será para fazer um favor às mulheres, mas porque é um desperdício de energias prescindir da pior forma de mais da metade de seus membros na hora de buscar soluções para seus problemas.

Para a oração centrante

Escolha um dos pensamentos a seguir:

Você anda preocupada e inquieta por tantas coisas!

É-lhe proposta uma análise pessoal de nossa vida.

Ninguém pode partir do princípio de que o equilíbrio é difícil.

Como o volante de um carro, sempre teremos de estar retificando.

Não existe parte melhor ou pior.

Como numa árvore frutífera, raiz e fruto são igualmente importantes.

Na linha do tempo, lançar as raízes (ouvir a Jesus) vem em primeiro lugar.

O objetivo será sempre o fruto (o serviço de todos).

Esforce-se para ser cada dia mais Marta e mais Maria.

É a única maneira de amadurecer na vida cristã.

Cada dia mais enraizado em Cristo

e mais dedicado para com os outros.

Conclusões

Qual é o significado de “viver a partir do interior”?

Viva a partir do interior.

Você se atreve a criar uma cultura de interioridade,

Programar para educar a interioridade,

Cultivar a interioridade,

Educar na interioridade espiritual

A via da interioridade,

Pedagogia da interioridade.

Aprender a cultivar a interioridade,

Dinâmicas em encontros de interioridade,

As dimensões da interioridade,

Os valores que acompanham a interioridade,

O caminho da interioridade

Viver com Deus a partir do interior⁶¹ (Jo 20, 19-23)

Faz alguns anos, o grande teólogo alemão Karl Rahner se atrevia a afirmar que o principal e mais urgente problema da Igreja de nossos tempos era sua “mediocridade espiritual”. Estas foram suas palavras: o verdadeiro problema da Igreja é “continuar a trilhar com uma resignação e um tédio cada vez maiores pelos caminhos rotineiros de uma mediocridade espiritual”.

O problema apenas se agravou nas últimas décadas. De pouco serviram as intenções de reforçar as instituições, salvaguardar a liturgia ou vigiar a ortodoxia. No coração de muitos cristãos aos poucos se apaga a experiência interior de Deus.

A sociedade moderna apostou no “exterior”. Tudo nos convida a viver por fora. Tudo nos pressiona a nos mover apressadamente, sem nunca nos determos em nada nem em ninguém. A paz já não encontra frestas para penetrar até nosso coração. Vivemos quase sempre na crosta da vida. Nós nos esquecemos o que quer dizer saborear a vida a partir de dentro. Para ser humana, falta hoje na nossa vida uma dimensão essencial: a interioridade.

É triste observar que também nas comunidades cristãs não sabemos cuidar e promover a vida interior. Muitos não sabem o que é o silêncio do coração, não se ensina a viver a fé internamente. Privados de experiência interior, sobrevivemos esquecendo nossa alma: ouvindo palavras com os ouvidos e pronunciando orações com os lábios enquanto nosso coração está ausente.

Na Igreja fala-se muito de Deus, mas onde e quando ouvimos, enquanto fiéis, a presença silenciosa de Deus no mais fundo do coração? Onde e quando acolhemos o Espírito do Ressuscitado em nosso interior? Quando vivemos em comunhão com o Mistério de Deus a partir do interior?

Acolher a Deus em nosso interior quer dizer ao menos duas coisas. A primeira: não colocar Deus sempre longe e fora

⁶⁰ Pagola, José A. *in Amigos de Fé adulta*.

de nós, quer dizer, aprender a ouvi-lo no silêncio do nosso coração. A segunda: preencher de Deus da cabeça à profundidade de nosso ser, quer dizer, deixar de pensar em Deus só com a inteligência e aprender a percebê-lo no mais íntimo de nós.

Esta experiência interior de Deus, real e concreta, pode transformar nossa fé. Nós nos surpreendemos de como nos foi possível viver sem descobri-la antes. É possível encontrar a Deus dentro de nós em plena cultura secularizada. É também possível hoje conhecer uma alegria interior nova e diferente. Mas me parece muito difícil manter por muito tempo a fé em Deus no meio da agitação e da frivolidade da vida moderna sem conhecer, mesmo de um modo humilde e singelo, alguma experiência interior do Mistério de Deus.

O tecnicolor de Jesus⁶² (Lc 1, 26-38)

Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria.

Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: “Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.” Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai Davi, reinará eternamente sobre a casa de Jacó e o seu reinado não terá fim.”

Maria disse ao anjo: “Como será isso, se eu não conheço homem?” O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nas-

⁶² Vicente Martínez 24 de dezembro, IV domingo do advento. (Lc 1, 26-38).

cer é Santo e será chamado Filho de Deus. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.” Maria disse, então: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.” E o anjo retirou-se de junto dela.

E se nós levássemos a sério este texto evangélico?

Observa, conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás de Jesus.

A consagração que Maria faz ao Senhor quando diz: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”, como diz Pedro Olalde em seus Comentários Evangélicos, “*vai diretamente de coração a coração. É o fluxo livre do próprio amor de pessoa a pessoa. O sentido de uma consagração é dado pelo amor que colocamos nesse ato*”.

O céu do filme de Jesus em tecnicolor não perderá seu arco-íris porque, como dizem Newberg e Aquili em *Pourquoi ‘Dieu’ ne disparaîtra pas?: A primeira função do rito religioso é transformar as histórias espirituais em experiências espirituais; transformar algo em que se crê em algo que se pode sentir*. E esta ia ser a tarefa do filho de Maria.

Santo Agostinho nos aconselha a empreender com máxima dedicação essa mesma tarefa de Jesus em seu Sermão sobre o Nascimento do Senhor: “*Sua mãe o carregou no seio; vamos carregá-lo no coração; a Virgem ficou grávida pela encarnação de Cristo; que nossos corações fiquem grávidos da fé em Cristo; ela deu luz ao salvador; quanto a nós demos luz aos louvores a Deus. Não sejamos estéreis; deixemos que Deus fecunde nossas almas*”. A história, nos diz o bispo de Hipona, estava grávida de Cristo e ele foi crescendo até nascer.

Um crescimento constante como faz a planta desde o momento em que foi depositada como semente no ventre fecundo da terra e depois se expande para dar abrigo às aves, e sombra e alimento aos necessitados. José Maria Castillo as-

sim se expressou em La religión de Jesus: *“O Deus transcendente dá-se a conhecer a nós no menino pobre e desamparado que nasceu de Maria. Assim Deus se fez presente, visível e tangível na História”*.

Manobra mental do cristianismo, que põe em marcha a atividade imprescindível e conjunta de Deus e dos homens — de Deus nos homens — até alcançar a plenitude do homem e dos tempos. No Clube de Cristo (a eclésia) Paulo joga com a esperança de conseguir o prêmio merecido.: *“De resto, me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor como justo juiz me entregará naquele dia. E não apenas a mim, mas também a quantos aguardam com amor a sua vinda”*. (2 Tim 4, 8).

Uma estratégia que Daniel aconselha torna-se real em Norma, uma ópera renovadora na arte do italiano Vincenzo Bellini, na qual ele se mostra livre da influência de seu compatriota Gioachino Rossini, e, com admirável entusiasmo se esforça por levar à música os sentimentos humanos com uma presença viva que nenhum de seus predecessores havia conseguido antes. Não era essa, por acaso, a missão com que vinha ao mundo o menino de Belém?

Levar os sentimentos à vida com uma presença viva é o que fazem as pessoas comprometidas. Acabo de receber o Cartão de Natal de Patxi Loidi, companheiro de estudos em Salamanca. Hoje trabalha em Antiguo Cuscatlán (El Salvador) com absoluta dedicação para os necessitados, como fez Jesus. Nesse cartão, ele diz: *“Ficaria feliz se todos os meus amigos se aproximassem mais dele nestes dias. E com ele, os pobres, que são suas preferidas e seus preferidos. É doloroso ir a essas regiões pobres, onde os egoísmos humanos existem como nos demais lugares. Mas é uma dor necessária para não nos desumanizarmos”*.

Gioconda Belli (1948) é uma poetisa e romancista nicaraguense cuja obra se caracteriza por resgatar e aprofundar no mundo feminino, reivindicando o papel das mulheres na sociedade e na construção da cultura. Em seu poema *A media voz (em voz baixa)*, ela se vê em união com o povo, caminhando na

direção de um futuro novo e luminoso, aquele em que, nas palavras de Mahler, “*criar e viver estão unidos*”.

Avaliação

Eu me sinto feliz porque passo a compreender a importância que minha existência tem assim como a dos outros, por ligar minha mão a outras mãos, meu canto unido a outros cantos... E por isso quero caminhar em frente na direção de uma nova manhã, na qual novos homens e novas mulheres vão surgindo persistentes e luminosos como vulcões. Vamos!

4.3. Como agem os pequeninos⁶³

A educação humana precisa despertar na criança todos os potenciais, o que será alcançado através da criatividade e da autoexpressão dessas potencialidades. Portanto, uma educação que busca resgatar os valores da sociedade e da cultura pode garantir não apenas a sobrevivência de uma coletividade, mas uma verdadeira qualidade de vida e felicidade, caracterizando-a como um referencial de humanidade e de civilização.

“Um homem do povoado de Négua, na costa da Colômbia, pode subir ao alto céu. Na volta, contou. Disse que havia contemplado, lá de cima, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueiras.

– O mundo é isso, revelou. Um montão de gente, um mar de foguinhos. Cada pessoa brilha com luz própria entre as demais. Não há dois fogos iguais. Há fogos grandes, fogos pequenos e fogos de todas as cores. Há pessoas de fogo sereno, que nem percebem o vento, e pessoas de fogo louco, que enchem o ar de faíscas. Alguns fogos bobos não iluminam e nem queimam, mas outros ardem na vida com tanta vontade que não se pode vê-los sem pestanejar, e quem se aproxima deles se acende.” (Eduardo Galeano – *O livro dos abraços*)

⁶³ *A criança descobrindo, discorrendo e agindo* (in UMBRASIL).

Conceitos

Mitos – Narrativa dos tempos fabulosos ou heróicos. Representação de fatos ou de personagens reais, exageradas pela imaginação popular e pela tradição. Narrativa de significação simbólica referente a deuses ou aspectos da condição humana.

Lendas – Narrativas simples e sintéticas que respondem às indagações do homem frente ao que desconhece e admira, ligando-se à dimensão total de cultura.

Crenças – Convicções íntimas baseadas em normas que a comunidade aceita como indiscutíveis ou, ainda, narrações escritas nas quais os fatos históricos são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética.

Valores – Normas, princípios ou padrões sociais, aceitos ou mantidos, por indivíduos, classes e sociedade.

Folclore – Conhecimento das tradições de um povo, expressas em suas lendas, crenças, canções e costumes.

Cultura – Complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais, transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade. (*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*).

91 *Cadernos Pedagógicos* - volume 2 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância⁶⁴.

Interessante perceber o envolvimento de alguns educadores com seus educandos a respeito dos processos educativos. Para tanto, abaixo, apresentamos uma série de relatos.

O Curupira só admite que os caçadores cacem para comer. Quando encontra um caçador que não respeita os bichos, que mata só por matar, de malvadeza, desses que matam até as fêmeas com filhotes que ainda não vivem por si mesmos, aí o Curupira fica muito bravo e apronta em cima dele. Querem saber o que ele faz? Ele se disfarça num bicho de caça e ilude o caçador, que vai atrás dele até se perder no meio do mato.

⁶⁴ Eduardo Galeano, *El libro de los abrazos*

Se esse caçador for mesmo ruim, o Curupira é até capaz de deixar que ele morra, perdido no coração da mata. Outra coisa que o Curupira faz é transformar em bichos de caça os amigos, os filhos ou a mulher do caçador e, assim, eles acabam sendo mortos pelo próprio caçador.

Que coisa, né? O Curupira anda sempre com um cachorro fiel, que tem o nome de Papamel. Além disso, é ele que ensina os papagaios de nossas florestas a cantar, sempre que vem alguém, o seguinte: Curupaco, paco, papaco!

No folclore brasileiro há muitas lendas; entre elas, Saci Pererê, Salamanca do Jarau, Negrinho do Pastoreio, Curupira etc.

Escolha uma delas, pesquise o seu conteúdo, conte para as crianças e relate como foi a atividade.

Peça às crianças que ilustrem a lenda que você irá reescrever, após a experiência com os alunos.

Segue uma Entrevista com Dorotéo Fagundes, especialista em Folclore. Publicada no Boletim Informativo da OMEP/BR/RS/Porto Alegre Novembro/ Dezembro – 1999:

P – Qual seria, na sua opinião, a importância de abordar temas do folclore gaúcho na Educação Infantil?

R – Acho extremamente positivo, creio não exagerar em afirmar que é necessário, porque sabemos que toda e qualquer informação que alguém possa ter sobre sua fisionomia cultural, ajuda-o a compreender melhor o mundo, sua formação social e sua própria história. Quanto mais cedo chegarem essas informações, melhor para o indivíduo, melhor para o mundo.

P – Quais os conceitos que a Educação Infantil pode absorver do folclore e que influenciarão na formação dos valores das crianças?

R – Partindo do pressuposto de que o folclore para nós é a ciência que estuda o conjunto das tradições, lendas ou crenças populares de um país ou região, expressa em provérbios, contos e canções, passamos a compreender imediatamente o sentido do regionalismo.

Como concordamos com a célebre afirmação de que não há nada mais universal do que o regional, defendemos que, se as crianças forem instruídas através dos conceitos de tradição e das manifestações regionais, formadoras de cultura, aprenderão que seu nome é a marca pessoal, o sobrenome é a marca da família e a sua identidade cultural é a marca da aldeia, da nação.

Assim, reconhecendo seu nome, seu sobrenome e sua identidade cultural, estarão localizadas no tempo e no espaço, porque cultuarão o sentido de família, aldeia e nação, aprendendo que todo ser humano é importante para o mundo, inclusive ele, independentemente de raça ou classe social.

Além das lendas, o folclore brasileiro é rico em músicas e danças regionais. Do Oiapoque ao Chuí, passando pelo Bumba meu Boi, Frevo, Capoeira, Samba, Chula e Dança do Balaio.

Nosso país extravasa alegria, criatividade e orgulho por suas músicas e danças típicas. Faça uma pesquisa sobre a dança, a culinária e os trajes típicos da sua região e incentive as crianças a cultivá-los. Há grupos de dança organizados que têm interesse em visitar escolas para difundir as culturas locais. Com certeza, irão ajudar nesse resgate da cultura local. Planeje essa atividade: será uma festa para os educadores e para as crianças⁶⁵.

Maria Helena Lopes:

É escavar para achar coisas, é limpar os ossos com pincel e montar o esqueleto como o dinossauro. (Nicolas, 6ª).

É descobrir o que não existe. (Antônia, 4ª11m).

É especialidade, é saber muito sobre alguma coisa. (Daniel, 6ª4m).

É ver como as coisas existem, até se tem lobisomem. (Lucas, 5ª9m).

⁶⁵ Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância *Cadernos Pedagógicos* – volume 94. Ilustração: capa Ciência Hoje das Crianças / Gian Calvi 95 *Cadernos Pedagógicos* – volume 2 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância, mas o que é ciência mesmo?

É pedir para o Papai do Céu que as coisas aconteçam. (Helena, 5ª10m).

É que nem a luz, que tem o trovão e o raio. (Maria, 5ª).

Ah, dá uma pista, né! É da natureza? É pedra? É máquina? (Marcelo, 4ª8m).

Paulatinamente, a Filosofia e depois a Ciência foram explicando a origem e o funcionamento das coisas. Conversando com as crianças, constatamos também suas buscas incessantes para compreender os mistérios do mundo, que ainda não sabem explicar.

As hipóteses apresentadas na abertura deste capítulo são algumas maneiras espontâneas de explicar os fenômenos que as inquietam. Embora espontâneas, essas hipóteses são, de certa forma, influenciadas pelo conhecimento já sistematizado pelo homem, habitam o imaginário infantil e, com as interferências do meio social, podem transformar-se em aprendizagens.

As concepções que os pequenos têm sobre os fatos com os quais convivem são o produto de interrelações entre o universo que vislumbram o seu modo de observar e pensar, influenciadas pelas informações que recebem prontas do meio social. Os cientistas e as crianças têm algo em comum – inquietam-se com as coisas que não sabem explicar, gostam de descobrir e, por isso, buscam respostas incessantemente. Eles têm a percepção do “cientista investigador”, perguntam muito e são muito curiosos porque querem entender tudo.

A idade dos “porquês”, geralmente por volta dos 3 anos, é sempre um bom momento para aproveitar a curiosidade e o interesse natural da criança para lhe proporcionar atividades de investigação e descobertas. Por trás das perguntas, encontram-se conceitos científicos importantes que propiciam espaços de investigação para muitas aprendizagens.

Quando uma criança é levada a se envolver com situações instigantes, como, por exemplo, a luz e a sombra, o trabalho das formigas, a chuva que cai do céu, o funcionamento das máquinas, entre tantas outras, sendo orientada por um adulto, ou

mesmo por crianças quando conversam, vai identificar lógicas, sistemas e tecnologias, além de construir explicações inteligentes, sempre movida por sua curiosidade desafiadora e provocante. *[97 Cadernos Pedagógicos – volume 2 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância].*

Relato de Experiência - Professora Janice Oliveira:

Crianças entre 5 e 6 anos. Todos sentados em roda, fazendo a chamada, quando a porta se abre sozinha. Uma menina corre e fecha a porta dizendo que era um fantasma que havia feito aquilo. Diante das caras de espanto (medo) de alguns colegas, ela emenda: – Ai! Brincadeirinha, pessoal!

Um menino diz: – Foi Deus quem abriu a porta! A professora questiona: – Deus? Vários colegas, em coro: – Ah! Foi o vento! E o menino completa: – Tá, mesmo assim, foi uma coisa transparente. E outro concerta: – Transparente não, invisível. – Mas, afinal, o que é transparente e o que é invisível? pergunta a professora. Nesse momento, tudo o mais foi deixado de lado e iniciou-se uma discussão sobre a diferença entre transparente e invisível e sobre exemplos de cada um.

Vidro: é transparente. Vento: é invisível. Lente de óculos: é transparente. Som: é invisível. Raio de sol: dúvida e controvérsias... (Tarsila do Amaral - A Lua, 1928 98, Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos – volume 2) crianças têm de perguntar e também de ouvir respostas, sem afastar-se da orientação de que saber pensar é essencialmente saber perguntar. Independentemente de encontrar respostas, é importante oferecer experimentos que oportunizem as descobertas.

O novo, o que não é criado ou sistematizado, poderá encontrar-se no simples diálogo, entre uma resposta e outra pergunta... Outro aspecto importante é a autonomia de pensamento que se desenvolve face ao exercício de perguntar e descobrir, acompanhado de argumentação.

Argumentando, as crianças e os adultos demonstram sua lógica, desenvolvem um raciocínio completo e aprendem a de-

fender ideias. As atividades devem facilitar para que as crianças criem ideias, contrariando a tônica da informação pronta, tão abundante na televisão.

Há respostas diferentes para um mesmo fenômeno, por isso é importante incentivar as ideias que as crianças têm, instigando-as a estabelecer relações, comparações e analogias entre as coisas que as rodeiam.

“Nada em rigor tem começo e coisa alguma tem fim, já que tudo se passa em ponto numa bola; e o espaço é o avesso de um silêncio onde o mundo dá mais voltas.” (Guimarães Rosa – *Estas Estórias*). Poderíamos afirmar que o exercício de reflexão vivenciado pela educadora Janice e pelos alunos da classe de pré-escola de 5 a 6 anos é ciência autêntica?

Penso que sim, porque nascem de um problema real das crianças e concentram toda a sua atenção. Também porque são a expressão da busca de uma resposta do desconhecido, ou pelo menos sem explicação para aquelas crianças. Sem a presença da educadora, talvez a reflexão não tivesse evoluído.

Ela quase não interveio na discussão, porém contribuiu para que a investigação continuasse através da conversação das crianças. Para Janice, não era importante o conhecimento que as crianças poderiam descobrir, ou qual finalmente seria a conclusão correta, mas sim a disposição de ver que no mundo que cerca as crianças tudo pode ser investigado, desde que haja coragem de enfrentá-lo de forma interrogativa.

O que deve motivar os educadores é, por um lado, o desejo de não impor uma ideia determinada e, por outro, a disposição de apoiar as iniciativas e os diálogos que espontaneamente se formam entre as crianças. Nesse processo, o desafio para os educadores é o estabelecimento do limiar entre a necessidade das crianças (*99 Cadernos Pedagógicos* – volume 2, Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância).

Todas essas características se relacionam com o comportamento de quem se inicia na investigação científica. Na Educação Infantil, nosso propósito é conseguir que as crianças vivenciem experiências significativas para sua vida, a fim

de aumentar a sua curiosidade, conhecer e descobrir espaços diferentes e enriquecer sua visão do mundo. “O fundamento principal da experiência baseada na prática e na pesquisa é a imagem de uma criança rica, forte, poderosa... É uma afirmação que se contrapõe à tendência de realçar as necessidades, as fraquezas, os temores das crianças e a calar, lamentavelmente, suas potencialidades e direitos.” (Giordana Rabitt em *À procura da dimensão perdida*). Para organizar as atividades e os experimentos, é importante conhecermos algumas atitudes das crianças que caracterizam seu comportamento exploratório e que corroboram as ideias apresentadas até aqui:

- demonstram curiosidade e interesse frente a coisas novas;
- iniciam-se no método científico problematizando (onde começa o céu?), hipotetizando, explorando etc.;
- concentram-se em determinadas tarefas ou experiências que realizam;
- criam com objetos diversificados, organizam materiais dando aos mesmos diversos usos, significados e classificações⁶⁶.

Procure lembrar-se de perguntas feitas frequentemente pelas crianças sobre os fenômenos da natureza, sobre os animais, sobre a origem dos bebês, de onde vem a chuva etc. Faça uma listagem sobre as mesmas e compare com seus colegas. Juntos, vocês deverão criar atividades e/ou experimentos que despertem a curiosidade das crianças e as auxiliem a encontrar respostas ou a fazer mais perguntas.

Sugestão de Leitura: *A curiosidade premiada*, de Fernanda Lopes de Almeida e Alcy Linhares – Editora Ática. Nesse livro infantil, as autoras exploram a ideia de que o educador não sabe tudo e de que o processo de construção e descoberta também é válido, porque crianças e educador aprendem juntos.

⁶⁶ *Atividades de Estudo e Aprofundamento*, Maria Helena Lopes.

No mundo de hoje, a rua, a casa, a televisão oferecem milhares de temas que despertam a curiosidade das crianças e sobre os quais elas podem querer saber mais. Conceitos de História, Geografia, Matemática, estão presentes no dia a dia das crianças em forma de questionamentos e curiosidades.

Trabalhando com turmas de pré-escola⁶⁷ (crianças entre 4 e 6 anos), sempre observava os questionamentos das crianças a respeito da divisão territorial do nosso país e do mundo. – *Né que Floripa é outra cidade?* Em outras situações comemorativas, como Independência do Brasil e Semana Farroupilha, também era difícil mostrar às crianças a relação de inclusão entre município, estado, país e continente.

Ocorreu-me utilizar, além de mapas e do globo terrestre, um brinquedo que normalmente vemos em turmas de berçário: os copinhos que se encaixam. Dessa forma, ficava mais fácil demonstrar e também mais acessível ao entendimento das crianças a ideia de que nosso bairro corresponde ao menor dos pontinhos e de que nosso mundo ou planeta corresponde ao maior.

Entre um espaço que nos é bem próximo (bairro) e o outro que foge ao alcance de nossos olhos (planeta), existe uma sequência de inserções que ocorre assim: bairro, município, estado, país, continente e planeta. Claro que apenas essa atividade não proporcionou às crianças a instrução da noção espacial necessária para o entendimento de nossa divisão territorial; porém, contribuiu para que pudéssemos comparar opiniões e colocações anteriores a esta observação:

– Ah! Florianópolis é uma cidade diferente da nossa em um estado diferente do nosso. Barros Cassal é perto de Porto Alegre porque também é Rio Grande do Sul. Esse relato nos sugere inúmeras atividades com as crianças, além das que foram apresentadas. Por exemplo, podemos conversar com as crianças sobre o bairro e as cidades, as paisagens, os edifícios, as ruas, os trabalhadores etc.

⁶⁷ *Relato de Experiência*, Janice Oliveira.

O objetivo é que, através da observação e dos questionamentos suscitados, estejamos ajudando as crianças em sua integração à sociedade, na compreensão do meio ambiente e na conceituação de mundo. As efemérides (datas comemorativas) também são propícias para a reflexão sobre o conhecimento da sociedade, pois os fatos históricos e religiosos que se tornam feriados são sempre de interesse das crianças.

As datas de aniversário, a história pessoal ou a autobiografia de cada uma das crianças também são excelentes temas de pesquisa. Pense que pesquisar e investigar, para as crianças, também são atividades lúdicas.

Averigüe a história do bairro e do seu Centro Infantil, conversando com as pessoas que ali convivem há muito tempo.

Faça uma maquete ou painel com pintura ou recorte retratando as paisagens, as ruas, as casas etc.

Construa com cada uma das crianças sua autobiografia. E conte para elas também a sua história pessoal.

Assista ao vídeo “*Ciências na Pré-Escola*”, do Programa *Professor da Pré-Escola – Módulo 2*. Você enriquecerá seus conhecimentos sobre ciência e tecnologia e sobre as formas de pensar das crianças.

Se conseguir, leve para a sala aparelhos eletrodomésticos velhos e deixe que as crianças os explorem. (103 *Cadernos Pedagógicos* – volume 2, Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância).

Nossos antepassados – os índios, os homens da roça – aprenderam que muitas plantas têm poder curativo. Hoje, muitos cientistas estão fazendo pesquisas para aprender os remédios que os antigos sabiam fazer e que foram esquecidos.

Há livros sobre isso. Acho que você gostaria de aprender sobre as plantas que curam. Faça uma pesquisa sobre plantas que curam para que você possa se valer delas quando não houver nem médicos nem farmácias por perto. Matemática, Aritmética, Descobertas...

Janice Oliveira:

Quando era pequena, achava a casa de minha avó uma imensidão. Era muito agradável passar as férias lá. A sala era enorme, com um piso de tábuas, onde gostávamos, eu e meus irmãos, de escorregar sobre um pano de lã. Havia também, no canto dessa sala, um buraco causado pela ausência de um “nó” da madeira, onde gostávamos de inserir objetos que caíam no porão da casa. Ali tentávamos inserir bolinhas de gude, colheres, brinquedos e os mais diversos objetos.

Anos depois, quando já era adulta, a casa não me parecia tão grande. E acho que, se atualmente ainda existisse, ela me pareceria um tanto pequena. É assim que a criança se coloca no mundo, a partir de seu próprio corpo. Ela constrói a noção do que é grande, pequeno, mais, menos, maior, menor etc. a partir da relação do seu próprio corpo com o objeto. E assim também se dá a construção de Ilustração⁶⁸:

É a partir da observação e da experimentação que passamos a quantificar, classificar, seriar e entender o mundo que nos cerca. A matemática não se ensina, se vivencia. É impossível pensarmos o nosso cotidiano sem o uso da matemática. Basta observarmos as pessoas que não tiveram acesso ao ensino escolar.

Pode ser até que elas não saibam ler, mas sabem calcular. Toda a nossa vida está organizada com base na matemática. Nossa casa é dividida em ambientes, nossos alimentos são guardados na cozinha seguindo uma certa lógica; não guardamos, por exemplo, objetos do banheiro na cozinha.

Classificamos as pessoas entre as que mais gostamos e as que menos gostamos, seriamos e ordenamos nossos compromissos de acordo com o grau de importância de cada um. Depois dessa constatação, como pode ser possível ouvirmos tantas pessoas dizerem: “Não entendo nada de matemática?”

⁶⁸ Estúdio CRIANÇAS CRIATIVAS / Gian Calvi 104, Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância *Cadernos Pedagógicos* – volume 2 todas as noções matemáticas utilizadas pelo homem.

As relações da criança com a matemática não são aprendidas a partir do momento em que ela entra na escola. Pelo contrário, já começaram quando ela consegue demonstrar preferências e testar possibilidades do ambiente onde vive. Portanto, quanto mais rico em possibilidades for esse ambiente, maiores serão as construções da criança acerca dos números. Certa vez, em uma atividade de culinária com crianças entre 5 e 6 anos, estávamos fazendo duas receitas de um pudim de chocolate (daqueles de caixinha). Li a receita no verso da caixa, que dizia: coloque meio litro de leite em um recipiente.

Questionei as crianças sobre quanto precisaríamos de leite para executar duas receitas. Um menino logo respondeu: um litro de leite. Todos os outros protestaram, achando que um litro seria muito leite. Ele rapidamente mostrou aos colegas (colocando o dedinho na caixa de leite): “Claro, se vamos usar até aqui (dedo no meio da caixa) para fazer uma receita, vamos usar até aqui (dedo no final da caixa) para fazer a outra”.

Para alguns colegas, essa explicação foi valiosíssima, mas para outros não fez o menor sentido.

Analisando o exemplo, podemos chegar a algumas conclusões.

Primeiro, esse menino não chegou àquela conclusão naquele momento. Certamente, sua colocação estava embasada em muitas outras experiências de observação e conclusão.

Segundo, cada uma das crianças do grupo estava em um momento diferente com relação à construção do número e das quantidades.

Terceiro, não caberia a mim fazê-los entender naquele momento o que o outro colega já havia construído em outras tantas situações diferentes.

Qual então é a função do educador na Educação Infantil ao trabalhar a matemática? Ensinar os números? Ensinar as quantidades?

Mostrar através de exemplos o que é maior, menor, mais grosso, mais fino etc.? Será que isso tudo se ensina? Em outra situação, com crianças bem menores (por volta de 2 anos), ve-

mos um menino tentando insistentemente cortar uma almôndega ao meio com uma colher.

Será que essa situação não está ensinando nada a ele?

Em outra, na mesma turma, percebemos uma menina brincando de “medir” os colegas, colocando-os contra a parede e marcando sobre suas cabeças com um brinquedo, isso depois de toda a turma ter passado por tal procedimento com uma nutricionista que acompanhava seu gráfico de crescimento. Que noções, que não as matemáticas, essas crianças estão reproduzindo ou tentando entender?

Se nos detivermos algum tempo observando nossas turmas, perceberemos que elas fazem muitas operações mentais sem que as “ensinemos” a elas. Quando um grupo de crianças briga sobre um conjunto de peças de montar, nada melhor a fazer do que aproveitar essa oportunidade para propor uma divisão igualitária das peças.

Não há proposta que descentralize mais nossos pequenos do que esta. E, a partir do momento em que eles conseguirem entender que dentro do todo existem partes e que estas podem ser iguais, certamente eles passarão a “contar” ou “dividir” as peças de todos os outros jogos que forem utilizar.

O que estou querendo ilustrar com todas essas situações é que, se o espaço da sala de aula estiver preparado adequadamente, se o educador se mantiver atento às manifestações das crianças e souber encaminhar os questionamentos de modo que não ofereça respostas prontas, mas que leve a criança a pensar sobre o que perguntou, estaremos dando um enorme incentivo para o desenvolvimento de sua inteligência.

Em todo início de ano é comum percebermos na escola a utilização dos signos numéricos colados nas paredes das turmas de jardim. Nessa fase do desenvolvimento, dependendo do nível sociocultural do grupo que atendemos, as crianças sequer diferenciam letras de números e menos ainda percebem a quantidade que aquele número quer demonstrar. (106 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos – volume 2).

E seguimos observando que os números são “ensinados” na escola sem que a criança tenha a possibilidade de vivenciar quantidade. Quando falo em vivenciar o número, quero dizer que o espaço da sala de aula deve estar organizado de uma forma lógica, de preferência com a participação das crianças, onde os lápis, as canetas, os pincéis, os brinquedos, os jogos, as bonecas etc. têm um lugar próprio e definido.

Isto é classificar. Que as propostas do educador na hora do brinquedo livre possam ser: “Que tal organizarmos estas peças, separando as iguais?” ou “Esta é a caixa das folhas maiores e esta é a caixa das folhas menores” ou ainda “Preciso que o ajudante separe um prato para cada colega na hora do lanche”.

Se o grupo utiliza fila para se locomover, poderemos ser menos arbitrários propondo diferentes maneiras de organizá-las: os de tênis e os de sandálias; os de cabelos curtos e os de cabelos compridos; os de calças e os de bermudas etc. Essas tarefas do cotidiano escolar propõem uma infinidade de possibilidades para que a criança pense e realize operações mentais.

É a partir de uma necessidade concreta e do todo, e não da unidade, que ela construirá o conceito de número. Portanto, aqueles números na parede no início do ano não fazem o menor sentido para ela, pois não possibilitam que ela os organize e os reorganize como bem entender e necessitar. A questão do prazer nessas atividades também deve ser considerada.

Em determinada situação de brinquedo livre, duas meninas (entre 6 e 7 anos) estavam folheando uma revistinha de jornal que uma delas havia levado para a escola. Uma delas já estava alfabetizada e leu um problema matemático para a outra. Ambas ficaram curiosas sobre a resposta, mas não conseguiram resolvê-lo e pediram minha ajuda.

O problema falava de um menino que queria dar aulas de futebol para os colegas para conseguir algum dinheiro. E ele pensou que, como tinha quatro amigos, poderia dar duas aulas por semana para cada um e cobrar um real por cada aula. A pergunta do problema era quanto o menino ganharia por semana.

Sugeri que as meninas desenhassem os quatro amigos. Perguntei a elas quanto cada amigo pagaria pelas aulas da se-

mana. Rapidamente chegaram à conclusão de que cada amigo pagaria dois reais. Então, pedi que elas desenhassem duas moedas perto de cada amigo.

E, antes que eu fizesse a sugestão de que contassem todas as moedas, elas mesmas já tinham entendido o que deveriam fazer. (*107 Cadernos Pedagógicos* – volume 2 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância).

Com essa simples intervenção, as meninas perceberam que conseguiriam fazer muitas outras operações e pareciam satisfeitíssimas em realizar tal tarefa. Dessa forma, todas as atividades que surgirem de manifestações espontâneas das crianças poderão tornar-se de grande valia no processo de construção de seus conhecimentos, pois elas vêm carregadas de desejo e curiosidade.

Constance Kamii (1990) sugere que existem alguns princípios para a aprendizagem do número pela criança, embora este não seja diretamente ensinável.

1. A criação de todos os tipos de relações:

Encorajar a criança a estar alerta e colocar todos os tipos de objetos, eventos e ações em todas as espécies de relações.

2. A quantificação de objetos:

a) Encorajar as crianças a pensarem sobre número e quantidades de objetos quando estes forem significativos para elas.

b) Encorajar a criança a quantificar objetos logicamente e a comparar conjuntos (em vez de encorajá-la a contar).

c) Encorajar a criança a fazer conjuntos com objetos móveis.

3. Interação social com os colegas e os professores;

a) Encorajar a criança a trocar ideias com seus colegas.

b) Imaginar como a criança está pensando e intervir de acordo com aquilo que parece estar sucedendo em seu raciocínio⁶⁹.

Atividades de Estudo e Aprofundamento:

Maria Helena Lopes:

É hora da diversão! Vamos organizar um espaço no Centro Infantil com caixas de papelão de diversos tamanhos (de televisão, por exemplo, e outras menores que encontramos nos estabelecimentos comerciais). Crianças de idades diferentes podem conviver nesse espaço, grande/pequeno, dentro/fora. É também hora de imaginação. As caixas poderão transformar-se em elefantes, ônibus etc.

Observe e comente a exploração das caixas pelas crianças.

Assista ao vídeo *A Educação Matemática e a Interdisciplinaridade*. Estabeleça relações com o texto registrando as ideias que mais lhe chamaram a atenção, justificando sua escolha.

Vamos descobrir as matemáticas do nosso corpo?

– Podemos começar sentindo as batidas do nosso coração, já que elas têm ritmos que se alteram conforme a intensidade dos nossos movimentos.

– Temos uma cabeça e quantos fios de cabelo? O que temos em pares iguais em nosso corpo? E em unidades, só o coração? E por dentro do nosso corpo?

– Podemos também inventar um jogo com noções topológicas, cujos pontos entre as linhas serão as partes que se dobram (articulações) em nosso corpo. Procure desenhar com as crianças a figura humana representando todos os pontos das articulações.

⁶⁹ SMOLE, Kátia Cristina Stocco. *A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KAMII, Constance. *A criança e o número*. Campinas: Papyrus, 1990.

Ilustração: OMEP/RS 108 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos – volume 2

(Vicente do Rego Monteiro - *Mulher sentada*, 1924; 109
Cadernos Pedagógicos – volume 2 - Série Fundo do Milênio
para a Primeira Infância).

Pensei ter ouvido você rindo
Pensei ter ouvido você cantar
Eu acho que pensei ter visto você tentar
Cada sussurro
Em todos os momentos que estou acordado
Estou escolhendo minhas confissões
Tentando ficar de olho em você
Como um tolo, um tolo magoado, perdido e cego
Oh não, eu falei demais
Eu causei tudo isso
Considere isto
Considere isto a dica do século
Considere isto
O deslize que me deixou
De joelhos, fracassou
E se todas essas fantasias
Se tornassem reais
Agora eu falei demais
Pensei ter ouvido você rindo
Pensei ter ouvido você cantar
Eu acho que pensei ter visto você tentar
Mas aquilo foi apenas um sonho
Aquilo foi apenas um sonho
Aquele sou eu no canto
Aquele sou eu no holofote
Perdendo minha fé
Tentando te acompanhar

E eu não sei se eu consigo fazer isso
Oh não, eu falei demais
Eu não disse o suficiente
Pensei ter ouvido você rindo
Pensei ter ouvido você cantar
Eu acho que pensei ter visto você tentar
Mas aquilo foi apenas um sonho Tentar, chorar, por
que tentar?
Aquilo foi apenas um sonho
Apenas um sonho, apenas um sonho, sonho

(Losing My Religion – Perdendo minha religião -
REM)

Nesta canção, a banda estadunidense R.E.M. descreve uma relação amorosa que foi rompida, o sentimento de perda e a busca da renovação desse relacionamento, situação pela qual todos, certamente, já passaram ou vão passar. Diante disso, podemos nos perguntar, por que, afinal, uma música que fala disso tem por título “*Perdendo minha Religião*”?

Religiosidade e Espiritualidade na Educação Infantil

Renato Ferreira Machado:

A vida é assim... Refletindo sobre a vida e o que nós fazemos com ela. Fé, crença, religião... A dimensão religiosa do ser humano. A fé na infância. Características psicopedagógicas da religiosidade infantil. Como fazer? possibilidades metodológicas. A vida é assim... Você conhece esta música?

A vida é grande
Maior que você
E você não sou eu
O longe que eu irei
A distância em seus olhos

Oh não! Eu falei demais
Eu provoquei
Sou eu naquele canto
Sou eu nos holofotes
Perdendo minha religião
Tentando manter você
E eu não sei se consigo fazer isso
Oh não! Eu falei demais
Eu não tenho dito o suficiente.

(110 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância
Cadernos Pedagógicos – volume 2 Do tamanho da vida!)

A música começa falando que “a vida é grande / maior que você / e você não sou eu”. Não é preciso pensar muito para perceber que isto é verdade: a vida é um mistério que ninguém que já tenha vivido conseguiu desvendar. Diante disso, começamos a fazer perguntas como estas: De onde viemos? Por que vivemos? O que acontece após a morte? Se é verdade que não conseguimos ter respostas exatas para tais questões, também é verdade que nós não desistimos de perguntar! Não nos perguntamos, porém, por simples curiosidade. Na verdade, essas perguntas surgem porque, intuitivamente, buscamos um sentido para a vida.

Eu provoquei. Voltemos à música do R.E.M.:

Oh não! Eu falei demais
Eu provoquei
Sou eu naquele canto
Sou eu nos holofotes
Perdendo minha Religião
Tentando manter você
E eu não sei se consigo fazer isso.

Se é verdade que a vida é um mistério, também é verdade que esse mistério não é passivo, ou seja, a vida não é como um tesouro de pirata, enterrado em algum lugar, esperando para ser descoberto.

A vida nos provoca! Passamos por situações – algumas positivas, outras nem tanto – em que somos “desinstalados” e levados a pensar sobre nosso existir e agir. Principalmente, a irmos atrás daquilo que realmente é importante e que nos trará mais sentido para o viver.

Nesse processo, começamos a agir, buscando e dando respostas, procurando enxergar além daquilo que é simplesmente aparente. Em outras palavras, vamos além daquilo que, em princípio, seria esperado de nós, nos superamos! Pílula vermelha. No filme Matrix (Warner, E.U.A., 1999), a personagem John Anderson, em um encontro com a personagem Morpheus, descobre que a realidade, tal como a conhece, é apenas uma simulação feita para iludir os seres humanos.

Para conhecer a verdade, Anderson precisa ingerir a “pílula vermelha”, oferecida por Morpheus. Senão, terá de ingerir outra pílula, e tudo permanecerá como está.

O que acontece a seguir todo mundo já sabe: Anderson engole a pílula vermelha e se descobre dentro da Matrix, uma gigantesca rede de realidade virtual, mantida por um poderoso computador para iludir as pessoas e sugar as energias delas.

A descoberta de Anderson não para por aí: além de tomar consciência, tem um nome: espiritualidade, e o caminho a ser feito na jornada recebe o nome de religião. (111 Cadernos Pedagógicos – volume 2 Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância).

Fé, crença, religião... Desde os primeiros tempos da humanidade, o ser humano empreende a jornada da religião, movido por sua espiritualidade. Com isso, além de se construir, ao longo do tempo, um inestimável patrimônio cultural para a raça humana, descobriram-se os mais importantes valores para as relações em sociedade.

O mais importante, porém, é que todas essas experiências representam a grande busca do ser humano pelo sentido mais profundo da vida. Mas o que é mesmo religião? Saber do que se fala... Antes de sabermos o significado de religião, precisamos começar com algumas questões anteriores: a religiosidade e a fé.

Religiosidade

Assim como é dotada de físico, consciência e raciocínio, a pessoa possui, naturalmente, religiosidade. Esta é a dimensão humana que permite lançar um olhar para além do aparente e projetar-se, além do tempo e do espaço conhecidos, para o infinito. É através da religiosidade que se cultivam a paz, a solidariedade, a esperança e tantos outros valores que nunca poderiam encontrar espaço na sociedade humana tal como ela está. De sua situação, ele começa a descobrir seu potencial e seu papel⁷⁰.

A simplicidade de Deus nos assusta⁷¹

Para elucidar a simplicidade de Deus apresentamos, na sequência, os comentários de Fray Marcos sobre o texto de Mateus (11, 25-30).

Três parágrafos bem definidos. O primeiro refere-se a **Deus**. O segundo, a interdependência total entre **Jesus e Deus**. O terceiro faz referência à relação entre **nós e Jesus**. Os três

⁷⁰ Assumindo o nome de Neo, passa a empreender uma luta contra o sistema da Matrix, junto a Morpheus e o grupo de rebeldes, tentando libertar mentes e fazer com que cada vez mais pessoas acordem e descubram sua real situação, para poder mudá-la.

Assim é a vida: por muito tempo, podemos viver imersos em uma Matrix, achando que tudo é exatamente o que parece ser e que algumas coisas são de determinada maneira porque têm de ser assim mesmo. Acontece que, mais cedo ou mais tarde, alguém ou alguma situação lhe oferecerá a pílula vermelha (é claro que sempre haverá a opção de não ingeri-la) e, se sua escolha for experimentá-la, terá início uma jornada sem volta, na qual ninguém termina do jeito que começou. A pílula vermelha. (Nuevo manual de UMBRASIL)

⁷¹ Fray Marcos (Mt 11, 25-30, AFA).

manifestam aspectos essenciais da mensagem de Jesus. Os dois primeiros encontram-se também em Lucas, mas no contexto do êxito dos 72 e a intervenção do Espírito que encheu Jesus de alegria. Na primeira comunidade cristã todos eram pessoas simples, que não podiam gloriar-se de nada e procuravam ser acolhidas e dirigidas. Que diria Jesus sobre a Igreja depois de Constantino?

“Pai, dou-te graças porque...” O importante não é a ação de graças em si mas o motivo dela. Jesus não pode afirmar que Deus dá a alguns o que nega a outros. O que significa que o Deus de Jesus não pode ser aceito por ninguém mais do que pela gente simples e sem preconceitos. Os presunçosos, os soberbos, os sábios têm capacidade para criar um Deus próprio só deles. Os “sábios e os instruídos” eram os especialistas da Lei. Seu pretenso conhecimento de Deus lhes dava direito de sentir-se seguros, donos da verdade. Não tinham nada a aprender. Mas eram os únicos que podiam ensinar.

Quem eram os simples? “O ‘nepios’ grego tem muitos significados, mas todos vão na mesma direção: infantil, criança, menor de idade, incapaz de falar; e ainda: tonto, infeliz, ingênuo, fraco. Em todos descobrimos a ausência de cálculo, a falta de falsidade ou segundas intenções. Para a elite religiosa, os simples eram uns malditos, porque não conheciam a Lei, e por isso não podiam cumpri-la. Os simples eram os “sem voz”, “o pessoal da Terra” que os rabinos desprezavam.

Essas coisas são as experiências de Deus que Jesus viveu e que quer transmitir. Não se trata de conhecimento, mas de experiência profunda. “Tudo me foi entregue pelo Pai...” Esse conhecimento de Deus não é fruto do esforço humano, mas graça pura; mesmo que não se negue nada a ninguém. O erro de nossa teologia foi acreditar que conhecíamos a Jesus porque conhecíamos a Deus; se Jesus era Deus, já sabíamos o que Jesus era. O texto nos diz que o único modo de conhecer a Deus é nos aproximarmos de Jesus.

Venham a mim todos os que estão cansados e agoniados, e eu os aliviarei. A imagem de jugo se aplicava à Lei que, tal

como era imposta pelos fariseus, era certamente insuportável. O homem desaparecia sob o peso de mais de 600 preceitos e 5000 prescrições. Para os fariseus, a Lei era o único absoluto. Jesus diz o contrário: “O sábado é feito para o homem, não o homem para o sábado”. A principal tarefa de Jesus é liberar o homem das amarras religiosas.

Porque meu jugo é suave e minha carga leve. Jesus libera os jugos e as cargas que oprimem o homem e o impedem de ser ele mesmo. Não propõe uma vida sem esforços. Seria enganar o ser humano que tem experiência das dificuldades da existência. Sem esforço não há verdadeira vida humana. Não é o trabalho exigente o que estraga uma vida, mas os esforços que não levam a plenitude nenhuma. Tudo o que fizermos a favor do homem se converterá em felicidade porque trará plenitude.

Jesus propõe um “jugo” que não é de opressão contra o homem, mas que desenvolve todas as possibilidades de torná-lo mais humano. Jesus quer ajudar o ser humano a se desenvolver sem ser oprimido. O jugo e a carga seriam como o peso das asas para a ave. Claro que as asas têm seu peso, mas se você arrancá-las, com que ela conseguirá voar? O motor de um avião é uma tremenda carga, mas graças a esse peso o avião voa. Nossas limitações são o que nos permite avançar na conquista da meta.

O que acabamos de ler é evangelho (notícia boa). Não temos dado importância a essa mensagem. À medida que foram passando os primeiros séculos do cristianismo, esse evangelho foi sendo esquecido, e foi recuperado o “senso comum”. Nunca mais foi reconhecido que Deus pudesse ser revelado ao povo simples. É tão surpreendente o que Jesus acaba de nos dizer que nunca acreditamos muito nisso. Deus não compartilha com o homem o conhecimento, mas sua própria Vida. Os que não creem na evolução podem desfrutar de uma boa saúde.

Se Deus se revela ao povo simples, que canais encontramos em nossa instituição para que essa revelação seja ouvida? Não estamos fazendo um papel ridículo quando continuamos

sendo orientados pelos “sábios e cultos” que ouvem mais a si mesmos do que a Deus? Ficamos nas mãos de especialistas em todos os níveis. Na religião essa dependência é absoluta, até o ponto de nos proibirmos de pensar por nossa conta. Recordem esta frase do catecismo: “a Igreja conta com doutores que saberão responder”.

Jesus não propõe uma religião menos exigente. Isso seria fugir da mensagem. Jesus não quer saber nada de religiões. Propõe um modo de viver a proximidade com Deus, tal como ele a viveu. Essa Vida Profunda é a que pode dar sentido à existência, tanto do homem culto como do homem tolo, tanto do sábio como do ignorante, tanto do rico como do pobre. Tudo o que nos conduzir à plenitude será leve. Esse caminho de simplicidade não é fácil.

Os cansados e agoniados eram os que tentavam cumprir a Lei, mas fracassavam em sua intenção. Os eruditos abusavam dessas consciências atormentadas para submetê-los e oprimi-los. Nada mudou desde então. Os especialistas de todos os tempos continuam abusando dos que não o são e tentando convencê-los de que têm de obedecer a eles em nome de Deus. Pio IX disse: “Há apenas duas classes de cristãos: os que têm o direito de mandar e os que têm o dever de obedecer”. Hoje nenhum dignitário repetiria essas palavras, mas na prática todos agem nessa perspectiva.

Precisamos descobrir em que medida separamos a fé da vida, a experiência do conhecimento, o amor ao culto, a consciência da moralidade etc. Nós que pregamos continuamos a impor pesados fardos sobre os ombros dos fiéis. Nosso anúncio não é libertador. Continuamos confiando mais nos conhecimentos teológicos, no cumprimento de algumas normas morais e na prática de alguns ritos do que na simplicidade de saber que estamos com Deus. Continuamos a propor a Lei como meta, não a Vida.

A grande carência de nossa comunidade hoje é a falta de experiência interior. Por isso nunca poderemos vencer insistindo na doutrina mediante a condenação dos que se atre-

vem a discordar da doutrina oficial ou de documentos que tentam resolver questões discutíveis. O que é preciso ensinar aos cristãos é viver a experiência do Deus de Jesus. Só nele encontraremos a liberação de toda opressão. Só tendo a mesma vivência de Jesus, descobriremos a liberdade para sermos nós mesmos.

Partimos para a Oração centrante com:

*Vinde a mim todos, disse Jesus.
Ele conhece a Deus e pode no-lo revelar.
Devemos superar todo preconceito
e aceitar esse Deus como o único que pode nos libertar.
Todo deus que surja de outras fontes
ou que nós mesmos tenhamos fabricado será opressor.
Quanto mais agoniados nos sentirmos
mais necessidade teremos do Deus de Jesus.
Transformemos isso em jaculatória imperativa...*

4.4. Na trilha de Inácio de Loyola⁷²

Ubi charitas et amor Deus ibi est.
Onde houver caridade e amor, lá estará Deus.
Jo 13, 1-17; Mt 26, 17-35
Situação contemplativa “En el camino” (A caminho).

“Por cuja imolação quiseste nos devolver tua amizade”.
Mc 8, 27-30; 8, 31-38; 9, 30-37; 10, 32-45; 10, 46-52

Caminho

O caminho da vida humana comum, um caminho a ser percorrido.

⁷² *Exercícios Espirituais e Dolores Alexandre*. É aconselhado ler os textos indicados.

Um caminho a ser escolhido. O caminho de todo homem colocado para viver neste mundo.

Gn 28, 20-21; Sl 31,8; 37,34; Is 55, 8-9; Jr 6,16; Atos 10, 19-25;

Jn 14,6 *Eu sou o caminho*; Lc 13,33 *Jesus caminha*; 1Pe 2,21 “Ele nos deixou suas pegadas e nós vamos atrás dele”.

1. Modos de seguir o caminho. Sua missão, seu messianismo

Participar de sua mesa — Participar da Eucaristia

Precisamos comer e beber para segui-lo.

A mesa como lugar de intimidade; lugar de declaração de amor; lugar de acolhida; lugar gratuito; lugar de festa.

Lugar de revelação, onde somos atingidos pelas folhas do caminho, para ver e reconhecer...

Lugar de remessas em que cruzamos o fluxo da vida que nasce do encontro.

Sentamo-nos à mesa. A força do amor vem de nossa entrega livre da vida, antes que o ódio, a inveja e o orgulho nos roubem.

Permitam que eu possa continuar a fazer o que já fiz em suas vidas.

A Eucaristia é mistério de comunhão; ela é necessária:

- Para vencer a solidão;
- Para redescobrir a cada dia a fonte do amor, a exigência da companhia do próximo;
- Ele nos observa com amor na Eucaristia;
- Deixe-me amá-lo, como sempre fiz, pelo que você é;
- Quem dizem os homens que eu sou? João Batista, Elias, Profeta.

O que você diz com sua vida.

Tu és Deus, Senhor, o Cristo, Palavra, Verdade, Vida.

Você é uma manifestação singela da palavra.
Mas o que você manifesta com sua vida?

2. Jesus prediz sua Paixão, morte e Ressurreição.

Começou a ensinar-lhes o que teria de sofrer;
Pedro o contradisse. Afaste-se, Satanás. Vá para trás.

“Se alguém quiser me seguir, se quiser ser meu discípulo, que tome a sua cruz cada dia e me siga”.

Mataram o Filho... Não compreendiam nem perguntavam nada...

“Se alguém quiser ser o primeiro entre vocês... tem de ser o servo de todos, ser como uma criança.

Ele lava os pés de seus discípulos, entrega-se totalmente por amor.

3. Começou a dizer-lhes o que ia acontecer

Tiago e João foram fazer os preparativos, mesmo que seja coisa de mãe.

Os indignados se retiram do grupo dos apóstolos.

Mas a resposta é “escravo dos escravos” no estilo de São Pedro Claver.

“Vim para servir e não para ser servido”.

Aquele que sobe de Jericó na direção de Jerusalém.

Colóquio com Jesus, com o Pai, com Maria.

4.5. Como faz Agostinho de Tagaste

A consciência reflexiva de Agostinho faz com que, a partir do interior, consiga analisar toda sua ação, distinguindo bem o que é interior e o que é exterior.

Vim para Cartago. De todos os lados fervia a minha volta uma floresta de amores impuros. Ainda não amava e já

gostava de amar. Impelido por uma necessidade secreta, enraivecia-me contra mim mesmo para não me sentir mais faminto de amor. Gostando de amar, procurava um objeto para esse amor: odiava minha vida estável e o caminho isento de riscos, porque sentia dentro de mim uma fome de alimento interior de vós, ó meu Deus! Não tinha fome desta fome, porque estava sem apetite de alimentos incorruptíveis, não porque deles transbordasse, mas porque, quanto mais vazio, tanto mais enfasiado me sentia. Por isso minha alma não tinha saúde e, ulcerosa, lançava-se para fora, ávida de se roçar miseravelmente aos objetos sensíveis. Mas se estes não tivessem alma, com certeza não seriam amados. (Confissões, III, 1).

Fazei, ó meu Deus, que eu recorde e confesse, em ação de graças, as vossas misericórdias para comigo! Permiti que meus ossos se penetrem do vosso amor e digam “Senhor, quem é semelhante a vós?” Rompestes os meus grilhões e ofertar-vos-ei um sacrifício de louvor. Narrarei como os rompestes e todos os que vos adoram exclamarão “Bendito seja o Senhor no céu e na terra; o seu nome é grande e admirável”.

As vossas palavras tinham-se gravado no íntimo do meu coração. Vós me cercáveis de todos os lados. Tinha certeza de que vossa vida era eterna, apesar de só ter visto “em enigma e como num espelho”. Toda dúvida sobre a substância incorruptível me fora resolvida, ao ver que dela provém toda a substância. Desejava... não digo estar mais certo de vós, mas mais firme em vós. Tudo vacilava, porém, na minha vida temporal e o meu coração precisava de ser limpo do antigo fermento. O verdadeiro caminho, que é o Salvador, encantava-me, mas ainda me repugnava enveredar por seus estreitos desfiladeiros. (Confissões, VIII, 1).

Tarde vos amei, ó beleza antiga e tão nova. Tarde vos amei. Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-vos! Disforme, lançava-me sobre essas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! (Confissões, X, 27)⁷³.

Os métodos maristas

05

Na capela grande da Casa Geral em Roma temos duas belas imagens colocadas cada uma nas extremidades direita e esquerda das portas do presbitério. A imagem da esquerda representa um anjo convidando ao silêncio, e na outra vemos Maria em atitude de escuta atenta e profunda da Palavra de Deus.

A exortação Apostólica *Verbum Domini*, escrita pelo Papa Bento XVI no final do Sínodo sobre a Palavra de Deus, afirmava a respeito de Maria: *Virgem à escuta, vive em plena sintonia com a Palavra divina; conserva em seu coração os acontecimentos de seu Filho, compondo-os como que num mosaico único* (Conferir Lc 2, 19-51).

No Evangelho, Jesus mostra a verdadeira grandeza de Maria ao afirmar que *'Minha mãe e meus irmãos são os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática'* (Lc, 8, 21). E diante da declaração de uma mulher que queria exaltar o ventre que o havia gerado e os peitos que o tinham amamentado, Jesus mostra o segredo da verdadeira alegria: *Bem-aventurados os que escutam a Palavra de Deus e a cumprem* (Lc 11, 28).

Inspirados por Maria, nós também nos colocamos à escuta da Palavra, conscientes de que nossa relação pessoal e comunitária com Deus depende do *aumento de nossa familiaridade com a Palavra divina* (Verbum Domini, 124).

Para facilitar *essa familiaridade com a Palavra*, atrevo-me a sugerir que introduzamos, de modo habitual, a *lectio divina* em nossa oração pessoal como em nossas comunidades religiosas ou leigas.

A *lectio divina* (leitura divina) propõe um método de abordagem gradual do texto bíblico e remonta aos Padres da Igreja (até o ano 300), os quais, por sua vez, se inspiraram no costume rabínico. O método patrístico é muito simples e é composto de três fases: *ler, meditar, contemplar*⁷⁴.

5.1. A partir das periferias agorafóbicas⁷⁵

O texto que segue, em sua íntegra, trata-se de uma reportagem de José Manuel Vidal que foi publicada por Religião Digital, em maio de 2017, cuja tradução é de André Langer. Ao apresentar a referida reportagem queremos proporcionar uma melhor compreensão quanto à lógica das periferias na dinâmica da interioridade.

Um cardeal leigo em Madri. Se Francisco está pensando em renovar o colégio cardinalício (o que poderia fazer), o historiador italiano e ex-ministro Andrea Riccardi tem um barrete assegurado. Hoje é, sem dúvida, o leigo de maior prestígio da Igreja Católica, além de fundador da Comunidade de Santo Egídio, um dos movimentos eclesiais mais 'franciscanos', pelo fato de ter nascido nas periferias e continuar dedicado a elas.

Com todos esses ingredientes, não é de estranhar que houvesse expectativa por ouvir ao possível purpurado, na apre-

⁷⁴ Contamos atualmente com vários métodos que podem ser usados de acordo com a necessidade do grupo ou da pessoa.

⁷⁵ Andrea Riccardi: "*O mundo atual é uma fábrica de periferias, que fabrica periféricos (José Manuel Vidal)*".

sentação de seu livro “Periferias” (Editorial San Pablo). O lugar escolhido, para fazê-lo, foi a igreja das Maravilhas de Madri, o templo que o Cardeal Osoro cedeu à Comunidade de Santo Egídio. “Uma casa bela, uma casa de oração e de consolo para as periferias no coração de Madri”, como disse Tíscar Espigares, a responsável pelo movimento na Espanha.

O templo, situado ao lado da Praça *Dos de Mayo*, estava completamente cheio. Na mesa, ao lado do autor, o Cardeal Osoro, arcebispo de Madri, a diretora do editorial San Pablo, Maria Ángeles López, e a responsável pela Comunidade Santo Egídio, Tíscar Espigares.

Na assistência, o vigário geral da diocese, Avelino Revilla, o vigário do social, José Luis Segovia, o delegado de Catequese, Manuel María Bru, o teólogo Juan de Dios Martín Velasco, o historiador da Igreja Juan Mari Laboa e o bispo grego na Espanha, o metropolitano Policarpo.

Havia expectativa por ouvir a fala de Riccardi. E não frustrou, com um discurso brilhante em italiano, a que o público correspondeu com uma prolongada ovação final, que ressoava na cúpula da bela igreja madrilenha. Depois de agradecer ao Cardeal Osoro, por sua presença no ato e pelo comentário que fez da obra, lembrou que é seu paroquiano, porque a basílica de Santo Egídio em Trastevere é a igreja romana dos dignitários eclesíasticos de Madri.

Após o protocolo, a primeira afirmação radical: “Escrevi este livro por revolta e por convicção”. E isso porque, “quando o Papa Francisco começou a falar de periferias, já a partir do preconclave, vi que seu discurso não foi levado a sério. Isso se repete, mas sem convicção”. E, para confirmar sua ideia, acrescentava: “Uns anos antes, fazia-se o mesmo com o relativismo; agora, com as periferias”.

E isso é banalizar o termo, como dizem outros, “franciscanizar”. Para o historiador italiano, “as periferias são um desafio enorme para o futuro de nossa Igreja”. Porque fazem parte da essência da fé. “O cristianismo nasceu numa terra da periferia do Império romano e na Galileia, periferia das perife-

rias”. É porque “a renovação sempre vem das periferias”, que é uma realidade e uma expressão antiga.

“É falso afirmar que o Papa Francisco inventou as periferias. Ele simplesmente acolheu essa dinâmica do cristianismo e a transferiu para as periferias de hoje. Aquele que não leva a sério as periferias desconhece a história do cristianismo e os problemas do mundo atual”.

Porque as periferias destacam o coração do cristianismo e o núcleo “da consciência da sociedade atual”. Algo que se vê em todas as cidades modernas do mundo e que começou a ser discutido nos anos 1940 em Paris. Lá, o profético Cardeal Suhard se deu conta de que se a Igreja abandonasse as periferias, entrariam outras presenças, “porque, na história, o vazio não existe”. E, por isso, o purpurado francês, depois de ler o livro “França, país de missão”, deu início ao dinamismo missionário moderno dos padres operários.

Evidentemente, Andrea Riccardi, quando fala de periferias, não se refere apenas às geográficas, mas também às existenciais: emigrantes, refugiados, jovens desempregados ou anciãos. Com respeito aos últimos, o dirigente leigo italiano comentou as ideias do Papa. “Os abrigos para idosos são um realidade a meio caminho entre os vivos e o cemitério. Os anciãos não são úteis, não produzem riqueza e são descartados. Mas a qualidade de uma sociedade é julgada pelo modo como trata seus anciãos”.

Que fazer com essa realidade das periferias geográficas e existenciais? De acordo com ele, passar, por exemplo, de simples paróquias exclusivamente territoriais a “paróquias santuário, erguidas lá onde as pessoas estão”. Em definitivo, uma pastoral multiforme, porque “para chegar às pessoas, são necessários muitos e diversos caminhos”.

Segundo Riccardi, a consequência é a importância do que o Papa está fazendo, com seu “discurso cristãmente profético e socialmente inteligente”. Com essa linguagem, “o Papa colocou as periferias na ordem do dia na consciência mundial como um problema decisivo para os governos, para os Estados e para a Igreja”.

Por isso, Riccardi concluiu sua intervenção realçando novamente a importância do desafio das periferias. “A Igreja tem de aceitar o desafio das periferias. A Igreja tem de criar fraternidade e comunidade nas periferias”.

A pergunta fundamental: “Eu existo para quem?”

Antes do autor do livro, houve uma intervenção do Cardeal de Madri, que não ficou atrás na hora de se alinhar com as periferias de Francisco. Carlos Osoro está convencido de que as periferias são “terra sagrada” do cristianismo. Diante delas, o fiel tem de fazer três coisas: “Colocar uma pergunta a si mesmo, construir uma memória e assumir uma decisão”.

Segundo o cardeal, o fiel, como Maria, tem de “ir até as periferias” e “apressar-se no caminho”. Porque “o drama deste mundo são os descartados”. E, entre eles, não estão só os pobres, mas também os emigrantes, os jovens sem trabalho, os anciãos abandonados e as pessoas sem ideal e sem educação.

Nessa situação, os fiéis, segundo Osoro, são chamados a se perguntar “Eu existo para quem?” e fazê-lo “com a linguagem da mente, do coração e das mãos”. E, dessa forma, “sair para as periferias de todas as misérias”. Ou, falando de outro modo, “tem de ir à periferia para voltar ao centro, porque as periferias são um lugar privilegiado, uma terra sagrada, da presença dos cristãos, embora, por vezes, seja difícil nos adaptarmos a um horizonte que fica maior a cada dia que passa”.

E é que “a vida religiosa se passa nas periferias”. Por isso, de acordo com o cardeal, temos de “criar a memória” e nos implicarmos nas periferias, “sem medo de nos mancharmos”, porque o único medo que deveríamos ter “é o medo de não estarmos nas periferias”.

Depois de criar memória e nos interrogarmos, “temos de tomar uma decisão”. Porque “as periferias nos interpelam e não basta construir novos edifícios paroquiais nas periferias. Temos de nos inserir nesses locais que são distantes. Isso exige que saíamos de nossa própria casa para entrar na casa do outro, sem abandonar nossos princípios. Isso implica em

mudar de mentalidade e de estilos. Estar com os periféricos é descaracterizar-se da comunidade e entrar no modo de ser dos outros”. É isso que o Papa chama de “conversão pastoral”.

Um programa “franciscano” para a Igreja espanhola: “Partir dos pobres, que é o que a Igreja fez desde o início e o que nós também temos de fazer hoje. Custa-nos, mas é preciso fazê-lo. Porque nossa missão é salvar, é decidir levar aos pobres a alegria do Evangelho”.

Na saudação inicial, Maria Ángeles López, diretora da editora San Pablo, elogiou a figura do autor da obra, Andrea Riccardi e de sua Comunidade, “que soube ser e estar nas periferias, sendo uma voz profética contra as guerras do mundo”. Seu maior mérito foi “ter resistido às pressões em todas as circunstâncias, conservando essência e entidade”,

A editora qualificou Riccardi e Osoro como “dois homens do Papa, porque nem todos o são” e lembrou a forte presença da Igreja nas periferias, sobretudo nos países de missão. Assegurou ainda que seu livro é uma obra “lúcida e corajosa, que transmite ânimo para a prática de um cristianismo com sabor autêntico de Evangelho”. (José Maria Vidal, *Religión Digital*).

5.2. Como no Pentecostes⁷⁶

Celebramos o nascimento da Igreja, o povo da nova e eterna aliança, não escrita em pedras, mas em nossos corações.

Um povo cujas pessoas de toda raça e condição estão chamadas a se integrar para formar um único corpo. Um povo diversificado, mas com uma linguagem comum — o amor de Deus derramado sobre nós — e não aquele no qual a autoridade religiosa age como o pastor de Jesus Carrasco em seu livro *Intempérie*: assovia e o cão se levanta, corre na direção das ovelhas rebeldes que procuram ervas novas e as atemoriza com seus latidos para que voltem ao redil. Desse modo a vida

⁷⁶ Vicente Martínez, *Pentecostes, amigos de fé adulta*. Há mais verdade em todas as religiões do que numa só. (Schillebeeckx) - 4 de junho. Domingo de Pentecostes (Jo 20, 19-23): Como o Pai me enviou, assim também eu envio vocês.

do rebanho se sente paralisada para sempre sob a vigilância férrea do olho acusador de cães e pastores, dispostos a usar sempre a voz ameaçadora de um alarme.

Nessas condições, os discípulos nunca poderão começar a falar em línguas estrangeiras como está descrito nos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, nem poderão renovar a face da terra, segundo o Salmo 104.

O historiador Flávio José afirma em meados do século I em *Antiguidades dos Judeus* (16, 3,3) que Jesus “atraiu a muitos judeus e também a muitos de origem grega”.

O compositor russo Stravinsky (1882-1971) foi um jovem rebelde que aos 15 anos abandonou a fé e a recuperou aos 45. Numa confissão pessoal manifestou que não podia avaliar os fatos que o haviam levado a descobrir a necessidade da fé religiosa e que não obedeceu a uma decisão racional. Os fatos decisivos para ele foram o recado recebido da Igreja de Pentecostes. Chegaram até ele no formato de partitura do século XX, sem enfeites rituais e dogmas: “A música louva a Deus. E o faz de um modo muito melhor que o próprio templo e sua decoração. É o maior ornamento que a Igreja possui”.

O maior e mais eficaz em seu trabalho de evangelização para divulgar os valores cristãos, profundamente humanos. Um ornamento inconsútil, o manto de Jesus, que os soldados romanos apostaram na sorte, e que hoje continuam vestindo todos os que se sentem comprometidos com esses valores. Uma lenda encantadora narra que essa túnica foi tecida por sua Mãe aos doze anos, e que ele usou durante sua vida na terra. Talvez o mais interessante desse relato seja que a túnica não tinha costuras, crescia com ele, independentemente de possuir pouquíssimos indícios de veracidade a veste conservada em Argenteuil, França. *Todos nós estamos revestidos com ela, e tudo o que nos cabe perguntar é se crescemos também com ela a cada novo dia.*

É a túnica que nos envolve a todos, que cresce, para de crescer ou até diminui no ritmo do coral. Assim se expressa positivamente Thich Nhat Hanh em Um canto de amor à Terra, no qual

afirma *“Mesmo que a energia de nossos pensamentos, palavras e ações seja poderosa, ficará ainda maior quando nos reunimos com outras pessoas. Quando formamos um grupo com finalidade e compromisso comuns de realizar uma ação, geramos uma energia muito superior à que conseguiríamos individualmente”*.

O polêmico e heterodoxo teólogo belga Edward Schillebeeckx (1914-2009) definiu a universalidade desse Evangelho que Jesus nos propôs pregar nesta frase: ***“Existem mais verdades em todas as religiões do que numa única religião”***.

José Antonio Pagola nos manifesta esse desejo imperativo do que ele deseja que seja esta Igreja Apostólica, em sua obra *“Jesus - Abordagem histórica”*, publicada por PPC.

AMAR A IGREJA

Amo a Igreja do modo como ela é, com suas virtudes e seu pecado, mas agora, cada vez mais. Amo-a porque amo o projeto de Jesus para o mundo: o reino de Deus. Por isso, quero vê-la cada vez mais convertida para Jesus. Não vejo uma forma mais autêntica de amar a Igreja do que trabalhar por sua conversão ao Evangelho.

Quero viver na Igreja convertendo-me a Jesus. Essa há de ser minha primeira contribuição. Quero trabalhar por uma Igreja em que as pessoas a sintam como “amiga de pecadores”. Uma Igreja que vai atrás dos “perdidos”, até descuidando para isso de outros aspectos que poderiam parecer mais importantes. Uma Igreja em que a mulher ocupe o lugar realmente querido por Jesus. Uma Igreja preocupada com a felicidade das pessoas, que acolhe, ouve e acompanha a todos os que sofrem. Quero uma Igreja de grande coração, na qual todas as manhãs nos ponhamos a trabalhar pelo Reino, sabendo que Deus fez o sol sobre os bons e os maus.

Sei que não basta falar da “conversão da Igreja a Jesus”, mesmo pensando que é necessário e urgente declará-lo algumas vezes. A única forma de viver em processo permanente de conversão é que as comunidades cristãs e cada um dos fiéis nos atrevamos a viver mais abertos ao Espírito de Jesus.

5.3. O que nos revelam as características maristas⁷⁷

Pedagogia dos costumes característicos e da aplicação dos fatores de aprendizagem

Resultante da experiência e da necessidade, — às vezes da carência de outros meios —, os educadores maristas utilizaram, durante muito tempo, poucos recursos materiais e tiveram de fazer valer os mais comuns e simples para obter bons resultados pedagógicos: muita leitura, de diferentes formas; cálculo mental diário; escrita cuidada e ordenada; correta apresentação dos exercícios escritos; formas criativas de perguntas contínuas e respostas que estimulavam todos os alunos; frequentes explicações dos sucessivos passos, que descansavam a garganta e, às vezes, os pulmões dos mais fortes; uso contínuo do quadro de giz, no qual se desenvolviam verdadeiras obras de arte; uso do *signum* como indicador de controle de atividades e movimentos; pequenos inventos, em todos os campos, construídos *ex professo* pelo educador.

Os recursos instrumentais foram os que mais evoluíram. Considera-se um dever, mais que um luxo, dotar a escola com os melhores e mais adequados instrumentos, talvez como faria Marcelino.

Características pedagógicas maristas

Marcelino enviou seus discípulos depois de tê-los preparado adequadamente com sinais externos de identidade, mas, sobretudo, bem convencidos internamente de sua missão.

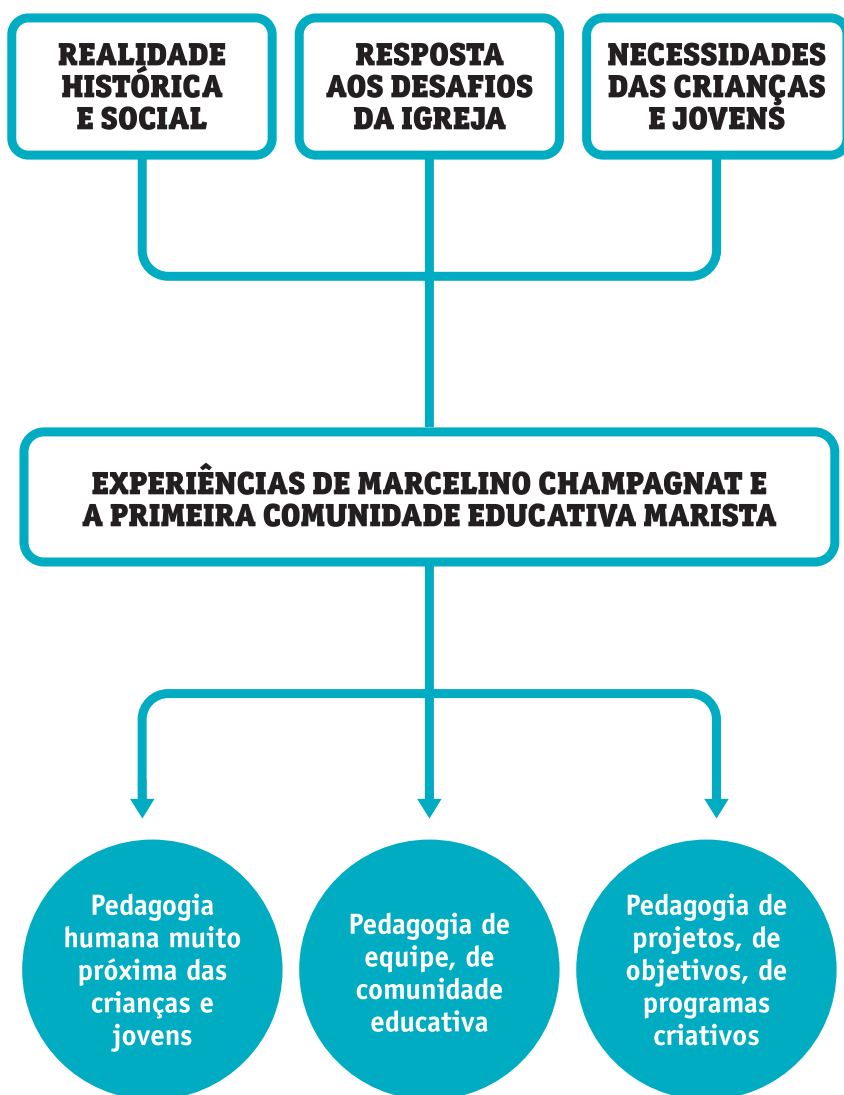
Quando as demandas de fundação eram superiores à quantidade de pessoas preparadas, simplesmente as fazia esperar. Isso aconteceu em muitas situações na vida do Fundador e no decorrer da história do Instituto.

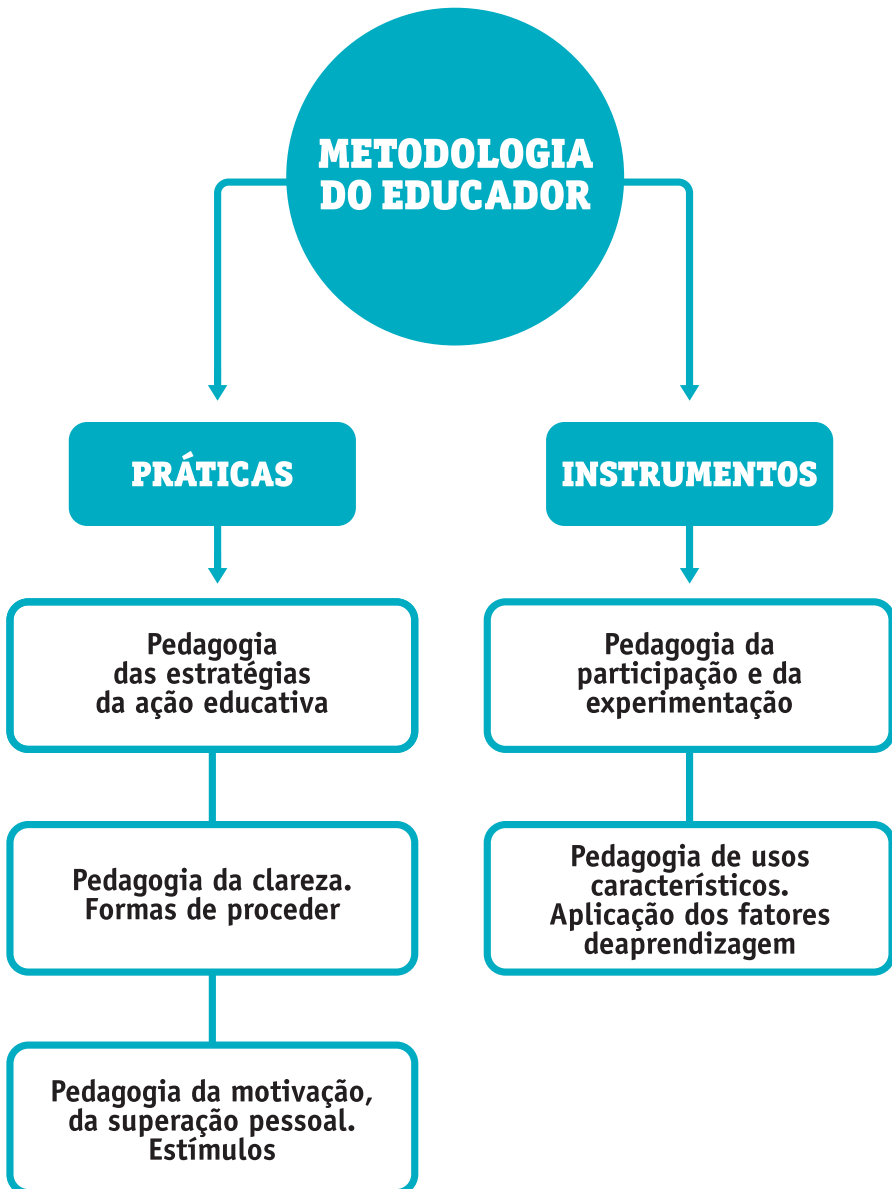
No diagrama a seguir estão classificadas as características que Marcelino desejava para seus Irmãozinhos como bons

⁷⁷ Na obra de: Moral, J.J., *La vitalidad del paradigma educativo marista (1840-1993)*, Ed. Champagnat, PUCPR, Curitiba, 2015.

professores e educadores. Consideramos essas características fundamentais porque estão na base de toda a educação marista; também porque as compartilhamos mais facilmente com outras instituições; e, finalmente, porque se dirigem a todas as pessoas e à pessoa do educando em sua totalidade. A educação marista é uma educação integral e mariana.

- Características Pedagógicas Maristas







Características típicas

Em primeiro lugar, a **simplicidade**, que marca as relações e, ao mesmo tempo, revela as atitudes pessoais ao receber e acolher todas as pessoas que se relacionam conosco nos temas educativos (pais, professores, alunos e outras pessoas que não são da escola). Essa atitude manifesta-se ao se acolherem todos os alunos igualmente, sem distinção de classe social, raça, religião etc., ou, ao encontrar tempo para receber e atender às pessoas que solicitam uma entrevista com os educadores.

Em segundo lugar, a atitude de **fazer-se presente** nos diversos ambientes educativos, externando prontamente a acolhida e a capacidade de ouvir. A conveniência, o valor e o sentido dessa importante atitude educativa marista podem ser deduzidos de suas consequências práticas, sempre válidas.

Esta característica continua presente hoje, com dimensões que podem enriquecê-la pois a criança aprende mais com os olhos do que com os ouvidos. A pedagogia que suscita a presença do educador exige que ele não oculte nem diminua sua pessoa. É preciso evitar converter-se em uma personagem distante, diferente, apoiado em seus títulos, seu saber e domínio. O procedimento mediante o qual o educador faz-se presente exige que esteja à vista, próximo, com os riscos e as possibilidades que isso implica e com as possibilidades educativas que gera.

Outra característica peculiar da pedagogia marista é a **vida de família**. Para educar a criança, deve-se tê-la próxima, mais que com palavras, com ações. Deve-se tentar fazer da escola uma verdadeira família, pelo respeito, pelo amor e pela confiança; esses elementos devem reinar sempre entre professores e alunos.

Os irmãos que viveram em l'Hermitage foram os principais promotores da seguinte ideia que aparece na primeira edição do *Guide des Écoles*: "Um mestre que não sabe amar as crianças não está apto para educá-las. Para educar a criança, para substituir seu pai e sua mãe, é preciso participar de sua ternura"⁷⁸.

⁷⁸ *Hermanitos de María*, 1928, p. 75.

Finalmente, uma quarta característica é o amor ao trabalho, a constância ou a perseverança.

Interioridade/espiritualidade

Experimentamos e aprendemos a importância da contemplação, de modo que consigamos conter um pouco a tendência ao ativismo, tão presente entre nós. Ao mesmo tempo, constatamos que os processos humanos e espirituais não se limitam a experiências pontuais, mas são graduais e contínuos. Por isso, requerem acompanhamento, perseverança em sua concretização, integração pessoal...

Programas de formação permanente. As diversas propostas, assim como as experiências de contato multicultural/intercontinental permitiram aos participantes abrir-se a novos horizontes e experimentar um pouco mais do que significa ser parte de um corpo global. Os participantes valorizam os programas como espaço de renovação para sua vida consagrada.

A duração dos programas poderia ser reconsiderada segundo o objetivo de cada um deles. Quanto ao número de participantes, em ocasiões houve dificuldade para completar a quota mínima suficiente para tornar o programa viável. Talvez tenha faltado construir a nova proposta formativa a partir de um processo que incluísse uma maior consulta às Unidades Administrativas.

Acompanhamento nas Regionais. Não se caminha no mesmo ritmo em todas as divisões do Instituto, e nem as iniciativas propostas têm o mesmo impacto em todas elas. É preciso ficar atentos para acompanhar de acordo com os vários ritmos e cuidar para que ao conjunto global não se acentuem ainda mais os gaps entre as várias divisões do Instituto. Formação conjunta.

O programa de animadores comunitários, oferecido em Manizana e El Escorial, incluiu uma experiência em l'Hermitage de formação compartilhada entre irmãos e leigos. Foi muito apreciada por todos os participantes. A partir dessas experiências e, em geral em muitas partes do Instituto, os irmãos vão descobrindo a riqueza da vocação marista leiga e sua relação com nossa própria vocação de irmãos. As duas vocações se animam e se enriquecem mutuamente.

É preciso um aprofundamento com respeito a seu conteúdo de modo que sejam mais específicos e claros para todos. Exemplo: nova terra, sair apressado, novo modo de ser irmão, irmãos hoje, leigos maristas, maristas de Champagnat... A ideia é poder dar-lhe todo o conteúdo que desejamos e aprofundar seu significado.

Secretariado Irmãos Hoje. Valorizamos a integração, isto é o esforço de unir diversas áreas num único Secretariado (animação vocacional, formação inicial, formação permanente, patrimônio espiritual). Ao mesmo tempo, constatamos que talvez a partir da atual estrutura, não consigamos dar atenção suficiente a todas elas.

Interioridade/espiritualidade. Promover uma atitude contemplativa, com rosto mariano, como um modo de agir e de viver a fraternidade. Incluir experiências mais diversificadas na linha da interioridade a partir da formação inicial. Chegar a contar com mais centros no Instituto para promoção e animação. Que os diversos encontros promovidos pelo Conselho geral e Secretariados continuem oferecendo ritmos mais humanos e ofereçam experiências de interioridade e diálogo contemplativo...

Interculturalidade. Introduzir e aprofundar o tema da multiculturalidade /interculturalidade nos programas de formação inicial e permanente. Vemos a importância de favorecer a aprendizagem de línguas por parte dos irmãos e dos leigos para facilitar a comunicação em nível internacional.

Pastoral vocacional. A necessidade de contar com algumas orientações para todo o Instituto sobre uma pastoral vocacional marista, que parte de uma pastoral vocacional aberta na qual se atende a todo jovem e se oferece um acompanhamento mais específico aos que sentem o chamado para serem irmãos ou leigos maristas.

Formação inicial. Oferecer um acompanhamento mais próximo de modo especial nas regiões que atualmente contam com maior número de postulantes, noviços ou pós-noviços, a partir dos critérios e orientações que podem ser oferecidos a todas as regiões do Instituto.

Programas de formação permanente. Explorar a possibilidade de realizar propostas mais interlinguísticas (com tradução simultânea). Ou a possibilidade de contar com uma proposta única (interlinguística). Buscar também abrir-se mais à intercongregacionalidade em algumas das propostas. Formação conjunta de irmãos e leigos. Parece-nos importante continuar a elaborar e oferecer propostas de formação conjunta para irmãos e leigos com o objetivo de uma maior compreensão e revitalização vocacional dos participantes.

Proteção da infância. Julgamos necessário que o tema da proteção da infância deva estar incluído tanto nos programas de formação inicial como nos programas de formação permanente, e terá de ser levado em conta na etapa da pastoral vocacional nos momentos de discernimento vocacional e da seleção de candidatos⁷⁹.

5.4. A segunda oportunidade marista

A autoestima como ponto de partida de uma caminhada da educação a partir do interior.

É claro que convém dizermos desde já de qual autoestima estamos falando para não sermos parciais.

Entendemos que tratamos de autoestima no sentido total, quando consideramos que todos nascemos com autoestima. Não é, pois, algo que tenhamos de desenvolver ou construir mas algo a defender, a não destruir, conservar e cuidar⁸⁰. Um dos conceitos mais próximos dessa autoestima é o da aceitação de si mesmo. Não colocamos em discussão a importância do conceito de si mesmo: adequada, realista, falsa, excessiva, rebaixada...⁸¹.

⁷⁹ *Caminhando juntos*, mensagem n. 47, XXII Capítulo Geral.

⁸⁰ Sentir que se tem uma aceitação sempre ativa, independentemente do que se faça ou deva fazer, da sorte ou do fracasso dos projetos é um critério seguro para a autoestima e para a aceitação de si mesmo.

⁸¹ campo afetivo vinculante desses dois estados e movimentos é tão forte que pode organizar todo o comportamento do educando.

Para o itinerário do crescimento e do desenvolvimento educativo definir esse ponto é construir a partir da interioridade. A importância dos meios que podem colaborar e que concorrem frequentemente na caminhada educativa nos faz pensar em sistematizar dois ou três campos importantes:

- **Os comentários positivos e as atitudes de aceitação da pessoa e da conduta do educando.**
- **A superação dos obstáculos e a celebração dos êxitos pela superação dos desafios que se apresentarem.**
- **A proposta pedagógica de desafios que seja capaz de ultrapassar para poder qualificar os que atingem sucesso educativo.**

Há posições intermediárias e complementares diante dos partidários de um exercício de luta e desenvolvimento contra os obstáculos como meio de crescimento; ou a ausência prevista de todo tipo de obstáculos para evitar contradições. A aceitação livre das dificuldades e dos desafios que se interpuserem como meio de crescimento na dupla aceitação de si mesmo e dos obstáculos que o rodeiam. “Você tem problemas para vestir o pijama e começar a dormir, mas aceite desta vez por amor... e verá que dormirá melhor”.

A autonomia pessoal e as barreiras que a limitam

Há uma série de sentimentos coadjuvantes que podem ser incentivados para favorecer o desenvolvimento desse grande sentimento da autonomia pessoal que revela em si um crescimento.

Quando pode apresentar, com prazer e satisfação pessoal, algo que realizou sozinho, com suas mãos, sem que ninguém ajudasse, temos um passo de competência, de autossuficiência, mas especialmente de autoconsciência de ter avançado, crescido diante de si mesmo.

Essa autonomia deve ser proposta- a partir das primeiras atividades desde o berço e da primeira infância.

Que possam desprender-se do que significa a ação dos adultos. Que possam resolver os pequenos problemas sem que os grandes intervenham. Mesmo que seja sempre sob atenta vigilância dos educadores, para que se sintam afetivamente protegidos, amorosamente vigiados, mas com capacidade de irem aprendendo paulatinamente.

Fala-se das necessidades afetivas básicas satisfeitas para começar a promover essas situações. É muito correto num ambiente genérico que só assim teoricamente se pode chegar a uma autêntica autonomia. Não obstante, a experiência demonstra múltiplas exceções, que certamente, ao confirmar a regra, fazem ver que o funcionamento do desenvolvimento pessoal tem muitas derivações e expansões.

A queima de etapas⁸² e o surgimento de barreiras são situações naturais que o educador deve prever com cautela e com acerto. Alguns pedagogos ousados propõem a queima de etapas como uma medida de superar-se e de superar as circunstâncias adicionais. De qualquer modo, sempre deveriam estar acompanhadas para poder fornecer ao educando uma certa segurança na etapa em que se encontra.

As barreiras atuam normalmente de fora e são agentes diretamente influentes no educando.

Dois casos comuns são mais fáceis de estudar:

A presença castradora do pai ou da mãe.

As necessidades dos pais de sentir-se úteis na família.

Nesse tipo de barreira os filhos fazem o que os pais querem que façam. Não porque quiseram ou como gostariam de fazer. A onipresença protetora é uma das formas de barreira que pode entorpecer mais frequentemente a autonomia do filho. A quase onipresença solucionadora dos pequenos problemas que se apresentam na própria atividade infantil é uma

⁸² Queimar etapas inclui não realizar o desenvolvimento correspondente a cada etapa, sejam quais forem as causas. Às vezes se instala num nível superior, normalmente, ou ainda é rebaixado a um nível inferior, para recuperar o tempo perdido, que não pode ser vivido em seu melhor momento.

barreira semelhante e redutora do crescimento da autonomia da criança.

A barreira contrária é a ausência paterno-materna na ação educadora do aluno.

Se a liberdade é dada aos poucos, com o tempo aparecerá a vertente humana da responsabilidade com suas características correspondentes⁸³.

Assumir as responsabilidades correspondentes

Um terceiro aspecto complementar dos anteriores é o de assumir a responsabilidade que corresponde a seus atos e a sua pessoa, em local e hora determinados.

Dois fases inclusivas nessa formação educativa:

- A possibilidade de experimentar falhas, equívocos, faltas e castigos;
- Enfrentar as consequências sucessivas dos atos e omissões aceitos de modo responsável.

⁸³ Alguns indicam a “observação a distância e a intervenção em caso de emergência” para suprir essas atitudes paterno-familiares.

**Um projeto
educativo
para que a
metodologia
funcione**

06

6.1. Incluir a interioridade como aspecto educativo interdisciplinar⁸⁴

A interioridade nos centros educativos.

Em 2016, a Revista Ibérica, publicou uma matéria muito significativa sobre a importância de se incluir a interioridade como um dos aspectos educativos interdisciplinares. Nela, Luis López González, Doutor em Psicopedagogia, apresenta algumas pautas para a implementação de programas educativos contemplando a interioridade. Vejamos a matéria, conforme descrita abaixo.

⁸⁵ Luis López González, Doutor em Psicopedagogia, Diretor do *Programa TREVA de relajación escolar*, jan. 2016.

Pautas para a implementação de programas⁸⁵

Esta página pretende motivar os centros de educação a criar programas de interioridade. Analisa a adequação geral da escola atual à luz da necessidade de uma mudança educacional com foco no aluno. Em primeiro lugar, definir a mudança pretendida nas intenções educacionais. Depois, propor as fases de implantação dessa mudança com uma profunda transformação metodológica, à qual se adicionará a reformulação da função e da formação do docente.

Por outro lado, propõe-se revitalizar a vida diária no centro e se oferecem os critérios para programar os conteúdos curriculares a fim de educar a interioridade em centros educativos. Finalmente, cria-se um amplo elenco de atividades, exercícios e atitudes práticas agrupados em diferentes ambientes da vida escolar (rotinas, tutoria, áreas...) tudo isso sem perder de vista o modo de transpor esses programas nos projetos centrais e que se encaixem em todos os setores da comunidade educativa.

1. Da escola do “quê” para a escola do “quem”

A escola espanhola (e europeia) do século XXI tem o desafio de “educar para ser”, já que se acha inserida no saber e não no conhecer. Os centros educativos devem abandonar o “quê” e o “como” conceituais (o quê e como somos; o quê e como é a família; o quê e como é a vida...), que oprimem a educação (quais conteúdos, quais métodos, quais docentes, quais provas...) para dar espaço ao “quem” (quem sou, quem somos; quem dá aula; quem é avaliado...), quer dizer **centrar-se na pessoa**. Em resumo, a escola deverá abrir sua eficiência à afetividade e abandonar a busca da excelência para **encontrar o requinte**.

⁸⁵ Luis López González, Doutor em Psicopedagogia, Diretor do Programa *TREVA de relajación escolar*, jan. 2016.

Nessa linha, depois de alguns anos de educação baseada nos valores, resolução de conflitos, educação emocional e educação da cidadania, entre outros, talvez tenha chegado a hora de abordar sem subterfúgios a **educação da interioridade**. Um programa de educação da interioridade deverá ir do pequeno para o grande e do grande para o pequeno e terá **um único livro de texto: o alunado**. Seu único objetivo será de felicidade através do autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal possibilitando sua **autorrealização**.

1.1. Como abordar o tema em um centro?

A metáfora da hidratação do corpo humano pode servir para compreendermos como introduzir a interioridade num centro educativo. Mesmo que existam cinco nutrientes essenciais (proteínas, lipídios, glicídios, vitaminas e sais minerais), a água é imprescindível para nossa saúde nutricional, ao mesmo tempo que sua ingestão não substitui o restante dos nutrientes. No ocidente, conseguimos 50% de nossa hidratação bebendo água diretamente, 20% através de outros líquidos e 30% mediante alimentos sólidos. Além disso, a hidratação se serve ainda do meio ambiente (umidade, clima, entorno físico...).

Extrapolando a metáfora da hidratação e da interioridade:

- Além da interioridade, o alunado precisa satisfazer o restante de inteligências (nutrientes básicos).
- A interioridade não só é adquirida pela “ingestão” de atividades específicas e academicamente programadas, mas serve-se também de outras atividades, espaços, conteúdos, humores, métodos, relacionamentos, entornos etc. Desse modo, podemos afirmar que: da mesma forma que o homem não se hidrata só com água, a interioridade igualmente não é trabalhada apenas no currículo de interioridade.

- Então, o alunado precisa beber água sistematicamente, quer dizer, fazem falta medidas concretas para a educação à interioridade.
- Primeiro, é fundamental conhecer quanta interioridade se “bebe” num centro educativo e depois dosar possíveis planejamentos formativos e/ou de intervenção.
- Num centro educativo, 50% da interioridade devem provir diretamente de programas específicos e os outros 50% virão de modo transversal. Como conseguir sabiamente esse equilíbrio? Como fazê-lo para salvar todo tipo de objeções: legais, curriculares, logísticas, de compromisso do professorado, de estilo, de programas, de possíveis riscos...? Não podemos esperar ter um plano definido para começar a trabalhar a interioridade nos centros educativos. Há muitos modos de começar a caminhar:
 - por contágio: um docente trabalha com os alunos de modo discreto e provoca outro docente e assim sucessivamente.
 - de modo transversal, deixando que os docentes o apliquem a seu modo em sua performance diária.
- Há centros que preferem uma implementação vertical, propondo um programa pré-estabelecido por uma equipe especializada.
- Outros optam por equilibrar a implementação dirigida com a criatividade pessoal depois de uma séria reflexão sobre o tema em todos os setores.

Como resultado, são elaborados alguns documentos básicos, a partir dos quais os centros têm um prazo para formar-se e projetar um plano próprio de ação. Finalmente, terão de

tornar-se visíveis nos projetos do centro (educativo, curricular, tutorial...) Este é, por exemplo, o caso da Escola Pia da Catalunha⁸⁶ ou *Jesuïtes Educació de Catalunya*⁸⁷.

Devido ao cansaço atual dos docentes, justifica-se que a interioridade pareça não fazer algo mais, nem muito menos uma vez que começamos do zero. Por isso, aconselho **identificar os cenários** atuais de centros em que já se trabalha a interioridade. Pode-se fazer uma lista de atuações:

- Questão de decisão. Cada um deve “ajudar a levar a água até o novo moinho”, mas não de afogadilho. Não podemos esperar que os de cima ou os de baixo mudem para nós mesmos começarmos a remar.
- O papel das equipes de direção. Os membros não de assumir sua responsabilidade e dar algum “salto no vazio” defendendo a educação da interioridade. Mesmo assim, deverão conquistar um grande setor docente que é reticente e contar com a comunidade de pais e mães. Eles são centro e também sociedade crítica. Se tivermos apoio, poderemos voar alto.
- As ordens deverão ser hábeis para introduzir atividades formativas desse tipo em seus centros. A maioria das vezes, a formação na interioridade produz benefícios colaterais positivos, pois são criados espaços de intercâmbio pessoal das próprias experiências docentes num nível diferente do habitual, ao mesmo tempo que chegam a compartilhar aspectos da vida pessoal. São ainda revisadas rotinas, normas, rituais, métodos, sistemas de avaliação etc.

⁸⁶ <http://www.escolapia.cat/>

⁸⁷ <http://www.fje.edu/>

1.2. Cinco eixos de intervenção

É conveniente definir cinco eixos de intervenção para levar a cabo um programa de educação da interioridade na escola:

1. Reenfoque da missão educativa
2. Transformação metodológica
3. Reformulação da função e formação do docente
4. Revitalização da vida diária no centro educativo
5. Currículo específico de interioridade

Reenfoque da missão educativa

A missão educativa costuma estar explícita nos prólogos da legislação educativa, nos quais quase sempre se lembra a intenção de educar o alunado de modo integral. Mas se analisarmos em que consiste finalmente essa legislação, com exceção de umas poucas leis, observaremos que o peso específico é dado ao currículo, pois não se educa a pessoa. Inclusive, quem comanda é o poder econômico.

Reformulando os projetos do centro

Educar para a pessoa é uma das diretrizes mais óbvias da escola do século XXI. Devemos passar do aluno-robô-avaliado ao aluno-pessoa-em-processo.

Evidentemente, esta evolução requer uma mudança de linguagens, uma transformação metodológica, uma reformulação dos prazos, das atividades e da participação das famílias no processo educativo.

Deveríamos propiciar chuvas de ideias (*brainstorming*) para analisar o que podemos fazer para humanizar a educação in situ (adaptar os enunciados e milhares de textos e problemas que nossos alunos leem; não escravizar crianças de três anos sentadas em uma cadeira durante tantas horas...)

Os projetos devem visar no “quem” e não no “quê”, e focar os conteúdos a partir de eu circunstancial do aluno. A

escola deve assumir uma educação da identidade individual e coletiva. Podemos educar a partir de como celebrar os gols no recreio a mesmo as letras das canções (hinos).

A técnica da ORAÇÃO CENTRANTE⁸⁸

A oração não é uma petição dos favores de Deus... A oração genuína se baseia em reconhecer a Origem de tudo o que existe e nos abrimos a ela.

Cynthia Bourgeault:

Oração central: os princípios básicos

A maioria das tradições de fé têm alguma forma de meditação ou contemplação. Praticamente todos os métodos de meditação têm o objetivo de expandir ou aprofundar a consciência do praticante. Os detalhes variam. A Sociedade Contemplativa está focada na Oração Centralizadora, um método de entrega à meditação, ou à oração contemplativa, que remonta aos primeiros dias do cristianismo.

Em seu livro *Centrando a Oração e o Despertar Interior*, Cynthia Bourgeault escreve que ainda que talvez possamos encontrar modos de deter o “ruído exterior”, é muito mais difícil ainda o “ruído interior” (p.5). Ela diz que a Oração Centrante... é um método muito simples para reconectar-nos com essa aptidão natural para a vida interior... (p. 6), que, com o tempo, por si mesma, conduz ao autoesvaziamento pessoal e a um ambiente exterior mais unido à vida.

Como “fazer” a oração do centro:

Procure um espaço tranquilo no qual é pouco provável que você seja molestado.

Sente-se de um modo que lhe permita estar relaxado no corpo e alerta na mente. Utilize uma cadeira, travesseiro de meditação ou almofada de oração, de

⁸⁸ Entrar na página da web para ver em Centering prayer esta técnica.

acordo com suas necessidades pessoais físicas e suas preferências.

Mantenha os olhos suavemente fechados.

“Permita que seu coração se abra ao invisível mas que é a origem sempre presente de tudo o que existe” (p. 6).

Cada vez que alguém se dá conta de um pensamento, não importa qual seja sua natureza, deixe-o livre.

Use uma “palavra sagrada”.

Esta é uma palavra ou frase curta que vai ajudá-lo a deixar os pensamentos fluírem. É um lembrete de sua intenção de permanecer aberto ao silêncio. Geralmente palavras sagradas caem numa destas duas categorias: Deus - palavras/frases como Abba, Jesus, Maria, Realidade, Vem Senhor ou estado - palavras/frases como A paz esteja com você. As palavras sagradas não são usadas como mantras, como repetições constantes, mas como lembretes de sua intenção de permanecer aberto⁸⁹.

Cultivar a interioridade é ir caminhando na direção de uma vida mística, uma vida humana em plenitude.

O cultivo da interioridade é um caminho de reencontro com o “humano”?

O ser humano pode ser compreendido como uma unidade que está constituída por duas dimensões fundamentais e intrinsecamente relacionadas: que não percebemos com os sentidos, essa *morada interior* que, mesmo que não tenha vista para a rua, é essencial para poder explicar os movimentos do exterior.

⁸⁹ Faz pouco mais de três anos, o Irmão Emili Turú, S.G. fez um convite contundente ao Instituto Marista: “cultivar a interioridade”. Como Província nos impusemos a tarefa de responder a esse chamado, que é também um clamor de nossa sociedade. Encontramo-nos num mundo desejoso de voltar a ter contato com a sabedoria que brota do mais profundo do ser humano, como já dizia Karl Rahner: “O cristão do futuro será um místico ou não existirá de modo algum...”

Podemos compreender o ser humano como a unidade de duas dimensões que são fundamentais e intrinsecamente relacionadas “a exterioridade, que se refere ao que percebemos, à manifestação externa e representativa, e a interioridade que faria referência à parte oculta, ao caráter numênico”⁹⁰.

A interioridade é a capacidade que tem o ser humano de se identificar a partir do interior e de se relacionar a partir do autêntico e do profundo para conseguir encontrar um equilíbrio pessoal que repercuta nos demais, no entorno e na sociedade. É o espaço para sentir a individualidade e a liberdade, que nos permite a responsabilidade e o compromisso conosco mesmos e com os outros.

A interioridade refere-se, pois, à esfera intangível do ser humano, a essa esfera na qual estão incluídas as crenças pessoais, os sistemas de valores e os ideais. A interioridade é uma parte consubstancial da identidade pessoal que não pode considerar-se de modo isolado da outra face, a exterioridade⁹¹.

Ainda que todas as pessoas possuam interioridade, nem todas a desenvolvem. É preciso cultivá-la; conhecer o próprio mundo interior, brindar o ser humano com a possibilidade de gerar relações interpessoais mais autênticas, acrescentar a solidariedade e cuidar do meio ambiente.

Qual é a proposta da Educação da Interioridade?

A proposta consiste em fomentar nas aulas um processo de educação da interioridade, cujo objetivo é orientar os alunos a conectarem consigo mesmos, crescerem no conhecimento e profundidade pessoal para descobrirem seus próprios recursos interiores, desenvolvendo assim o próprio potencial. A partir dessa profundidade pessoal, detectar os fatores que permitem conectar com o que os outros são, e com o que a realidade é, gerando uma renovada consciência relacional, que consiste em sentir-se parte de uma unidade com os outros, com todos os seres e formas de vida. Desta consciência re-

⁹⁰ Fernando Riaño, 2010, p. 22.

⁹¹ Fernandez Riaño, 2010, p. 22.

lacional, de sentir-se parte de um Todo, orgânico, brota um compromisso social e ecológico renovado que torna possível o desenvolvimento integral humano.

Essa transformação depende de desenvolver a capacidade de escuta profunda, da capacidade de abrir o coração para nos encontrarmos autenticamente com a verdade do outro, dos outros; da sensibilidade para entrar em contato com a natureza e da consciência da dimensão transcendente em nossa vida.

A educação da interioridade é um processo de tomada de consciência, de aspectos relativos às diferentes dimensões da pessoa: social, corporal, psíquica e espiritual; que permitirão a integração e unificação pessoal; de tal modo que sejam capazes de encaminhar-se para a plenitude da vida humana, abrindo o coração numa solidariedade transformadora que respeita e cuida da natureza.

Promover que o ato educativo seja um espaço no qual os alunos aprendam a ser, aprendam a viver, a gerenciar suas emoções, a enfrentar os desafios que nosso mundo atual lhes apresenta e a tomar decisões estando mais centrados, mais conscientes.

Oferecemos alguns documentos para continuar aprofundando, assim como recursos didáticos que podem ser-lhes úteis nesse processo de implantação do projeto de interioridade.

Para isso facilita-nos uma série de documentos específicos que indicamos na sequência:

Exemplo aplicado

Temos adolescentes diante de nós.

Escolhemos um texto evangélico, Mt 21, 28-32, bem curto, simples; uma parábola e a explicamos, fazendo com que os adolescentes participem constantemente.

Encenação incluída: pai, filho mentiroso; filho fariseu.

Explicação de dentro para fora com todos os significados: antropológicos, pedagógicos, motivacionais e morais.

Os dois irmãos são convidados a trabalhar na vinha...

Partindo da interioridade⁹²

“O primeiro filho disse: ‘não quero’. Mas depois reconsiderou e foi”.

Parábola dos dois filhos

“Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: ‘Filho, vai hoje trabalhar na vinha’, mas ele respondeu: ‘Não quero.’ Mais tarde, porém, arrependeu-se e foi. Dirigindo-se ao segundo, falou-lhe do mesmo modo e ele respondeu: ‘Vou sim, senhor’, mas não foi. Qual dos dois fez a vontade ao pai?” Responderam eles: O primeiro.

Jesus disse-lhes: “Em verdade vos digo: Os cobradores de impostos e as meretrizes vão preceder-vos no Reino de Deus. João veio até vós, ensinando-vos o caminho da justiça, e não acreditastes nele; mas os cobradores de impostos e as meretrizes acreditaram nele. E vós, nem depois de verdes isto, vos arrependestes para acreditar nele.”

Para se compreender mais profundamente o citado texto bíblico vejamos o comentário de Fray Marcos, em *Fé Adulta*, que explica a parábola dos dois filhos a partir do seu contexto até à dinâmica da interioridade.

Corrigir é mais humano do que fazer alarde de bondade. Não pretenda abater o alvo no primeiro disparo. Tente várias vezes.

O ambiente esclarecedor

Jesus acaba de realizar a “purificação do templo”. No episódio imediatamente anterior, os sumos sacerdotes e os

⁹² Marcos, *Fé Adulta*, comenta este texto.

anciãos perguntam a Jesus com que autoridade age assim. Ele lhes responde com outra pergunta: “O batismo de João era coisa de Deus ou coisa humana?” Não se atrevem a contestar, e Jesus lhes conta essa parábola. Mateus trata de justificar que a comunidade cristã se distanciará do organograma religioso judaico, mas quer avisar também à nova comunidade que não deve cair no mesmo erro.

Neste capítulo, seguem as advertências à comunidade. É muito perigoso julgar-se perfeito. O importante é descobrir as falhas e corrigir o que você fez de errado. A teoria pura não serve para nada, só a vida salva. Qualquer coisa que digamos ou que proclamemos serão palavras vazias, enquanto não estiverem acompanhadas de uma atitude vital, que inevitavelmente se manifestará nas obras. No evangelho de João, Jesus coloca suas obras como instância definitiva. “Se não acreditarem em mim, acreditem nas obras”.

Sentido bíblico escriturário

No domingo passado nos falava de trabalhadores. Hoje nos fala de filhos. No Antigo Testamento, o povo, em seu conjunto, se considerava filho de Deus. Jesus distingue agora dois filhos: os que se consideram verdadeiros israelitas e os que os chefes religiosos consideram pecadores. Recordemos que ser filho significava fazer em tudo a vontade do pai. Um bom filho era o que tinha puxado ao pai. O que deixava de fazer a vontade do pai deixava de ser filho. Quem fez a vontade do pai? Quer dizer: quem é o verdadeiro filho?

Jesus enfrenta os chefes religiosos, como resposta à oposição radical que eles têm manifestado. Todos os evangelhos deixam clara essa luta de morte das instâncias religiosas contra Jesus. Entretanto, não podemos concluir dessas parábolas argumentos antisemitas. As prostitutas e os coletores de impostos, que Jesus põe diante dos chefes religiosos eram também judeus e os primeiros cristãos eram todos judeus.

Sentido moral da atitude comportamental

Os fariseus não tinham nada de que arrepende-se, eram perfeitos porque diziam “sim” a todos os mandamentos. Consideravam que tinham direito aos benefícios divinos, por isso recusam de imediato a proposta de Jesus. Como os da primeira hora do domingo passado, exigem o pagamento justo por seu trabalho. Para eles é intolerável que Deus pague o mesmo àquele que não trabalhou. Não se dão conta de que sua resposta é somente formal, sem compromisso vital nenhum. Não ligam a mínima para o espírito da Lei.

O escândalo está montado: para Jesus não há dúvida, os que se consideram bons são os maus e os maus são os bons. Os primeiros eram os estritos cumpridores da Lei; os outros nem a conheciam nem podiam cumpri-la. Os primeiros se empenhavam no cumprimento externo das normas. Os outros buscavam uma possibilidade de tornar-se mais humanos, porque se viam como pecadores. Jesus deixa claro qual é a vontade de Deus, e quem a cumpre. Mas Jesus dá a entender que tanto uns como os outros são filhos.

Os coletores de impostos e as prostitutas levam vantagem sobre eles no Reino.

É uma das frases mais agressivas que Jesus pode dizer aos burocratas religiosos. Eram as duas classes de pessoas mais denegridas e odiadas pelas instâncias religiosas. Mas Jesus sabia muito bem o que dizia. O organograma religioso-social de seu tempo era repressivo e injusto. Quem havia descoberto um Deus — que só deseja o bem do homem — não poderia suportar que essa situação se mantivesse em nome do próprio Deus.

O relato não faz referência às outras duas situações que podem ocorrer: o filho que diz “sim” e vai trabalhar na vinha e o filho que diz “não”, e não vai. Nesses dois casos não há possibilidade de equivocar-se nem cabe a pergunta de quem cumpre a vontade do pai. O que o relato pretende é advertir sobre o engano em que pode cair aquele que interpreta superficialmente a situação do que fala “sim” e não vai e a do que diz “não” e vai.

Os valores internos

Não devemos nos enganar. A simplicidade do relato esconde uma lição fundamental. Como conclusão geral, temos de dizer que os fatos são o que importa, e que as palavras servem muito pouco. A práxis prevalece sempre sobre a teoria. O evangelho não nos convida a dizer primeiro “não” e depois “sim”: Deus compreende nossa limitação e admite a possibilidade de correção, depois de “reconsiderar”, diz o texto.

Nossas atitudes religiosas são incoerentes. Levamos muitos séculos praticando uma religião de ritos, doutrinas e preceitos. Desde o batismo dizemos “sim, eu vou”, mas nos estacionamos sempre onde estamos. Não há mais o que entendíamos por “praticante” para nos darmos conta de que não há nada a ver com a vida real. Caminhamos cada vez mais à margem e nos afastamos da raiz do evangelho.

Enchemos a boca declarando pomposamente que somos cristãos, mas há muitos que, sem sê-lo, cumprem o evangelho muito melhor que nós. O farisaísmo converteu-se em moeda corrente entre nós, e supomos que basta falar do evangelho ou ouvir falar dele para tranquilizar nossa consciência. Há um refrão que retata isso muito bem: “Uma coisa é pregar e outra produzir trigo”.

Aplicações internas ao dia de hoje

Na primeira leitura já ouvimos que nem sequer os maiores erros são definitivos. Podemos em qualquer momento corrigir a trajetória equivocada. Os erros cometidos podem ajudar-nos a encontrar o caminho verdadeiro. Somos limitados e temos de aceitar essa condição porque é parte de nossa natureza. Não podemos pretender, nem para nós nem para os outros, a perfeição. Quando exigimos que um ser humano seja mais que perfeito estamos exigindo dele que deixe de ser humano.

Só a experiência me diz o que me deteriora como ser humano e o que me enriquece. Quando damos como absoluta

uma norma, estamos nos fixando no passado e nos impedimos de progredir. O grande perigo para essa fixação é crer que Deus nos passou diretamente essa norma. Nessa perspectiva cometem-se grandes barbaridades contra o ser humano. O Deus de Jesus nunca pode ir contra o homem; as normas que promulgamos em seu nome, sim. Entender a religião como verdades, normas e ritos absolutos é puro fundamentalismo.

Podemos também hoje ir um pouco além da parábola. Nem sequer as obras têm valor absoluto. As obras podem ser reações automáticas desconectadas de nosso verdadeiro ser, e conectadas apenas ao interesse egoísta. Os fariseus cumpriam escrupulosamente todas as normas, mas faziam isso mecanicamente, sem nenhuma sinceridade no coração. Não percamos tempo tentando tomar partido. Todos estamos dizendo “não” a cada três vezes sobre quatro, e todos estamos dizendo “sim” com incrível rapidez. A vida é uma constante sequência de correções.

Oração centrante

Escolhemos um pensamento para ser retido

Se na primeira vez não somos capazes de dizer sim,
Deus aceita sempre nossa retificação.

Quase sempre acertamos às custas de correções.

Não somos capazes de descobrir a meta de imediato.

Não devemos nos preocupar com equívocos.

Mas devo preocupar-me quando sou incapaz de corrigir.

Vamos transformar esses pensamentos em invocação jaculatória.

Vamos repeti-la sem parar...

Os benefícios da relação entre os pais e a escola⁹³

Considerando a importância da relação entre os pais e a escola alguns especialistas explicam como deve ser essa abordagem e o que beneficia as famílias, os colégios e os alunos. Vamos aos relatos



Jesús Ruíz e Eugenia del Campo têm três filhos na Educação Infantil e Primária no Colégio Las Tablas Valverde. Consideram que a estreita relação entre pais e docentes traz muitas vantagens na formação e na educação de seus filhos.

“Mantemos uma comunicação muito harmoniosa com o colégio e assistimos a cinco tutorias por ano para ficarmos a par dos temas acadêmicos, mas também para que comentem conosco quais aspectos (como a força de vontade, a responsabilidade nas tarefas etc.) devemos ajudá-los a reforçar, observa Jesús Ruíz.

⁹³ Laura Peraita. Dia 03.03.2014 -La Vanguardia

Garantem que os filhos têm, em geral, um comportamento em casa diferente do comportamento no colégio, “e o contato com os professores facilita a ambas as partes **uma visão mais completa de como nossos filhos são** e quando têm algum problema, fica mais fácil encontrarmos juntos uma solução”.

O que fazer com as Novas Tecnologias?⁹⁴

O paradoxo é o seguinte. Os pais entregam um **celular** às **crianças** menores para se comunicarem em seus primeiros momentos de autonomia, no trajeto da escola para casa, a fim de livrá-los dos riscos oferecidos pela rua. A casa é o refúgio e a rua é o lugar de incerteza e riscos. No lar estão “a salvo”, assim pensam. Mas o **smartphone** os coloca em conexão com a garotada que representa uma imensidão não menos perigosa, a virtual. E então, no sofá macio da sala de visitas, ficam sozinhos, navegando no oceano digital.

Que este exemplo sirva de metáfora de como **os filhos são criados atualmente**, muito além do uso das **tecnologias**. Superproteção e solidão foram duas das palavras mais repetidas na jornada organizada pelo programa Interxarxes, da Assembleia de Barcelona, que tratou do tema: “As famílias e os professores continuam sendo interlocutores válidos para as crianças?”

“A figura dos pais se profissionalizou”, afirmou Eva Millet, jornalista e autora do livro *Hiperpaternidad*. “Os pais de hoje querem proporcionar todo o bem possível para que o filho chegue a ser um ‘produto’ perfeito e para poder exibi-lo nas redes sociais”. Doam-se à criança de corpo e alma. Procuram os melhores colégios e os superestimulam com atividades extraescolares. “O resultado é que seus pirralhos sabem esquiar aos cinco anos, mas não amarrar os cadarços dos sapatos e, emocionalmente, quando crescem, são como um copo de neve, derretem-se no primeiro enfrentamento”, brinca Millet.

⁹⁴ **Carina Farreras**, Barcelona 21/10/2017 às 00:32h. Atualizado em 21/10/2017 às 13:14h, La Vanguardia.

Os pais sabem o que devem fazer, mas ignoram como devem fazê-lo. As crianças mudaram nos últimos anos mas mudou também o modo como as olhamos”, diz o psicólogo Ramon Almirall. “Isso deixou os pais confusos: eles ‘sabem’ o que devem fazer — não superestimulá-los, não exagerar nos presentes, não evitar frustrações... — mas não sabem como fazê-lo”. Falta reflexão, tempo para repensar como criá-los. Isso explica, a seu juízo, que ocorram coisas como essa, que “controlem” os filhos de modo virtual nas ruas, mas os deixem na frente das telas, sem nenhum filtro”.

Na opinião desse profissional, o acompanhamento dos menores deve ser modificado. Prosseguindo na metáfora da tecnologia, defende que não precisam de mais estímulos, nem de mais acesso à informação. Tampouco precisam escolher todo o tempo o que querem comer e como querem vestir-se. “O que mais precisam é aprender a escolher”. E isso, continua, se pratica, mas não sozinhos, e sempre com uma rede de apoio, um espaço seguro no qual possam arriscar-se e cometer erros, no qual possam crescer com confiança.

A arte do diálogo

A tecnologia é capaz de interconectar as pessoas de forma permanente, mas ao mesmo tempo, seu uso ininterrupto invade também os relacionamentos no lar. “Há famílias que desligam o celular e a televisão na hora da refeição. Mas é apenas uma hora sobre 24! Nós, como adultos, deveríamos também desligar o celular com maior frequência”, adverte a pediatra Hortensia Vallverdú.

Saber escolher é uma prática na qual erros são cometidos, mas com uma rede segura Almirall argumentou que “a solidão das crianças não é compensada pela conexão digital”. E reivindicou a função do diálogo na família. Sugeriu incentivar de forma sutil a criação de espaços de conversa. Substituindo a pergunta clássica “Como vai no colégio?” que é respondida de forma automática, com uma situação jocosa acontecida no trabalho. “Se você se refere a um fato vivido, estimula a criança

a contar um fato pessoal do mesmo tipo”, recomenda Almirall. E não falar antes da hora, deixar que se expresse e ouvir de forma participativa. “Ouvir o que dizem, esperar, calar-se e, depois, falar”. Essa deve ser a nova postura dos pais. Uma escuta ativa. E presença real para fazer companhia de forma autêntica e não deixar que se perca a “riqueza da infância”. “Nós vemos que as famílias não têm tempo para estarem juntos”, afirma Montse Gavaldá, psicóloga e coordenadora do Cdiap de Horta-Guinardó. Custa pensar, conforme explica, que tenham a ideia de escolher um dia em que não façam nada. Algo como “ficaremos em casa, qualquer atividade que apareça, e então decidimos”. Segundo sua experiência no consultório, não é tolerada essa falta de planejamento e essa perspectiva de inatividade.

Sentimo-nos perdidos

Para Millet, as agendas de “ministro” das crianças impedem que a garatoda tenha tempo para parar e perguntar-se o que querem fazer e perguntar a si mesmos quem eles são. “E não conhecem a si mesmos”, acrescenta.

Said El Kadaoui, terapeuta e escritor, amplia essa visão: “Entre a escola, as atividades extraescolares, os deveres e as atividades com os pais, falta tempo para distrair-se, para compartilhar com os irmãos, primos, amigos... falta tempo para serem crianças”. Diminuem seus espaços para ficarem sozinhos, talvez entender-se, para que surja a criatividade, segundo se expressa Coral Regí, diretora da escola Virolai. A seu juízo, os mestres têm um papel no acompanhamento das crianças para o amadurecimento, que deve ser feito de forma conjunta com os pais e com os educadores de lazer e esporte.

Uma nova criança

“Às vezes nós, terapeutas, vemos como os pais poderiam resolver por si mesmos muitas questões de uma criança trazida por eles a nosso consultório por sentirem que lhes falta estrutura”, diz Gavaldá. Isso tem a ver tanto com o espírito de “profissionalização como com falta de naturalidade na criança.

Como se a experiência desses pais como filhos já não servisse e as respostas estivessem não no legado de seus pais mas no Google ou nos amigos.

“Há algo em expressões como “co-dormir” que me parecem ideologizadas, afirma Said. Poderiam dizer: “durmo com meu filho” que é mais natural, mas dizem “pratico a co-dormida”. Neste sentido Gavaldá acrescentou com um tom preocupante que a maioria dos casais jovens optam por essa criação alternativa que destoa das gerações anteriores. “Pais de crianças de 3 ou 4 anos creem que seus filhos um dia decidirão dormir sozinhos, mas até lá acham que não devem separar-se deles, quando o papel do adulto é animar a separação.

Os relatores coincidiram numa recomendação final para os pais: que cuidem dos filhos sem limites de espaço e tempo. Que desfrutem, livrando-se da ansiedade com humor, segundo recomendação de Carlos Capdevila⁹⁵

Educar para ser

A Província Marista de Compostela celebrou entre 4 e 6 de setembro seu I Foro de Educação e Espiritualidade, sob o título ‘Educar para Ser’. O evento ocorreu no Mosteiro de Poio (Poio, Pontevedra) e contou com a colaboração do Grupo Edelvives.

Dele participaram diretores, coordenadores das equipes de animação e educadores de todas as obras educacionais maristas da Província de Compostela, representantes de outras Províncias Maristas da Espanha e mais algumas pessoas que manifestaram seu interesse em participar do foro, entre eles, o Irmão Emili Turú, Superior Geral da Congregação.

A aposta da Província Marista de Compostela a favor da educação de um modo inovador na dimensão espiritual já é uma realidade. A Equipe de Animação e Espiritualidade determinou no último curso acadêmico o novo marco de espiritualidade que tem orientado a Província nesse grande desafio educativo. Tem o

⁹⁵ Entrevista com Sr. Xavier Aragay, Vanguardia, 23 outubro de 2017. Título original *El tsunami de innovación esta alcanzando a la Universidad*

nome de GIER, em alusão ao rio que margeia a casa da fundação da Congregação, localizada em l'Hermitage, França.

A imagem da água que flui ao longo do leito do Gier representa com perfeição o objetivo do evento, que “tem vocação de rio”: nasce das raízes da espiritualidade cristã marista para “inundar a vida” de todos os que hoje fazem parte da Família Marista de Compostela. O próprio documento faz alusão a uma frase de São Marcelino Champagnat que sintetiza sua espiritualidade: “Viver sempre em Deus, em sua presença”. Como? Mediante todas as experiências que cada um vive cada dia, pessoais e em companhia de outros com quem compartilha o caminho da educação e da vida.

Foram precisamente as experiências que protagonizaram o desenvolvimento desse foro, que nasceu como ponto alto da implantação dessa aposta pela educação na espiritualidade dentro da Província.

Porque é a experiência que define e configura a espiritualidade. Para isso, o programa contempla espaços dedicados a viver experiências que os participantes já desenvolvem em suas respectivas obras educativas e em diferentes contextos, tais como a formação dos educadores, a educação curricular e a animação pastoral. As experiências se realizarão alternadas com palestras que ajudem a aprofundar na reflexão e adquirir maior visão para consolidar a implantação e aplicação do evento de espiritualidade nas obras educacionais.

A primeira palestra foi de Enrique Martinez Lozano, psicoterapeuta, psicólogo, teólogo e autor de vários livros sobre psicologia e espiritualidade. Ele foi o encarregado de dar início à reflexão com sua intervenção, que tinha por título: “O desenvolvimento da espiritualidade como agente transformador do centro educativo”.

Em seguida, o Irmão Lisardo García Miranda, coordenador da Equipe de Pastoral Juvenil e Vocacional de Compostela, e o próprio Roberto Gonzáles apresentaram o Evento de Espiritualidade GIER a partir da relação entre interioridade, religiosidade e a espiritualidade, e a partir do enfoque da inovação educativa, respectivamente.

6.2. Formação de dirigentes e coordenadores⁹⁶



⁹⁶ Uma programação referencial: Ibérica, outubro de 2017.

6.3. Especialista universitário na formação da interioridade.

Programa Treva na Universidade de Barcelona (página da web).

A “mindfulness” provoca mudanças estruturais no córtex⁹⁸.

De acordo com os resultados do Projeto *Resource* do Instituto Max Plank de Ciências cognitivas e humanas de Leizing, (Alemanha), publicado na Rev. *Sciences Advances*, em setembro de 2017, a “mindfulness” provoca mudanças estruturais no córtex.

A prática habitual da meditação com técnicas de *mindfulness* já era associada faz muito tempo a mudanças positivas no cérebro, na matéria cinzenta. Essas mudanças foram experimentadas em praticantes especializados nas técnicas. A experiência atual está comprovada para esclarecer o impacto sobre cérebros que estão no início.

O módulo é baseado nas técnicas clássicas de meditação, começando por focar a atenção na respiração, nas sensações das diferentes partes do corpo; nos estímulos sonoros e visuais dos objetos do entorno...

As conclusões dos investigadores são que áreas do córtex relacionadas com a atenção, planejamento e tomada de decisões se modificavam e melhoravam.

Que é mindfulness?

“As próximas páginas com seus diagramas correspondem a uma reprodução de textos e imagens que poderão ser encontradas na página da web <https://www.respiravida.net/> e cuja finalidade aqui é possibilitar ao leitor uma compreensão mais alargada quanto à importância da prática da mindfulness nas escolas e para a saúde tanto de educadores quanto de educandos. Além, naturalmente, de contribuir com o processo de interioridade na educação.

⁹⁸ Resultados do Projeto *Resource* do Instituto Max Plank de Ciências cognitivas e humanas de Leizing, (Alemanha), publicado na Rev. *Sciences Advances*, setembro de 2017.

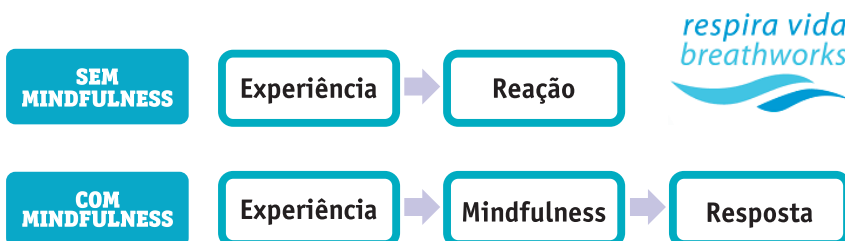
O programa **Mindfulness para a saúde - MBPM Respira Vida Breathworks** proporciona uma maior aceitação da dor, melhora a capacidade de manter a perspectiva, intensifica a consciência da beleza e a amabilidade para consigo mesmo e os outros e aumenta também a capacidade de escolha especialmente em nossa resposta às experiências desagradáveis

A Atenção Consciente, ou Atenção Plena — *mindfulness* —, o Sati como é designado no Budismo Pali, é uma prática na qual tomamos consciência de distintas facetas de nossa experiência no momento presente. Podemos aprender a ser conscientes de como nos movimentamos, como nos sentimos (tanto física como emocionalmente), e como respondemos ou reagimos a cada momento da vida. Essa qualidade de consciência é a base de toda vida criativa, já que nos permite ser honestos, pragmáticos, ágeis, valentes, e viver com um senso profundo de iniciativa.

Normalmente, costumamos prestar atenção às atividades do momento apenas com uma pequena parte de nós mesmos, enquanto a mente e os pensamentos estão centrados completamente em outra coisa. Vivemos no modo “piloto automático”, ocupando-nos de nossas coisas com muito pouca consciência dos detalhes de nossa experiência do momento — nem sequer das intenções que motivam nossas ações.

Com *mindfulness* aprendemos a responder e a não reagir. www.respiravida.net

A Atenção Consciente ou *mindfulness* é um estado de atenção no momento presente em que você pode perceber claramente seus pensamentos, sensações físicas, emoções e eventos no momento em que ocorrem sem reagir automaticamente ou de forma habitual. Isso nos permite abrir um espaço no qual pode surgir um senso de liberdade de escolha sobre como responder.



Cultivando a atenção consciente, podemos aprender a ter muito mais sensibilidade para o processo de reação quase permanente que experimentamos em resposta a tudo o que nos afeta na vida. Podemos tornar-nos conscientes das tensões opostas que criam nossos impulsos de evitar as coisas que não nos agradam e de prolongar as experiências que nos dão prazer. Pode ocorrer que isso seja especialmente forte no caso das pessoas que vivem com dor ou doença, e é provável que seja uma reação automática, até mesmo cega: nós nos adaptamos e mudamos o que fazemos para conseguir evitar as sensações desagradáveis, sem ser realmente honestos, nem sequer conscientes, a respeito do que ocorre conosco. Em consequência, não deixamos de acrescentar um sofrimento secundário às sensações desagradáveis da dor ou doença, o que acaba reduzindo nossa qualidade de vida global.

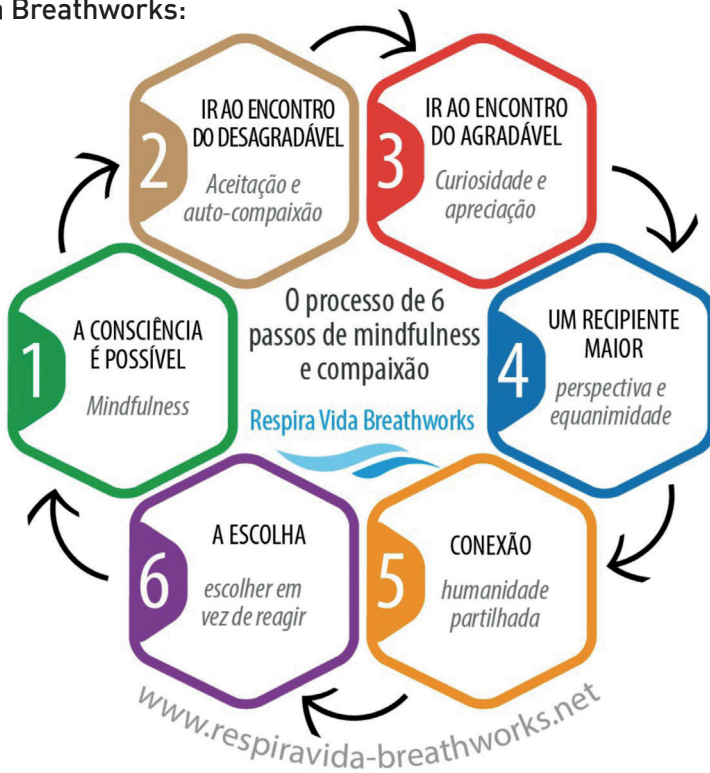
Reflexão *Mindful*: “Lembre-se de um momento no qual você esteve absorto cheio de felicidade em uma atividade...” Ler exploração de “*Mindfulness*”.



A maioria das pessoas também tem o costume muito arraigado de revestir sua experiência com uma sucessão de pontos de vista, opiniões e pareceres. Isso ocorre quase ao mesmo tempo que os acontecimentos em si, o que dificulta muito encontrar algum sentido em ceder espaço ou empreender iniciativas enquanto houver debates entre as diversas reações. Com a Atenção Consciente, podemos mudar essa situação. Podemos aprender a desenvolver uma consciência exata, em cada momento, do que ocorre de fato em nossa experiência, em vez de perdermos tempo com esse costume de reagir que deturpa nossa experiência. Isso nos permite ter algo como um espaço no qual podemos tomar decisões mais ponderadas — o que, por sua vez, nos ajuda a ficar plenamente conscientes das enormes possibilidades de escolha que temos na vida.

É possível que haja coisas que não podemos mudar, como a dor, a doença ou uma circunstância problemática, mas pelo menos podemos ter consciência de como reagimos ou respondemos a tudo o que acontece conosco, e criar estratégias para mudar a relação que temos com nossas circunstâncias.

Seis passos de *mindfulness* e compaixão, segundo Respira Vida Breathworks:



À medida que formos desembaraçando aos poucos todas as camadas e véus que criamos criamos ao reagir a nossas sensações de dor, podemos aprender a enfrentar nossa experiência nas condições em que ela se encontra e de um modo honesto e simples. E isso nos dá a oportunidade de interpor um momento de escolha antes de cair na densa rede das reações automáticas.

Mediante a Atenção Consciente ou *mindfulness*, podemos aprender a transformar qualquer momento em que pudéssemos nos sentir vítimas das circunstâncias num momento de honestidade, iniciativa e confiança.

***mindfulness* e compaixão**

Quais são os benefícios da *mindfulness*?

O paradoxo da *mindfulness*

Sete mudanças que *mindfulness* pode provocar em seu cérebro

Oficina/exploração da respiração

Oficina de posturas na meditação¹⁰⁰

O orientador na formação da interioridade

As realizações culturais e antropológicas não podem desenvolver-se em plenitude a não ser que sejam movidas e acompanhadas por guias. Esta afirmação um tanto absolutista possui vertentes que a esclarecem e iluminam.

Vejamos algumas delas.

Na comunicação dos elementos culturais o que muda, ao longo do tempo, não são os dados essenciais e estáveis da qualidade humana, mas os elementos sociais. Além disso, o que muda não é sua qualidade de existir, mas sua possibilidade de relacionar-se socialmente.

¹⁰⁰ Outras atividades programadas: Que é a meditação?

Que é *mindfulness*? Explorando *mindfulness*. Que é a compaixão?

Próximos cursos, oficinas, retiros

Outros programas: Josean Manzanos – Oração Centrada – Programa TREVA

Isso não quer dizer que o ser humano não mude, o que ocorre, mas o que fundamentalmente se transforma são os novos mapas que prenunciam novos roteiros humanos.

A descoberta do fogo, da roda, a passagem do nomadismo para o sedentarismo, a agricultura e a pesca, a imprensa, a descoberta da América, o mundo virtual, a chegada à lua... trouxeram consigo grandes mudanças, inúmeras transformações na vida humana.

A inovação tem de passar do projeto ao paradigma, mas o que tem de fato eficácia e validade é o fato de o paradigma da Educação a partir da Interioridade conseguir atender também ao ser real do educando e não se contentar com as variantes dos novos mapa.

6.4. Equipe para a formação de educadores

Acumulando material de trabalho para a equipe:

Em saída, o reino está dentro de vocês¹⁰¹.

É, sem dúvida, uma das afirmações mais significativas e carregadas de renovação do Papa Francisco. Creio que vale a pena pensar sobre isso. Depois de quase cinco anos de pontificado, duas encíclicas, as exortações sobre a evangelização e a família, o Ano da Misericórdia, os significativos gestos e viagens que estamos presenciando, sua insistência sobre o tipo de sacerdócio e Vida Religiosa que propõe ou o papel da Igreja em nossa sociedade, creio que pode ser bom tomarmos consciência de que *“algo está ocorrendo”*, algo nos está sendo proposto, algo impregnado de Evangelho, de vida, de compromisso e de autenticidade cristã.

Não pretendo responder à pergunta porque ainda não tenho uma resposta elaborada a essa pergunta tão profunda. A

¹⁰¹ Pedro Aguado, Superior Geral dos Esculápios. Algum dia vocês dedicaram uma reunião comunitária, ou de uma equipe de trabalho **para refletir sobre o significado de “uma Igreja em saída”?**

partir daqui convido a todos a tentar responder e a pensar o que pode representar para nós, religiosos e leigos, fazer parte de uma Igreja *convidada a sair de si mesma e a caminhar na direção das periferias existenciais*, lá onde talvez as respostas são mais claras e espontâneas¹⁰²

Sair é pôr-se em marcha, “até onde Ele nos diga para ir”. É um convite missionário, um mandato em nome de Jesus. Não creio que se trate de algo como “mudar de lugar físico, ou ir a outro lugar para anunciar o Evangelho”. Não. O Evangelho deve ser proclamado em todos os lugares, e faz sentido em todos os contextos, em nenhum mais do que em outro. O que muda são as características, as necessidades, talvez as opções, não o sentido. Não se trata de uma mudança geográfica. Se fosse isso, seria algo demasiado simples.

Creio que, essencialmente, trata-se mais de um convite à autenticidade, ao radicalismo da fé e da resposta cristã e, no nosso caso, a uma vivência consistente, aberta, profunda e audaciosa da própria vocação.

Creio que este é o caminho para responder. Estou convencido de que só a partir dessa opção estaremos dispostos a fazer de nossas vidas, obras e comunidades uma Igreja em saída. Proponho algumas pistas para a caminhada.

1. Um chamado a uma *crecente identificação com o Senhor* como eixo de nossa vida religiosa.

Cada um de nós tem “*sua tarefa*” neste domínio. E todos precisamos trabalhar.

- Alguns, porque vivemos centrados demais em nossos próprios esquemas e no que sempre fizemos; outros, porque temos algumas tarefas pendentes em nosso próprio processo de crescimento pessoal;

¹⁰² Francisco convida a todos os cristãos a serem uma Igreja “em saída”. Em que direção temos de sair? O que está impedindo nossa saída?

- Outros, porque a comunidade é pouco significativa em nossa vida real; outros, porque não trabalhamos o suficiente;
- Outros, porque sob alguma forma de fidelidade vivemos uma realidade autocomplacente, e todos porque o chamado à conversão é permanente.

Esse chamado deve ser ouvido por cada um, e deve ser pensado em cada comunidade. Estou certo de que produzirá frutos.

2. Um convite a *deixar tudo* e colocarmo-nos à disposição do que nos pedem, renovando a vivência de entrega que caracteriza nossa vocação. Nem a idade, nem a importância do que estou fazendo, nem meus planos e projetos estão acima dessa entrega. E quem tem a responsabilidade, por mandato dos irmãos, de impulsionar essa dinâmica da entrega deve assumir e incentivar como um serviço evangélico autêntico.

3. Um chamado para cuidar do dom recebido, de modo que tornemos possível o que todos ouvimos no dia de nossa profissão: *“O Senhor, que iniciou em você uma obra boa, a conduza ele mesmo até o fim”*.

Não penso nos jovens religiosos que estão, por definição, construindo sua resposta vocacional, mas naqueles que assumiram a profissão religiosa de modo definitivo, e para sempre, diante de Deus e da comunidade e que, de modo às vezes inconsciente, a colocam em risco por não cuidar dela, por não querer ser ajudado, por uma comunidade que não lhes diz a verdade ou por alguma decisão marcada mais pelo narcisismo do que pela entrega.

4. Uma Formação Inicial e permanente capaz de *provocar autêntico seguimento*, isto é desejo e capacidade de caminhar.

Precisamos de alguns processos formativos que consolidem em cada um dos jovens a experiência de que se consegue a plenitude a partir das pequenas coisas de cada dia. Apenas quando aprendemos a valorizar cada momento, cada entrega, cada espaço de nossa vida religiosa, só então seremos capazes de

viver em crescente fidelidade vocacional. E vivê-la sempre, seja qual for nossa idade. A fidelidade é o resultado de cada pequeno momento de autenticidade. Só vivendo, é possível aprender isso.

Estas e outras, todas constantes de nossas Constituições, esses dons evangélicos são o que pode nos ajudar a responder a esse desafio de sermos **“comunidades em saída”**. Por isso creio que o convite de Francisco não é em primeiro lugar um chamado a tomar decisões estratégicas ou de mudanças — que garanto serem necessárias — mas principalmente a viver **o discipulado cristão com ânimo e com verdade**.

Esta dinâmica de discipulado é o que **nos tornará capazes de tomar decisões relativas a promover um estilo de comunidade mais significativo, a levar adiante uma nova fundação ou a trabalhar de modo renovado por uma presença ou uma Província que precisa “repensar a si mesma”**. E sem este dinamismo, estas opções não produziriam o fruto de que são portadoras e do qual todos estamos precisando. Só o discipulado nos transformará em apóstolos.

Aplicação a um centro

Apresentação

1. Uma viagem “em direção ao centro”
2. Esclarecendo termos
 - 2.1. Interioridade
 - 2.2. Espiritualidade
 - 2.3. Personalização
 - 2.4. Competência espiritual
 - 2.5. Religiosidade
3. Dimensões da pessoa a serem levadas em conta
 - 3.1. Dimensão Corporal
 - 3.2. Dimensão Social
 - 3.3. Dimensão Psicológica
 - 3.4. Dimensão Espiritual

4. Níveis de desenvolvimento da competência espiritual

- 4.1. Competência espiritual básica
- 4.2. Competência espiritual transcendente
- 4.3. Competência espiritual religiosa
- 4.4. Competência espiritual religiosa cristã

5. A espiritualidade marista

- 5.1. Como Marcelino e os primeiros Irmãos vivem essa espiritualidade
- 5.2. Espiritualidade marista a partir do XIX Capítulo Geral

6. A espiritualidade se educa

- 6.1. Que significa educar a interioridade
- 6.2. Quem educa
- 6.3. Onde e quando se educa
- 6.4. Como se educa

7. Processo proposto na Província para a implantação da Educação da Interioridade nos centros:

- 7.1. Aspectos que quisemos despertar e trabalhar
- 7.2. Sessões de formação
- 7.3. Elaboração de um plano de educação da interioridade

ANEXO 1

Maria, vizinha de Nazaré

Maria de Nazaré educadora de Jesus criança e adolescente¹⁰³

Olhamos para Maria como modelo de educadora para conhecê-la melhor, amá-la e imitar suas atitudes. Nós nos deixamos orientar pelas mãos femininas especializadas de Mari Fe Ramos.

Permitimo-nos apenas classificar suas ideias para melhor compreendê-las.

Acrescentar algumas orientações didáticas e metodológicas para facilitar o estudo dos docentes.

Trazer à tona algumas ideias pedagógicas para melhor adequá-las a serviço dos educadores futuros.

Contexto socio-ambiental

a) Chegamos a Nazaré de Galileia

Aproximamo-nos de Maria como se fôssemos vizinhos dela porque é uma mulher do povo como nós, e **queremos compreender sua situação, suas dificuldades, seus sentimentos e sua resposta de fé**. Nós nos imaginamos viajando através do tempo para recordar a situação que viveu em seu contexto histórico, político, econômico, social e religioso. A situação era **muito difícil**, muito mais do que pensamos porque a vida em Nazaré foi idealizada.

Maria, como uma mulher de seu tempo, **vive à espera da chegada do Messias**, que devia nascer na Judeia, anunciado por alguns sinais prodigiosos que deveriam ser vistos no céu (Mt 16, 1-4). Mas esses sinais não ocorrem quando Jesus nasce.

Trinta anos depois, os saduceus e fariseus continuam pedindo a Jesus esse sinal do céu para poder reconhecê-lo como

¹⁰³ Conferência de Mari Fe Ramos gravada na Paróquia de San Félix, Villaverde Alto, 5 de maio de 2017.

Messias prometido, mas Jesus oferece sinais muito diferentes.

1. O povo leva séculos sob o domínio reiterado de povos estrangeiros:

Pérsia, Grécia e Roma. Os conquistadores impuseram ao povo suas leis e governaram por meio de alguns reis cruéis e desumanos. Obrigaram a pagar impostos tão altos que muitos pais de família devem vender-se como escravos para pagar suas dívidas. Assim, evitam a prostituição de sua mulher e filhas. As pessoas perguntam a Jesus se devem pagar impostos a César.

*Muitos delitos podem ser castigados com **cruéis penas de morte**, porque o povo está à mercê da injustiça dos políticos. Maria, como seus vizinhos, sente medo ao ver os riscos aos quais seu filho se expõe porque muitos jovens galileus foram crucificados.*

Herodes (pai) e Herodes (filho), reis da Galileia, são um exemplo típico da crueldade de seu tempo. O próprio imperador César Augusto disse: “É melhor ser um leitão do que um filho de Herodes”.

2. A Galileia é um ninho de rebeldes, é uma “terra de gentios”, ou seja, de pessoas que não são judias, que “não foram escolhidas por Javé”. Em geral, é gente antimonárquica, porque creem que os males vêm da monarquia, enquanto os habitantes da Judeia são ultra monárquicos. São considerados gente sem tradição, imunda, que contamina as pessoas piedosas; suas mulheres não são consideradas pessoas, mas “répteis”.

A capital é Séforis e os romanos a destruíram totalmente porque é refúgio de galileus rebeldes, e creem que lá se esconde “Judas o Galileu”. Pensemos no impacto que causam esses fatos em toda a população.

Jerusalém é considerada “o centro do mundo”, porque o templo abriga duas coisas fundamentais naquele tempo: a glória de Javé e o “banco” mais importante daquele período. A Galileia é a zona mais afastada de Jerusalém, no sentido pleno do termo “distanciamento”.

3. **Nazaré é uma aldeia muito pobre**, fica na encosta de uma montanha, com cavernas em que as pessoas moram. De lá pode sair alguma coisa boa? (Jo 7, 52). Da Galileia não saem profetas (Jo 7, 52). Com boa vontade, os pintores se encarregaram de nos oferecer umas imagens idílicas da casa de Maria, mas a realidade é que as pessoas vivem em cavernas naturais da ladeira da montanha e que é uma aldeia muito pequena.

b) A sociedade, nos tempos de Maria, está dividida em classes sociais muito rígidas.

Se a representarmos numa pirâmide, começando pelo ápice e descendo, teremos:

- O sinédrio, com o sumo sacerdote que o preside;
- Os saduceus, que tiram proveito de qualquer situação;
- Os fariseus;
- Os operários — o povo simples;
- Os estrangeiros, pecadores e enfermos;
- As mulheres e as crianças.-

Desde o nascimento, é muito clara a marginalização das mulheres, pelo modo como os vizinhos e o próprio pai da criança reagem. Se nasce um menino, há cantos de alegria e felicitações ao pai. Se nasce uma menina, há um silêncio profundo, só se ouvem o choro do bebê e os votos ao pai: *“Que o próximo seja menino”*, mas não o felicitam pela filha que teve.

c) Os critérios das desigualdades entre homem e mulher

1. As mulheres não podem ser circuncidadas, por isso não podem receber o sinal da Aliança com Deus (Gn 17, 10-11). Depois do exílio da Babilônia (século V a.C.), com a reforma de Esdras e Neemias, começaram a intolerância e o fanatismo religioso:

1. A Torá converteu-se na lei do estado.
2. O pecado era castigado com a morte (Esdras 7, 26).

3. Foram tirados das mulheres os direitos que tinham.
4. Esdras decidiu que as mulheres estrangeiras fossem repudiadas junto com os filhos (Esdras 10, 1-3 e ss).

2. O pai de família age como patrão e senhor da vida. Quando nasce um bebê, a lei diz: “*Se for um menino, guarde-o; se for uma menina, exponha-a*”. Isso significa que as meninas podem ser expostas, ou seja, tiradas do meio da população e deixadas na intempérie, à mercê de qualquer animal que as devore ou de alguma pessoa que queira recolhê-las para o bem e para o mal.

As meninas se casam na adolescência. São maiores de idade aos onze anos e um dia, mas sem celebração festiva. Os meninos, ao completarem treze anos e um dia, têm uma grande festa e passam a ser considerados adultos para todos os efeitos.

Na hora de casar-se, elas são detalhadamente avaliadas para pagarem menos por elas e para poder rebaixar seu valor devido ao menor defeito que possam ter. Entretanto, o dote que devem levar ao casar-se é calculado ao máximo e o marido é quem o administra.

3. O marido é o dono e o senhor da mulher. É seu *ba'al* (que significa: proprietário, amo, senhor, deus, dono, marido) e a mulher é *be'ulah* (posse). O matrimônio significa “fazer uso do recipiente”. Quando Jesus quer mudar alguns aspectos do matrimônio, eles replicam: “***Assim não compensa casar-se***” (Mt 19, 10). O que compensa é que os homens usufruam no matrimônio de todos os privilégios que adquiriram ao longo de séculos. Por exemplo, as mulheres não podem repudiá-los, nem sequer quando forem adúlteros ou violentos.

Entretanto, há muitas causas (escritas nos comentários da lei) que permitem aos maridos repudiar suas mulheres; chega-se a considerar causa suficiente a mulher conversar perto da fonte com outras mulheres ou deixar queimar a comida.

As mulheres devem estar sempre cobertas com o véu, podendo ser repudiadas se saírem à rua sem ele, sem que o dote combinado pelo repúdio lhe seja devolvido. As prostitutas não usam véu.

4. É muito difícil uma mulher repudiada casar-se novamente e por isso recorrem à prostituição para sobreviverem. Das mulheres é exigido um comportamento intocável, para seus pais e maridos se sentirem orgulhosos delas. Quem é a mulher perfeita? Podemos ler com olhos críticos o canto a esse modelo de mulher (Prov. 11, 13-ss) e a sobrecarga de trabalho a que são submetidas.

Se a noiva engravida antes do casamento, uma vez comprometida, o noivo tem várias opções:

- Se o filho for do noivo, as bodas são antecipadas.
- Se o noivo afirmar que o filho não é dele, a noiva pode ser apedrejada. De nada serve o testemunho da mulher.
- Se o noivo não quiser que apedrejem a noiva, deve fugir para bem longe, o que supõe uma vingança pública para ele e para toda a família.
- A possibilidade de que o noivo aceite a criança como filho, sem sê-lo, é algo absolutamente extraordinário.

5. O nascimento de um filho confere dignidade às mulheres, que passam a ser reconhecidas e valorizadas porque engrandeceram seu povo.

O nascimento de uma menina apenas é uma perda, “uma semente desperdiçada”. **Ter uma filha é como receber um castigo** porque ela precisa ser vigiada: *“é uma inquietação secreta, a preocupação com ela afasta o sonho”* (Ecl 42, 9). *“O pai está obrigado a alimentar a filha”*, (comentário da Torá). *“O mundo não poderia existir sem machos e fêmeas, mas feliz aquele cujos filhos são homens! E ai daquele cuja descendência é feita de filhas!”*

6. As impurezas do sangue condicionam a vida das mulheres.

Se derem à luz um filho devem guardar 40 dias de impureza pós-parto. Se for uma filha, a impureza dura 80 dias, o que condiciona muito a vida familiar e social porque até encostar nelas pode “contaminar”; são necessários ritos e cerimônias para purificar-se de novo (Lev 12, 5)

Em algumas etapas da história crê-se que as mulheres são seres “pestilentos”; o pai pode vendê-las como escravas, não têm de dizer “a grande oração”. Não podem levar consigo amuletos nem recitar a bênção da mesa. Podem orar em casa em vez de ir à sinagoga.

Todo o povo deve ir ao Templo de Jerusalém, exceto: “surdos, idiotas, crianças, homens com órgãos escondidos, andróginos, **mulheres**, escravos, coxos, cegos, velhos, enfermos e os que não podem caminhar”. Quer dizer, têm de cumprir a lei, mas mediante muitos pretextos são liberados de alguns mandamentos que ampliam seu horizonte vital.

7. Elas estão proibidas de estudar a Torá

porque crê-se que as mulheres são incapazes de compreendê-la. O Talmud (comentário da Lei) diz: “*Quem ensina a Torá a sua filha é como se ensinasse obscenidades*”. “*Que as palavras da Torá sejam destruídas pelo fogo de preferência a serem ensinadas às mulheres*”.

Cada dia, as mulheres ouvem os homens orando em voz alta três vezes, agradecendo a Javé porque “*me fizeste hebreu e não me fizeste mulher, não me fizeste ignorante*”. No despojo da guerra as mulheres aparecem depois dos burros (Números 31, 34-35; 39-40).

Não têm direito à herança. Se não tiverem cunhado, devem voltar a sua família, que frequentemente não as aceita de novo porque esse retorno é considerado uma vergonha. Muitas vezes têm de dedicar-se à prostituição ou se veem afundadas na pobreza até a morte.

São consideradas **responsáveis** pelo pecado de Adão (Gn 3), pela morte, pelo nascimento dos demônios e do dilúvio (Gn 6, 5 ss.). Em casos de risco de morte, o marido deve ser salvo primeiro.

d) A pedagogia de Maria educadora

As mães educam os filhos até os 7 anos. A lei dizia: “*Quando amanhã seu filho lhe perguntar, você lhe dirá...*” (Deut. 6, 20-25). “*Você ensinará as palavras do Senhor a seus filhos e as repetirá sem parar...*” (Deut. 11, 19). Os rabinos decidiram que não se tinha de ensinar as filhas; bastava-lhes o que humildemente ouvissem na família ou na sinagoga (se algum dia fossem lá).

As marcas que Maria deixou na formação religiosa de Jesus.

Pensemos no paralelismo entre o *Magnificat* e a exclamação de Jesus sobre o que Deus revela aos pobres e simples (Lc 10, 21) ou a importância que ambos dão à execução da vontade de Deus (Lc 22, 42).

Agora sabemos, graças à psicologia, a importância que tem a educação para meninos e meninas, principalmente nos primeiros anos de vida.

a. Jesus, como varão judeu, deixa de lado o sistema de reflexão sobre a Torá, que consiste em transmitir fielmente os ensinamentos recebidos, dando muita importância à casuística. No Evangelho vê-se claramente como várias vezes os fariseus tentam envolvê-lo nessa forma de raciocínio: por exemplo, se uma mulher tiver ficado viúva várias vezes, quem será seu marido depois da morte?

b. Jesus focaliza sua pregação na Boa Nova. No dia em que prega pela primeira vez numa sinagoga, querem jogá-lo num penhasco (Lc 4, 29-30) porque se atreve a anunciar um ano de graça, mas não fala sobre “*o dia da vingança de nosso Deus*”. Para que a mensagem seja compreendida pelo povo simples, dá **exemplos significativos na vida diária das famílias**, especialmente as tarefas que são realizadas pelas mulheres. É uma linguagem que escandaliza a seus ouvintes e expressa:

c. a densidade teológica que está latente na vida de cada dia. Por exemplo:

- O drama sofrido por uma pobre mulher do povo que perdera uma moedinha do seu dote. As mulheres costumam pendurar algumas moedas nas pontas do lenço com que cobrem a cabeça, e *podem usar essas moedas caso sejam repudiadas pelo marido*. A alegria que sente essa mulher serve para Jesus explicar o que seja uma alegria mais profunda.
- Ainda criança, Jesus se encantou com o efeito do fermento na massa. Não sabemos o que Maria explicou a ele, mas quando Jesus quis falar da gigantesca dimensão do Reino, deu como exemplo *uma mulher que coloca fermento em 42 quilos de farinha*.
- Todas as crianças, meninos e meninas, veem suas mães e avós remendarem roupas. A túnica usada pelos homens a partir dos 13 anos, quando entram na maioridade, serve para cobrir-se, como uma manta à noite, para carregar alguns produtos... *Com uso tão frequente, rasga-se e tem de ser remendada muitas vezes*. Muitas pessoas não podem permitir-se o luxo de fazer ou comprar outra e usam a mesma até serem enterrados com ela. Jesus nos fala do pano velho que não aguenta mais remendos com pano novo para nos explicar **a novidade da Boa Nova e do Reino** a fim de que não tentemos colocar remendos em algo que ficou velho demais.
- A túnica de Jesus é jogada na sorte, antes de sua execução, para não ser rasgada em pedaços, porque é uma peça preciosa.
- Em Israel, usa-se muito sal: a) serve para esfregar os recém-nascidos para evitar infecções; b) dá sabor aos alimentos; c) é usado como moeda - o salário; d) conserva os alimentos que são salgados e assim é útil nas viagens (por exemplo, o pescado);

e) colocando uma cobertura de sal sobre os campos e as hortas, o sal mata a plantação dos inimigos etc. O sal se converte para Jesus num símbolo evidente e significativo daqueles que se propõem viver sendo “sal da terra”.

- É decididamente revolucionário que um mestre (rabi) fale do *que sentem as mulheres que vão dar à luz*.
- Ele fala de Javé referindo-se a experiências da vida cotidiana: um juiz injusto, um banquete de casamento etc.

2. Maria educadora especializada

1. Maria, mãe de um filho difícil

Maria é a mãe de um varão judeu; segundo o que se considera valioso em seu tempo, não tem motivos para sentir-se orgulhosa dele; ao contrário, Jesus faz sua mãe sofrer por várias razões:

Jesus não tem esposa. A lei diz que se um jovem aos 20 anos ainda não se casou e não teve filhos, os vizinhos devem amaldiçoá-lo publicamente porque não colabora com o engrandecimento do povo. Se houvesse algum defeito físico, ele teria de ser demonstrado.

Um jovem celibatário é como um parasita social que não valoriza o que seus antepassados lhe transmitiram. Os celibatários não são considerados homens porque violam a lei e impedem nascimentos. O celibato equivale ao assassinato. Reproduzir-se é considerado um meio para chegar à santidade. É um escândalo pregar que seja possível tornar-se eunuco pelo Reino; os eunucos ou nasceram assim (o que é considerado uma vergonha) ou são escravos que foram feitos eunucos por seus donos (outra vergonha).

Jesus não possui moradia, nem terras, que são sinais evidentes da **bênção de Javé**, uma bênção que passa de pais para filhos. Além disso, é seguido habitualmente por um **grupo de marginalizados** que o chamam de rabi: um Iscariote (mata-dor), um zelote, dois “filhos do trovão...”

Algumas mulheres fazem parte desse grupo. Mas os rabinos e os escribas não podem falar em público nem com sua própria esposa nem com suas filhas ou irmãs. A lei deixa isso claro: *“Quem conversa muito com uma mulher atrai a desgraça sobre si próprio, abandona a palavra da Torá e termina na geena”*. E o que é mais grave ainda, Jesus deixa que essas mulheres **o sustentem com seus bens**. Que vergonha para uma mãe naquela época!

Os “teólogos oficiais” perguntam a Jesus: *“Quem pode perdoar os pecados a não ser Deus?”* (Mc 3, 30). Querer perdôá-los, no lugar de Deus, é sinal de estar possesso (por Satã, bruxos mágicos etc.). Sabemos que na Judeia, as pessoas riem e zombam do **sotaque aramaico** do povo da Galileia, que era o de Jesus e de seus seguidores (Mt 26, 73). É difícil pensar que, quando Jesus pregava fora da Galileia, o povo o ouve com atenção e num respeitoso silêncio.

Reiteradamente não se dá importância ao sábado (equivalente a 613 mandamentos). Quando alguém é surpreendido descumprindo, ele é advertido porque pode não ter-se dado conta; mas na segunda vez, pode ser até apedrejado. Por quê? Porque até **Deus criador tinha guardado o sábado! Nenhum homem ou mulher pode crer-se superior a Deus e trabalhar**. A lei proíbe qualquer tipo de trabalho: transportar lenha, acender fogo, preparar comida, tratar de fraturas, visitar os enfermos etc. Nem sequer é permitido rezar pelos enfermos. Fariseus e herodianos se uniram para matá-lo porque havia descumprido a lei do sábado dentro da sinagoga (Ex. 31, 14-15; 35, 2 e Num. 15, 32-36).

2. Maria ensinou Jesus a rezar de outra maneira.

- **Jesus prega: “Não chameis a ninguém de ‘pai’ na terra”** (Mt 23, 8-9). Mas dirige-se a uma sociedade patriarcal em que ser pai é a maior honra para um homem judeu. **Questiona a estrutura social**, e *sugere que chamem a Deus de ‘Abba’, motivo suficiente para ser apedrejado*, porque a palavra Javé não pode sequer ser pronunciada.

- *Quando o povo judeu se refere a Deus na oração, deve haver um momento de silêncio e uma inclinação com a cabeça, mas não podem dizer seu nome! Dizer Javé é como possuí-lo, como ser seu dono, como “prendê-lo” com as palavras. **E chamá-lo de abba (paizinho), como diziam as crianças a seus pais antes de completar os 7 anos, é uma ousadia que merece a morte.***
- *Pegemos o exemplo do **bom samaritano**, melhor que sacerdotes e escribas, quando se crê que os samaritanos não ressuscitam porque estão contaminados. Era crença que as mulheres da Samaria são impuras desde o nascimento e contaminaram todos os homens (Talmud). Contaminam até comer o pão que lhe oferecem como alimento: “*comer o pão de um samaritano é como comer carne de porco*”. O povo da Samaria se formou quando chegou lá uma população de colonos medos e persas, que são idólatras. Garizin é um monte considerado sagrado pelos samaritanos, e tem ídolos. Os documentos assinados pelos samaritanos podem ser invalidados a qualquer momento.*
- ***Jesus enaltece o papel de Maria, irmã de Marta, como discípula**, dando atenção e ouvindo Jesus. Mas as mulheres não podiam estar aos pés dos rabinos; esse papel pertence aos homens. As mulheres devem atender os hóspedes na preparação dos alimentos, num segundo plano e em silêncio.*

3. Mãe de um questionador da cultura judaica

1. Defende o papel das crianças

As crianças, na época de Jesus e nas culturas ao redor de Nazaré, podem ser jogadas nos alicerces das casas (I Reis 16, 34) ou assados em homenagem ao deus Molok, porque **meninos e meninas não pos-**

suem nenhum direito. *“O que ama seu filho usa o chicote com frequência”* (Ecl 30, 1). É ridículo carregá-los nos braços e é insuportável colocá-los como exemplo da novidade do Reino de Deus.

2. **Numa sociedade com leis estritas sobre a impureza**, que excomunga quem não lava ritualmente as mãos antes de sentar-se à mesa, Jesus prega que não há nem alimentos nem pessoas que contaminam, e entra nas casas dos pecadores, impuros e contaminados, para lhes oferecer a salvação, às custas de sua própria vida.
3. **Os rabinos diziam: “Quando uma mulher menstruada passa entre dois homens**, se estiver no início das regras, mata um deles; se estiver no final, provoca uma luta entre os dois”.
4. **Eliseu ordenou a Naamán que mergulhasse 7 vezes no rio Jordão** (II Reis 5, 1-14), mas não tocou nele. Não se pode tocar nos leprosos nem aproximar-se deles (Lev 13, 14; Lamentações 4, 15).

A pregação de Jesus supõe um enfrentamento evidente com a lei, numa sociedade patriarcal, cuja referência é a Torá.

Conclusões prévias e ponto de atividade reativa

Maria deve dar um passo gigantesco: **sente sobre si o peso da lei judaica e, ao mesmo tempo, vai sintonizando com a Boa Nova que seu filho prega.** Vai caminhando, abandonando o velho e penetrando no que é novo; e não pode fazer remendos, como num tecido velho, nem guardar o vinho novo num odre velho.

A atitude de Maria, em meio às múltiplas dificuldades de seu tempo, pode ajudar-nos a viver hoje o discipulado e a passagem do velho para o novo, pessoalmente e na comunidade, paróquia, grupos etc.

Como soa aos ouvidos de Maria a parábola do bom samaritano, colocando-o como modelo diante da figura do sacerdote e do escriba? O que ela teme que possa acontecer a Jesus?

O que Maria sente quando ouve a pregação de seu filho?

- O que sente quando ouve os comentários do povo sobre essa pregação?
 - E quando o vê na companhia de um iscarote, um zelote e dois blocos de mulheres?
 - Como consegue ler os acontecimentos, à luz da fé, para poder suportar o que em Nazaré e na Galileia se comenta a respeito de seu filho?-
- a. É herege e está louco (Jo 8, 48)
 - b. É um enganador (Jo 7, 13)
 - c. É blasfemo (Mc 9, 3)
 - d. É um possesso do demônio (Mc 3, 30)
 - Como assume o medo de que o apedrejem a qualquer momento, se aplicarem a lei contra ele?
 - Como pode conciliar em seu coração o que a lei judaica ordena (sagrada em sua época) e a Boa Nova que ouve Jesus pregando? Ou, dito de outro modo, que fases teve de atravessar para passar do antigo para o novo?
 - Quantas vezes diria “*Fiat*” ao longo de sua vida?

4. Maria, Mãe de um condenado à morte

No horto das Oliveiras, Jesus morre de tristeza... É preso. Centenas de judeus foram justificados antes dele. Têm razões para matá-lo.

*Maria presencia, impotente, um julgamento injusto e ouve a condenação de seu filho à cruz, como um fora da lei. Recorda que a lei judaica diz “*Maldito aquele que pende de um madeiro*”. Açoites, humilhações, chicotadas, zombarias... Nada pode fazer.*

Jesus morre na periferia da cidade, considerada um espaço habitado por espíritos, demônios, trevas e perigo. O povo deseja que a noite o surpreenda desprevenido para sempre dentro de uma cidade ou de uma aldeia. Morrer fora da cidade

é uma **vergonha**, uma **maldição de Deus**, longe do lar e do cuidado da família. Morre sem sua túnica, o que deixa um homem **sem dignidade**, exposto à zombaria da multidão.

Se Maria permanece a seu lado, põe a própria vida em risco porque os romanos aproveitam as execuções para capturar também os que se aproximam dos condenados, sua família ou cúmplices. Aproveitam também para prender os que comeram ultimamente com o condenado, porque comer significa compartilhar a vida, os projetos.

Maria presencia a morte do filho de suas entranhas e o recebe, morto, em seus braços. Maria arrisca sua vida, seus projetos e sua imagem e acolhe — ENCARNA — o sonho, o projeto de Deus para a humanidade. No meio de muitas pobreza e dificuldades, tece a história da salvação com os fios que Deus lhe oferece.

Maria é uma mulher que sofre o peso da injustiça de seu tempo. Ficou oculta sob umas roupas que não eram dela, o que contribuiu para que muitas mulheres se afastassem dela.

Descobrimos a riqueza do mistério da Encarnação ao longo de toda a vida de Maria, ou nos focamos apenas no momento do anúncio do anjo?

Como podemos recuperar as atitudes de Maria de Nazaré como quem mudou nosso curso e nos liberou, assim como a nossas comunidades e povos?¹⁰⁴

¹⁰⁴ **Marifé Ramos** www.mariferamos.com <http://www.feadulta.com/es/lista-completa-de-autores-por-orden-alfabetico/3087-marife-ramos.ht>

ANEXO 2

Atividades de *mindfulness* para crianças¹⁰⁵

Por que é tão importante prestar atenção?

Jon Kabat Zin, em sua obra *Atenção plena* nos lembra o hábito de comer sem saborear a comida ou não perceber o perfume da terra úmida depois da chuva. Você já se deu conta de que o normal é tocar nos outros sem dar-nos conta das sensações que nos transmitem? Nós nos especializamos em permanecer desconectados a maior parte do tempo e o pior é que ignoramos que estamos desconectados.

Para voltar a restabelecer o contato, a *mindfulness* pode ajudar-nos muito. Se ainda estivermos muito familiarizados com esse conceito e quisermos descobrir o que é *mindfulness*, observe este post onde explico no detalhe o que é e quais benefícios podem ser obtidos com essa prática.



¹⁰⁵ Consultando diretamente na página da Web sobre *mindfulness para niños*.

As crianças são especialistas em viver o momento presente.

É óbvio que podemos aprender muito com elas sobre a atenção plena, mas... como podemos conseguir que elas se conscientizem dos benefícios dessa prática? Sabemos que se não a praticarem costumeiramente, com o tempo, cairão pouco a pouco no estresse adulto de viver preocupadas com o passado ou com os medos do futuro. [Clique aqui para ver como podemos explicar a elas o que é *mindfulness*.](#)



Um dos benefícios da prática da *mindfulness* com crianças é a melhoria na capacidade de atenção e concentração. Muitos pais alertam que as crianças de hoje têm problemas para concentrar-se. Algumas não conseguem comunicar-se com eles nem buscando o contato visual. São muitos os motivos que poderíamos enumerar como causa do problema: a tecnologia, a superestimulação, a falta de contato com a natureza... mas isso não ajuda a solucionar o problema.

Como praticar a *mindfulness* em família?

Para exercitar essas técnicas não é preciso muito tempo. Bastarão uns poucos minutos por dia! Um aspecto importante é criar um local para a realização dos jogos ou atividades. É preciso dispor de um ambiente tranquilo e relaxado. Preferivelmente realizar as atividades no mesmo lugar e na mesma hora. O mais fácil é estabelecer entre todos um acordo sobre um horário e comprometer-se a cumpri-lo. Para iniciar, dois ou três dias na semana com uma duração de 10 minutos seria excelente.



Dez práticas de *mindfulness* para meninos/meninas

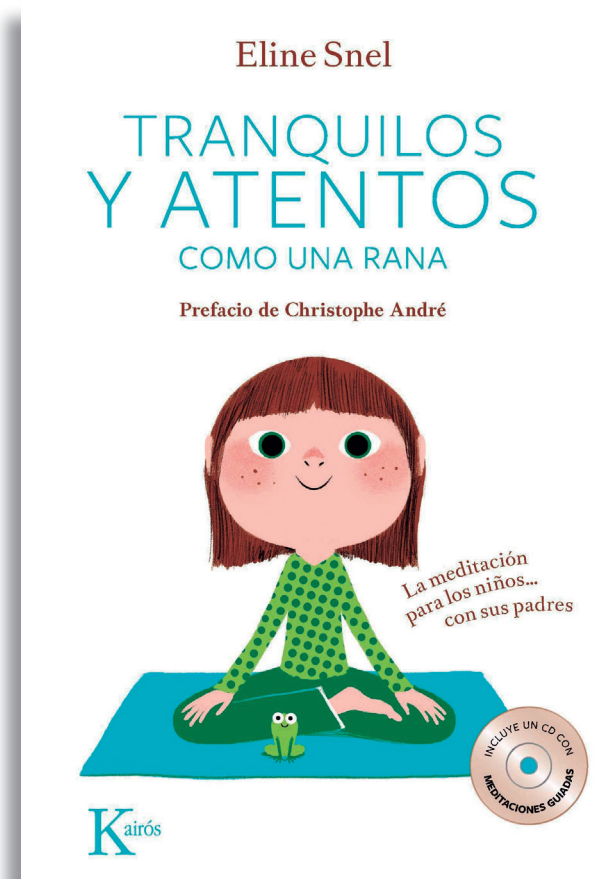
Essas técnicas que vou apresentar podem ser efetuadas com crianças de 3 até 10 anos. Eu as pratico diariamente com 25 alunos/as de 4 anos. Se as crianças tiverem mais idade, podemos aumentar o tempo, levando sempre em consideração as crianças e suas necessidades. Elas serão o melhor critério para determinarmos o tempo adequado.

A postura de “Mente Atenta”: Uma das primeiras práticas pelas quais se pode começar é pela postura de meditação, ensinando as crianças a fixar sua atenção na respiração. Esta

será a postura da qual partirão as atividades e os jogos seguintes. Utilize canções ou meditações dirigidas para fixar na memória as normas da postura.

Uma proposta: Yogamusic - Saudação inicial

Outra opção é a meditação orientada LA RANITA (*o sapinho*) — (Livro: *Tranquilo e atento como una Rana*, autoria de Eline Snel). Muito recomendável. Nesse livro com CD anexo, você poderá encontrar outras 10 meditações mais dirigidas a trabalhar a atenção das crianças. O livro é um bom guia para iniciar você no conhecimento da *mindfulness*. Oferece jogos e atividades para complementar com as gravações. É dirigido aos pais, mas se você é professor, encontrará também muitas utilizações nele.



ANEXO 3

Dez práticas de *mindfulness* para meninos/meninas

1. “La Ranita”

ATIVIDADE: Quietos e atentos como uma rã. Diga à criança que a rã é um animalzinho que pode dar grandes pulos e também ficar muito quieta, observando tudo o que se passa a sua volta, mas não reage de imediato. Respirar com muita calma. Diga-lhe que você vai brincar fingindo que é uma rã. Sua barriga se incha quando entra o ar e retrai quando sai o ar.

“Vamos sentar e respirar como a rã; assim, a rã não se cansa e não se deixa levar por todas as coisas interessantes que passam por sua cabeça. Por um tempinho vamos ficar bem quietos como uma rã, observando que a barriga aumenta um pouco seu volume e, depois, se recolhe de novo”.

Nesse exercício a criança aprende a ser paciente, a relaxar-se e manter-se calma, além de compreender a importância da respiração para essa finalidade.

2. A respiração da Abelha (30 segundos)

Este exercício é genial para acalmar-se e focar a atenção na respiração. Devemos fechar os ouvidos com o polegar e apoiar o resto da mão sobre a cabeça. Em seguida, fechamos os olhos e imitamos o som da abelha...Zzzzz...

3. O jogo do silêncio (30 a 60 segundos de acordo com a idade)

É um jogo muito simples para iniciar-se em técnicas de concentração. As crianças menores de 2 e 3 anos o realizam sem dificuldade. Sentamo-nos em círculo e perguntamos a elas se conseguem ficar caladas como as montanhas e as flores. Pedimos que fechem os olhos e se mantenham tranquilas até terminar o tempo. Para estes exercícios, é preciso ter um medidor de tempo que elas possam compreender (relógio com alarme com som agradável, relógio online...)



4. Observamos como detetives (30 a 60 segundos conforme a idade)

Esse jogo, como o anterior, é para desenvolver a concentração mediante a quietude e o silêncio. Mas nesta ocasião, em vez de ficarem com os olhos fechados, observarão como detetives prestando atenção nos menores e mais insignificantes detalhes de algum objeto em movimento, como:

- uma lâmpada que muda de cores,
- uma ampulheta ou um relógio de água,
- uma vela (quando terminar elas podem soprar e apagá-la),
- a garrafa da calma. Clique aqui para acessar esse post e descobrir como aplicar esse jogo.

Na verdade, qualquer objeto do dia a dia pode servir. O importante é centrar nossa atenção nele. Ao terminar o tempo, podemos perguntar às crianças: *“O que sua mente atenta conseguiu observar? O que você descobriu, detetive...[nome da criança]?”*

5. Cantar mantras

Toda criança gosta de cantar. Os mantras se servem dos mesmos canais subliminares que a música e os anúncios publicitários, mas com objetivos mais saudáveis. Os mantras são usados como uma ferramenta para livrar a mente de pensamentos ajudando a focar a atenção e proporcionando um estado de calma. Não é necessário conhecer o significado do mantra para que seus sons exerçam seus efeitos sobre nós.

Entre outros benefícios, os mantras favorecem a concentração, já que a mente está ocupada em repetir o texto do mantra várias vezes. Além disso, **os mantras sempre escondem mensagens positivas que são armazenadas em nosso subconsciente.** Repita todos os dias “sinto-me feliz, sinto-me bem” e algo dentro de você estará disposto a mudar da tristeza para a alegria.

Atividade: Onda de mantras

Inventar ou escolher entre todos (tanto na família como na escola) uma frase que faça as crianças se sentirem bem e que transmita uma mensagem positiva. Algo que reforce seu estado de espírito e as acalme, ajudando a livrar-se de alguma sensação desagradável. Algumas ideias podem ser:

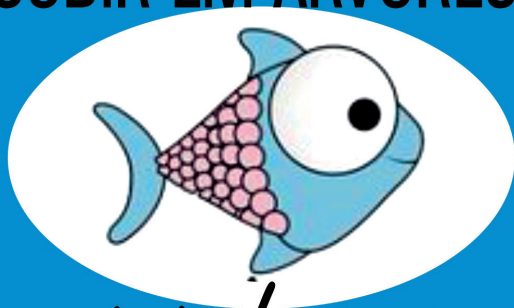
- Sinto-me forte e valente
- Gosto de meus amigos da escola
- Sinto-me feliz quando ajudo alguém
- Pedir perdão alivia meu sofrimento
- O planeta é meu amigo
- Gosto muito de mim mesmo(a)

Acrescentar a essa frase uma pequena sequência de movimentos. Algo simples se as crianças forem pequenas: pode ser unir cada dedo com o polegar ao dizer cada palavra da frase. O jogo consiste em fazer uma onda de mantras sentados em círculo (imagine a onda que se forma nos estádios). Não perca a atenção! Quando seu colega diz “a frase”, será sua vez. Este jogo agrada muito as crianças, é simples e muito eficiente para criar pensamentos positivos.



SOMOS TODOS GÊNIO

MAS, SE VOCÊ JULGAR UM PEIXE
POR SUA HABILIDADE PARA
SUBIR EM ÁRVORES,



*passará toda a sua vida
pensando que é um*

INÚTIL

ALBERT EINSTEIN

Albert Einstein

Escola de Superpais

Se quiser conhecer uma música que me inspira e me ajuda a conectar com o corpo e deixar a mente atenta ao presente, clique aqui e lembre o post de música para conhecer o yoga.

6. O som em silêncio

Nesse exercício tentaremos ouvir o silêncio de um instrumento até que pare de tocar. Enquanto isso, devem tentar ficar atentos e em silêncio. Quando não ouvirem mais nenhuma vibração e sentirem o silêncio total, levantarão a mão (assim permitem que outras crianças possam continuar ouvindo atentas se ainda houver sons).



Para esta atividade devemos usar instrumentos com uma grande vibração, como uma tigela tibetana, um harmonizador ou um sino. Se não dispusermos desses, a energia não será a mesma, mas podemos usar um vídeo de internet ou baixar um aplicativo no celular.

7. Círculo da atenção

Para este jogo precisaremos de um mínimo de 5 pessoas. A pessoa que dirige o jogo apresenta um material que devemos passar uns aos outros com todo cuidado e atenção. Podemos começar por um objeto e ir acrescentando outros, um de cada vez para trabalhar uma atenção maior. Podemos usar um exemplo: um gongo ou sino que não deve tocar. Pequenos copos d'água bem cheios.



8. Vejo você

Este jogo é lindo. Além de desenvolver a atenção, é uma ferramenta maravilhosa para despertar a empatia e criar vínculos afetivos.

Sentamo-nos em pares um em frente ao outro. Durante um tempo temos de fixar os olhos sem perder contato. Esse será nosso foco de atenção.



9. Atenção: O que falta?

Neste jogo são desenvolvidas a observação e a memória enquanto a atenção é trabalhada. Apresente às crianças 10 objetos do dia a dia e dê uns 10 segundos para as crianças olharem todos eles. Peça que fechem os olhos enquanto você retira um ou dois objetos. Eles deverão adivinhar: “*O que falta?*” Pode perguntar à criança que pareça ter a melhor postura de *Mente Atenta*.

Você pode trabalhar com várias categorias de instrumentos:

- **Metálicos**



- **De madeira**



ANEXO 4

Programa TREVA (Técnicas de Relaxamento Vivencial aplicadas à Aula)

TREVA é o resultado de um longo processo de investigação e experiência cuja função é conseguir na aula o RELAXAMENTO e a MEDITAÇÃO de forma séria e simples com uma dupla finalidade:

Responder à necessidade “O que é o programa TREVA de calma e interioridade que existe nos centros docentes.

Propô-las como recursos de inovação pedagógica para o aprendizado e desenvolvimento pessoal de alunos e professores.

Em que se fundamenta?

O programa TREVA foi avaliado qualitativa e quantitativa-mente em diversos estudos científicos e numa tese doutoral. Baseia-se nas últimas descobertas neurocientíficas.



De que ele trata?

Num estudo prévio de análise dos 40 métodos de relaxamento, meditação e consciência psicocorporal com maior rigor científico e eficiência chegou-se à conclusão de que só existem nove recursos psicofísicos básicos para meditar ou relaxar. Eles são empregados de vários modos de acordo com o objetivo visado (concentração, serenidade, energização...) e com a pessoa que vai utilizá-lo.

Esses nove recursos têm várias aplicações entre as quais se encontram:

- O enfoque emocional (*focusing*);
- A centralização ou centramento;
- O silêncio mental.

Todos eles formam as 12 unidades didáticas TREVA nas quais são oferecidas variedades de exercícios,

A quem se dirige?

- A docentes de qualquer nível educacional, do infantil ao universitário.
- A docentes para aplicação aos alunos.
- A alunos para uso particular.
- A famílias e outras instâncias da comunidade educativa.

Quais são seus benefícios?

- Melhorar o rendimento acadêmico mediante o desenvolvimento da atenção, da memória e do ambiente da classe.
- Redução do estresse, da agitação e do mal-estar docente.
- Melhoria da inteligência emocional mediante todas as suas competências.
- Fomento da interioridade.

ANEXO 5

Uma experiência de interioridade: quinze dias num mosteiro de monges contemplativos

“Participantes” é o campo de trabalho e oração que a cada verão reúne no mosteiro do *Sobrado de los Monjes* jovens de 2º ano de bacharelado. Assim, este ano um total de 40 jovens, junto com os¹⁰⁶ acompanhantes que permaneceram com eles durante o curso, se animaram a viver essa experiência depois de um ano de muito esforço, incertezas e decisões.

Cada ano, em 16 de julho, nas portas do mosteiro se mesclam os mesmos sentimentos. Na chegada do ônibus, os jovens chegam com uma espécie de nó no estômago, que engloba em partes iguais medos e ilusões, alegria e nervosismo. E todos se fazem a mesma pergunta: “Como será passar 15 dias num mosteiro?” Os próprios jovens comentam que quando dizem por aí que vão dedicar 15 dias de férias para viver e trabalhar num mosteiro em vez de ir à praia ou viajar para o exterior, muito pouca gente deixa de olhar para eles como bichos raros. Porque eles são os primeiros que sabem que só pode entender isso quem já tem uma experiência de amizade, de serviço e de Deus, ou aqueles que estão à procura de algo assim em sua vida.

Ir ao campo de trabalho e oração do *Sobrado de los Monjes* significa começar uma aventura de serviço, que por vezes não é nem fácil nem cômoda, e que supõe, de certo modo, colocar-se na pele de Santiago, o protagonista de “*O Alquimista*”, fio condutor da toda a experiência de *Sobrado*. Implica viver na primeira pessoa uma atividade em que caminhamos com amigos que trabalham e rezam conosco, que, além de viver alguns dias de companheirismo, se interrogam como nós pelo sentido de sua vida, tentam interpretar os sinais e descobrir caminhos. Essas duas semanas em *Sobrado* são uma caminhada com

¹⁰⁶ Ver *Ibérica*, outubro de 2017.

peessoas em busca de seu próprio tesouro e que começam a descobrir que só se consegue encontrá-lo a partir de uma vida comprometida, a partir do serviço que nos proporciona a vida de cada dia. E mesmo que nos custe acreditar, às vezes esse sentido surge enquanto se trabalha na horta sob um sol forte, se realiza no albergue para os peregrinos, se reforma o conjunto das janelas de um claustro, se cuida da beleza de um jardim incrível ou se tenta animar a vida com jovens do povoado. Esse sentido se encontra também nas reflexões diárias que se realizam no pequeno grupo em que o centro de reunião é a vida de todos e de cada um. E, como não podia ser de outra forma, esse sentido se encontra no silêncio e na oração compartilhada com os monges do mosteiro ou nos momentos de diário pessoal no final de cada dia. Um bom sinal de que o Sobrado este ano foi um lugar de encontro com Deus e com nossos irmãos é que ainda hoje muitos jovens que participaram continuam recordando cada dia, às 21:15h, que num pequeno povoado da Galícia está começando uma oração com cantos que eles poderiam repetir sem necessidade de olhar em nenhum livro. Porque nessa hora, nossos amigos Henrique, Santi, Rafa ou Xosé Ramón, junto com o resto de seus irmãos, rezam por todos e cada um de nós. E consta que muitas semanas depois, todos lembramos aquelas palavras do Salmo 4, com as quais despedíamos de nossa jornada: “em paz me encosto e logo durmo, porque só tu, Senhor, me fazes viver tranquilo”. *Jorge Isidro.*

ANEXO 6

Interiorização: reflexão de encerramento de ano¹⁰⁷

Entregamos 1017... Acolhemos 2018!

Silenciamos o que nos rodeia e o que fervilha dentro de nós para melhor conectar com o espaço sagrado que há no mais profundo de nosso ser. A postura corporal, a respiração, um símbolo, uma oração sincera e alguma Palavra.

Começamos por **recordar os encontros com Deus** que foram nos configurando e transformando ao longo do ano. Lembramo-nos deles, recriando-nos em cada um deles. O **Senhor está comigo, conosco**, como está com Maria e com cada personagem da Bíblia. Em muitos momentos sua presença foi leve como a brisa; forte, em outros. Agradecemos cada pista, cada encontro como **um presente de valor incalculável**.

Que pessoas foram dons de Deus neste ano? Lembramos seus nomes, seus rostos e o que nos deram. Com um gesto, vamos entregando ao Pai essas pessoas, pedindo sua bênção sobre cada uma delas.

Tomamos também consciência dos relacionamentos que nos prenderam numa rede e rezamos para recuperar a liberdade e cortar os sutis fios emocionais que nos impedem de viver em liberdade plena, ao sopro do Espírito.

Que **Palavras da Bíblia** despertaram a vida em nós, nos consolaram e nos sustentaram? Quais delas nos sacudiram e motivaram? Repetimos essas palavras ou frases como se fosse a última vez que poderíamos fazê-lo, ou como se as pronunciássemos **diante de Deus**, em sua presença. Que chamados percebemos para acolher melhor a Palavra em 1918?

Recordamos experiências alegres que tenhamos vivido na liturgia. Conseguimos celebrar a vida e a morte, cantar, rezar, interceder, louvar... Como agradecemos no final do ano tantas

¹⁰⁷ Marifé Ramos González in EFA, Madrid, dezembro de 2017.

riquezas? Como poderíamos celebrar a vida no próximo ano?

Passeamos pela natureza, reconhecendo a presença de Deus nas flores, nas plantas e nas árvores. Agradecemos o oxigênio, a chuva, o sol, a beleza... e os alimentos que a natureza nos deu. Como vivemos em **harmonia com a mãe Terra**? Que falhas cometemos? Que chamados descobrimos?

Observamos nossa geladeira e os armários da cozinha ou da despensa. Tomamos consciência de como **adquirimos e comido o pão de cada dia**. Temos consciência de que vivemos num mundo em que milhões de pessoas passam fome e sede diariamente? Como transformamos nosso bem-estar em trabalho pela justiça? Se nosso compromisso com os mais pobres do Reino foi deficiente, quais foram as raízes de nossa falta de compromisso? Que podemos fazer no ano que se inicia para compensá-lo?

O Evangelho nos convida a viver **o kairós, o tempo oportuno, a hora de Deus**. Vivemos enredados no “cronos”, correndo de um lugar para outro, como se fôssemos cães e executivos do Reino? Paramos de vez em quando para adequar nossa ação ao ritmo de Deus, a seu kairós?

Recordamos aqueles espaços em que durante este ano tivemos experiências fundamentais na fé. Como tratamos esses espaços e as experiências? Com que gesto entregamos tudo o que nos emaranhou na superficialidade ou na inconsciência?

Nosso ego é insaciável em sua voracidade e se manifesta através de contínuos surtos de egoísmo. Como alimentamos o ego neste ano? Em que fontes tóxicas bebemos? Tivemos consciência de que o seguimento de Jesus implica caminhar na direção da morte do ego? Recordemos as frases, gestos e atitudes nas quais o ego saiu triunfante nos enfrentamentos com outras pessoas e as entregamos ao bom Deus. Aprendemos com os erros que cometemos.

Jesus veio “*para salvar o que estava perdido*”. Neste ano que está terminando, que coisas acreditamos que estavam perdidas em nós mesmos ou em nossa família, comunidade

ou grupo etc.? O que nós deixamos que se perdesse na missão por falta de esperança? Que coisas entregamos nas mãos do Pai para que sejam sanadas e salvas? Esperamos poucas novidades porque já estamos cansados ou temos medo das novidades de Deus? Como temos vivido a **esperança** e a desesperança este ano? Que chamados descobrimos para 2018?

Deus nos vê santos e santas. Sonha conosco como originais, únicos e irrepetíveis não dispendo de nenhum modelo que devamos copiar. Não conseguimos dar-nos conta do ponto em que estamos nem de como avançamos ou retrocedemos. Nosso caminho é único e nós o desbravamos a cada dia. É um caminho de confiança e fidelidade diárias. Cremos que *“Ele que começou sua obra em vocês a levará até o fim?”* (Fil 1, 4ss) Como vivemos este ano o chamado à santidade? Ficamos conectados ao sonho de Deus e a sua utopia?

Cada manhã, o Mestre nos mandou **semear em seu Reino**, com as bolsas cheias de sementes; ele nos indicou a parcela que convinha semear cada dia e a boa vontade com a qual deveríamos fazê-lo. Ao despertarmos cada dia, nos conscientizamos do dom e da missão que recebemos? Ao cair da noite, o Mestre nos reanimou, nos motivou, nos corrigiu, nos incentivou, nos abraçou, nos perdoou... **Entregamos a ele o lixo do dia** para acolher na manhã seguinte novas sementes, com as mãos abertas e o coração disponível?

Que **túneis** atravessamos este ano: noite escura? doença? sofrimento? solidão? medos?...No meio do que consideramos desgraça, como percebemos a Graça? Que aprendemos nessas travessias?

Como nos preparamos para acolher o Ano Novo?

Encerramos o ano de 2017 transformando em sabedoria os erros que cometemos; guardaremos essa sabedoria como um tesouro. Entregamos este ano que já vivemos, pelo sacramento do perdão ou com o gesto que nos pareça mais adequado.

Recordamos que Jesus *“assumiu nossas fraquezas e carregou nossas debilidades”* (Mt 8, 17). Ao entregar o lixo do

ano que está terminando, deixamos um espaço vital para acolher o que precisaremos no ano novo. As palavras de São Paulo aos Colossenses nos ajudarão:

Como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos, pois, de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de paciência, suportando-vos uns aos outros e perdando-vos mutuamente, se alguém tiver razão de queixa contra outro. Tal como o Senhor vos perdoou, fazei-o vós também. E, acima de tudo isto, revesti-vos do amor, que é o laço da perfeição. Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos. A palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza: ensinais-vos e admoestai-vos uns aos outros com toda a sabedoria; cantai a Deus, nos vossos corações, o vosso reconhecimento, com salmos, hinos e cânticos inspirados.

E tudo quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai. (Col 3, 12-17).

ANEXO 7

Exercícios de interiorização

Mateus 22, 34-40 “Amar a Deus e ao próximo sustentam a lei e os profetas”.

O mandamento mais importante [Mc 12, 28-34]

Constando-lhes que Jesus reduzira os saduceus ao silêncio, os fariseus reuniram-se em grupo. E um deles, que era legista, perguntou-lhe para o embaraçar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus disse-lhe:

*Amarás ao Senhor, teu Deus,
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com toda a tua mente.*

Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei de Moisés e os ensinamentos dos Profetas.

Há só um mandamento, amar. Há só um pecado, ignorar o outro.

Quem ama considera inúteis todas as demais normas.

A pergunta sobre o tributo a César foi feita pelos fariseus e pelos herodianos. Na sequência, Mateus refere-se a outra pergunta dos saduceus sobre a ressurreição dos mortos, em que eles não acreditavam. Querem ridicularizar a crença em outra vida com a suposição de sete irmãos que estiveram casados com a mesma mulher. Jesus desbarata seus argumentos. Por isso, em seguida, o texto de hoje diz: “Ao ouvir que tinha feito calar os saduceus”, os fariseus voltaram à carga: “Qual é o primeiro mandamento?”

A pergunta não era tão simples como pode parecer hoje. A maioria dos juristas considerava que todos os mandamentos

tinham a mesma importância. Outros defendiam que guardar o sábado era a primeira obrigação de todo israelita. Havia também quem defendesse o amor ao próximo como o principal. A ninguém ocorrera que o principal mandamento eram dois. Em Mateus e Marcos, Jesus responde recitando a “shemá” (mensagem), que todo israelita piedoso recitava duas vezes cada dia (Dt 6, 4-9); mas em Mateus, Jesus acrescenta uma referência a Lev 19, 18, onde está prescrito amar o próximo como a si mesmo. A originalidade de Jesus está em unir os dois mandamentos. De fato, tudo o que faz é citar dois textos do Antigo Testamento. Não se trata de uma justaposição ou de uma equiparação. Trata-se de uma identificação de pleno direito que, além disso, prepara o terreno a João para poder dizer com ênfase: “eu vos dou um novo mandamento, que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (Jo 13, 34). É o mandamento novo, que converte a Lei em velha. Depois de 20 séculos, continuamos sem aceitar a diferença entre o Antigo e o Novo Testamentos.

O valor absoluto de cada pessoa é uma proposta exclusiva de Jesus. Até então o indivíduo era visto apenas como pertencente e integrado ao grupo. Nessa perspectiva, tudo o que interessava era a manifestação do amor, não o próprio amor em si mesmo. Desse modo, o preceito recaía sobre as manifestações. O amor que Jesus exige não pode ser alcançado com o cumprimento de um preceito. Já não se trata de uma lei, mas de uma atitude. “Um amor que responde a seu amor”. O amor que Jesus pede não se impõe.

O conceito de “próximo” é modificado de modo substancial por Jesus. Para um judeu, próximo era o que pertence ao povo e, na melhor das hipóteses, o prosélito. Jesus acaba com essa barreira e postula que todos somos exatamente iguais para Deus. O cristianismo nem sempre soube transmitir essa ideia de igualdade e continuamos crendo que somos os eleitos e que Deus é nosso Deus, como os judeus de todos os tempos.

Jesus não propõe um amor a Deus nem um amor a ele mesmo. Deus nem ama nem pode ser amado, é amor. A exigência de Jesus não é com relação a Deus, mas com relação

ao homem. Quando continuamos propondo os mandamentos da “lei de Deus” como marco para a vida da comunidade, é que não compreendemos a mensagem de Jesus. Santo Agostinho entendeu isso muito bem quando disse: “Ame e faça o que quiser”. Mas Paulo o havia dito com a mesma clareza: “Quem ama cumpriu o resto da lei”. Não se trata de uma nova lei, mas de tornar inútil toda lei, toda norma, todo preceito.

O “como a você mesmo” (também superado por Jesus: “como eu amei vocês”) precisaria de um comentário mais extenso. Direi apenas que o amor pode se dar só entre iguais. Se me considero inferior ou superior ao outro, minha relação com ele nunca será de amor. Nessa perspectiva para onde caminham todas as nossas “caridades”? O que Jesus nos pede é que eu queira para os outros tudo o que desejo para mim. Na verdade, penso que faço caridade quando dou ao mendigo a roupa velha que já não vou mais usar.

Uma vez mais vamos ressaltar a impossibilidade de aceitar a mensagem de Jesus sem abandonar a ideia de Deus no Antigo Testamento. Esta é a armadilha em que caíram os primeiros cristãos que eram todos judeus. Aqui está também a chave para compreender tantas contradições aparentes nos evangelhos. O que Jesus pede é mais do que pode ensinar qualquer instituição. A fidelidade excessiva à instituição nos impede de atingir o mandamento novo. Por isso Jesus criticou tão duramente as instituições religiosas de seu tempo (Templo, Lei, Culto); tinham sido convertidas num obstáculo para chegar ao homem.

O amor consiste em desenvolver a capacidade que um ser tem de sair de si e aproximar-se do outro para enriquecê-lo e enriquecer-se como pessoa. A Deus não podemos amar diretamente nem muito nem pouco porque não podemos conhecê-lo. Deus não é um sujeito com quem possamos nos encontrar. Não é nada diferente de mim ou da criação. Não está no céu nem em nenhum outro lugar. Amar a Deus não é fazer algo por ele. É apenas permitir que Ele, que é amor, encontre você. Demonstrarei que estou aberto ao Amor, que é Deus, se

amar aos outros. Se deixo de amar apenas uma pessoa, posso ter certeza de que o que me move não é amor, mas egoísmo, instinto, paixão, interesse ou uma simples programação.

Não responde a necessidades de algum aspecto do meu ser. Acontece na profundidade do ser, incluindo todos os seus aspectos. É o único caminho para um crescimento harmônico do ser, impedindo que a parte material e biológica do mesmo se imponha e arraste para a parte mais nobre, malogrando suas possibilidades de ser humano. O fato de superar o egoísmo não significa uma renúncia a nada a não ser um aumento de humanidade. Não suprime nenhum dos aspectos de nossa humanidade, mas os supre e lhes dá seu verdadeiro sentido.

O amor não é algo que se possa alcançar diretamente, mas uma consequência do conhecimento. Os escolásticos diziam: “não se pode amar nada que não seja antes conhecido”. Mas devemos acrescentar que não basta conhecer, preciso antes identificar como bom para mim. O conhecimento racional será sempre egoísta porque só pode apreciar o que é bom para minha parte sensorial. Só de um conhecimento vivencial pode nascer o verdadeiro amor. Se preciso de motivos interesseiros para amar, não é amor. Se amamos para fazer um favor, tampouco funciona. Tenho de descobrir que sou eu que me enriqueço quando amo. Esse enriquecimento se produz em meu verdadeiro ser, e isso não é o que mais nos interessa.

O maior perigo na hora de compreender o amor é que o confundimos com o desejo de que o outro me queira. O desejo de que outro me ame é instintivo e não supera o interesse egoísta. A maioria das vezes, quando dizemos ‘amo você’, na verdade queremos dizer ‘quero que você me queira bem’. Isso nada tem a ver com a mensagem de Jesus. Quando ouvimos alguém dizer: ‘não posso viver sem você’, na verdade o que está dizendo é: ‘não vou deixar você viver porque vou exigir que você viva só para mim’.

É ignorância crer que podemos amar a Deus se não amarmos o próximo; pior ainda é podermos amar muito a alguém e

a outro, pouco ou nada. O amor é um só porque é uma atitude pessoal. O amor é caracterizado pela pessoa que ama, não pela pessoa amada. Tem de existir antes de se manifestar. O que chega aos outros, o que se percebe no exterior, são apenas manifestações desse amor. A atitude vital é única em cada pessoa, mas tenho de manifestá-la de modo diferente para cada uma.

Oração centrante:

Escolha uma atividade

A boa nova de Jesus é que posso identificar-me com Deus.

O amor que Jesus nos pede é fruto de uma descoberta que você só consegue fazer viajando até seu interior.

Para além do que julga adequado, você pode descobrir a Vida, a VIDA de Deus que está em você e em todas as coisas¹⁰⁸.

Aprenda a salvar-se em trinta segundos

O mandamento mais importante (Mc 22, 34-40)

Constando-lhes que Jesus reduzira os saduceus ao silêncio, os fariseus reuniram-se em grupo. E um deles, que era legista, perguntou-lhe para o embarçar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus disse-lhe:

Amarás ao Senhor, teu Deus,
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com toda a tua mente.

Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

¹⁰⁸ Fr. Marcos, *Comentario al evangelio Domingo 30, Tiempo Ordinario, Ciclo A*, in AFA.

Qual é o principal mandamento? Muitos católicos responderiam “ir à missa aos domingos”. Os que pensam assim provavelmente não irão à missa neste domingo. Os que pensam de outro modo e irão à missa gostarão de lembrar o que Jesus pensava.

O problema de seus contemporâneos

Nos domingos anteriores, vários grupos religiosos enfrentaram Jesus, e não se saíram bem. Agora, os fariseus enviam um especialista, um doutor da Lei, que lhe faz a pergunta sobre o principal mandamento. Para compreendê-la, devemos lembrar que a antiga sinagoga tinha 613 mandamentos (248 preceitos e 365 proibições), que eram divididos entre fáceis e difíceis, os que exigiam muito dinheiro (como honrar pai e mãe) ou punham a vida em perigo (a circuncisão). Geralmente se pensava que os importantes eram os difíceis, e entre eles estavam os relacionados à idolatria, à luxúria, ao assassinato, à profanação do nome de Deus, a santificação do sábado, a calúnia, o estudo da Torá.

É possível reduzir todos a um só?

Diante desse acúmulo de mandamentos, é lógico que houvesse o desejo de fazer uma síntese, de saber qual era o mais importante. Este desejo é encontrado em uma anedota relacionada aos famosos rabinos Shammai e Hillel, que viveram poucos anos antes de Jesus. Uma vez chegou um pagão a Shammai e lhe disse: “Vou me tornar um prosélito com a condição de me ensinar toda a Torá enquanto eu aguentar ficar em pé numa perna só.” Shammai o expulsou ameaçando-o com um cajado que segurava na mão. O pagão se dirigiu então a Hillel, que lhe disse: “Não faça ao próximo o que não agrada a você. Nisto consiste toda a Lei, o resto é interpretação” (Schabat 31^a). O rabi Aquiba (135 d.C.) sintetizou toda a Lei em uma só frase: “Amará a seu próximo como a você mesmo. Este é o grande princípio geral na Torá”.

A novidade de Jesus

Mateus havia posto na boca de Jesus uma síntese parecida no final do Sermão da Montanha: “Tudo o que quiserem que

façam para vocês, façam para eles vocês também porque isso resume a Lei e os Profetas”. (Mt 7, 12). Mas no Evangelho de hoje Jesus responde com uma citação expressa da Escritura:

Constando-lhes que Jesus reduzira os saduceus ao silêncio, os fariseus reuniram-se em grupo. E um deles, que era legista, perguntou-lhe para o embaraçar: “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?” Jesus disse-lhe:

Amarás ao Senhor, teu Deus,
com todo o teu coração,
com toda a tua alma
e com toda a tua mente.

Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.

“Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente” (Deut. 6, 5). São parte das palavras que qualquer judeu piedoso recita todos os dias ao levantar-se e ao pôr do sol. Nesse sentido, a resposta de Jesus é impecável. Não peca por originalidade, mas reafirma o que a fé vinha afirmando continuamente.

A novidade da resposta de Jesus se fundamenta na pergunta pelo principal mandamento e acrescenta um segundo, tão importante quanto o primeiro: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Lev. 189, 18). Uma vez mais, sua resposta se ajusta na mais autêntica tradição profética. Os profetas denunciaram continuamente o desejo do homem de chegar a Deus por um caminho individual e intimista, que esquece facilmente o próximo. Por séculos, muitos israelitas, como muitos cristãos, pensaram que se chegava a Deus mediante atos de culto, peregrinações, ofertas ao templo, sacrifícios duros...

Entretanto, os profetas ensinavam que, para chegar a Deus, é preciso necessariamente o atalho do próximo, a preocupação com os pobres e os oprimidos, a busca de uma sociedade justa. Deus e o próximo não são grandezas separáveis.

Tampouco é possível dizer que o amor a Deus é mais importante que o amor ao próximo. Os dois preceitos, na mentalidade dos profetas e de Jesus, estão no mesmo nível, devem estar sempre unidos. “Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (v. 40).

O próximo são os mais pobres (1ª leitura)

Nessa mesma linha, a primeira leitura é muito significativa. Podiam ter escolhido o texto do Deuteronômio 4, 4 ss, onde, em princípio, se diz o mesmo que Jesus: “Escuta, Israel, o Senhor teu Deus é um só. Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração...” Entretanto, escolheram um texto do Êxodo que realça a preocupação com os imigrantes, viúvas e órfãos, que são os grupos mais fracos da sociedade (a tradução que se usa na Espanha diz “los forasteros” (*forasteiros, estrangeiros, estranhos*), mas na realidade são os imigrantes, os que foram obrigados a abandonar sua pátria em busca da sobrevivência, marroquinos, senegaleses, romenos etc.).

Depois, refere-se ao crédito, indicando duas normas: quando emprestar dinheiro, não poderá cobrar juros; quando se pede o manto como garantia, ele deve ser devolvido antes do pôr do sol para que o pobre não passe frio. É um modo de frisar o que Jesus diz: sem amor ao próximo, principalmente sem amor e preocupação pelos mais pobres, não se pode amar a Deus.

Assim diz o Senhor: “Não oprimireis nem maltratareis o forasteiro, porque forasteiros fostes todos no Egito. Não explorareis as viúvas nem os órfãos porque se os explorardes e eles pedirem socorro a mim, eu os ouvirei. Minha ira será grande e vos farei morrer pela espada, deixando viúvas vossas mulheres e órfãos os vossos filhos. Se emprestardes dinheiro a alguém do meu povo, a um pobre que mora convosco, não banqueis o usurário cobrando juros. Se pegardes como penhor o manto de vosso próximo, antes do pôr do sol deveis devolvê-lo porque ele não possui outra roupa para cobrir o corpo, e onde poderá deitar-se? Se clamar por mim, eu o escutarei porque sou compassivo¹⁰⁹.”

¹⁰⁹ José Luis Sicre, *Comentario al Evangelio del 30 domingo, T.O.* in AFA.

ANEXO 8

Os alunos, protagonistas na gestão da convivência.

Não procure por valentes; você já os encontrou.

No Centro Cultural Vallisoletano consideramos que é importante aprender a conviver e a resolver os conflitos sem recorrer a nenhum tipo de violência, mas simplesmente conversando e tentando compreender e respeitar as outras pessoas¹¹⁰.

Em relação com o prêmio conseguido no concurso da ONCE contra o *Bullying*:

Sabemos que são os alunos os que têm maior capacidade para detectar os problemas de convivência. Por isso, são eles os que melhor podem administrar e transmitir estratégias para a melhoria desse convívio.

Por esse motivo, faz já alguns anos que se vem reforçando no centro a criação de estruturas especializadas em que se fornece aos alunos um protagonismo especial na melhoria da convivência, mediante sua intervenção na solução de conflitos, na prevenção da violência e, de modo especial, na prevenção e atenção ao fenômeno do abuso entre colegas (*bullying*).

Solução pacífica de conflitos entre colegas. Este programa contribui para desenvolver em todos os participantes as capacidades de empatia, de ajudar e ser ajudado, dimensões fundamentais do convívio.

Outra estrutura que inclui o aluno na gestão da convivência é o **Projeto de Tutoria Entre Iguais**, no qual, a partir do curso de 2015-2016, alunos do 3º ano de ESO (tutores) facilitam o processo de integração no centro educativo dos alunos de 1º ano de ESO. Esses alunos, além disso, são uma referência (tutoria) que ajuda a reduzir os níveis de insegurança...

Um exemplo foi a implementação da **Equipe de Ajuda**, que conta com uma trajetória de nove cursos acadêmicos. Um

¹¹⁰ Equipe de Convivência do Centro Cultural Vallisoletano. Inmaculada García Martín (coordenadora). Alicia Laja Muñoz, Elvira Benito Fernández, Fernando Martínez Herrero, Javier Sánchez Bartolomé e Tea Aller Mame.

grupo de alunos (**alunos-apoio**), devidamente formados e coordenados pelo corpo docente, colaboram em atividades de apoio, acompanhamento e solução.



Atividades de convívio no CCV

Em caso de necessidade, ajudam a compensar o desequilíbrio de poder e de forças, sempre presentes no assédio escolar, entre o agressor e a vítima, numa perspectiva preventiva e capaz de levar a uma mudança de opinião. Alguns alunos dizem que é como ter um irmão maior no colégio quando avaliam o programa.

Lamentavelmente, as redes sociais, os chats, os blogs, os celulares, que nos permitem comunicar e aproximar de outras pessoas, nem sempre são utilizados corretamente e os problemas de relacionamento e convívio que existem na vida real podem se transferir para o espaço virtual e vice-versa.

Quando um aluno tem problemas na internet, está comprovado que os últimos a quem eles recorrem são os professores e os pais.

Com essas premissas surge no curso 2010-1011 a experiência **Ciber-ConVivencia-voluntarios**, baseada na educação entre iguais e com um foco de aprendizagem mediante projetos, em que um grupo de alunos voluntários de 4º ano do ESO participam na formação (a melhor forma de prevenir é a formação) para o uso responsável de internet de colegas de 5º e 6º anos de Escola Primária e 1º de ESO no espaço da tutoria grupal.

Nessa experiência não só os alunos que recebem a formação se beneficiam — com aumento de motivação por se tratar de outros alunos próximos deles em idade e interesses que lhes apresentarão os conteúdos —, mas também os voluntários saem ganhando pois o projeto lhes permite aprofundar seus conhecimentos ao ter de aplicá-los, praticar habilidades comunicativas e superar a timidez tendo de interagir com alunos menores, melhorar sua capacidade organizacional e completar sua visão de mundo ao enfrentar problemas reais de outros colegas.

Ajudar os outros é um dos métodos de aprendizagem mais eficazes porque os jovens encontram sentido no que estudam quando aplicam seus conhecimentos e habilidades numa prática solidária o APS.

ANEXO 9

Uma prática sobre o texto de João

Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz.

O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina.

Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu.

Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Mas, a quantos o receberam, aos que nele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.

Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus.

E o Verbo fez-se homem e veio habitar conosco.

E nós contemplamos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

João deu testemunho dele ao clamar: “Este era aquele de quem eu disse: ‘O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.’”

Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo.

A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigênito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.

A revelação do Filho de Deus (Jo 1, 19; 3, 36)

O testemunho de João Batista (Mt 3, 11-12; Mc 1, 7-8; Lc 3, 15-17)

Este foi o testemunho de João, quando as autoridades judaicas lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe

perguntarem: "Tu quem és?" Então ele confessou a verdade e não a negou, afirmando: "Eu não sou o Messias." E perguntaram-lhe: "Quem és, então? És tu Elias?" Ele disse: "Não sou." "És tu o profeta?" Respondeu: "Não." Disseram-lhe, por fim: "Quem és tu, para podermos dar uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?" Ele declarou:

*Eu sou a voz
de quem grita no deserto:
Retificai o caminho do Senhor,
como disse o profeta Isaías.*

Ora, havia enviados dos fariseus que lhe perguntaram: "Então porque batizas, se tu não és o Messias, nem Elias, nem o Profeta?" João respondeu-lhes: "Eu batizo com água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis. É aquele que vem depois de mim, a quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias." Isto passou-se em Betânia, na margem além do Jordão, onde João estava a batizar.

ANEXO 10

Mestres do século XXI na Vanguarda da Educação¹¹¹

Todas as atividades do professor passaram a exigir uma transformação profunda e transcendental ao longo da história da educação. A educação para os tempos modernos se fundamenta no ideal de aperfeiçoamento tanto do homem como da sociedade.

O mestre deve estar consciente de seu papel. Sua principal tarefa é educar os alunos e sua gestão deve se centrar no desafio que envolve a transmissão de um acúmulo de conteúdos a cada aluno.

O docente deve estimular no educando o desenvolvimento físico, emocional, intelectual, social, ético e espiritual. Através dos tempos o mestre é visto como um modelo da sociedade. Davini (1997) indica que o mestre deve buscar seu crescimento profissional contínuo. Para um bom desempenho em sua atuação educativa o professor deve pensar em enriquecer seu acervo profissional e os fundamentos de seu conhecimento, habilidades, métodos educativos e pedagógicos. A maior educação do professor consiste nos benefícios no processo de desenvolvimento educativo e cognitivo de seus alunos.

Freire (1993) diz que o professor não deve deixar de lado o que o estudante traz consigo de sua compreensão do mundo, seu modo de falar, sua maneira de narrar, calcular, seus saberes em torno de seu mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno de sua saúde, o corpo, a morte, o sexo, as credências, o ambiente e a tecnologia.

Portanto, o mestre deve conceber a sala de aula como local onde se investiga, experimenta, modela, ideias são compartilhadas, decisões são tomadas para a solução de problemas e se reflete sobre o que é necessário e pertinente aprender.

¹¹¹ Enviado por Lynnette García Rivera, La Vanguardia, 22.11.2017.

Para os alunos do primário o professor é visto como um modelo inspirador de confiança que os alunos tendem a imitar. É um modelo dentro do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Isso significa que o professor no cenário educativo terá de modelar condutas dignas, pertinentes, valiosas e apropriadas de um indivíduo devidamente educado. Por essa razão, o professor deve refletir sobre seus pontos fracos e fortes com o objetivo de melhorar seu autodesenvolvimento como um profissional culto e altamente qualificado.

Daí a importância que tem o papel do educador, pois deve servir de modelo dentro de um código correto de valores morais e intelectuais que são valiosos para a sociedade e imprescindíveis para os alunos.

É preciso reconhecer que há certos elementos que influenciam direta ou indiretamente na gestão educativa do professor como: a cultura, os problemas sociais, a economia, a política, a geografia e o ambiente.

Além disso, há fatores próprios do cenário educativo como: a infraestrutura, os recursos didáticos, os textos, o sistema de avaliação, o currículo, o controle de grupo, a disciplina, a organização escolar entre outros.

Davini (1997) diz que nesse panorama surge a preocupação com a qualidade da educação e considera o impacto do papel que o professor desempenha no processo de ensino e aprendizagem, pois o mestre deve equipar-se cognitivamente para superar as limitações próprias do cenário educativo.

O mestre num mundo globalizado deve reconhecer que ele mesmo é um estudante para a vida inteira. Mesmo que a imagem do professor tenha mudado com o passar do tempo assim como sua mentalidade e suas necessidades profissionais, ele deve aspirar a prosseguir os estudos pós-graduados com o propósito de adquirir ferramentas teóricas, práticas didáticas e tecnologias modernas que o ajudem a fortalecer seu trabalho.

Do mesmo modo o sistema educacional atual solicita um mestre diferente. Um professor que possui cultura e que

se distingue como profissional idôneo e devidamente preparado que pode impactar de modo positivo a sociedade, a escola, o currículo, o planejamento do ensino e principalmente a vida de seus alunos.

O professor altamente qualificado se caracteriza por ter conhecimento amplo sobre o crescimento, o processo de desenvolvimento e aprendizagem de cada criança. Assim põe em prática novas estratégias e técnicas de ensino que contribuam positivamente no processo educativo e de aprendizado dentro da sala de aula. Freire realça que um mestre qualificado em um mundo globalizado é capaz de adaptar-se ao uso do espaço, ao material e ao uso e adequação do tempo segundo as necessidades dos alunos.

De acordo com Freire, o mestre que domina as áreas antes mencionadas é um educador capaz de fazer a autoavaliação de seu trabalho, de inovar e é alguém que possibilita mudanças.

Em pleno século XXI o sistema educativo, a sociedade, os pais e os alunos exigem um mestre idôneo, culto e devidamente preparado que sirva como fator de mudança. Um profissional educado que facilite e oriente seus alunos no caminho do saber.

O professor que a sociedade de hoje procura deve ser realmente um profissional comprometido, capaz de produzir mudanças relativas aos processos de capacitação e investigação nas escolas de seu país, estado e nação.

Todo esse planejamento pretende ser um questionamento radical sobre as perspectivas do mestre para o futuro que tem a intenção de não cair em outra idealização ou fantasia de algo que se conhece como o professor perfeito.

A educação, por ser dinâmica, não precisa de professores perfeitos, mas de mestres de vanguarda. Mestres que busquem constantemente renovar seus conhecimentos com o propósito de ajustar-se às mudanças de um mundo tão dinâmico como esse em que vivemos.

Algumas opções para estimular a capacitação contínua do docente idôneo, preparado e de vanguarda são a educação continuada, seguir estudos pós-graduados, realizar investi-

gações das práticas docentes, pertencer a equipes de investigação, elaborar currículos, estimular o uso da tecnologia no processo instrucional e receber a supervisão adequada de profissionais da educação.

A educação contínua refere-se a cursos, oficinas, orientações e treinamentos a curto prazo com temas de interesse atual que oferecem as instituições de educação superior com a finalidade de ajudar na formação, capacitação e preparação do docente.

A educação contínua facilita conhecimentos, experiências, ideias e contribuições de colegas assim como de especialistas no cenário pedagógico.

Os diversos serviços da educação contínua tentam proporcionar aos educadores ideias para poderem adquirir um fortalecimento da cultura geral.

O professor é um estudante toda a sua vida e deve harmonizar seus conhecimentos com a vanguarda e as exigências dos tempos. Um bom profissional procura continuar sua capacitação profissional numa instituição universitária credenciada de sua preferência para continuar estudos de pós-graduação na sua área de especialidade.

Um professor com estudos de pós-graduação enriquece, cresce em sua carreira no magistério, fomenta mudanças positivas no sistema educativo de seu país. As equipes de investigação docente fomentam a responsabilidade do mestre e estimulam a revisão e reflexão do trabalho que realiza.

Por meio da sistematização e investigação o docente amplia seus critérios de interpretação e pode contribuir com ideias para melhorar seu trabalho educativo. Ao mesmo tempo pode desenvolver e construir teorias e práticas dirigidas à inovação mediante a implantação de programas e propostas educativas.

As investigações e práticas docentes devem alinhar-se, ser estudadas e compreendidas no contexto institucional e sociocultural; do contrário cairíamos num enfoque tradicional, sem pertinência e vazio. As equipes de investigação buscarão sempre soluções pertinentes aos problemas atuais que prejudicam o processo educativo.

Em relação a esse tema, Carr (1996) diz que nas instituições formadoras de professores busca-se criar o caráter reflexivo, crítico e investigativo que é um meio para o crescimento acadêmico individual e coletivo. O mesmo busca gerar e produzir entes de mudanças positivas, idôneas e preparadas para apresentar soluções diante dos problemas educativos de hoje.

O professor é considerado um programador de currículo instrucional. Goodson (2000) afirma que o professor escolhe o tema ou temas de estudo e as estratégias de ensino partindo das necessidades e interesses de seus estudantes.

Por sua vez o professor deve considerar as necessidades da sociedade e as recomendações formuladas pelos pesquisadores e especialistas em currículo. O conhecimento e domínio que o mestre tem dos estudantes sob sua responsabilidade lhe permitirão tomar decisões curriculares adequadas e bem informadas.

O educador de vanguarda deve conhecer e saber lidar com os diversos meios tecnológicos. O conhecimento e o uso da tecnologia educativa e da informática ajudarão o professor a preparar programas de capacitação e atualização do docente.

O professor, portanto, deve conhecer o uso e o manuseio dos vídeos, softwares, discos compactos, câmaras digitais, entre outros. Sánchez (2000) afirma que a tecnologia é uma ferramenta muito poderosa pois seus efeitos dependem do uso, manuseio e enfoque pedagógico de acordo com os objetivos do programa de ensino.

Isso quer dizer que o professor deve dominar e conhecer o uso da tecnologia educativa e informática já que esta deve ser complementada com a construção do pensamento crítico. Uma vez que os professores conhecem os benefícios da tecnologia poderão implantá-la com seus alunos na sala de aula.

O professor deve modificar sua percepção em relação ao papel da supervisão dentro do processo educativo. A supervisão chega à sala de aula para ampliar o que ocorrer na escola. A supervisão é um ente colaborador e um ente facilitador de estratégias e sugestões educativas que redundam em benefício dos alunos.

A supervisão é um aliado que facilita técnicas que promovem mudanças positivas no processo de ensino e aprendizagem assim como no cenário escolar.

Latorre (2000) afirma que o professor de hoje enfrenta enormes desafios. A sociedade é dinâmica e situa-se num mundo mutante. Por isso, é imperativo que os professores se preparem a partir de uma perspectiva de formação constante.

O docente deve entender que como educador do século XXI é responsável por sua autoformação, autodesenvolvimento e autoaprendizagem. Os professores são seres humanos que trabalham para a formação de outros seres humanos.

Por sua vez, os professores são alunos pela vida toda. E têm em suas mãos a responsabilidade de fortalecer seu papel atualizando seus conhecimentos, habilidades, métodos, estratégias, teorias e práticas pedagógicas. É pertinente fomentar o uso das ferramentas didático-tecnológicas modernas que permitem enfrentar os desafios de nossa sociedade.

Hoje o sistema educativo e a sociedade precisam de mestres comprometidos que possuam uma cultura geral que os distinga como profissionais idôneos, devidamente preparados para a vanguarda de novos tempos.

O professor de hoje tem de enfrentar o desafio de ensinar a seus alunos mediante uma educação ajustada às mudanças que enfrentamos na atividade educativa.

A sociedade do século XXI precisa e procura professores comprometidos que sirvam de modelo para o desenvolvimento integral dos estudantes que são o futuro de nossa sociedade, de nossa nação e de nosso mundo¹¹².

¹¹² Bibliografía

Carr W. (1996). *Una teoría para la educación: Hacia una investigación educativa crítica*. Madrid: Ediciones Morata.

Davini, M. (1997). *La formación docente en cuestión: política y pedagogía*. Buenos Aires: Paidós.

Freire, P. (1993). *Pedagogía de la Esperanza*. Madrid: Siglo XXI España Editores S.A.

Goodson, I. (2000). *El cambio en el currículo*. Barcelona: Octaedro.

Latorre, A. (2003). *La investigación- acción: conocer y cambiar la práctica educativa*. Barcelona: Grao.

ANEXO 11

O encontro consigo mesmo no silêncio interior

Em nosso interior há um testemunho. Liguemos ou não, esse testemunho está sempre presente. Meditar é permitir que ele passe a agir, reanimando-o. Se olharmos para ele, ele nos olha. Conviver com o testemunho interior é muito mais inteligente do que ignorá-lo. É nesse sentido que cabe dizer que procuramos quem nos procura. Há um eu (autêntico) que olha o outro eu (o falso). Viver adequadamente, meditar, supõe permanecer nessa contemplação sem pretensões. Quem medita, cedo ou tarde encontra-se com esse testemunho: no princípio se enfraquece e fica nebuloso, mas pouco a pouco seus contornos vão ficando mais nítidos, sem que nunca consigamos captá-lo totalmente e possamos domesticá-lo.

Temos de perseguir esse testemunho na meditação, mas principalmente temos de esperá-lo. Vai aparecer às vezes entre nuvens e logo voltará a se esconder. Mais tarde, muito mais tarde, durante a meditação, irá surgindo o que poderíamos chamar o testemunho do testemunho.

Lá está, no testemunho do testemunho, onde ficará o tempo máximo possível. Alguém — eu próprio — me observa (ao eu aparente), e alguém — talvez Deus — observa o eu que observa. A esse testemunho do testemunho só temos acesso meditando em profundidade e não há palavras para descrevê-lo.

Se colocarmos palavras, ele ou ela se ausenta. Seja lá o que for, pode-se dizer que o território interior é magnético: por pequena que seja a distância entre ele e nós, o certo é que ele nos chama e nos atrai irremediavelmente.

No meu modo de ver e sentir, é o chamado da pátria, o chamado da identidade. “Sou sua terra”, nos diz esse território interior. “Venha.” Colocamo-nos, então, na caminhada em direção à meta: um caminho tortuoso, cheio de pedras e ervas daninhas. Desbravamos o terreno, cada vez mais transitável, até que, subi-

¹¹³ É um texto de D'Ors, P, *Biografía del Silencio*, 30ª. edição Siruela, Madrid, 2012.

tamente, quando pensávamos estar felizes, desaparece a meta, o caminho se desfaz e retornamos desolados à terra estranha. Você é a terra prometida: é o que se aprende na meditação.

Não se pode desesperar, uma vez que o tesouro está em você. Você o carrega dentro de você. Em qualquer momento você pode refugiar-se nele se quiser. Você possui uma fortaleza em seu coração e ela é inexpugnável.

Nessa perspectiva, viver é transformar-se no que se é. Quanto mais você penetra nesse território interior, mais ficará liberado. Primeiro, se livra das coisas, logo depois, das pessoas. Primeiro, você se livra das roupas, e logo depois da própria pele. Pouco a pouco, se verá arrancando os ossos, de modo que seu esqueleto — valha a metáfora — é cada vez mais essencial. Quando acabar se livrando de tudo, fica livre de sua caveira.

Quando já não tiver mais nada e não for mais nada, você encontrará finalmente a liberdade. Você é seu próprio território interior: não só está em sua pátria, você é sua pátria. Esse percurso pode ser feito em vida: os grandes místicos o fizeram e estão fazendo.

Esvaziaram-se tanto de si mesmos que estão quase transparentes. “Você deve esvaziar-se de tudo o que não for você”: é o convite que você ouve sempre que reza ou medita.

Deus só pode entrar no que estiver vazio e for puro. Por isso Jesus entrou no seio da Virgem Maria. Somos chamados, ou pelo menos é assim que o vejo, a essa fecunda virgindade espiritual.

A pergunta pela virgindade espiritual, pela pureza do coração ou pela inocência primordial é a que conta de verdade; todas as demais são falsas perguntas, falsos problemas.

Vivemos vidas que não são nossas. Respondemos a perguntas que ninguém nos fez. Queixamo-nos de doenças que não temos. Aspiramos a ideais alheios e sonhamos sonhos de outros. Não há exagero. É assim: quase todos nossos projetos de felicidade são quiméricos. As ideias que perseguimos não são nossas. Nossas aspirações são de nossos pais e chegamos a namorar pessoas que na verdade não são de nosso agrado.

O que aconteceu conosco para sucumbirmos a tal impostura? Persigo algo que no fundo nem desejo. Luto por algo que me é indiferente. Tenho uma casa que pode ser trocada pela do meu vizinho. Faço uma viagem e não vejo nada. Saio de férias e não descanso. Leio um livro e nada descubro. Ouço uma frase e não sou capaz de repeti-la.

Como é possível não me comover diante de um necessitado, não responder quando me perguntam, ficar olhando sempre para lugares que não são de fato onde me encontro?

Diante dessa situação absurda, vou fazer uma pausa, vou pensar, respirar e nascer, se for possível, uma segunda vez. Não estou disposto a não dançar quando a flauta tocar, ou a não comer se me oferecerem alimento, ou a guardar para amanhã quando há pessoas que não têm nada para hoje.

Tampouco estou disposto a crer que eu seja o umbigo do mundo, nem a supor que o meu é o melhor, nem a me martirizar com problemas menores ou dores imaginárias.

É lamentável ter chegado a esse ponto de inconsciência, de estupidez, a esse ponto de insensibilidade, a esse extremo de avareza, de soberba, de indolência...

O mundo não é um pastel que eu tenho de comer. O outro não é um objeto que eu posso usar. A Terra não é um planeta preparado para eu explorá-lo. Eu não sou um monstro depredador. Por isso, decidi levantar-me e abrir os olhos.

Decidi comer e beber com moderação, dormir o necessário, escrever só o que pode contribuir a tornar melhores os que me lerem, abster-me da ganância e não ficar me comparando com meus semelhantes.

Decidi também regar minhas plantas e cuidar de um animal. Visitarei os doentes, conversarei com os solitários e não deixarei que passe muito tempo sem brincar com alguma criança.

Do mesmo modo decidi recitar minhas orações todos os dias, prostrar-me várias vezes por dia diante do que considero sagrado, celebrar a eucaristia: ouvir a Palavra, partir o pão e

repartir o vinho, dar a paz. Cantar em uníssono. E passear, o que para mim é fundamental.

E acender a chaminé, o que também é fundamental. E fazer compra sem pressa; cumprimentar os vizinhos, mesmo que não goste de sua aparência; manter um diário; telefonar regularmente para meus amigos e irmãos.

E fazer excursões, tomar banho de mar ao menos uma vez por ano e ler só bons livros e reler aqueles de que gostei.

A meditação, — eu deveria dizer simplesmente a maturidade? — me ensinou a apreciar o que é comum, a medida correspondente a meus méritos. Não me pergunte por quê. Tudo isso significa que perdi a visão utilitarista com a qual comecei a meditar.

Cada vez mais, coloco o foco na própria prática, e menos nos supostos enfeites com que se costuma enfeitar para que não pareça tão sem atração. Porque a sobriedade tem seu encanto — isso ninguém pode negar — mas é difícil conquistá-la.

É incômodo caminhar numa estepe; é muito mais interessante caminhar num bosque ou entre montanhas. Minha meta hoje não é ser importante, nem sequer ser alguém.

Uma aspiração desse tipo não tem sentido: já sou importante... Quando fizer meditação por essa causa, sem mais começarei a fazer a verdadeira meditação.

Se escrevi estas páginas é precisamente para aumentar minha fé no silêncio por ser mais sensato deixar logo as palavras e lançar-me, confiante, nesse oceano obscuro e luminoso que é o silêncio.

Guia para a biografia do silêncio

- 1.** Mentalidade de principiante;
- 2.** Revolver o lodo;
- 3.** As ondas das distrações;
- 4.** Resistências e perseverança;

5. Buscas demasiadas;
6. A arte da espera;
7. O encanto de estar presente;
8. A felicidade é percepção;
9. Tudo muda;
10. Eu sou o universo;
11. Rotina e criatividade;
12. A consciência é a unidade consigo mesmo;
13. Matar os sonhos;
14. Gosto ou não gosto;
15. Qualidade das reflexões;
16. Vislumbres da realidade;
17. Prostrações rituais e existenciais;
18. Pensar menos;
19. O sorriso do mestre interior;
20. A porção pessoal de dor;
21. O iceberg é apenas água;
22. A porta sem porta;
23. Falsos problemas;
24. Oportunidades do destino;
25. O silêncio em quietude;
26. O poder do agora;
27. Enamorados do drama;

- 28.** O caminho é observar a mente;
- 29.** Responsáveis por estarmos bem ou mal;
- 30.** O cenário vazio;
- 31.** A única grande pergunta;
- 32.** Um longo processo de decepção;
- 33.** Morte das ideias;
- 34.** Um chamado misterioso;
- 35.** Ambientes culturais;
- 36.** Congregação de solitários;
- 37.** O mestre de meditação;
- 38.** A visão lateral;
- 39.** Frutos da meditação;
- 40.** O pequeno eu;
- 41.** Preferência pela inatividade;
- 42.** Tudo depende de nós;
- 43.** O dilema da vida;
- 44.** Nascer duas vezes;
- 45.** A via purgativa;
- 46.** O país da consciência;
- 47.** O testemunho do testemunho;
- 48.** Ética da atenção e do cuidado;
- 49.** A motivação inicial e as posteriores.

ANEXO N 12

Exercícios de interiorização (Oficina da quaresma, 2018)

Entre em seu interior. Hoje é um bom dia para que, num momento de silêncio interior, você apresente qual será seu compromisso diante desse novo tempo de quaresma que se abre diante de você. Tome consciência de tudo o que preocupa você e apresente a Deus tudo o que se refere a sua vida. Valorize tudo o que você é e olhe para as pessoas que estão a seu redor com um novo olhar de compaixão e fraternidade. Examine seu estado de ânimo e sua disposição no início desta nova quaresma. Pense em um gesto de vida que seja um segredo entre Deus e você, no qual você se encontra com ele e com as demais pessoas nesta caminhada até a Páscoa.

Apresente a Deus sua vida diária. Suas preocupações, alegrias, inquietações, satisfações, medos de que essa realidade mude. Feche os olhos e ouça como Jesus se aproxima de você e o observa; diga a si mesmo: “Esqueça-se de você mesmo, venha comigo, pegue a sua cruz e me siga”. Com essas palavras ressoando em seu interior pense que pontes você pode estender hoje na direção das pessoas que precisam de você e esperam por você... Que a noite não o encontre fechado sobre si mesmo e nas suas coisas de sempre. Deixe seu interior em silêncio. Feche os olhos e respire lentamente. Relaxe... Jesus lhe faz esta pergunta: “Por que você jejua?” Responda sem medo. E pense logo como pode fazer hoje ou amanhã algo concreto para se aproximar ou dar um apoio àquelas pessoas que precisam de sua ajuda. Não se contente com palavras ou boas intenções!

Faça um momento de silêncio em seu interior. Feche os olhos. Acalme sua mente. Sinta que é Jesus quem hoje se aproxima e lhe diz: “Venha e siga-me”. O que você está disposto a fazer hoje com seu dia a dia? Ouça o que Deus inspira em seu interior. Pense em algum gesto de aproximação das pessoas para as quais habitualmente você vira o rosto. Não é fácil superar as barreiras e os preconceitos pessoais, mas por outro lado, está a sua espera um mundo de ternura que pode humanizar sua vida.

À luz do Evangelho de hoje: como você se sente em relação a um tempo de silêncio? Como você suporta os momentos de solidão pessoal que todos nós temos? Você é dos que ficam sempre com os headphones nos ouvidos por não se sentir à vontade sem eles? Que significado tem para você a austeridade? Você economiza para ter mais ou também para compartilhar? Com as pessoas que compartilham sua vida em casa, no trabalho, com os amigos você tem tendência de lhes dar boas notícias ou, pelo contrário, se fixa no que há de negativo no mundo?

Esse texto evangélico foi lido e comentado muitas vezes e não chegamos a acreditar que o próprio Deus está presente nessas pessoas pequenas e necessitadas. Por isso, convido você a abrir os olhos à realidade social das periferias de sua cidade, de seu povo. Convido você a fazer com que seu coração se recorde de um ou dois locais em que você trabalhou ou trabalha com pessoas excluídas e, se possível, comprometa-se em seu interior a procurar um modo simples de se decidir a colaborar com alguma situação de pessoas marginalizadas. Disponha-se a poder sentir e apalpar a necessidade desses nossos irmãos e certamente sua sensibilidade se verá muito enriquecida e você receberá de Deus uma bênção. Compartilhe com outras pessoas que já colaboraram em casos semelhantes e verá como é amargo o pão provado por uma mãe que não tem o que dar a comer a seus filhos ou como é difícil sair da cama pela manhã sem ter trabalho, sem nada para fazer e ficar parado o dia inteiro.

Retire-se na solidão, entre em seu interior e, então, sozinho, medite: Sou como um daqueles fariseus que só ouvem a si mesmos? Minha oração consiste apenas em dizer palavras ocas? Com que atitudes faço minhas orações?

- Sinto que minha oração é uma obrigação.
- Quem reza se salva e quem não reza se condena.
- Sinto-me feliz quando entro em contato com Deus.

- Falo com Deus como com meu amigo íntimo.

Que elementos considero essenciais em minha oração?

- É a fé em Deus, mesmo que o sinta muito longe.
- É por confiança nele como num pai.
- É conversar com um amigo que temos certeza que nos ama.
- É receber e acolher o dom da graça de Deus.

Entre em seu interior

Recolha-se e medite em seu interior.

Faça um exercício de imaginação e coloque-se na presença de Jesus e ouça a pergunta que ele faz aos discípulos: “E você, quem você diz que eu sou?” Qual seria a sua resposta? Medite e responda a si mesmo.

Suas imagens de Deus são hoje as mesmas de sua infância? Como evoluíram?

Com o passar dos anos, você amadureceu em sua vida? E sua relação com Jesus também foi amadurecendo?

Quando se encontra com as pessoas que não agradam você, o que sente em seu interior? Que reações provocam em você?

Está disposto a compartilhar sua vida com qualquer tipo de pessoa?

Quer você viva numa cidade ou num povoado, que relacionamentos mantém com seus vizinhos, com as pessoas com as quais compartilha cada dia de trabalho, seu tempo...?

Respire desejando participar da misericórdia do Pai. Não tenha pressa para compreender tudo nem para ter razão no que se passa em sua vida. Observe a si mesmo em profundidade, mas sem obsessão. Tenha paz. Use o que acontecer com você e que você sabe que será bom para você e para os outros. Ame cada momento, ame a tranquilidade de saber que Deus Pai o ama com misericórdia e que sempre lhe fará companhia porque ele é misericordioso de verdade.

Repouse e adote uma postura cômoda que ajude você a meditar. Não se preocupe em ler agora. Apenas medite quais são os melhores rostos de Cristo para estes tempos, para você e para sua vizinhança. Quais são as ações que cativam você e que levam você a rezar: fazer companhia, orientar, liderar, sorrir, concentrar-se... Deixe-se guiar por ele e descubra que ele tem todo o tempo do mundo para você; por isso, não seja mesquinho e dedique seu tempo, mexendo no seu interior.

Você não sabe o que pedir. Então junte sua voz à nossa. “O que estou pedindo a Deus com meus gestos e minhas palavras? Por acaso não pechinhamos com Deus quando rezamos? Dou-lhe para que me dê. O que me pede é que seja servidor desinteressado do Reino, que me aproxime dos menos afortunados e que mude essa imagem de um Deus que se senta em sua corte celestial. Nosso Deus é um Deus de aproximação, um Deus ao alcance da mão.

Entre em seu interior

Feche os olhos a tudo o que distrai e abra-os para o Senhor. Leia estas palavras de Santo Agostinho e repita-as em voz baixa como se estivesse sussurrando: “Senhor, tu nos fizeste para ti; nosso coração fica inquieto enquanto não descansar em ti. Tu estavas certamente diante de mim, mas não me tinha afastado de mim mesmo e não conseguia me encontrar. Quanto menos a ti!” Adote uma postura corporal que o ajude. Contemple a Deus entrando em seu coração. Descanse nele.

Qual é meu lugar nesta história?

Estou em casa como se vivesse fora dela?

Compreendi o coração do Pai e o modo de viver em sua casa?

Cheguei a descobrir o ensinamento de Jesus, rosto de Deus?

Desejo o bem para meus irmãos?

Que faço para que conheçam a ternura e a misericórdia de Deus?

Quem são e onde estão hoje os profetas?

Sou capaz de constatar a “ausência” de profetas hoje, mesmo quando todos nós somos chamados a ser profetas?

Ser profeta é comprometer-se a denunciar o pecado?

A função condenatória e a exigência dessa condenação é uma realidade que o profeta deve assumir?

Ser profetas é comprometer-se com o anúncio da salvação?

Tenho consciência do “dom” de Deus a ponto de me sentir cativado por ele?

Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir por ti?

Sou mais tolerante e generoso com o perdão que espero receber do que com o que estou disposto a dar?

Senhor, hoje me recordo dos que morreram tentando fugir da situação desumana que viviam em seus países.

Senhor, hoje tenho presentes todos aqueles que fazem a viagem do desespero.

Apresento a ti, também, os golpistas e traficantes que abusam dos mais fracos.

Penso nos governantes da Europa, sem solidariedade, atentos apenas a seus próprios interesses e alheios à defesa dos direitos fundamentais do ser humano.

Apresento a ti todos os refugiados que gritam por ajuda.

Os jornais de cada dia costumam estar cheios de notícias... O que você sente quando as lê?

Você julga que tanta notícia ruim faz com que você se torne indiferente?

Somos indiferentes aos problemas de nossa sociedade? O que você pode fazer para mudá-los?

Pare e reflita no meio de tanta notícia ruim. Que notícias boas aconteceram a sua volta (por insignificantes que sejam) nos últimos dias?

Seus atos honram ao Filho e ao Pai?

Pare e reflita sobre as necessidades que temos como sociedade, como humanidade, como cidadania global.

Quais são seus grãosinhos de areia para construir um mundo mais justo para todos e todas?

Como diz o Papa, nada na natureza vive para si mesmo. E você, para quem você vive?

Você cuida da natureza? De que modo?

Hoje, lhe propomos que se coloque na pele de uma mãe com 3 filhos num país em conflito. Sem nada para comer, sem nada para fazer. O que você faria? Continuaría onde estava, sem nenhuma esperança? Tentaria fugir para a Europa, para um lugar melhor, onde há mais possibilidades para dar um futuro melhor a seus filhos?

Pare e reflita. Como tratamos os refugiados e as refugiadas? Nós os julgamos ou, pelo contrário, temos empatia por eles?

O próprio Deus saiu de si mesmo para fazer de nós criaturas suas. O próprio Cristo abandonou sua divindade para fazer-se carne como nós. O próprio Jesus saiu pelos caminhos para fazer-se irmão dos galileus e galileias. O próprio Espírito se deu a nós para chegar a todas as pessoas. O que eu farei?

Como anda o pacto de Deus com o povo que é a humanidade? Como está meu compromisso com ele? Meu compromisso pessoal com os outros?

Em casa ou na comunidade... sou um hóspede ou convivo?

Na aula... comando ou animo? No pátio... vigio ou compartilho? Na entrada... transito ou acolho? Na saída... organizo ou me empenho? Na equipe... gerencio ou prevejo? No conselho... administro ou profetizo? Na classe... falo ou dialogo? No oratório... dirijo ou acompanho? Na eucaristia... passo ou me deixo tocar? Na vida... me sirvo ou sirvo a? Em mim pode estar a esperança.

Tenha consciência de sua respiração. No ritmo dela (aspirar, expirar) tente encontrar-se com sua própria realidade. Descubra os gestos que normalmente faz e que expressam sua gratidão para com alguém, para com Deus...

Pode também fazer o mesmo exercício e, quando expirar, tente expulsar todo sentimento ruim, de preconceitos, de inveja, de ciúme, de raiva...

Que gestos de amor você poderia expressar para com Je-

sus nesta Semana Santa que estamos começando?

Terça-feira santa

Hoje, convido você a entrar em contato com Jesus que “se estremece” diante do que está pressentindo: alguém vai traí-lo, outro irá negá-lo e os demais vão se esconder.

Em segundo lugar, convido você a meditar em sua vida como cristão e a admitir essas infidelidades e falta de compromisso.

Em terceiro lugar, convido você a se perguntar: Por que, apesar de tudo, Jesus continua confiando em você?

Entregue a ele sua infidelidade para que ele o fortaleça.

Cale-se e contemple...

Entre em seu interior e descubra: Em quem você depositou sua confiança?

Até onde vai sua capacidade de mostrar a cara por Jesus e pelo projeto dele numa sociedade que caminha por outros rumos?

Lembre-se de alguns momentos de sua vida em que teve de defender sua fé e, com ela, sua opção de vida a partir de valores cristãos. Procure em suas lembranças algumas pessoas que você vê como testemunhas corajosas de sua fé.

Quinta-feira santa

Repassando sua vida, lembre-se das vezes em que você deixou lavar seus pés e das vezes em que deixou de fazê-lo. Como você se sentiu? Que receios você sente quando se põe nas mãos de outra pessoa para que ela ajude você?

E quando você decide ajudar os outros? Como vê sua vida numa atitude de serviço para os outros? Em que ocasiões concretas você se sente como alguém que serve os outros? Que serviços acha mais difíceis? Por quê?

Que gestos, palavras, atitudes em sua vida de cada dia podem construir unidade?

Sexta-feira santa

Fazemos silêncio em nosso interior. Contemplamos e adoramos a cruz fazendo-a nossa.

Olhamos também para dentro de nós mesmos, em busca dessas realidades em que o pecado se tornou dono de nós. Sentimos dor, arrependimento e desejo de sair das situações que provocam o castigo dos inocentes.

Repasso os nomes, as pessoas que eu conheço e que estão crucificadas por tantas circunstâncias injustas da vida.

Levantamos os olhos e olhamos para as feridas do Crucificado.

Deixo sentir-me amado e perdoado.

Sábado santo

Dedique um bom tempo para estar com a Mãe de Jesus e nossa Mãe. Fique em silêncio ao lado dela. Olhe bem seu rosto, contemple sua atitude e deixe-se contagiar por sua paz, sua ternura, sua simplicidade, sua felicidade interior, sua certeza de que Deus sempre age a favor da Vida. Concentre-se em sua respiração e no ritmo dela repita como um mantra: “Ele ressuscitou”.

Entre em seu interior

Entre em seu interior... Descubra onde sua alegria se concentra. Deixe vibrar seu coração e conscientize-se do que Deus opera em você. É Jesus ressuscitado que vive em você. Sua vida está centrada no Ressuscitado?

O evangelho nos mostra a alegria dos discípulos depois da ressurreição. Nós nos sentimos contagiados por essa mesma alegria? Não é sempre fácil, mas temos a possibilidade de fazê-lo, de nos deixar seduzir por sua ressurreição. Você está disposto?

Entre em seu interior

Entre em seu interior... Ir ao sepulcro em busca de Jesus pode ser também na minha vida ir até o mais íntimo de mim mesmo. Atrevo-me a fazê-lo e a visitar a região de minha intimidade que normalmente procuro esconder.

Este caminho na direção de meu interior implica chorar pelos sentimentos de perda, abandono ou dor que possam existir, mas também não deixar de buscar o espaço de segurança e refúgio, o abraço que sara e o encontro com Jesus ressuscitado que transforma a morte em vida, festa, alegria compartilhada e fogo nas entranhas.

Entre em seu interior... e pergunte a si mesmo como fizeram os discípulos de Emaús. Você precisa sair, caminhar e encontrar-se com Jesus no caminho para depois voltar para casa.

O que você precisa ouvir? Como está seu ânimo?

Que é preciso acontecer para que seus olhos se abram e você sinta o calor do Ressuscitado que acompanha você o tempo todo?

E depois, você não terá de fazer com que os outros sintam o calor de sua companhia e a luz de sua fé?

Entre em seu interior

Entre em seu interior... Hoje, no evangelho, somos convidados a confiar em Jesus ressuscitado. Uma vez mais, ele vem a nosso encontro. Sabemos que "a pesca é abundante" quando confiamos nele, mas olhe que temos dificuldade em nos colocarmos em suas mãos!

Os discípulos, como em outras ocasiões, não são capazes de reconhecer o Senhor. Muitas vezes não ocorre o mesmo conosco também? Quando ele nos convida a não deixarmos escapar a ocasião de descobrir a Jesus ressuscitado. Aproveitemos a ocasião.

Entre em seu interior

Entre em seu interior... O evangelho de hoje nos faz lembrar de que muitos discípulos descobrem e anunciam Jesus ressuscitado, mas o resto não crê neles. Detenha-se por uns minutos, pense em sua vida, na sua vida como cristão: Sou do grupo dos incrédulos? Ou sou um daqueles que descobrem o Senhor e o anunciam, mesmo que o resto não me dê atenção?

Hoje temos uma nova oportunidade: descobrir e anunciar o Senhor de nossas vidas, o Senhor ressuscitado.

Senhor e o anunciam, mesmo que o resto não me dê atenção?

Hoje temos uma nova oportunidade: descobrir e anunciar o Senhor de nossas vidas, o Senhor ressuscitado.

ANEXO N 13

PROPOSTA DE EXERCÍCIOS CONCRETOS DE INTERIORIZAÇÃO

- 1 Feche lentamente os olhos como quem quer começar a dormir por horas a fio...

Escute com atenção como o próprio Jesus, o Mestre, se aproxima de você, o observa e lhe diz: *“Esqueça-se de você mesmo, venha comigo, siga-me.”*

- 2 Pare de pensar em você mesmo. Pare de se olhar. Esforce-se por olhar na direção dos outros, a partir de seu interior.

Pense um momento:

De que modo meus atos interferem na vi'a das pessoas que me rodeiam?

Como minhas ações influenciam também as pessoas que estão longe de mim?

Por acaso, não sou responsável também por tudo isso diante de minha consciência?

- 3 O olhar de Jesus mudou a vida de Levi, — Mateus, apóstolo e evangelista.

Hoje, agora, Jesus está olhando para você. Olhe para ele; ele pode pedir-lhe alguma coisa.

O que ele está pedindo para você mudar?

Você consegue ficar indiferente ao pedido de Jesus?

- 4 Ponha-se numa posição confortável. Volte a respirar fundo.

Quando sentir-se relaxado, procure tomar conhecimento das últimas notícias da mídia, TV, jornais, documentários... Descanse e volte a respirar.

Depois, concentre-se nas notícias em que predominam dor, sofrimento... Contemple-as...

Qual é seu pensamento a respeito delas?

O que você sente?

Pode fazer a algo em relação a elas?

- 5** Crie um ambiente com música bem suave, relaxante... respire... reflita... agradeça por tudo de bom que você tem. Não é todo mundo que tem a sorte de poder fazer isso, atualmente.

Você se sente seguro em seu interior; feliz pelo que povoa seu interior; tudo está contido nele. Isso tudo compõe a sua interioridade.

- 6** *Ouçã o Hino da criaturas de Francisco de Assis:*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã, a Mãe Terra,
Que nos sustenta e alimenta
E produz frutos variados
Com flores e ervas coloridas...*

Fique bem consciente dos benefícios que você recebe no ambiente em que você vive, das pequenas coisas que ocorrem diariamente relacionadas a você.

- 7** Leia Mt 7, 7-12: *“Pedi e recebereis.”*

Provoque o silêncio em seu interior.

Feche os olhos e respire. Respire lentamente... Relaxe.

É o próprio Jesus que lhe faz esta pergunta: *“E você, o que você vai pedir?”*

- 8** Fique com o texto de Lucas nas mãos: Lc 9, 28-36 (A *Transfiguração do Senhor*).

Coloque uma música suave para ler esse texto...

A montanha mais alta que precisamos galgar é a que está dentro de nós mesmos.

O poço mais profundo em que devemos penetrar fica bem dentro de nós mesmos.

O caminho da interioridade é a escuta do Filho; ouçamos a voz: *“Escutai-o.”*

O objetivo da Transfiguração é a mensagem que nos diz como voltar ao vale.

A contemplação silenciosa é o único caminho. Saber discernir a luz é a meta.

- 9** Ler o texto de Lucas 16, 19-31 (*O rico avarento e o pobre Lázaro*).

Os Lázaros que estão bem próximos de mim...

Entre em seu interior: fixe o olhar nos Lázaros prostrados bem do seu lado no caminho.

Tente fixar seu olhar neles quando passar diante deles cada dia, cada instante, sem nada temer. Sem sentir receio diante do olhar acusador deles.

Abra-se ao que essa visão lhe sugere, ao ver as chagas envenenadas; ao satisfazer a fome deles, compartilhando com eles o que carrega com você.

Dê-lhes um pouco do que você é.

- 10** Você precisa estar em paz para acolher alguém ou alguma coisa. Aquela paz que se encontra no silêncio e também a paz exterior.

A paz interior faz com que tudo o que você disser caia como chuva, que se derrama lentamente sobre a terra, como neve a beijar suavemente o solo.

A paz exterior fará com que você não perca nenhum detalhe das imagens de Deus a seu redor.

Alimente o desejo de apenas ficar calado para apenas escutar.

- 11** Concentre sua consciência em si mesmo. Entre em seu interior. Interrogue-se: *“Quero de fato me curar? Ou prefiro a vida que levo, uma vida que não me satisfaz, que me deixa um tanto vazio?”*

Não responda com palavras. Mantenha-se num silêncio respeitoso. Deixe que a pergunta ressoe em seu interior.

Imagine que é o próprio Jesus que lhe faz essa pergunta.

12 Faça silêncio em seu interior.

Deixe a palavra de Deus ecoar suavemente: Jo 5, 17-30 (*Jesus declara-se Deus, enviado pelo Pai*).

Descubra a vida que existe dentro de você. A vida que você compartilha, que você entrega.

A vida que produz vida por seus atos, por seus pensamentos, por aquilo que você imagina, pelo que você fala.

O Deus da vida está dentro de você. Acolha-o no silêncio da oração. Acolha a vida dele em suas mãos.

13 Procure um lugar que o deixe bem à vontade.

Coloque-se numa postura que lhe dê conforto. Relaxe seu corpo. Respire devagar e muito profundamente.

Quando se sentir disposto, deixe que esses textos ressoem no mais profundo de seu ser: Jo 7, 1-2 (*Jesus evita a Judeia e volta para a Galileia*); Jo 10, 25-30 (*Jesus declara que suas ovelhas o seguem porque ele e o Pai são um só*).

De que modo a Palavra de Deus ecoa em meu interior?

Em que pontos ela mexe comigo?

A que atitudes ela me compromete?

14 Fique em silêncio dentro de você mesmo. Faça com que todos os ruídos que o cercam fiquem calados. Comece pelos ruídos exteriores e depois, cale os ruídos internos. Pense em dedicar esse tempo só a você mesmo. Ofereça-o a Deus.

Perceba-se descobrindo como, pouco a pouco, Deus se torna presente dentro de você, na sua vida neste momento. E está também presente na vida dos outros...

Nas situações mais corriqueiras, nas situações menos fascinantes.

Deus mora em você, no centro de sua vida.

15 Leia Jo 8, 1-11 (A mulher adúltera)

“Nem eu a condeno; vá e não peque de novo.” A Lei condena...

A Palavra de Jesus nos convida a olhar em nosso interior. Leva-nos a transcender a Lei, os olhares dos outros.

A única Lei é a Lei do amor. A Lei que liberta das demais leis.

O olhar amoroso que supera as leis e que não julga nem condena a ninguém. A Lei que liberta das misérias...

Como olho para os outros?

Como Jesus olha para mim?

Quem não precisa de um olhar igual ao de Jesus?

16 Fique numa postura adequada. Sinta todos os seus membros bem relaxados. Comece pelo cérebro, depois cada pedaço do corpo, passando por seu corpo inteiro.

Até sentir-se totalmente relaxado. Leve o tempo que precisar para realizar toda essa operação preparatória.

Concentre seu espírito no que é importante para você. Em Deus, na visão que escolher e na qual se sinta relaxado: Cristo encarnado, a Eucaristia...

Esqueça de si mesmo e de seus problemas do dia a dia. Você não é o centro de nada; deixe Deus agir.

Levante-se, liberte-se de suas mediocridades, de suas superficialidades; caminhe sem descanso até uma meta que você situou no próprio Cristo que espera por você.

Exponha-se simplesmente ao Sol de Deus. Abra sua alma e todo seu ser a esse Sol que quer iluminar você...

17 Depois de preparar o local e a você mesmo para a oração,...

Entre em contato íntimo consigo mesmo para sentir-se profundamente amado por Deus e agradecido por tudo que ele fez de bom e valioso em sua vida.

Lembre-se, em seguida, de algum período ou momento em que você se sentiu sozinho, desamparado, perdido... confuso, triste, prestes a perder tudo.

Imagine como seria você sentir tudo na direção oposta: alegre, disposto... Uma total e profunda gratidão por tudo o que Deus fez por você toma conta de você.

Imagine ainda como o Espírito de Deus penetra pela respiração em seus pulmões e faz com que você se com-penetre de tudo o que você é e, pela respiração, invada todas as suas atividades e influencie todos os outros.

18 Leia Jo 13, 1-15 (Jesus lava os pés de seus discípulos).

A dignidade do Serviço: um simples Serviço prestado aos outros é sinal de vida em abundância.

Depois de posicionar-se adequadamente para sua oração, foque seu olhar em sua própria vida com esta pergunta: “Onde pus, em meu projeto de vida, o ponto central de meu amor a serviço dos outros?”

Que qualidades têm minhas atividades de Serviço? Meus gestos, minhas palavras, meus pensamentos e meu coração no momento em que atuo concretamente a serviço dos outros?

Eles têm a marca da ternura e da misericórdia de Deus?
— Ele nos amou primeiro.

Ao executar esses atos de Serviço, agradeço o amor e a entrega de Deus que me cumulou com seus dons para que eu possa dar aos demais parte do que recebi?

19 Leia Lc 24, 13-35 (Encontro dos discípulos de Emaús com Jesus).

Os olhos dos discípulos de Emaús se abriram e eles reconheceram Jesus. Jesus caminhou um bom tempo com eles; dialogaram sobre vários assuntos nesse trajeto; mas eles não o reconheceram.

Ir em busca de caminhos que vão na direção do coração de preferência aos caminhos que levam à razão, cami-

nhos que se orientam para a ciência, caminhos que conduzem à autoridade, ao poder, ao domínio...

Abrimos os olhos do coração, fechamos lentamente os olhos de nosso corpo. Tentamos descobrir Deus presente em tudo e em todos. Nos acontecimentos grandes e pequenos.

A presença de Deus, de Jesus em mim, a meu lado... Como ela é? Como eu a vivencio? Como eu a atualizo?

Reconhecê-lo agora que já o coloquei a meu lado, caminhando comigo, sem que o tenha notado antes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abilio de Gregorio, Javier Elzo, Pilar Ferreiros, Pio Laghi y Ramón Pérez Juste. *La educación en valores*, (4ª ed.) FERRE, Madrid, 1995

Alumnos de la escuela de Barbiana. *Carta a una maestra* ed. L. Milan, Salamanca, 1998

Andrès, E. y Esteban, C. *La interioridad como paradigma educativo*, PPC, Madrid, 2017

Carme Agustíni Barri. *Fragilidad y plenitud*, PPC, Madrid, 2000

Carmen Guaita. *Cronos va a mi clase*, PPC, Madrid, 2015

D´Ors, P. *Biografía del silencio*, Ed. Siruela, Madrid, 2012

Domingo J. Gallego. *Educación la inteligencia emocional en el aula*, PPC, Madrid, 2004

Foucault, M. *Vigilar y castigar*, FCE, Madrid, 2002

Francesco Torralba. *El silencio: un reto educativo*, PPC, Madrid, 2000

Francesco Torralba. *Pedagogía del sentido*, (2ª ed.) PPC, Madrid, 1997

Franco Voli. *El arte de ser abuelos*, PPC, Madrid, 2009

Franco Voli. *La autoestima del profesor*, PPC, Madrid, 2005

Franco Voli. *Sentirse bien en el aula*, PPC, Madrid, 2000

Gabriel Chalita, *Pedagogía del amor. Las historias universales y los valores de las nuevas generaciones*, Ed. Gente, Lisboa, 2011

Gustavo J. Magdalena. *El espíritu del educador*, PPC, Madrid, 2005

Hadot, P. *Ejercicios espirituales y filosofía antigua*, Ed. Siruela, Madrid, 2006

Helena Esteve, Ruth Galve y Lluís Ylla. *Estar en la escuela. Pedagogía e interioridad*, PPC, Madrid, 2015

Husserl, E. *La crisis de las ciencias europeas y la fenomenología trascendental*, Ed. Crítica, Barcelona 1991

Jaume Saramona i López (2ª ed.), *La educación en la familia y en la escuela*, PPC, Madrid, 1999

Jesús Alonso Tapia y Enrique Caturla. *La motivación en el aula*, PPC, Madrid, 2006

José Luis Corzo. *Don Milani: la palabra a los últimos*, PPC, Madrid, 2015

José Luis Corzo. *Educamos con la actualidad*, Claret, Madrid, 2000

José Luis Corzo. *Jesucristo falta a clase*, PPC, Madrid, 2007

José Luis Rozalén Medina. *La apasionante aventura de la educación*, PPC, Madrid, 2005

José Maria Mardones. *Desafíos para recrear la escuela*, PPC, Madrid, 1999

José Maria Mardones. *Ser cristiano en la plaza pública*, PPC, Madrid, 2005

José Penalva, *El profesor como formador moral. La relevancia formativa del ejemplo*, PPC, Madrid, 2006

Josep M. Margenat. *Competentes, conscientes, compasivos y comprometidos*, PPC, Madrid, 2010

Juan E. Vecchi. *Guardianes de sueños. Educadores en la era de la informática*, PPC, Madrid, 2000

Karl Ernst Nipkow. *Crecer sin Dios? La experiencia de Dios a lo largo de la vida*, PPC, Madrid, 2011

Kierkegaard, S. *Migajas filosóficas*. Ed. Trotta, Madrid, 1997

- Luis de Lezama.** *La escuela del futuro*, PPC, Madrid, 2017
- Luis Fernando Vílchez,** con la colaboración de Jacqueline Glaser. *Inteligencia moral. Perspectivas*, PPC, Madrid, 2016
- Luis Fernando Vílchez.** *Televisión y familia. Un reto educativo*, EF, Madrid, 1999
- Luis Núñez Cubero.** *La escuela tiene la palabra*, PPC, Madrid, 2000
- Maria Eugenia Gómez Sierra.** *Adolescencia: espacio para la fe*, PPC, Madrid, 2015
- María José Figueroa Íñiguez.** *La formación espiritual y religiosa durante los primeros años*, PPC, Madrid, 2012
- Maria José Gallego,** *Educar a los hijos con inteligencia emocional*, PPC, Madrid, 2009
- Mercedes Muñoz-Repiso Izaguirre.** *Educar en positivo para un mundo en cambio*, Mercedes, PPC, Madrid, 2000
- Olegario González de Cardeda I.** *Educación y educadores*, PPC, Madrid, 2004
- Otón Catalán, J.** *Interioridad y espiritualidad*. Edc. Sal Terrae, Cantabria, 2018
- Pedro Morales.** *La relación profesor-alumno en el aula*, PPC, Madrid, 1998
- Piera Gomar, M.** *Educar en el silencio y en la interioridad*, Ed. CCS, Alcalá Madrid, 2012
- Rafael Díaz-Salazar.** *Educación y cambio ecosocial*, PPC, Madrid, 2016
- Scheller, M.** *Esencia y formas de la simpatía*, Ed. Sígueme, Salamanca, 1999
- Schopenhauer, A.** *El arte de ser feliz*, Herder, Barcelona, 2000

Torralba, Roselló, F. *Pasión por educar*, Ed. Khaf, (Luis Vives) Madrid, 2015

Vattimo, G. *Vocación y responsabilidad del filósofo*, Herder, Barcelona, 2012

Virginia Cagigal de Gregorio. (comp.) (2ª ed.) *Construyendo puentes: claves de colaboración escuela-familia*, PPC, Madrid, 2005

Xabier Etxeberría. *Virtudes para convivir*, PPC, Madrid, 2012

Xosé Manuel Domínguez Prieto. (3ª ed.) *El profesor cristiano: identidad y misión*, PPC, Madrid, 2012

Zambrano, M. *Notas de un método*, Mondadori, Madrid, 1989





